



3 1761 06184888 3

796
ESTUDOS DE LITTERATURA

Artigos varios

DO AUCTOR :

O Espirito Historico, 3.^a edição.

Historia da Critica Litteraria em Portugal, 2.^a edição.

A Critica Litteraria como Sciencia, 3.^a edição.

Historia da Litteratura Romantica, 2.^a edição.

Historia da Litteratura Realista, (esgot.).

Historia da Litteratura Classica, 3 vols. (1.^o em 2.^a edição).

Caracteristicas da Litteratura Portuguesa, 3.^a edição.

Estudos de Litteratura, 4 vols.

Portugal nas guerras europêas.

Como dirigi a Bibliotheca Nacional.

Cartas de Menéndez y Pelayo a Garcia Peres, (esgot.).

Revista de Historia, (d Direcção e collaboração), 12 vols.

LPer-H
F475e

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Estudos de Litteratura

Artigos varios

□ V. 4 □

QUARTA SERIE

(1921-1922)



PORTVGALIA
LIVRARIA EDITORA
Rua do Carmo
LISBOA

491224

5. 5. 49

Como a arte pela arte, a critica pela critica, indifferente a quaesquer propositos de formação moral ou de influxo social, é esteril e affigura-se-nos até uma occupação ligeira e impropria da sã varonilidade espiritual.

O espirito de especialidade, em que se filia e que a deve nortear, não a pode divorciar de preocupações de realismo. Não basta que seja severamente scientifica quanto ao methodo e, em medida varia consoante a capacidade do espirito que a exerce, que vise a alguma coisa crear, explicação, noção de valor ou corrente esthetica; ha que pôr-se ao serviço duma causa elevada, engrandecendo e espiritualizando o proprio criterio de especialismo.

Não podemos esquecer a magica attracção que outr'ora sôbre nós exerceu esta palavra — especialismo —, e como o nosso programma de vida foi então tornarmo-nos «especialistas». Discipulos de uma pleiade de especialis-

tas, que dia a dia esconjurava o encyclopedismo e o amor das syntheses e das idéas geraes, ambicionámos tomar para nosso feudo espiritual um pequeno departamento da realidade, percorrê-lo em todos os sentidos, conhecer-lhe todos os escaninhos, com a soberania segura e tranquillã com que um lavrador conhece a sua fazenda, nesga a nesga, arvore a arvore.

Mas ao sahir da escola, quando cessou a diaria exhortação e as nossas tendencias livremente fallaram, não mais limitámos as nossas curiosidades a um só objecto e chegámos a formular a opinião de que o homem de estudo deve ser productivamente especialista, mas receptivamente encyclopedico.

Sobretudo nos haviam impressionado certos especialistas, com que priváramos e que nos faziam lembrar methodos mecanicos, compassos que por si trabalhassem automaticamente, sem nenhuma relação. Ouviramos ho-

mens, premiados por academias seculares, exhibir juízos e opiniões que attestavam uma incompreensão muito proxima da ignorancia, porque se não referiam ao restricto campo dos seus estudos.

Tal incompreensão e tal superficialidade eram afinal a negação do proprio especialismo, eram ainda uma forma do execrando encyclopedismo. Depois as conclusões desses estudiosos, por miudadas, isoladas do grande conjunto e ermas de algum sentimento social, eram insusceptiveis de generalisação em «lei», não podiam por isso embréchar-se na intelligencia, fecundá-la e estimulá-la. Esses Topsisius construiam vastas edificações de saber, frias e lugubres, que o espirito não podia habitar, que lhe eram e permaneciam sempre estranhas, quando o fito de todo o conhecimento deve ser complicar de noções e attitudes o espirito, comprehender cada vez melhor a natureza e a finalidade da

vida. Não nos podíamos resignar ao paradoxo de ver que um progresso no methodo produzisse um regresso na mentalidade. Havia que rehabilitar as idéas geraes, a combinação da analyse e da synthese, o espirito philosophico. Moniz Barreto, rara vocação de critico, já em 1888 concluia a respeito dos maleficios do especialismo mal interpretado: «Como pensava Lord Bacon, a causa de todos os males é a falta de philosophia».

O apparecimento escandaloso da *Revue de Synthèse Historique*, patrocinado por Émile Boutroux e até as satyras dirigidas a essa estreita comprehensão do especialismo, das quaes uma das mais contundentes será a de Abel Favre no seu romance *Justin Pinaud*, vieram dar algum apoio ás nossas illações.

Recentemente Benedetto Croce oppôs ao dillettantismo o verdadeiro especialismo e formulou o significado

deste, assim no aspecto negativo como no positivo. Deste modo o insigne pensador italiano lucidamente punha e resolvevia um instante problema da moderna moral da intelligencia. Segundo elle, o especialismo é um symbolo, que manda fechar a mente sobre o particular e o concreto, guardá-lo de todos os lados e penetrá-lo até ao fundo. Tudo que o homem faça a sério será sempre especialisado. Mas sendo symbolico o seu significado, tem de ser tambem polemico ou negativo. E' necessario que se não converta o especialismo em coisa material e que, ao dar-se-lhe conteúdo positivo, se não o faça consistir só no ater-se a uma particular materia. Especialisar a intelligencia é difficil, mas ha um facil especialisar-se que muitas vezes toma o lugar daquelle. Materialmente entendido reduz-se a uma mesquinha divisão de trabalho, semelhante á dos continuos de bibliothecas e museus que não sahem da sua

immobilidade espiritual; é assim mesmo anti-scientifico. O especialismo deve ser a formação da personalidade, que para esse alto ideal escolheu o caminho que se lhe affigurou mais seguro, e, ao fazê-lo, percorreu-o com minucia e vagar, guardando quanto nelle encontrou de idoneo e prestimoso.

Estas considerações constituem uma portada demasiado solemne para a pobre edificação deste livro, nova recopilação de escriptos dispersos, limalha de modesta officina. Mas é bom aproveitar ensejos para affirmar principios, que outros saberão melhor fazer fructificar. Quem não sabe executar bem, deve ao menos promover.

Lisboa, 17-4-22.

DO GOTHICO E DAS CATHEDRAES NA LITTERATURA

SUMMARIO : I - Considerações geraes. — II - Os introductores do gothico na litteratura : Herder, Goethe e Chateaubriand. — III - No romantismo: — *a)* Em Portugal : Garrett, Herculano, Rebello da Silva e Arnaldo Gama.— *b)* Em França: Victor Hugo e Gautier.— *c)* Em Hespanha: Angelón e Gustavo Becquer. — IV - No realismo: *a)* Em França : Zola, Huysmans, Verlaine e Péguy.— *b)* Em Hespanha: Galdós, Pereda, Leopoldo Alas, Blasco Ibañez, Apeles Mestres, M. López Roberts, Maseras, Angel Guimerá, R. López de Haro, Prudenci Bertrana, Perez Lujin, José Francês e Pin Soler.— *c)* Em Portugal: M. Teixeira Gomes, Aquilino Ribeiro, Julio Dantas, Pedro Victorino, Augusto de Castro, Manuel Ribeiro e Montenegro Cordeiro.— *d)* Na Italia : Edmondo Amicis e Antonio Fogazzaro.— *e)* Na Allemanha: Hermann Bahr.— Conclusão.

I

Ao velho lugar commum, creado e divulgado pelos humanistas do Renascimento, que concebiam a edade-média como uma longa era, dez vezes secular, de obliteração da velha cultura helleno-romana e de esterilidade, succedeu outro, que lhe oppuzeram os romanticos, ébrios de novidade e pittoresco, e dotados dum sentimento novo

de evocação historica e archeologica: o enthusiasmo enlevado do medievalismo. E é esse que ainda hoje reina, se menos caloroso na expressão, mais solidamente documentado.

Como no dominio da especulação, se alternam rythmicamente realismo e espiritalismo, assim no campo das concepções historicas ha um incessante fluxo e refluxo de juizos, porque a intelligencia, se vae accumulando infatigavel os materiaes positivos e as acquisições incontrovertidas, não logra regular de modo objectivo, impessoal e intemporal os juizos, nos quaes intervêm dominadoramente os sentimentos individuaes, os preconceitos do ambiente, as circumstancias sociaes e o interesse — mobil da actividade dos homens. E como infelizmente não temos a illimitada capacidade mental dos selenitas, da graciosa phantasia de Wells, nem sequer já a superior flexibilidade de espirito dos homens do seculo xvi, não assimilamos esses materiaes, apenas perfilhamos os juizos, as syntheses e generalidades que elles esteiam e que são a parte viva e militante da cultura, pequeno corpo de idéas-forças, como queria Fouillé, que pautam as nossas volições.

Principiaremos tambem por um lugar commum, o que ainda hoje prevalece, emquanto os homens se não cansarem de crer a mesma doutrina e cultivarem e colherem os fructos do romantismo: a edade-média foi uma era grandemente creadora, se não na intensidade e rapidez, ao menos em profundidade lenta, segura e original. Ella creou a civilisação christã extrahindo dos ensinamentos biblicos uma liturgia e uma apologetica, uma theologia e

uma philosophia, uma esthetica e uma moral, um direito e uma politica, tudo expresso em linguas novas, tudo servido e propagado por nacionalidades novas. Mas se desse vasto mundo, que os barbaros fizeram surgir dentre as chammas e a ruinaria do edificio classico, quizermos apontar as faces mais poderosas pelo arrojado da concepção, pelo contraste que oppõem á fabrica anterior e pela perduração invencivel através dos seculos, a nossa extasiada admiração volta-se para a escolastica e para a architectura gothica, surprehendentes obras dos homens, que o sentimento religioso volveu em gigantes.

O romantismo amou com fervor o mundo medieval e rehabilitou-o. Mas os seus obreiros — exceptuados o genio supremamente objectivo de Goethe e o talento raciocinador de M.^{me} de Staël — eram temperamentos de emoção, de vibratil sensibilidade, e o seu fito immediato era só de arte. Renderam-se, por isso, mais promptamente á architectura gothica do que á escolastica. Pela mão dos artistas romanticos, o gothico entrou na litteratura não só como materia de erudição, capitulo portentoso da historia da arte, mas tambem como motivo que glosar, fonte de emoções, suggestão de sentimentos e ideas, symbolo riquissimo, esphynges longos seculos esquecida em augusta immutabilidade, cujo segredo poetas e romancistas se propuzeram decifrar ou a seu modo interpretar.

A escolastica encontrou no caminho da sua rehabilitação um óbice temeroso, que retardou por alguns decennios a sua sahida do limbo: a renovação das sciencias naturaes. Mas a moda e os abusos do naturalismo, a pre-

sumpção dos que quizeram erigir simples methodos e escassas acquisições a systema do mundo, imprimiram maior força a essa tardia rehabilitação.

Vamos seguir o percurso longo e variado do gothico nas litteraturas modernas, representado nos seus specimens mais bellos, as cathedraes. Examinaremos para tal effeito obras de auctores franceses, allemães, italianos e peninsulares de varias linguas, portuguesa, castelhana e catalã, constituições artisticas das mais dispares e escolas estheticas bem distanciadas. Não obstante estas repetidas incursões por litteraturas forasteiras, o noosso ensaio não é um estudo de litteratura comparada, pelo menos se considerarmos esta disciplina não já como um vago exercicio de dilettante que se compraz em approximar a seu arbitrio coisas que se produziram, existiram e passaram numa reciproca independencia.

A litteratura comparada, innovação tambem do romantismo, ainda hoje não tem os seus dominios bem delimitados, nem o seu methodo claramente regulado, apesar das diligencias dos espiritos que a exercitaram, como Villemain, Philarète Chasles, Delatouche, Edouard Rod, Brunetière e Joseph Texte. Nem mesmo as magnificas paginas recentes (1) de M. Fernand Baldensperger lograram dilucidar a materia de modo cabal. Continuamos a crêr que a critica comparativa é apenas um alargamento na

(1) V. *Revue de Littérature Comparée*, 1^{ère} Année, Paris, 1921, artigo intitulado: *La littérature comparée — le mot et la chose*, pags. 5-29.

visão e na busca das causas dos phenomenos que se pretende explicar, as quaes podem estar e frequentemente estão para além das fronteiras nacionaes.

O nosso ensaio far-nos-ha transpôr fronteiras varias, mas só para perseguir o thema na sua emigração, não para explicar influencias e successões que raro existiram.

Tambem não faremos, com estudar a elaboração litteraria dum thema unico, aquelle genero de critica que Gaston Paris preconisava e que consistia em apurar quaes os elementos profundos de tradicionalismo ethnico que em ultima analyse compunham a obra, como se combinavam e complicavam, que lhes acrescentava de enriquecimento ou só de variante a phantasia do escriptor. Este atomismo litterario, que procedia dum rendido feiticismo pelo folclore, invertia o trabalho da critica, pois buscava apagar a marca individual do artista para fazer surgir em sua primitiva pureza o thema popular, anonymo, estranho a toda a adulteração que lhe proviêsse dessa endosmose na litteratura culta, sonogado ao proprio clinamen do populatismo.

Ascendendo um pouco, a critica de themas, quando despreocupada da superstição folclorica, buscando historiar as peregrinações delles nas literaturas, é fecunda de ensinamentos porque mostra os progressos através dos auctores até chegar ás formas superiores ou áquella que os tornou classicos.

A historia do thema do avarento é uma linha ascensional desde Plauto, através de Molière, até Balzac. A comica situação dos Amphytriões foi de modo vario en-

scenada por Terencio, Camões, Molière e Antonio José. Até ao lyrismo camoneano a poesia quinhentista acurou-se ansiosamente em descrever e idealisar a formosura e o amor, como os concebia a mente educada no platonismo, que na mulher via a encarnação incessante e transitoria da Belleza, idéa pura, unica e absoluta, modelo eterno e inattingivel. Tambem assim quanto aos themas immortaes de D. João e do Fausto. Sobre essa base, do mesmo passo que se segue a progressiva evolução da materia litteraria, pode-se fazer psychologia artistica, qualificação de temperamentos de auctores.

Mas não é restrictamente critico-litterario o nosso fito. Ao seguir a marcha do gothico nalgumas litteraturas modernas, queremos verificar as interpretações varias attribuidas ás cathedraes, esses padrões immorredouros do espirito religioso dos homens, vestigio genial que na arte deixou o causalismo transcendente da escolastica; desejamos mostrar como a essas giganteas moles vezes numerosas remontou a imaginação dalguns grandes escriptores modernos, linguas fieis da multidão circumdante, para as admirar e conservar por amor da archeologia, para impugnar o seu significado symbolico, para as receber como adorno e dellas tomar o scenario pittoresco e evocador, para indifferentes, quasi cynicas pinturas de genero, para as maldizer como a inimigos indestructiveis ou para nellas surprehender novas formas de apologetica e de symbolismo espiritualista, novas razões de crêr.

II

OS INTRODUCTORES DO GOTHICO
NA LITTERATURA

Fôram três obreiros do romantismo na Allemanha e na França, que abriram as portas da arte litteraria ao gothico, o estylo divino cuja contemplação attenta lhes revelou horizontes novos na existencia e na arte. Herder e Goethe, mestre e discipulo, encontrando-se em Strasburgo, admiraram a sua magnifica cathedral com vagar e com methodo, com surpresa a principio, com deslumbreado fervor pouco depois. Foi preciso um perseverante esforço esthetico para que esses espiritos, educados entre os detractores da architectura gothica, conseguissem destrinçar o conteúdo de sentimentos e suggestões que encerrava a funda emoção, que pela primeira vez experimentavam. Em 1769, Herder escrevendo em Paris, no meio das seducções da arte dos Luizes, ainda accusava a architectura gothica de falta de grandeza, de simplicidade e de expressão seria e verdadeiramente humana, e de só ser engenhosa nos pormenores! Bastou a simples contemplação da cathedral para num momento derruir a massa de preconceitos accumulados durante gerações por uma severa e methodica doutrinação. A velha cathedral, com a magia irresistivel da sua belleza, revelou-lhes o poder creator dos esquecidos artistas medievos sob a aza inspiradora e de envergadura illimitada da crença, ideando e construindo com o pensamento fito em valores superiores á existencia

transitoria, palpitantes, ardentes das certezas confiadas da fé ; annunciou-lhes tambem a fecundidade diferenciadora do nacionalismo na arte, fóra da velha imitação dos modelos classicos e incomparavelmente mais bello que todas as posteriores estylisações francesas e allemãs.

Do longo desdem passou-se a um immoderado enthusiasmo, que inspirou as *Folhas sobre a arte e a maneira allemã*, em que os dois auctores apresentavam a arte nacional e a poesia nacional, dos germanos, como os pólos oppostos da arte e da poesia classicas. Herder tomava o inglêz Shakespeare e o pretenso bardo caledonico Ossian como supremas expressões dessa arte nacional ; e Goethe numa dissertação acêrca do gothico exaltava a mysteriosa profundeza da que elle chamava já *architectura allemã*. Erwin von Steinbach, o architecto da cathedral de Strasburgo, tornou-se o artista nacional e original por excellencia, e a sua sepultura um lugar de commovida peregrinação.

Muitos annos depois, o poeta do *Fausto*, escrevendo as suas memorias em *Dichtung und Wahrheit*, fazia uma penetrante analyse dos sentimentos que nelle accordara o velho templo. São paginas de intuspecção esthetica e de conceituosa arte, já não de erudição archeologica. Nellas aponta a difficil alliança do sublime e do gracioso no gothico e explica a maneira por que se conciliaram elementos tão contrarios e como se harmonisam a unidade e a variedade. A metamorphose do seu gosto architectonico descrevia-a nos seguintes termos :

«Educado entre os detractores da architectura gothica,

eu alimentava a minha antipathia por esses ornamentos confusos, accumulados de mil maneiras, cuja escolha arbitraria se tornava extremamente desagradavel pelo seu character religioso e sombrio; fortifiquei-me nesta repugnancia, porque deste genero só vi obras sem genio, em que se não descobrem boas proporções nem harnionia pura. Mas aqui creio assistir a uma revelação nova; o que eu cria dever censurar outr'ora já se não mostrava; era justamente o contrario que feria o meu olhar.

Proseguindo os meus estudos e as minhas reflexões, julguei descobrir na obra ainda maiores meritos. Eu tinha reconhecido a exacta conveniencia das partes principaes; a ornamentação, tão engenhosa como rica até aos mais reduzidos pormenores: agora reconhecia a ligação desses diversos ornamentos entre si, a passagem duma parte principal a outra, o entrelaçamento de pormenores homogeneos, é verdade, mas infinitamente diversos nas suas formas, desde o sagrado até ao monstruoso, desde a folha até á ponta. Quanto mais observava, mais me tomava o espanto; quanto mais me occupava e fatigava a medir e a desenhar, mais me sentia attrahido, apesar de ter empregado muito tempo, quer a estudar o que existia, quer a restabelecer pelo pensamento e sobre o papel o que faltava, o que estava inacabado, principalmente nas torres.

E como eu achava esse edificio construido sobre uma antiga terra allemã e a sua construcção tão avançada numa epocha muito allemã; que o nome do mestre, gravado sobre o seu modesto tumulo, era tambem allemão de consonancia e de origem: encorajado pela belleza do

monumento, ousei mudar o nome, até então desacreditado, de *architectura gothica*, e reivindicá-la para a nossa nação como *architectura allemã*; e, a principio de viva voz, depois numa pequena memoria não deixei de exteriorisar os meus sentimentos patrioticos».

Goethe alimentou grandes projectos sobre este assumpto, que tão vivamente excitava o seu nacionalismo. Não pôde cumprir esses projectos, mas quando viu que o gosto do gothico se generalisara e que os espiritos moços lhe davam a sua desvelada attenção, congratulou-se generosamente, applicando ao caso um consolador proverbio allemão: o que se deseja na juventude tem-se na velhice em abundancia. De então para cá o velho Münster tornou-se um lugar de peregrinação europêa, fonte inextinguivel das mais profundas e delicadas emoções de religião e de arte, e campo de buscas historicas e archeologicas. O erudito francês G. Delahache compendiou numa excellente monographia as conclusões positivas da historia e da archeologia (1).

No primeiro escripto de Goethe sobre Erwin von Steinbach está engastada uma imagem, que veremos reaparecer em Chateaubriand e com fóros de theoria: a que assimelha o interior dum templo gothico a «uma arvore divina, sublime e poderosa, que com os seus mil braços, os seus milhões de ramos e de folhas, numerosas como a areia do mar, anunciará á extensão em volta a magnifi-

(1) V. *La Cathédrale de Strasbourg*, Paris, 1910, ed. Longuet.

cencia de Deus, teu senhor». Como as florestas foram os primeiros templos, em que o homem rendeu culto á Divindade, das florestas se inspirou ao crear os varios typos de architectura religiosa — tal era a theoria simplista de Chateaubriand, exposta no seu *Génie du Christianisme*, de 1802. Os gregos teriam tomado a elegante columna corinthia, com seu capitel, da palmeira; os egypcios, os enormes pilares do seu velho estylo do sycomoro, da figueira oriental, da bananeira e outras arvores gigantescas da sua flora: e os gauleses dos carvalhos das suas florestas haveriam concebido os seus templos abobadados, de columnas e nervuras. Goethe illudira-se quando tomara por essencialmente alleinão a architectura gothica, que é europêa com differenciações nacionaes; se bem que o germen seja unico, ha um gothico francês, iberico, allemão, inglês e italiano. Mas Chateaubriand tambem foi demasiado simplista ao dar-nos uma synthese dessa architectura com a sua formosa imagem, hoje tão distante das idées modernas sobre o gothico, mas ainda viçosa pelos encantos immarcessiveis da sua prosa:

«Les forêts des Gaules ont passé à leur tour dans les temples de nos pères, et nos bois de chênes ont ainsi maintenu leur origine sacrée. Ces voûtes ciselées en feuillages, ces jambages qui appuient les murs et finissent brusquement comme des troncs brisés, la fraîcheur des voûtes, les ténèbres du sanctuaire, les ailes obscures, les passages secrets, les portes abaissées, tout retrace les labyrinthes des bois dans l'église gothique; tout en fait sentir la religieuse horreur, les mystères et la divinité!

Les deux tours hautaines plantées à l'entrée de l'édifice surmontent les ormes et les ifs du cimetière, et font un effet pittoresque sur l'azur du ciel. Tantôt le jour naissant illumine leurs têtes jumelles ; tantôt elles paraissent couronnées d'un chapeau de nuages, ou grossies dans une atmosphère vaporeuse. Les oiseaux aux-mêmes semblent s'y méprendre et les adopter pour les arbres de leurs forêts : des corneilles voltigent autour de leurs faîtes et se perchent sur leurs galeries. Mais tout à coup des rumeurs confuses s'échappent de la cime de ces tours et en chassent les viseaux effrayés. L'architecte chrétien, non content de bâtir des forêts, a voulu, pour ainsi dire, en imiter les murmures ; et, au moyen de l'orgue et du bronze suspendu, il a attaché au temple gothique jusqu'au bruit des vents et des tonnerres, qui roule dans la profondeur des bois. Les siècles, évoqués par ces sons religieux, font sortir leurs antiques voix du sein des pierres, et soupirent dans la vaste basilique : le sanctuaire mugit comme l'ancre de l'ancienne Sibylle ; et, tandis que l'airain se balance avec fracas sur votre tête, les souterrains voûtés de la mort se taisent profondément sous vos pieds.»

O *Génie du Christianisme*, apesar da sua pobreza ideologica, é inseparavel da historia da apologetica, que elle procurou servir pela via artistica e sentimental, rehabilitando a esthetica christã. Elle mesmo se dizia «o restaurador da cathedral gothica», e o destino fez que a obra apparecesse no mesmo anno em que Napoleão concluia a concordata com Roma, a qual abria uma politica de reparação á consciencia religiosa da França opprimida por uma

duzia de annos de ignaro sectarismo. No mesmo dia da assignatura desse instrumento politico, o critico Fontanes salientava o significado esthetico e a oportunidade espi-ritual da obra.

Tambem da historia da poesia e da critica, mostrou-o Brunetièrre, é o *Génie* inseparavel, porque foi elle que trouxe á litteratura franceza o amor do exotismo, noutras obras de Chateaubriand mais exemplificado, o gosto do medievalismo, a emoção intensa e o processo da critica das bellezas.

E apesar desta rehabilitação do gothico, levada a cabo por Herder, Goethe e Chateaubriand, pela via critica e pela via esthetica, M.^{me} de Staël, observadora tão arguta e penetrante, no seu livro *De l'Allemagne*, de 1813, não deu o mais pequeno lugar á architectura. Escrevendo das bellas artes naquelle paiz, limitou-se a chamar a attenção dos seus compatriotas para as differenças typicas, para o character nacional e novo da pintura, da esculptura e da musica.

III

NO ROMANTISMO

A — EM FRANÇA

É com o romance celebre de Victor Hugo, *Notre Dame de Paris*, de 1831, que a cathedral se constitue em fonte de inspiração litteraria, em toda a sua a sua opulenta magnificencia.

Obra concebida segundo o gosto da epocha, *Notre Dame de Paris* ostenta todas as virtudes e debilidades do romance romantico, que Victor Hugo tão bem representava: o estylo vivo e brilhante; a intriga variada até ao novelo enredado e á mais affoita inverosimilhança, desviada do seu logico sentido a cada passo por imprevisto episodio; o gosto das antitheses e das violentas emoções, e o medievalismo directamente haurido na obra de Chateaubriand.

Amando com paixão o templo de Childeberto, Hugo, frequentou-o e estudou-o com carinho, aquelle mesmo sentimento artistico, saudoso do passado, que já lhe inspirára alguns motivos das *Odes et Ballades*. Nelle localizou o entrecho do romance, em que a cathedral é a unica figura com personalidade autonoma, tão rica e poderosa que o proprio Quasimodo, seu sineiro, alma candida, encarnada num corpo grotesco, lhe deve a vida debil que manifesta; as suas emoções são as do templo, a sua voz a dos sinos, que elle cavalga e doma como bom genio familiar, confiadamente pairando nos espaços, na oscillação furiosa das campanas. Na cathedral decorrem algumas das scenas principaes, até ao desfecho pela morte dos protagonistas. É-nos ella apresentada com pompa solemne e eloquente, como personagem central, rainha do ambiente medieval, que nos reconstitue com a descripção de Paris do seculo xv. Para nos pintar a velha cidade, o auctor conduz-nos ás altas torres e é a extensão que de lá alcançamos que nos vae apontando e esclarecendo: *La cité, la ville, l'université*, cada uma com sua especifica individualidade, corta-

das do rio, semeadas de igrejas, labutando, meditando e dormindo á sombra daquelle monumento magestoso.

E a proposito da cathedral que Victor Hugo nos expõe a sua philosophia esthetica, que em certa altura se amplia em verdadeira philosophia da historia, no capitulo famoso *Ceci tuera cela*. Á evolução das sociedades presidia uma lei unica: a democracia succede necessariamente á theocracia. Correspondentemente, no dominio da arte, a architectura popular seguiria de perto a architectura aristocratica, em todos os tempos e em todas as civilizações. O gothico popular, colectivo, alma da nação, fructo da liberdade na arte, succedia ao romanico uniforme, filho da auctoridade e da intransigencia orthodoxa. Era nas pedras das cathedraes que os homens, na phase do gothico, escreviam todos os seus pensamentos, as cogitações mais piedosas e as mais audazes rebelliões, os dogmas immutaveis, os mysterios da symbologia, do occultismo e da alchimia, e a heresia satanica. Na cathedral ogival cooperavam todas as classes sociaes, e todas as artes e todos os caprichos innovadores eram acolhidos. Mas a imprensa matou a architectura; o livro de papel e impresso por exemplares innumeros succederia á cathedral, o livro de pedra, obra unica de todos.

E' em volta da cathedral parisiense e motivada nella que decorre toda a acção de *Notre Dame de Paris*. Nella habitam Claudio Frollo, o diabolico arcediogo, e o sineiro Quasimodo; nella as entrevistas dos que procuram os segredos do hermetismo com Claudio; á vista della episodios fundamentaes; contra ella o assalto da caravana de

mendigos e bandidos do Pateo dos Milagres, em que Quasimodo, só com o seu esforço e sua astucia, a defende em prodigios sobre-humanos, que lembram os do cavalleiro negro do nosso Herculano na batalha de Chrysus. Do alto das suas torres contemplam a execução de Esmeralda o arcediago e o sineiro, e dalli precipitado aquelle expia os seus crimes.

Para o seu tempo o romance de Hugo era uma audacia da imaginação, deliciosamente mentirosa. Ainda hoje vive do calor com que arrazoou pelas bellezas do gothico negrusco, pelo romanesco da acção e pela magnificencia de estylo com que reanimou o mundo medievo de Luiz XI.

Mas a vida propria da cathedral, a pompa do seu culto, as aspirações ideaes da religião, que representa, ficavam ainda fora do ambito litterario, e Gautier, o alto poeta plastico e colorista do periodo de transição da poesia franceza, do romantismo para o parnasianismo, tambem não alargaria esse alcance. Este raro temperamento de artista, que ousou formular a cynica doutrina da arte pela arte, foi tão vehemente amator do hellenismo que, em plena restauração do medievalismo, ansiou por um novo renascimento da arte classica :

Reviens, reviens, bel art antique,

De ton paroi étincelant

Couvrir ce squelette gothique ;

Dévore-le, bûcher brûlant !

(*Emaux et Camées*, Paris, 1902, pag. 125).

Mas a admiração immoderada que tributava a Hugo e que já o levava a chefiar a claque do *Hernani*, converteu-o ao culto do «esqueleto gothico», quando *Notre Dame de Paris* poetizou com prestígios inéditos o templo de Childerico. E a sua musa pôde encontrar nas alturas vertiginosas e nos longos panoramas, que a basilica offerecia, encantos novos de formas, movimentos e côres que a sua visualização poderosa e a sua paleta variegada reproduziram com mestria. Das três poesias, que no motivo do gothico e das cathedraes fundou Gautier, só a primeira tem inspiração evocadora, sentimento profundo de saudosa solidariedade com o passado e esse perfume poetico do devaneio imaginoso, que accorda as gerações e nos aprofunda a existencia, sem o qual não há verdadeiro lyrismo. Ai dos poetas presencialistas, que em vez de ubiquamente vibrarem em todos os tempos, accordando o mundo riquissimo de recordações e experiencias atavicas, se localisam na actualidade desinteressante e restricta!

E' este poder perspectivo que faz a belleza da poesia *La Basilique*, em que Gautier sente algumas vibrações da alma que lateja sob as naves carcomidas dos velhos templos e com dôr testemnhha a sua destruição lenta e antevê a sua total perda :

LA BASILIQUE

Il est une basilique
Aux murs moussus et noircis,
Du vieux temps noble relique,
Où l'âme mélancolique
Flotte en pensers indécis.

Des losanges de plomb ceignent
Les vitraux coloriés,
Où les feux du soleil teignent
Les reflets errants qui baignent
Les plafonds armoriés.

Cent colonnes découpées
Par de bizarres ciseaux,
Comme des faisceaux d'épées
Au long de la nef groupées
Portent les sveltes arceaux.

La fantastique arabesque
Courbe ses légers dessins
Autour du trèfle moresque,
De l'arcade gigantesque
Et de la niche des saints.

Dans leurs armes féodales,
Vidames et chevaliers,
Sont là, couchés sur les dalles
Des chapelles sépulcrales,
Ou debout près des piliers.

Des escaliers en dentelles
Montent avec cent détours
Aux voûtes hautes et frêles,
Mais fortes comme les ailes
Des aigles ou des vautours.

Sur l'autel, riche merveille,
Ainsi qu'une étoile d'or,
Reluit la lampe qui veille,
La lampe qui ne s'éveille
Qu'au moment où tout s'endort.

Que la prière est fervente
Sous ces voûtes lorsqu'en feu
Le ciel éclate, qu'il vente,
Et qu'en proie à l'épouvante
Dans chaque éclair on voit Dieu ;

Ou qu'à l'autel de Marie,
À genoux sur le pavé,
Pour une Vierge chérie,
Qu'un mal cruel a flétri,
En pleurant l'on dit : *Ave* ;

Mais chaque jour qui s'écoule
Ébranle ce vieux vaisseau,
Déjà plus d'un mur s'écroule,
Et plus d'une pierre roule,
Large fragment d'un arceau.

Dans la grande tour la cloche
Craint de sonner l'*Angelus* :
Partout le lierre s'accroche,
Hélas ! et le jour s'approche
Où je ne vous dirai plus :

Il est une basilique
Aux murs moussus et noircis,
Du vieux temps noble relique,
Où l'âme mélancolique,
Flotte en pensers indécis.

As outras duas peças, *Notre Dame* e *Au sommet de ta tour* são sugeridas declaradamente pelo romance de Victor Hugo :

Pour me refaire au grand et me rélargir l'âme,
Ton livre dans ma poche, aux tours de Notre Dame,
Je suis allé souvent, Victor,

A' huit heures l'été, quand le soleil se couche,
 Et que son disque fauve, au bords des toits qu'il touche,
 Flotte comme un grand ballon d'or.

Mas a sensibilidade pagã do poeta só encontra na contemplação do templo materia para a sua voluptuosa e delirante embriaguez de formas e de côres :

Tout chatoie et relnit; le peintre et le poète
 Trouvent là des couleurs pour charger leur palette,
 Et des tableaux ardents à vous brûler les yeux ;
 Ce ne sont que saphirs, cornalines, opales,
 Tous à faire trouver Rubens et Titien pâles ;
 Ithurriel répand son écrin dans les cieux.

E é esta maravilhosa symphonia de côres do interior e o vasto panorama, que as suas torres estonteadoras offerecem, que o poeta celebra, aqui como sempre da realidade plastica namorado e captivo.

B— EM PORTUGAL

Os dois reformadores românticos, Garrett e Herculano não só quebraram lanças ardorosamente pela conservação dos monumentos nacionaes, em que se comprehendiam não poucos de gosto ogival, mas tambem crearam obras de arte litteraria associadas a templos dessa architectura.

Das diligencias envidadas por Garrett deu conta apurada o sr. Victor Ribeiro em 1903, na sua conferencia

sobre *Garrett e a archeologia christã*, (1) fundada em passos das obras do poeta e em notas, tambem delle, de commentario e actualidade. Era o momento em que, sob color de modernismo liberalista, se praticavam desacatos barbaros, nem sempre menos vandalicos que os dos franceses.

Herculano com o seu ardôr habitual, que às vezes attingia a indignação, protestou em 1838 no seu artigo *Monumentos Patrios* e posteriormente em paginas menores contra o chão utilitarismo demolidor da geração liberal. Os dois egregios escriptores queriam que uma legislação especial protegesse esses testemunhos do passado e as obras de arte, mas a inefficacia dessas providencias leaes estava provada desde D. João V, que em 1728 as adoptára por conselho da Academia Real de Historia. Emquanto se não embutir na mentalidade nacional o respeito das antiguidades, prudentemente humanisado com um bem entendido progressismo, é infructifera a coacção legal, além dum momento de zelo, que logo cansa.

Garrett, ao compôr o seu poema *Camões*, tão impregnado do patriotismo nostalgico que o pungia no exilio, attribuiu por uma feliz inspiração ás magnificas naves dos Jeronymos a suggestão primeira da epopêa dos *Lusíadas* no espirito de Camões.

Uma obra de arte deve ser discutida predominante-

(1) V. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.ª Serie, tomos 9.º e 10.º, págs. 20-30 e 257-267, Lisboa, 1903.

mente á luz da esthetica, e mau é que se lhe applique criterio differente — que neste caso seria o historico — porque isso indica que ella foi relegada do seu campo proprio por falta de emotividade. Não discutiremos, pois, se pôde fundamentar-se historicamente essa poderosa suggestão attribuida ao monumento de Belem, symbolo sagrado do imperialismo portuguez, ou se é preferivel a outra versão, segundo a qual teria sido a collecção de tapetes do Paço da Ribeira a causa proxima inspiradora do alto pensamento do poeta. Só verificaremos que o autor das *Folhas Caidas* se achava então num estado de aguda sensibilidade, de penetrante visão artistica, que lhe permitiui crear as estancias lyricas da invocação á saudade, a plangente e inspirada canção do Canto V, synthese esthetica e moral das canções camoneanas, e sentir em toda a sua extensão o poder evocador do symbolo manuelino :

Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Naquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados ; as erguidas
Columnas, as abobedas altivas,
As palmas, as cordagens enlaçadas,
E o sinal santo que as remata e une
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenho triumphante,
O vexillo da gloria portuguesa,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós, sem Deus, só pelo esforço humano
Não fariam jamais os portugueses
O que hão feito no mundo...

(Canto III, est. XIX)

E Camões, com a alma transida de angustiosos soffrimentos que são a tragedia obscura de muitas vidas, o drama das aspirações dum espirito em contraste com a mediocridade da sua existencia e os attritos della, Camões sobre-excitado, pairando numa esphera superior entra no templo, ajoelha, ora e em extasis vê erguer-se o espectro de D. Manuel I que o aconselha a perpetuar as glorias de Portugal num canto immorredoro, que resista aos embates do tempo e aos desvarios dos homens. Assim nasceu o pensamento dos *Lusiadas*.

Numa nota a esse mesmo poema *Camões*, insurgindo-se contra o desrespeito pelo monumentos artisticos, Garrett propõe a designação de *manuelino* para o genero de gothico, que o Mosteiro dos Jeronymos exemplifica, e dá a entender, em additamento posterior a essa mesma nota, que o alvitre fôra aceite e divulgado graças ás publicações do Conde de Rackzinsky. Essas ideas sobre o nacionalismo do gothico já Garrett as havia exposto em 1846 e antes delle o erudito brasileiro Francisco Adolpho Varnhagen, em 1842, que verdadeiramente foi quem lançou a designação de *estyllo manuelino*. (1) Longa controversia se seguiu sobre a existencia ou não existencia dum estylo manuelino, que teve como principal impugnador ao sr. Joaquim de Vasconcellos. (2) Este sabio critico, analysando

(1). V *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem Com um glossario de varios termos respectivos principalmente á architectura gothica*, Lisboa, 1842, e antes no *Panorama*, Serie II, vol. 1.º, pag. 58.

(2) V. *Historia da Arte em Portugal (Sexto estudo)*, Coimbra, 1885.

as dez características que Varnhagen attribuiu ao manuelino, fez ver que dellas só três se referiam ás condições estaticas da architectura e essas não eram privativas da arte portuguesa, antes se verificavam tambem em monumentos hespanhoes. Recentemente outro critico illustre, o sr. D. José Pessanha, fez uma revista dos juizos varios da critica, com a sua habitual objectividade calma, e concluiu judiciosamente que, sendo accèitavel a designação de *manuelino* para essa architectura gothica, havia que restringir-lhe a significação porque as suas manifestações não estão sempre rigorosamente datadas do reinado de D. Manuel I e porque, sendo as suas características meramente ornamentaes, ella passará a designar não já um estylo, mas um systemo decorativo, que tambem não foi fixo, antes ostenta pelo menos quatro variantes (1).

Garrett ainda situou parte da acção dum seu romance numa cathedral medieva, não de puro estylo gothico, pelo contrario accentuadamente romanica.

No *Arco de Sant'Anna*, de 1840-1850, em que se narra o conflicto violento dos burgueses do Porto com o seu bispo, quadro de fundo animado e pittoresco a que serve de primeiro plano e episodio nodal o amor de Anninhas e Vasco, parte importante dessa narrativa decorre na Sé. Assistimos a uma procissão tradicional por motivo da visita do pastor á margem sul do Douro, a Gaya. Amotina-

(1) V. *A Arte Manuelina e os criticos*, no *Archeologo Português*, vol. 22.º, Lisboa, 1917-1918.

dos os burgueses, é á porta da cathedral que a chusma indisciplinada se defronta com o prelado, revestido no seu imponente indumento, rodeado do cabido, clerzia, caudatarios e archeiros. Tem movimento essa scena e tambem um pouco daquella desilludida sciencia da psyche das multidões, que Garrett aprendeu na politica revolucionaria e parlamentar e que fez passar ironias acerbas e allusões directas ás coisas do seu tempo numa obra que narrava materia do seculo xiv.

Herculano no seu conto historico, *A Abobada*, de 1839, pôs em arte a tradição do voto solemne de Affonso Domingues, architecto da Batalha, de permanecer sob o fecho da abobada da casa do capitulo, em jejum perfeito durante três dias, desde que se retirassem os simples e os baileus que a sustentavam, tao grande era a sua confiança na technica que empregára. A velhice e a debilidade acabaram-no no seu posto.

Nessa narrativa exalta-se o significado nacional do monumento, então já em via de conclusão, pois os acontecimentos referidos são localizados em 1401, mas abstrahese quasi por completo da belleza architectonica d'elle e da sua symbologia religiosa.

No mesmo anno de 1839 e tambem no *Panorama*, onde primitivamente sahira a *Abobada*, contou Herculano a lenda do bispo pegro, revolucionariamente erguido a essa alta dignidade para substituir o prelado legitimo de Coimbra, que Affonso Henriques teria destituido por elle lhe haver exigido a libertação de sua mãe, a ferros desde a insurreição de Guimarães. O episodio é situado no claustro

da magnifica cathedral de Coimbra, o mais typico dos monumentos romanicos portuguezes. Posto que opinasse que o templo era de construcção do seculo XII, Herculano para conveniencia da sua narrativa attribue-lhe mais remota antiguidade. (1)

Tambem o mosteiro de Santa Maria de Alcobaça deu o scenario para bôa parte da acção do *Monge de Cister*, de 1848, porém a belleza severa e simples do templo, de accordo com a reforma beneditina do gothico, não sobressahe com relevo nessa obra, em que não obstante tanto gosto archeologico se revela em sobrecarregadas descrições, como a da velha Lisboa; e os claustros esplendidos são posteriores ao tempo da narração.

Tambem no mosteiro magnifico dos monges bernardos de Alcobaça se passa o episodio principal, pelos seus elementos descriptivos, do romance de Rebello da Silva, *Lagrims e Thesouros*, de 1863, baseado na correspondencia de William Beckford, mas Rebello acurou-se mais em reconstituir a recepção feita ao viajante inglêz que em fazer admirar as bellezas do mosteiro ou attribuir-lhes qualquer influxo na acção e nas personagens. (2)

Arnaldo Gama, sentindo o poder evocador do formoso mosteiro-fortaleza da Ordem dos Hospitaleiros, de Leça do Balio, e das tradições a elle associadas, ahi situou o

(1) A descripção e a interpretação artistica, mais recente, da Sé velha de Coimbra, é do sr. D. José Pessanha e sahio no n.º 21-22 da revista *Terra Portuguesa*, Lisboa, 1918.

(2) V. *Historia da Litteratura Romantica*, 2.^a ed., pags. 199-201.

entrecho do seu formoso romance *O Balio de Leça*, de 1872. Gama é talvez, depois de Herculano, o nosso romancista historico de mais longa e segura informação. Elle marca mesmo, entre nós, a entrada de certas preocupações didacticas no romance, genero dotado duma vitalidade surprehendente pelo seu poder de adaptação ás modas e exigencias do publico. Quando a erudição progrediu e reclamou mais verdade e menos sensibilidade, o romance historico descurou a intriga e sobrecarregou-se com apparatus eruditos. E não tardará que a archeologia, a theologia, a critica d'arte, a philosophia e a physiologia invadam o romance a dar-lhe pretensões scientificas que o desfigurem. Na phase de moderação a que pertence Arnaldo Gama, a quota de archeologia como fim em si era ainda reduzida, motivo por que sendo o mosteiro o scenario da sua acção, pouco lugar deu á sua descripção e ao seu louvor.

Estas obras dos nossos romanticsos, Garrett, Herculano, Rebello e Arnaldo Gama, obedecem á corrente geral de sensibilidade e de gosto creada pelo movimento do romantismo em toda a parte, no qual a França cooperou, mormente na sua divulgação. A chronologia e a critica de fontes dão a essas obras relativa independencia de qualquer modelo proximo, embora assim não pense o sr. Th. Braga, que considera os romances de Herculano uma intencional imitação de Hugo : «... Herculano fez a sua reputação glosando a *Notre Dame* de Victor Hugo ; d'este romance sahiu o *Eurico* (1843) variante de Claudio Frollo, a *Abobada*, desenvolvimento scenico do capitulo *Ceci tuera cela*, o *Monge de Cister* (1840) da paixão de Esmé-

ralda e de Phebus, o *Bôbo* desenvolvimento de Pierre Gringoire, etc.» (1).

C — EM HESPANHA

No romantismo hespanhol sabemos de dois auctores que algum lugar dêsem ao gothico em suas obras, auctores de bem differente significação litteraria, o catalão Manuel Angelón com o seu extenso, demasiado extenso romance *El Pendón de Santa Eulalia*, de 1855, e o andaluz Gustavo Becquer, o glorioso poeta, com um pequeno conto, *La Ajorca de oro*.

O primeiro é uma especie de chronista ameno dos levantamentos nacionalistas dos catalães, sob a égide do pendão de Santa Eulalia, insignia veneranda dos seus fóros e autonomias. No romance, que nos interessa, a acção começa com a insurreição que seguiu a morte violenta do Marquês de Santa Coloma, cuja descripção, deixem-no-lo recordar, é uma das mais bellas paginas de D. Francisco Manuel de Mello, na sua obra classica. Angelón, mais vulgarizador erudito que artista, cita D. Francisco como fonte. Sobre o agitado fundo da guerra civil, assistimos ao não menos agitado duello de astucias, audacias e valimentos entre o Conde Duque de Olivares, primeiro ministro de Filippe IV e a rainha D. Izabel com seus asseclas, tudo á volta duma carta inestimavel do Conde de Villamediana. Essa carta, escripta com o proprio sangue, quando

(1) V. *Modernas Ideas na Litteratura Portuguesa*, vol. 1.º, pag. 54.

agonisava ferido por sicarios, illibava por completo a rainha das suspeitas sobre a sua fidelidade, com que o rei a affastára do seu coração e do seu thalamo. — O capitulo 36.º, pags. 566-592, passa-se junto da cathedral de Barcelona, contigua ao palacio real e ao do Santo Officio, d'onde se evadem aventurosamente Roque Guinart e alguns companheiros, cosidos com a sombra da vetusta basilica. Alli o templo só serve para indifferentemente proteger alguns bandidos que vão continuar a desfiar o seu rosario de crimes.

O breve conto de Gustavo Becquer diz-nos como uma moça Maria se deixára dominar pela cubiça dum còllar riquissimo què exhibia seus deslumbrantes fulgores sobre a imagem da Virgem do Sacrario, no seu altar da cathedral de Toledo. Para a comprazer no seu sacrilego anhelo, Pedro, occulta-se na igreja, onde então se celebrava o dia ultimo da oitava da Virgem, com todos os esplendores e magestades da primaz das Hespanhas. Sahem os fieis, apagam-se as vélas dos altares; escassas lampadas tremulas cortam o «bosque de gigantes palmeiras de granito que ao entrelaçar os seus ramos formam uma abobada colossal e magnifica». E Pedro, escapando-se do seu esconderijo e livido de pavor, corre ao altar da Virgem, salta a grade, sobe a um escabello e, cambaleando, exhortando-se, arranca o cubiçado collar e aperta-o com força entre os dedos. Restava fugir. E estava prestada a suprema prova a Maria. Mas os olhos, sob as palpebras pesadas, negaram-se a ver e a conduzi-lo, como na previsão do perigo. Com esforço angustioso abriu-os e

viu que dos seus altares e nichos, das sepulturas, dos baldaquinos, de todos os desvãos da cathedral immensa accorriam os santos, as monjas, bispos, anjos, demonios, guerreiros, damas, pagens, toda a sua morta população, numa farandola vertiginosa; monstros chimericos trepavam ás abobadas, suspendiam-se das cornijas e misulas... E Pedro, num grito lancinante, cahiu. Ao outro dia os serventes da igreja encontraram-no louco, gritando com o collar entre as mãos: É seu! é seu!

G. Becquer põe em arte neste conto a velha idéa do terror nocturno das igrejas, das visões tetricas que se animam da sua obscuridade, da infrene soltura do pavor, que infunde a solidão das naves. Na litteratura culta, na popular e até na infantil, esse thema é vulgar, como manifestação rudimentar do velho totemismo, medo panico dos lugares e das coisas sagradas e certeza de que todo o sacrilegio é sempre punido por Deus. O mais conhecido dos contos de Teixeira de Queiroz, *O Coruja*, tem esse thema.

Mas Becquer, poeta de alta inspiração, sabia medir o poder e a riqueza das emoções e sentimentos que suscitam os templos catholicos, pela sua luxuriante architectura e pelo signal, que são, da mais nobre aspiração do homem e da sua mais pungente labuta espiritual. Tocado dessa veneração, percorreu a Hespanha numa peregrinação de artista e de devoto, estanceando em mosteiros, demorando-se onde houvesse imagens, ruinas, inscrições que evocassem o passado. Toledo, a joia da Peninsula, obra carinhosa de civilisações successivas, era o seu recanto

predilecto. Nella viveu um anno e para ella foram os derradeiros dias da sua saude, da sua vida. Expressão desses sentimentos era a obra de vasto tomo, que em 1857 encetára, *Historia de los Templos de España*, que a morte truncou. Fôra mais feliz Jaime Villanueva que, pouco antes, lográra levar a cabo empreendimento semelhante com a obra monumental, *Viaje literario á las Iglesias de España*, signal do carinho que as velhas cathedraes grangeiam da erudição de Hespanha, cujo genio orthodoxo por excellencia é a propria fé em acção.

IV

DEPOIS DO ROMANTISMO

A — EM FRANÇA

O naturalismo, com a sua pretensão didactica, reforçou o *quantum* de archeologia, theologia e mais materias eruditas e scientificas que era licito embutir no romance, pura obra de ficção. Com certo descredito da imaginação, que sobreveio, e o incremento do espirito critico, as curiosidades intellectuaes augmentaram e á propria emoção esthetica exigiu-se um fundo positivo de conhecimento.

Zola, doutrinario da escola, cuja exemplificação outros haviam antes feito com relevò superior, foi quem em França renovou o velho thema da cathedral, antes só ensaiado por Victor Hugo.

E fê-lo no romance *Le Rêve*, da longa série dos Rougon-Macquart, situado entre obras que pela sua crueza vivamente contrastam a aparente castidade delle: *La Terre* e *La Bête Humaine*.

Apesar de haver theorizado acêrca do genero ou melhor de processo naturalista, Zola não esclareceu sufficientemente o que chamaremos a sua chimica dos caracteres, o como se determinavam elles. Professando sobre essa materia uma certeza scientifica que lhe permittia prever, o escriptor queria fazer crer que estes caracteres, na successão familiar, se determinavam com uma fatalidade inevitavel e continua como os élos duma cadeia, que não havia campo para o arbitrio pessoal, cada qual cumprindo o seu destino de arrastar vida fora a psyche que havia herdado. A doutrina da hereditariedade é verdadeira e bem antiga tambem, emquanto significa apenas acção dos antepassados, accumulacão e estratificacão da experiencia, mas não destrue a liberdade creadora do individuo. Tambem é de todo insusceptivel de previsão esse dominio da psychologia. Dado um character e feita a sua analyse, o psychologo que quizer bosquejar uma explicacão é que tem o dever de considerar a influencia atavica, mas ninguem pode das influencias atavicas deduzir temperamentos e caracteres.

Esta psychologia de Zola seria ainda mais pretensiosa e infundada que a velha physiognomia ou a succedanea phrenologia. O modo de transmissão da experiencia vital dos antepassados é um segredo indevassavel, porque a sua variacão é infinita e imprevisivel, e porque os meios

de observação têm cunho mais artistico que objectivamente scientifico.

Se assim é quando, rodeando-se o estudioso de todas as precauções e seguranças possíveis, quer fazer sciencia, que será quando é um romancista que em romances quer demonstrar a fatalidade do atavismo e as combinações das influencias? Se a sciencia, nesse districto, apenas descreve e faz nomenclatura, a imaginação necessariamente faz arte, só limitada nos seus adejos pelos prejuizos do artista; alfinetes impertinentes a prenderem-lhe as azas. Fallando com Edmundo d'Amicis, Zola contou como da logica deductiva fazia o seu principal instrumento de investigação. Depois da colheita de dados concretos sobre os ambientes, as pessoas, os factos, a linguagem, no seu espirito compunha-se confusamente uma novella. Mas havia que urdi-la, ligando com o fio da intriga esses materiaes inorganicos, e esse era o seu mais arduo trabalho. «Porem, eu emprehendo-o fleugmaticamente — disse a Amicis — e em vez de empregar nelle a imaginação, emprego a logica. Raciocino commigo mesmò e escrevo os meus soliloquios, palavra por palavra. taes como me occorrem, de modo que, lidos por outros parecer-me-hiam estranhos. Fulano faz isto. Que se desprende ordinariamente dum facto deste genero? Este outro facto. E' capaz de interessar a esta pessoa? Certamente. E' pois logico que aquella outra pessoa obre desta maneira.

Então pode intervir uma nova personagem. Fulano, por exemplo, ao qual conheci em tal lugar, tal tarde. Busco as consequencias immediatas do mais pequeno successo;

o que se deriva logicamente, naturalmente, inevitavelmente do character e da situação das minhas personagens. Faço o trabalho de um commissario de policia, que quer, por um ligeiro indicio, descobrir aos auctores de um crime mysterioso». Este e outros depoimentos revelaram o mecanismo do methodo de Zola, de que felizmente o salvaram os seus proprios defeitos: a imaginação amplificadora até á criação de symbolos, o dom de animar as multidões e o espirito épico.

Não é pois possivel comprehender como duma Sidonia Rougon, a principio morigerada no seu modesto commercio de fructas provençaes e depois cupida e sem senso moral, a negociar com os encontros galantes numa casa secreta, proveio Angelica, a mais casta das mulheres creadas pela imaginação de Zola, que as engendrou de bem variada estructura moral (1).

Engeitada pela mãe, que lhe desconhecia o pae, Angelica após uma pequena odysseá, foge de casa dos Rabier, que a maltratavam, e vem acolher-se ao portico da cathedral de Beaumont, tranquillã cidade de provincia, grupada á sombra da velha basilica e do arruinado castello de Hauteœur. Junto á cathedral, numa casa incrustada nas paredes do templo, entre os seus gigantes, como uma verruga, viviam os Hubertos, familia antiga de bordadores, que ha quatro seculos labutava junto da cathedral e para

(1) O escriptor sul-americano E. Gómez Carrillo fez uma curiosa ementa dos typos femininos de Zola em *El Modernismo*.

ella trabalhava. Recolhem a creança transida do frio da noite e, feitas as necessarias diligencias junto da curadoria dos expostos, adoptam-na.

A educação da pequena recolhida foi laboriosa porque o seu character era dum orgulho violento e de tal exaltação de sentimentos que fez pensar mais duma vez os caritativos esposos em desistir do seu proposito. Mas a essas tempestades succediam bonanças duma humildade tão tocante que a energia dos bordadores esmorecia e a sua amizade bondosa crescia sempre. O livrete da repartição dos expostos, cuja vista humilhava profundamente Angelica, foi auxiliar precioso no arduo trabalho de amansar aquelle character bravo. Com a idade, Angelica tornou-se um ser puramente imaginoso e sentimental; infensa a toda a regular cultura do espirito, mesmo aos rudimentos modestos que Hubertina queria ministrar-lhe, a sua personalidade compôs-se de influxos bem parcos, mas profundissimos, vincados dia a dia por uma meditação concentrada, maniaca, monoideica. O seu livro unico — e foi para o entender que aprendeu a ler — foi a *Lenda Dourada*; releu-o, decorou-o, glosou-o e erigiu o seu mundo de sentimentos e idéas em concepção da vida, entretecendo as suas narrativas de milagres, martyrios, e glorias sobrenaturaes num universo de graça e de belleza. A *Lenda Dourada* foi completada na sua influencia pela contemplação da ruinação do castello de Hauteceœur, antigo sofá duma familia gloriosa, em cuja genealogia a fabula e a lenda se enrolavam como a hera nas pedras musgüentas. Havia nessa familia uma tradição aurea de que as mu-

lheres eleitas de Deus morriam em pleno auge de amor e formosura, como num sonho de que não accordariam jamais. No espirito de Angelica formam harmonia e convergem os martyrios heroicos da *Lenda Dourada*, os sonhos de fortuna, belleza e felicidade dos Hauteceur e o mysticismo religioso de que lhe falla a cathedral vizinha, a que vive tão ligada que sente os seus aromas, escuta os seus ruidos, vê as suas luzes e do seu quarto pôde contemplar os inspirados vitraes. E Angelica põe-se a sonhar numa abstracção deliciosa e confiada, esperando ser tambem eleita de Deus para realizar a felicidade pelo amor e pela riqueza dalgum principe louro, longinquo e desconhecido, que ha-de vir para a associar ás suas opulencias magnificas, para em seus braços receber o ultimo alento della, levada ao ceu em pleno sonho.

Bordadora eximia, era na pericia inegalada da sua arte que punha o mais desvelado carinho da sua vida, trabalhando com afan infatigavel nos paramentos religiosos, emquanto o espirito voava para os espaços livres da phantasia. A sós, no seu quarto branco, aspirava os perfumes de sua predilecção, soffrendo-lhes as perturbações nervosas — só as violetas a acalmavam — e gozava as voluptuosidades do branco, que amava com paixão.

E o seu sonho realizou-se. Dum campo fronteiro surgiu, ás noites, um vulto silencioso, em extatica adoração; a telepathia do amor fez o resto. Em breve fallaram-se com intimidade e Angelica antevendo que era o principe sonhado pelo seu messianismo confiadamente esperou a realização do seu devaneio. Feliciano dizia-se pintor de

vitraes, que actualmente trabalhava na reparação de alguns vidros da cathedral, mas a sua formosura senhoril e o seu fallar claramente indiciavam a Angelica que era o principe da sua phantasia. Para se approximar de Angelica, encommenda-lhe uma mitra magnifica, em nome dumas devotas ricas que a querem offerecer ao bispo, e consegue dos Hubertos auctorização para acompanhar de perto a execução do desenho, cujo auctor era.

Num dia de procissão, o mysterio desvenda-se. Feliciano é filho do bispo, unico fructo dum noivado que a morte destruiu, lançando aos pés da Igreja o desesperado viuvo; e como tal, senhor duma fortuna incontavel e herdeiro do nome dos Hauteceur. Os Hubertos, principalmente Hubertina, mais sensata, procuram destruir a phantasia de Angelica, porque Feliciano já tem casamento combinado em Beaumont e porque o bispo, seu pae, terminantemente se oppõe. Mas Angelica fecha-se numa obstinada esperança, passiva e confiada, aguardando o milagre que realizará as suas nupcias. Adoece e ás portas da morte, ao receber a extrema unção do proprio bispo, é salva por este, que beijando-a na bocca como os seus antepassados, pronuncia a phrase-divisa da familia: *se Deus o quer, eu quero-o*. Como os pestíferos saravam promptamente noutros tempos, Angelica senta-se na cama, regressam as côres e pouco a pouco as forças. E' a annunciação milagrosa de que o sonho vae realizar-se por fim. E assim é. Algum tempo depois Angelica casa na cathedral, no meio das mais pomposas galas do ritual, da arte e do mundo, glorificada por um côro de benções agra-

decidas dos que o milagre de tal amor commovêra e dos miseraveis que a sua riqueza felicitára generosamente. E ao descer do altar-mór para o portico, pelo braço do noivo, aerea e leve como uma penna ou um tufo de rendas, Angelica suspende-se dos labios do marido e nesse beijo morre, assim se perfazendo o sonho.

Zola, por mais que diligenciasse, com seu methodico e severo mecanismo, não poderia compôr uma obra que mais abertamente infringisse o seu programma e a sua doutrina. Obra dum realista, não tem realidade; dum artista que se abonava de sciencia, não tem sciencia alem da erudição historica ostentada a proposito da cathedral, do castello e da *Lenda Dourada*. E' um capricho phantastico dum romantico, executado com aquella logica deductiva que elle mesmo descreveu como processo, tão arbitrariamente concebido como os proprios devaneios de Angelica.

Ainda esta tem a coherencia e a unidade da sua morbidez, esculptura carinhosa do artista que quiz ser tão acabado e systematico neste modelo como nas figuras perversas de outros seus romances, resuscitando assim aquella abstracta concepção dos romanticos, da extrema maldade e da extrema bondade, inverso e reverso do character feminino. Mas Feliciano? E' um leviano que, combinado o seu casamento com uma fidalguinha da cidade, se entrega a amores de distracção e que ousa penetrar no quarto de Angelica com o proposito malevolo do sexo, que só a pureza descuidada desta quebra e inutiliza? E' um cynico que a angelica Angelica converte á sua paixão ao ponto

de arrostar com a colera do pae? Ou será só o reagente necessario para pôr em acção o character ideado em Angelica por Zola? Não tem humanidade, como a não tem o bispo Hautecœur; são hirtas figuras de vitral, linhas duras a recortar angulosamente os comparsas coloridos que rodeiam a figura central do milagre, formosa e ideal, dessa formosura inhumana dos primitivos pintores, illuminada dum luz interior que a consome, ephemera alliança incestuosa da carne precaria e da alma, clarão ansioso de regressar á chamma celeste de que provem. Se nós consideramos a obra através das ideas do proprio Zola e do bom senso, não poderemos deixar de ver nella um flagrante e incomprehensivel contraste com a doutrina do auctor, e tambem um thema de suggestões deleterias. «Un de ses livres les plus pervers est celui où il a voulu être chaste (*Le Rêve*)», disse não sem razão M. René Canat.

E a cathedral que papel desempenha? Um papel decorativo e subalterno. Zola em outras obras instillara vida a edificios, que assim attingiam personalidade propria e symbolica: a mina em *Germinal*, a taberna em *L'Assomoir*, o armazem de modas em *Au Bonheur des dames*, o mercado em *Le ventre de Paris*, a locomotiva em *La Bête humaine*. E esses symbolos ou coisas personificadas assujeitavam as personagens, dominando-as como ramificações suas. Mas em *Le Rêve* é mais modesta a funcção da cathedral. O sentimento religioso de Angelica é pura desordem mental; aquella fé provem da ignorancia e da intuição da bondade ingenua, é um alicerce daquelle egoismo amoroso, alheio ao mundo e aos seus valores; e é tambem em certos

momentos o vehiculo por onde se drena a exaltação sensorial de Angelica, no periodo inquieto da puberdade em que os sentidos conclamavam mysteriosamente no silencio do seu alvo quarto.

Não deixou o romancista de attribuir uma vasta causação á cathedral, mas templo e architectura, vitraes e cerimonial sem a fé exemplificada são como casa vazia e morta, e movimentos automaticos sem finalidade. Ao descrever a pequena cidade de Beaumont, escreve o romancista: «A cathedral explica tudo; tudo concebeu e tudo conserva. E' a mãe, a rainha, levantando-se altaneira acima das casas atarracadas, como uma ninhada de pintos friorentos abrigados sob as suas azas de pedra. Habitam alli unicamente para ella e só por causa della; as industrias só trabalham, os estabelecimentos só vendem para a sustentar, para a vestir, para a conservar a ella e á sua alegria; e se se vêem ainda alli alguns burgueses é porque são os ultimos fieis das multidões desaparecidas. Ella pulsa no centro, cada rua é uma das suas veias, a cidade só respira o ar que ella respira. E' dahi que lhe vem aquelle character de uma outra idade, aquelle torpôr religioso no passado, a cidade claustrada que a cerca, perfumada por um velho aroma de crença e de paz».

E esta influencia era particularmente intima na pequena casa de Hubertos, estreitada contra os contrafortes do templo, de cuja varanda se podia presencear toda a sua vida, as perspectivas e colorações que o sol lhe imprimia no seu giro diurno, os vultos de ficção que a noite lhe emprestava, a vida que nella parasitava, de aves e plan-

tas, e a sua existencia interior «como um pulsar de veias, com as cerimoniaes que a faziam vibrar toda, o repicar dos sinos, a musica dos orgãos, o canto dos padres. Sahia-lhe a vida por todos os póros : ruidos perdidos, o murmurio de uma missa cantada, o leve ajoelhar de uma mulher, o roçagar mal distincto de um vestido, o ardor devoto de uma oração, rezada em espirito, com a bocca fechada».

A cathedral deu a permanente suggestão que exerce sobre Angelica e o scenario para alguns episodios, a proccissão solemne onde Feliciano se mostra como filho do bispo e a sollicitação lacrimosa de Angelica aos pés de Monsenhor, hirto e duro, na capella dos Hauteceœur, e depois o casamento e a morte de Angelica. A cathedral representa no romance um sonho do passado, extincto já, ou de que só restam esses vestigios esgaçados, como era Beaumont, e collabora na tecetura dum novo sonho, o da pequena Angelica, como o templo, doutras eras, reviviscencia de algumas paginas da *Lenda Dourada*, em que vieram dar de tombo em tombo as mysteriosas combinações atavicas dos Rougon-Macquart e a proxima cupidez amoral duma Sidonia, que dum amante casual procriou aquella filha. Como se vê, para que a obra possa ostentar a sua belleza innegavel é preciso desprender-se da armação das novellas do auctor, do esqueleto doutrinario de erros e prejuizos, como se deve colher appressadamente um bom fructo casual duma arvore doente. A interpretação é que é difficil, não porque a obra seja apenas vagamente delineada, como o vaporoso *Conte bleu* de Grasset, que deixe ao leitor preencher com a sua sensibilidade os

claros da pintura ; não, o romance tem a maxima expressão. Mas o que é contingente é o trabalho de adivinhar o proposito intimo do auctor ou de lhe attribuir algum que a obra possa comportar.

Joris Karl Huysmans não foi signatario do manifesto dos dissidentes do naturalismo, que Zola theorizava e praticava, mas foi o romancista que mais se distanciou do chefe da escola, pela mentalidade e pelo significado attribuido á sua arte. A sua evolução litteraria decorre de *Les soeurs Vatard*, de 1879, em plena communhão de processos e idéas com o naturalismo, ao *Oblat*, conclusão de apologetica religiosa a que foi conduzido por um labôr litterario que é tambem uma sincéra autobiographia dum espirito, que do problema religioso fez a sua mais ardente preocupação. Duas personagens representam as inquietações e intimos anhelos de Huysmans : Des Esseintes que em *A' rebours* experimenta vencer o seu tédio da vida em caprichos anômalos, inventos duma imaginação doente, e Durtal que em *Lá bas* ensaia a magia e o satanismo com a mesma improficuidade, e que logo começa a sua marcha progressiva para as quietudes da fé, que o seu alto e cultivado espirito enriquece. *En Route*, *La Cathédrale*, *Les Foules de Lourdes* e *L'oblat* são os marcos milliaros dessa ascendente crença que não foi conquistada sem arduas crises, sem luctas interiores em que a mente comsigo mesma pugnava, sopesando com critica penetrante e cruel as razões de crer e as de não crer. Uma estação na Trappa para purificar a alma, um periodo de meditação e exame

da arte religiosa em Chartres, algum tempo de divagar e observar errabundo em Lourdes e por fim a conversão. O drama doloroso deste espirito, empapado de litteratura e alta critica só tem nas modernas letras francesas similar de pungente e edificante intensidade naquell'outro que torturou Schérer, e é surprehendente que Huysmans, dum saber profundo e duma erudição formidavel, chegasse quasi a accordar em si aquelle estado mental medievo, estado de fé maravilhosa e poesia encantadora que Gaston Paris descreveu com arguta penetração. A uma demonstração e apologia do maravilhoso do milagre conduz a sua obra, que com razão figura entre os factores litterarios da renovação espiritual francesa, ao lado de Vogué, Maurice Barrés, Paul Bourget, Brunetière e Charles Péguy. O seu livro sobre *Lourdes* era um intencional desmentido ao de Zola sobre o mesmo assumpto; ao sôpro curador das multidões, á exaltação da fé auto-suggestionadora (1) e á nevrose, com que o materialismo de Zola procurava explicar o que via e não comprehendia, Huysmans oppunha pura e simplesmente o milagre, documentado e testemunhado.

La Cathédrale, de 1898, não tem acção, é apenas o minucioso relatorio das meditações e observações de Durtal, isolado do convivio do artificial mundo das letras, na pequena cidade de Chartres, onde dois amigos ou directores espirituaes, o P.^e Plomb e o P.^e Gévresin, o encami-

(1) Entre nós, o sr. dr. Alfredo de Magalhães recapitulou essa explicação, com o devido apparato scientifico na sua dissertação inaugural, *Os milagres de Lourdes como therapeutica psychologica*, Porto, 1896, 135 pags.

nham no estudo da symbologia religiosa medieval e na sua tranquillisação moral. Uma creada velha, possuida da mais placida e segura fé, que julga penetrar os intimos designios da Virgem, dá o exemplo e o estimulo á almejada conquista da paz de consciencia de Durtal. Não é já um romance a obra, é quasi um trabalho didactico, a que só prejudicam os vestigios que de romance tem; o seu subjectivismo, a meditação em voz alta digamos, raro attinge vibrações profundas e verdades communs, em que todos nos reconheçamos. Quando descreve estados de espirito, encontramos nella muito de arbitrario, muito de desordenada sensibilidade, como quem em zig-zag percorre um recto caminho, complicando e demorando desnecessariamente a marcha. Ha alli accentos verdadeiros, a timidez que toma o protagonista ante os rigores da regra claustral, mas provem do egoismo mundano, não duma alma que vive em plenitude de sentimentos. Só, sem mais affectos que o amor proprio e a devoção da arte, que elle mesmo diz ser depois da santidade a unica coisa pura da terra, Huysmans cultiva as suas duvidas e as suas curiosidades e devassa-as como um bacteriologista analysa as suas culturas. Interesses do mundo, agitações e attritos da vida, tudo que é nossa fatal occupação na terra, no meio das quaes, á pressa e constringidamente é que debatemos os nossos problemas, tudo é ignorado de Huysmans. Como a estatua de Condillac seria uma machina de sensações, a alma de Huysmans é uma machina de pensamentos. Mandar ou não um artigo para uma revista, biographar esta ou aquella santa — são, além da sua ansie-

dade religiosa, os unicos cuidados que lhe perturbam o isolamento em Chartres. Não tem necessidade nem realidade a obra.

E' uma sequencia de dissertações didacticas de quem trouxe do realismo a probidade descriptiva, o amor da exactidão e do saber positivo, do impressionismo a arbitrariedade, bem manifesta nas paginas em que diz as impressões visuaes dum vitral mal illuminado, logo no inicio da obra, e do symbolismo o desejo de penetrar o intimo significado das coisas. E foi assim levado ao que elle mesmo chamou a demencia do symbolismo. Aceitando a definição de Hugo de S. Victor de que o symbolo é a representação allegorica e em forma sensivel dum principio christão, e aceitando que a basilica de Chartres representava as escripturas sagradas e a historia do genero humano por meio de symbolos, Durtal pensando em voz alta ou em conversas — que são verdadeiras conferencias —, num artigo ou num projecto d'elle, diz ao leitor a symbolica externa e interna do edificio gothico da cathedral, sem deixar tambem de discorrer amplamente sobre a arte ogival, suas origens e variedades, ás quaes oppunha nas suas preferencias a romanica. Segue-se a exposição da symbolica dos numeros, do thuribulo, das côres a proposito da *Coroação da Virgem* de Fra Angelico, dos legumes e das flores, dos sinos e da fauna. Neste fatigante tratado os poucos elementos de ficção só perturbam e são arremedos de quem quer volver em obra de imaginoso devaneio o que tende sempre a desprender-se d'elle.

Chateaubriand demonstrara que o christianismo tinha belleza e agora Huysmans queria apontar essa belleza como via que conduz á propria creança, como argumento apologetico.

Não sabemos se a Egreja unanimemente perfilhou esse novo elemento, que lhe proporcionava Huysmans, mas ha que reconhecer a sinceridade da conversão do escriptor, morto em plena graça e que a variante nova trazida ao thema da cathedral, teve uma repercussão bem mais profunda e espiritual que as anteriores interpretações.

Foi a via artistica que o conduziu a Deus, porque a belleza verdadeira tinha sello divino e a fealdade era manifestação diabolica. Em Lourdes, as monstruosidades estheticas, de esculptura e architectura, que horrorisavam o seu sensivel temperamento, eram no juízo de Huysmans signal certo do que o demonio assentara arraias em frente do santuario.

Chegando tambem ao catholicismo pela via de reaes soffrimentos, Paul Verlaine encontrou novos e mais amplos horizontes para a sua sensibilidade, agora penetrada de ansiedades mysticas e doçuras dum S. Francisco de Assis, de que a collectanea *Sagesse* é o momento mais representativo. Nella figura o seguinte soneto:

Non. Il fut gallicain, ce siècle, et janséniste!
C'est vers le Moyen Age énorme et délicat,
Qu'il faudrait que mon coeur en panne naviguât,
Loin de nos jours d'esprit charnel et de chair triste.

Roi, politicien, moine, artisan, chimiste,
Architecte, soldat, médecin, avocat,
Quel temps! Oui, que mon coeur naufragé rembarquât
Pour toute cette force ardente, souple, artiste!

Et là que j'eusse part — quelconque, chez les rois
Ou bien ailleurs, n'importe,—à la chose vitale,
Et que je fusse un saint, actes bons, pensers droits,

Haute théologie et solide morale,
Guidé par la folie unique de la Croix
Sur tes ailes de pierre, ô folle Cathédrale!

Fóra dos generos de ficção, não deveremos esquecer as paginas magnificas de H. Taine em *Voyages en Italie*, sobre a Cathedral de Strasburgo, que têm o interesse especial de se referirem ao templo, que serviu de base á rehabilitação esthetica do gothico e ao inicio dos estudos de historia desse estylo, de partirem dum impenitente materialista e de exemplificarem a sua concepção de arte como expressão do ideal:

«J'avais revu Strasbourg quelques mois auparavant, et j'avais passé un après-midi seul dans son énorme vaisseau noyé d'ombre. Un jour étrange, une sorte de pourpre ténébreuse et mouvante, mourait dans la noirceur insondable. Au fond, le choeur et l'abside avec leur cercle massif de colonnes rondes, la forte église primitive et demi-romane, disparaissaient dans la nuit, tige antique enfoncée dans la terre, tige épaisse et indestructible autour de laquelle était venue s'épanouir et fleurir toute la végétation gothique. Point de chaises dans la grande nef, à peine cinq au six fidèles à

genoux ou errant comme des ombres. Le misérable ménage, la friperie du culte ordinaire, l'agitation des insectes humains, ne venaient point troubler la sainteté de la solitude. Le large espace entre les piliers s'étalait noir sous la voûte peuplée de clartés douteuses et de ténèbres presque palpables. Au-dessus du choeur tout noir, une seule fenêtre lumineuse se détachait, pleine de figures rayonnantes, comme une percée sur le paradis.

Le choeur était rempli de prêtres, mais, de l'entrée, on n'en distinguait rien, tant l'ombre était épaisse et la distance grande. Point d'ornements visibles ni de petites idoles. Seuls dans l'obscurité, parmi les grandes formes qu'on devinait, deux chandeliers, avec leurs flambeaux allumés, luisaient aux deux coins de l'autel, pareils à des âmes tremblantes. Des chants montaient et redescendaient à intervalles égaux comme des encensoirs qui se balaurent. Parfois les voix claires et lointaines des enfants de choeur faisaient penser à une mélodie de petits anges, et, de temps en temps, une ample modulation d'orgue couvrait tous les bruits, de sa majestueuse harmonie.

On avance, et les idées chrétiennes envahissent l'esprit, par un jet nouveau, à mesure qu'un nouvel aspect s'ouvre. Arrivé à l'abside, lorsque dans la crypte déserte et froide on a vu le grand archevêque de pierre, un livre à la main, couché pour l'éternité, comme un pharaon sur son sépulchre, et qu'au sortir de la voûte mortuaire on se retourne, la rosace occidentale éclate au-dessus de l'énorme obscurité des premiers arceaux, dans sa bordure noire et bleue, avec ses broderies d'incarnat violacé, avec ses innom-

brables pétales d'améthyste et d'émeraude, avec la douloureuse et ardente splendeur de ses pierreries mystiques, avec les scintillements entrecroisés de sa sanglante magnificence. C'est là le ciel entrevu le soir, en rêve, par une âme qui aime et qui souffre. Au-dessous, comme une muette forêt septentrionale, les piliers allongent leurs files colossales. La profondeur des ombres et la violente opposition des jours rayonnants sont une image de la vie chrétienne plongée dans ce triste monde avec des échappées sur l'autre. Cependant, des deux côtés, à perte de vue, sur les vitraux, les processions violettes et rougeâtres, toute l'histoire sacrée scintille en révélations appropriées à la pauvre nature humaine.

Comme ces barbares du moyen âge ont senti le contraste des jours et des ombres! Que de Rembrandts il y a eu parmi les maçons qui ont préparé ces ondoiemens mystérieux des ténèbres et des leurs! Comme il est vrai de dire que l'art n'est qu'expression, qu'il s'agit avant tout d'avoir une âme, qu'un temple n'est pas un amas de pierres ou une combinaison de formes, mais d'abord et uniquement une religion qui parle! Cette cathédrale parlait tout entière aux yeux, dès le premier regard, au premier venu, à un pauvre bûcheron des Vosges ou de la Forêt-Noire, demi-brute engourdie et machinale, dont nul raisonnement n'eût pu percer la lourde enveloppe, mais que sa misérable vie au milieu des neiges, sa solitude dans sa chaumine, ses rêves sous les sapins battus par la bise, avaient remplis de sensations et d'instincts, que chaque forme et chaque couleur réveillaient ici. Le

symbole donne tout du premier coup et fait tout sentir; il va droit au cœur par les yeux sans avoir besoin de traverser la raison raisonnante. Un homme n'a pas besoin de culture pour être touché de cette énorme allée, avec ses piliers graves régulièrement rangés, qui ne se lassent pas de porter cette sublime voûte; il lui suffit d'avoir erré dans les mois d'hiver sous les futaies mornes des montagnes. Il y a un monde ici, un abrégé du grand monde tel que le christianisme le conçoit: ramper, tâtonner des deux mains contre des parois humides dans cette vie ténébreuse, parmi les vacillements de clartés incertaines, parmi les bourdonnements et chuchotements aigres de la fourmilière humaine et, pour consolation, apercevoir çà et là, dans les sommets, des figures rayonnantes, le manteau d'azur, les yeux divins d'une Vierge et d'un petit enfant, le bon Christ tendant ses mains bienfaisantes, pendant qu'un concert de hautes notes argentines et d'acclamations triomphantes emporte l'âme dans ses enroulements et dans ses accords.»

B — EM HESPANHA

O thema da cathedral tem na Hespanha litteraria da epocha realista tal frequencia que quasi se poderia tomar como caracteristico della. A presença permanente em cidades, villas e até aldeias sertanejas de templos magestosos, sob cuja égide os homens mourejam confiados, é uma suggestão repetida para o engenho litterario.

Galdós, na longa série dos seus *Episodios Nacionales*,

não deixou de aproveitar alguns recursos decorativos em *Zaragoza*, de 1874. A lucta épica, até ao desespero, entre franceses e hespanhoes, decorre em parte consideravel á volta de igrejas e conventos derruidos, nas suas naves descobertas ou nos seus meandros escuros, em que a posse do sólo patrio é disputada palmo a palmo com um heroismo de demencia. É tambem nas ruinas do Mosteiro de Santa Engracia, recém-destruido, que os protagonistas pernoitam, após a chegada, e ouvem a narrativa dramatica do primeiro cêrco de Saragoça, feita aos empuxões pelo mendigo *Sursum-corda*, infeliz mutilado a quem a magia daquella epopêa tambem tocára. E é com a tomada da Igreja e Convento de S. Francisco, que fenece a narrativa intensa, duma extrema movimentação.

Perez Galdós não procedeu a investigações especiaes para fundamentar as suas narrativas historicas, adoptou as reconstituições já feitas pelos profissionaes volvendo-as em materia de arte e de vulgarisação com soberba mestria. Precisamente das fontes deste episodio *Zaragoza* fez um criterioso estudo M. Marcel Bataillon (1), que mostrou que as suas fontes são as obras do Conde de Toreno e de Agostinho Alcaide Ibieca, aproveitadas com habil probidade. O scenario dos templos figura pois em *Zaragoza* por escrupulo de fidelidade historica.

Numa das suas obras de assumpto contemporaneo,

(1) V. *Les sources historiques de «Zaragoza»*, no *Bulletin Hispanique*, vol. 23.º, 1921, Bordeus, pags. 129-141.

a serie de *Episodios Nacionales*, em *Doña Perfecta*, de 1876, Galdós deixou passar a sua paixão anti-clerical, que foi na sua vida e na sua carreira litteraria uma obsessão e tambem um signal typico dos tempos.

Neste romance trava-se como que um duello de exterminio entre a velha e a nova Hespanha: o velho mundo, misoneista e cego a todas as reivindicações da intelligencia e da justiça, assim do campo espiritual como social, é personificado em D. Innocencio, conego penitenciario da Cathedral de Orbajosa; o novo mundo, prenhe de altas aspirações, orientadas pela razão emancipada, é representado por Pepe Rey, engenheiro, como Maximo na *Electra*. Sobre toda a cidade de Orbajosa projecta a Cathedral a sua sombra terrifica e immobilisadora; não se envolve na acção, não proporciona episodios, nem scenarios, mas está sempre nos espiritos das personagens presente como symbolo do passado e da estagnada vida de provincia que a todos cumpre defender ardorosamente, e vive sempre no espirito de Galdós e no de Pepe Rey, seu desdobramento, como symbolo do obscurantismo, que lhe cumpria combater sem treguas, como a grande inimiga — só toleravel, depois de morta a sua alma e a sua razão de existir, a fê, como pretexto de snobismos e tenues curiosidades archeologicas. E' este sentido negativista que mais envelhece hoje a sua obra. (1)

(1) E' um signal disso o parecer expresso pelo sr. A. Espina na *Revista do Occidente*, n.º 1, pags. 114-117: «Galdós en literatura fué lo que Letamendi en biología, Sagasta en política y Pradilla en pintura. Uma «enorme medianía», como dijo Clarin de Cánovas del Castillo».

José Maria Pereda, o nobre artista cujas obras sinceras e probas formam pelo seu tom grave tão flagrante contraste com certa ironia desdenhosa de alguns modernos auctores hespanhoes, que da arte litteraria fazem um frivolo brinco, Pereda, mestre do realismo moderado, em *Pedro Sánchez*, de 1883, um dos seus romances mais bellos, mostra o influxo do sentimento religioso, da comunicação com Deus, nas horas solennes da vida, nas encruzilhadas confusas em que ha que optar por uma decisão, que só um instincto occulto diz ser o melhor.

Pedro Sánchez, na sua primeira excursão a Santandér, a cidade mais proxima do seu villorio montanhês, é levado por seu pae á cathedral, onde ora com tão recolhida devoção que pela existencia fóra sempre esses momentos de intensa e mysteriosa vida interior lhe recordarão com saudade e com alentos promettedores para arrostar as adversidades que sobre elle o destino arremessa com mão profusa. Elle mesmo conta, a grande distancia de annos, que essa funda impressão não a lograram apagar as peripecias mais culminantes da sua existencia, e sempre nas agruras da sorte a sua fé o consolava. Ferido na honra do seu lar, confia-se á Providencia que não abandona sequer as aves do ar; a esposa infiel morre, e Pedro dá graças a Deus que quebrou as cadeias da sua escravidão e lhe permite realizar a antiga aspiração de se unir a Carmen; esta segunda união é fecunda, e Pedro vê nisso um beneficio celeste, como o que tornára esteril a primeira; morre a segunda esposa, morre o filho, e o infeliz pensa que é Deus que quer sujeitar a uma prova suprema a sua resi-

gnação. Com *El sabor de la tierra*, de 1877, e *Peñas arriba*, de 1894, o *Pedro Sánchez* constitue um triplice requisitorio contra a vida mephitica das cidades, que aniquillam as energias e adulteram o character, e um consequente elogio dos campos, scenario natural para a actividade sã dos homens.

Entre *Pedro Sánchez*, de Pereda, e *Numa Roumestan*, de Daudet, ha similhaças que devem attribuir-se mais á identidade do assumpto, em Hespanha como em França, com intrinseca e monotona logica propria, do que a influencias. Como o pobre tamborileiro, que na Provença tranquillamente gozava suas artisticas glorias locais e que confiando demasiado nas fagueiras promessas dum politico ligeiro, se lança no inferno de Paris, desorganizando a sua existencia, assim Pedro Sánchez vem para Madrid, illudido pelos faceis compromissos dum politico habituado á mentira e á affirmação segura como processo. Ambos os auctores mostram professar sentimentos de apreço muito attenuado pela carreira politica, que se lhes não affigura elevada como methodo nem como finalidade. Ambos mostram o perigo de se crer docilmente o que se deseja, sem aquella prudente duvida, que na investigação scientifica ou na lucta pela vida é uma util disposição moral. Só Pedro Sánchez, cuja mentalidade é muito diversa da do pobre tamborileiro e muito superior, através das suas ambições e das suas illusões revolucionarias, defende com extremo denodo o fogo sagrado da sua bondade christianissima, rijamente batido pelos ventos da desgraça. Não esqueceu jamais aquelle momento recolhido da cathedral

de Santandér, em que sentiu Deus no seu coração e na sua consciencia.

O severo critico e excellente romancista Leopoldo Alas legou-nos um romance que na historia litteraria do reino vizinho é frequente apontar-se como typo perfeito do romance naturalista, *La Regenta*, 1884-1885, que desempenha alli um papel analogo ao do *Crime do Padre Amaro*, de 1875, na nossa evolução litteraria, e que é uma brilhante exemplificação de processos de escola. (1)

A acção passa-se em Oviedo, que o auctor chrisma em *Vetusta*, e decorre effectivamente com toda a prolixidade, minucia analytica e descriptiva, que a theoria do naturalismo recommendava. Alas compôs o seu romance com a tranquilla paciencia, a pretensa impassibilidade e o amor da exactidão dum homem de sciencia em seu laboratorio, que observa e experimenta sem saber aonde o conduzirão seus estudos.

Era o tempo em que Zola fazia crer que era possivel praticar experimentalismo psychologico no laboratorio das

(1) Estava escripto este passo, quando lemos pensamento analogo no substancioso estudo sobre Leopoldo Alas, produzido pelo sr. Prof. Pedro Sainz y Rodriguez no seu *Discurso lido en la solemne apertura del curso academico de 1921-1922*, na Universidade de Oviedo, Madrid, 1921, 94 pags.: «*La Vetusta*, de Clarín, pertence como *Orbajosa*, como *Ficóbriga*, a esse mappa espirital de España que aparece en la novela del siglo XIX, de tendencia anti-clerical, representada en Portugal por Eça de Queiroz (recuérdese *O Crime do Padre Amaro*), cuya relación con nuestra novela no ha sido estudiada todavia.» (Pag. 73) — Como se sabe, Leopoldo Alas foi professor em Oviedo, num periodo aureo da sua universidade,

paginas dum romance, subjectivo producto da inspiração dum homem como a mais alada poesia. *La Regenta* é um producto dessa escola e provem simultaneamente do realismo exigente de Flaubert, da sua enthronisação do adulterio como thema litterario e do physiologismo de Zola.

Partindo do ambiente para a intriga e para as personagens, da peripheria para o centro, do geral para o particular, Alas descreve toda a cidade de Oviedo, como certo sacerdote, personagem essencial, a vê do alto da torre da Cathedral; pinta o viver de intrigas e o mecanico exercicio ritual dos conegos, os varios grupos sociaes, salientando-se a magistral descripção das gentes do casino, em que revive o pincel caricatural e flagrante do nosso Tolentino. Depois penetra nos lares, nos quartos, nos leitos, com toda a indiscreta intimidade do realismo, adivinhando dolencias physiologicas, seguindo os mysterios da puberdade em marcha, os instinctos cegos e obscuros, mostrando mulheres que se miram nuas ao espelho, entregues a um narcisismo tôrpe. Segue passo a passo, de meditação em meditação, de projecto a projecto, as manobras astuciosas dum fatal D. João provinciano através duma emmaranhada rede de episodios laboriosos que nos conduzem a um amor culposo. Um padre abusa do confessorio, pondo o exercicio da sua influencia ao serviço da sua lascivia; as bellezas architectonicas da cathedral servem de pretexto para crear um typo risivel de archeologo tonto, D. Saturnino Bermudez, guia certo de quantos visitavam o templo; as opulencias do thesouro e do guarda-roupa da Virgem ministram ensejo de estadear formas de

crença, estultas e servis, mais proximas do paganismo sensual; e o scenario magestoso das naves e o convivio dos conegos no côro e na sacristia apenas proporcionam encontros banaes e delictuosos, e commentarios de concubilhice inferior.

Tal é o papel subalterno da cathedral de Oviedo no vasto conjuncto da *Regenta*, apesar de não ser pequeno o lugar occupado. A cathedral alli só é — como em Zola — um inerte monumento do passado, vestigio duma crença morta, pretexto para o automatismo liturgico dos conegos e estímulo á morbidez, ao desarranjo dos nervos e dos sentidos, que conduzem aos delictos da carne. É que o romance de Alas, a respeito da architectura religiosa, inspirava-se daquelle sentimento rudimentar de curiosidade indifferente, em que ha muito de nata incompreensão.

Cerca de vinte annos depois, Vicente Blasco Ibañez retomava o thema da cathedral com maior amplitude, por suggestão remota de Zola quanto ao processo e proxima, de Huysmans, quanto ao assumpto. O romancista alçava-se a esse nobre motivo numa phase já adiantada da sua carreira litteraria, que abrija com o regionalismo valenciano.

Seja coincidencia de temperamentos artisticos, seja intima influencia de Victor Hugo e Zola — seus mestres predilectos — Ibañez em suas obras pratica até os defeitos delles, a amplificação desmesurada, o animismo de tendencias symbolicas, a romantica aspiração de philantropias e melhoramentos sociaes, a mesma visão invertida dos problemas do pauperismo e do trabalho, á luz dum prophetismo enganoso. Estes defeitos libertaram algumas vezes

a Zola da tyrannia dos canones do naturalismo — por elle mesmo codificados e defendidos — e são hoje a razão e a base dos seus créditos litterarios. Tambem em Blasco Ibañez essas escapadas do naturalismo são inspiradoras das suas melhores paginas sem o que seria um Zola de segunda mão, monotono e improgressivo.

La Catedral, de 1903, tem por figura central o propagandista do anarchismo Gabriel de Luna, duma longa e gloriosa dynastia de Lunas, que através dos seculos haviam servido com devoção entranhada, pela espada, pelo pastoreio ecclesiastico ou só pela prestação de serviços humildes. Era nesta phase de decadencia que os Lunas se encontravam ao vir ao mundo Gabriel, filho do jardineiro da cathedral de Toledo. Ainda mostravam com orgulho no templo a capella dos Lunas, onde dormiam o eterno somno alguns illustres antepassados. Agora parecia que seria Gabriel quem restituiria á familia o antigo e brilhante dominio. Destinado ao sacerdocio, entra no seminario, onde surprehende os mestres pela viveza da sua intelligencia, pela rapidez da sua aprendizagem, pelo ardor da sua fé. E tão impetuosa esta era na sua febre combativa que, ao irromper de novo o carlismo, com motivo da anarchia republicana, Gabriel abandona as aulas e parte para a Catalunha a bater-se pelo altar e pelo throno. Feita a paz, havendo experimentado os encantos da liberdade, Gabriel permanece no exilio, em França; em breve tralada-se a Paris onde lhe são uteis na lucta pela vida os solidos conhecimentos humanisticos, que no seminario adquirira. Pouco a pouco pelo convivio dos estudantes e

pela leitura dos philosophos materialistas, philantropos e propagandistas do socialismo, a sua forte crença abala-se, resiste um momento e rue por fim, para ceder o lugar á convicção democratica, ao anarchismo subversivo, ainda inspirados do mesmo poderoso impulso de proselytismo. Com o mesmo ardor crê que só pelo esforço dos operarios reinarão proximamente a justiça, a igualdade e o bem-estar entre os homens, bruscamente perfeitos, isentos de malquerenças, todos fraternizando em amplexos lacriméjantes... Dá-se á propaganda nos meios operarios, junto dos quaes alcança grande influencia, mercê do seu saber e da sua natural eloquencia — antigo motivo de admiração dos mestres de Toledo. Mas essa gloria é acompanhada de duras provas, porque a policia o persegue e vigia inexoravel. E por ocasião duns attentados dynamitistas, é preso e soterrado por longos meses num carcere lôbrego, onde o sovam brutalmente e martyrisam com requintes de maldade, até que expulso por ser classificado entre os *theoricos* menos nocivos, vaga pela Europa, accossado por todas as policias, de mão dada a uma desgraçada inglesa, cuja misera fealdade elle poetisa e ama, companheira terna de exilios, perseguições, esconderijos e fomes. Em Italia ella acaba seu penar, e elle, com o corpo arruinado, a alma amargurada, as energias devastadas pela lucta improba e esteril contra a maldade do mundo burguês e a ignara imbecilidade das turbas, que queria regenerar, aspira a um refugio tranquillo nalgum recanto onde possa livremente tossir, tossir e acabar, fóra do olho vigilante da policia. Procurando em torno de si, revendo

tantos escaninhos do mundo, que conhecia, só um lhe occorre, a secular cathedral, onde os Lunas continuam a crêr e a servir com ininterrupta fidelidade. Põe-se a caminho para pedir agasalho ao irmão Estevam, que era sachristão e morava com a familia num pavimento superior do templo, nas Clavarias, residencia dos serventuarios e e dependentes da basilica.

É neste ponto que começa a acção.

Gabriel, acolhido com generosa e affavel amizade pelo irmão que se não poupa a esforços para cuidar da sua alquebrada saude, a principio guarda discreto silencio sobre as suas idéas. Mas em breve o antigo ardor do propagandista accorda; e perante os tranquillos habitantes das Clavarias, o sineiro, o sapateiro e mais empregados menores, Gabriel expõe com vibrante entusiasmo o contraste da miseria delles com a opulencia dos bafejados pela fortuna e pelo poder, desperta-lhes o appetite voraz, a ambição interesseira e o rancoroso despeito que dormiam esquecidos no fundo das suas almas rudes. Quando cahe no erro commettido é tarde; affasta-se do seu pequeno publico de discipulos, procura trabalhar para auxiliar o irmão que o mantem, presta-se a passear numa procissão a Sagrada Eucharistia como conductor do seu carro pelas ruas de Toledo, e a guardar á noite o templo. Mas a semente damninha estava lançada e lavrava, depressa seria frondente arvore do mal, bracejante e poderosa.

Uma noite que sósinho — o outro guarda morrêra — vigiava as naves do templo, onde a Virgem do Sacratio, em data festiva, ostentava os seus riquissimos adereços,

irrompem pela cathedral mal illuminada, três dos seus mais audaciosos discipulos e desafiam-no para roubar as joias, fugir e de vez pôr termo áquella existencia de penuria cruel, que elle ensinára a execrar. Oppõe-se, procura dar o signal d'alarme, mas um dos assaltantes, pensando nos esfarrapados filhos a ponto de entrarem no gremio dos felizes da terra, aggride-o com os pesados chavões, e Gabriel, anarchista vigiado pela policia, é morto no seu posto de guarda dos thesouros da Cathedral de Toledo, em cuja construcção, conservação e engrandecimento haviam cooperado os seus antepassados.

Poucas obras ostenta a moderna litteratura de processo realista e intenção social mais contradictorias do que esta, acêrvo de illogismos, de cruezas e ingenuidades.

Blasco Ibañez quiz fazer uma apologia da mentalidade do anarchista, de que A. Hamon com pretensio methodo scientifico déra um ensaio de reconstituição, mas pode haver mais flagrante condemnação duma doutrina, dos meios que a servem e dos homens que a propagandeiam e a vivem do que as consequencias criminosas a que conduz? Propagandeada no vasto campo europeu, em officinas, nas grandes cidades industriaes, a doutrina de Gabriel só fizéra victimas, arrastando os seus sequazes e alguns innocentes á morte. á ruina e aos mais cruciantes soffrimentos. Defendida no restricto e tranquillo ambiente dos claustros de Toledo, no seio mesmo do que fôra o mais solido bastião do velho mundo, dá-lhe a morte a elle Gabriel e leva á degradação moral e ao crime os seus cathe-

cumenos. Dir-se-hia que o romance sahira da penna dum adversario do anarchismo.

Não se pense que Blasco Ibañez quizesse fazer uma demonstração semelhante á de Bourget no seu *Disciple*, quando discute o grave problema da efficacidade social de certas idéas apresentadas no tranquillo retiro da pura especulação, que outros volvem em activo corpo de doutrina a gerir actos responsaveis. Tambem o romancista decerto não quiz mostrar o poder de absorpção da Igreja Catholica, reconduzindo ao seu gremio os transviados, ao ponto de fazer morrer por ella um seu adversario. Não, Ibañez quiz idealisar o anarchista como um producto sentimental da civilisação contemporanea, especie de apostolo, como os do primitivo christianismo, moralmente perfeito e como elles morrendo em santo martyrio por sua fé. Mas Gabriel não morre pela sua fé, morre por causa della, assassinado pelos seus adeptos.

Ao inventar esse estranho figurino litterario, ao recortar tão artificiosa personagem deu-lhe tudo que podia engrandecê-la aos seus olhos apaixonados de auctor: a bondade, o desinteresse, a rectidão moral, a illuminada fé que os desastres não desalentam, o talento e a sciencia. Ao improvisar-lhe um character e uma mentalidade, insufflou-lhe, volvidas em sentimentos e convicções militantes, todas as ridiculas utopias dos livros dos poetas do anarchismo. O trabalho é para elle uma dura lei do universo, cujo conjuncto a sua mente abraça com a astronomia barata de Flammarion, voz callida, gesto largo, apontando do alto da cathedral as estrellas e os planetas, rolando no

seu infatigavel fadario de trabalhar. Conversando com um cadete, neto do cardeal arcebispo de Toledo, expõe-lhe o seu anti-militarismo e conduz o espirito do incipiente militar como Socrates faria com sua pedagogia maieutica, levando-o a identica convicção. A todos os dominios leva Gabriel o seu racionalismo scientifico, com o qual quer demolir quanto é obra do passado para em seu lugar erger nova construcção, especie de synthese das sciencias da natureza, quadro semelhante ao que os comtistas chamam com grande sufficiencia a «philosophia definitiva» — que elle imprégna dum vibrante sentimento de sympathia, de aspirações ideaes de perfectibilidade, de prophetismo optimista. Onde o artificio audacioso attinge proporções de ridiculo, é na philosophia do amor—do amor que Gabriel chama «affinidade electiva» como aquelle grande poeta de Weimar que não percebeu a paixão de Bettina—philosophia que leva o pobre Gabriel a apaixonar-se pela sobrinha Sacratio. A formosa rapariga, educada no recato do templo, tambem se deixou morder da paixão impura e cega, e fugiu com um cadete da Academia Militar. Abandonada, vaga por bordeis, descendo ás maiores miserias; e quando Gabriel consegue reconduzi-la ao antigo lar, ella é uma horrivel syphilitada, com feridas, quasi calva, os ossos a desconjunctarem-se. E' essa syphilis, que a roe, a causa do amor de Gabriel:

«Amo-te pela tua desgraça. Talvez, se te visse joven e formosa, como em outros tempos te contemplei, não tivesse sentido a mais leve attracção. A formosura é uma barreira para o sentimento». E mais extravagancias fóra da razão e da natureza.

Gabriel tem ácerca de tudo suas idéas. Sobre a historia peninsular expõe uma philosophia a D. Antolin, muito no gosto das syntheses que entre nós divulgaram Anthero de Quental e Oliveira Martins; sobre o character nacional hespanhol, apresenta tambem suas vistas psychologicas, em que a tristeza algente é a peça mestra e o catholicismo o seu factor principal. E o anti-clericalismo de Blasco Ibañez é de tal impulso que até faz do cardeal arcebispo D. Sebastião um correligionario, que expõe suas opiniões petroleiras a uma velha jardineira da cathedral, antiga socia de folguedos infantis. Este cardeal morre em meio do jactancioso triumpho com que se pavoneava perante o cabido após uma renhida questão de hyssope, como diria o nosso Antonio Diniz.

Tanto Gabriel, como D. Sebastião, como Sacratio, como Estevam, como todas as personagens accessorias carecem de vida propria; são machinações audaciosas do escriptor, só preocupado em encenar o seu conjuncto — cuja intenção primacial não se percebe bem. O anarchismo matou e passou, mas a Cathedral permaneceu! Que concluir?

A preocupação didactica de Zola e Huysmans, que ostentaram muito saber nas paginas de obras de imaginação, tambem attingiu Blasco Ibañez — com o que se apaga a naturalidade dos dialogos. Quando fallam das realidades da vida, os seus figurantes são artificiosos. Recorde-se a scena inhumana, em que Gabriel busca convencer Estevam a acceitar de novo a filha perdida.

Este episodio, em vez de ser o confronto de dois ca-

racteres vivos, é a contraposição de duas moraes, a de Estevam, tradicional, catholica, e a de Gabriel, laica. O primeiro sacrifica á velha noção castelhana da honra, que encheu o theatrô do seculo XVII :

— «Não me convencerás ; não quero ouvir-te. Essa mulher não voltará aqui. Não me abandonou ? Pois que siga o seu caminho». Este dictamen, em que pese ao auctor, não era da boa moral catholica, porque foi esta que no mundo primeiro ensinou a regenerar as almas perdidas, sem precisar de invocar taes casos, como o de Sarrario, de cega obediencia «aos impulsos desse instincto que todos os seres bem organizados conduzem em si : o instincto da conservação da especie, que a poesia embelleza chamando-lhe amor».

Estas mesmas personagens quando tratam de materias mais elevadas discursam como sabios em academias, com logica sequencia e com conhecimento das ultimas acquisições da erudição. Pela bocca delles, Ibañez vae-nos propinando muita sciencia : o templo é-nos descripto no momento em que Gabriel, recém-chegado a Toledo, o admira na meia luz matinal ; a dynastia dos Lunas, amigos fieis da religião e da cathedral, vive na memoria do inculto Estevam ; a longa ementa dos bispos e seus feitos têm-la nas meditações de Gabriel seminarista, bem como a complicada historia da construcção do templo até aos seus desvãos intrincados nos altos, onde moravam aves agoirentas ; D. Antolin falla-nos dos velhos redditos da cathedral, out'ora opulenta, agora reduzida a uma magra dotação ; o elemento grotesco e obsceno da decoraçào da

basilica é-nos revelado pela curiosidade gaiata do Tataro, que mostra esses pormenores picantes a seu tio Gabriel; e D. Luiz, mestre de capella, pobre artista incompreendido, discreteia com calor e proficiencia de musica religiosa, sua historia e sua cooperação no culto. Este sacerdote ama a sua arte com tal fervor que faz de Beethoven o seu verdadeiro Deus!

E todavia, com tal illogismo na acção, taes extravagancias na composição e tão arripiante falsidade nas personagens, o romance de Blasco Ibañez attrahe porque o seu conjuncto palpita daquelle poder descriptivo e daquelle sopro épico, que seriam o desespero de Zola e foram a sua gloria.

A unica personagem real, activa e imponente na sua mudez, é a mole immensa da Cathedral, symbolo da Fé, que nem os anarchistas summamente bons, justos e sabios como o de Ibañez, logram aluir e que persiste immorredouramente por virtude daquelle força cega da fatalidade que dobrou as personagens do romancista aos seus desígnios mysteriosos.

De 1894 a 1902, Blasco Ibañez fez novella regionalista, representando a vida valenciana, como elle disse numa carta a D. Julio Cejador, «na capital, na horta, no mar, nos arrozaes e nos laranjaes», e depois, remontando no tempo, commemorou o feito historico mais famoso da sua terra natal, o cerco e a destruição do Sagunto. Correspondem a essa phase *Arroz y Tartana*, *Flor de Mayo*, *La Barraca*, *Entre Naranjos*, *Sonnica la Cortesana* e *Cañas y Barro*. A penultima é uma resurreição archeo-

logica, mixto dos processos do Flaubert da *Salambô* e do Sienkiewicz do *Quo Vadis*. De 1902 a 1905 exercita a novella social, de these e apologia anarchista, periodo a que pertencem *La Catedral*, *El Intruso*, *La Bodega* e *La Horda*. *La Maja Desnuda*, de 1906, é com entrecho novellesco uma obra de critica de arte, filha dos mesmos sentimentos que dictaram *En el paiz del arte*. A vida da America — onde o romancista passou alguns annos de agitada existencia de colonizador e agricultor — inspirou-lhe um cyclo de novellas, de que apenas escreveu a primeira, *Argonautas*, porque a grande guerra, sobrevindo, attraheu as atenções dum auctor, sempre tão avido de actualidade, de bulcio, de vida para o exterior. A duas novellas sobre a guerra, *Los cuatro jinetes del Apocalipsis* e *Mare Nostrum*, deveu exitos retumbantes. Nellas ampliou consideravelmente o scenario da sua acção, mas nada innovou nos seus processos, sempre victorhuguescos e zolaicos. Agora as personagens já se não agitam no limitado ambiente duma cidade de provincia, Valencia, Bilbao ou Toledo, saltam de nação em nação, de mar em mar com uma ubiquidade incansavel, como os antigos Palmeirins correndo de Paris a Constantinopla numa louca cavalgada em perseguição dum gigante. Inspiradas nos sentimentos dominante, passivas traducções do que se chama a «opinião publica», essas obras são defeituosas e attrahentes, têm no seu complexo certa capacidade suggestiva e emocional, na turbulencia anonyma das personagens, na descripção pictorica, na ansiedade de movimento, na febre de cosmopolitismo que traduzem.

Em *Mare Nostrum* ha um pouco de archeologia christã nas paginas iniciaes, quando descreve a infancia de Ulysses Ferragut, o protagonista, cuja alma se impressionara amorosamente com a evocação de D. Constança, imperatriz da Grecia, sepultada em modesto sarcophago na pequena Igreja de S. João do Hospital.

Sem archeologia, nem erudição, só num episodio leve, quasi anedoctico, encontramos de novo a cathedral de Barcelona num capitulo de *Recorts y Fantasies*, de 1906, do auctor catalão Apeles Mestres. Auctorizados a trabalhar no templo, sós e encerrados, o celebre pintor Fortuny e seu discipulo Tapiró, como fizesse um calor canicular mesmo sob a nave, puzeram-se não sem alguma vacillação em mangas de camisa. Mas o calor causticava-os implacavelmente e elles, sacaram de garrafas de fresca gazosa. Ao estampido das rolhas acode o sachristão indignado, que os expulsava e gritava que daria parte da escandalosa scena. Fortuny perturba-se vexado e não acerta com uma explicação azada, mas Tapiró, senhor de si, acode com um golpe de audacia.

«—Mas será possivel que um sachristão da Cathedral de Barcelona seja tão profano em coisas d'arte que ignore estas coisas? Você não sabe que há pintura a oleo, pintura a aguarella, pintura a *gouache* e pintura a *gazosa*?... Este é o processo mais moderno, o que produz mais frescôr de colorido... e é o que nós usamos. E se não veja». E o estratagema surtiu effeito porque o sachristão não convencido, mas vencido, suspendeu o mandado de despejo,

Numa encantadora novella, *Doña Martirio*, de 1907, Mauricio López Roberts narra ainda uma vez um caso, velho nas litteraturas peninsulares, de calculada seducção duma donzellinha recatada, que provando o peccado logo se torna em amante ardente de volupia, e que depois, grávida e abandonada, se suicida para fugir á execração da publica hypocrisia. D. Martyrio, mãe de seu seductor Manolo, é uma velha beata, egoista, secca de sensibilidade, que reduz a religião á liturgia externa, ao culto e á administração avara da Igreja, rancorosa por suas praticas devotas, uma bemfeitora de mal, de physionomia dantesca. A acção tem por quadro a velha Toledo, em cujo meio clerical é D. Martirio pessoa de incontestada influencia, que tem até um cargo importante no culto da Virgem do Sacrario.

O influxo da cathedral sente-se sempre presente na novella, mas realça-se em dois momentos principaes. A pobre victima de Manolo exalta-se em fervores mysticos ao contemplar em recolhimento o immenso templo, a floresta das suas pilastras altissimas, mergulhadas na mysteriosa penumbra; um oceano de sentimentos profundos e incomprehendidos marulhava dentro della, como á espera de vento que os revolvesse, melhor diriamos que uma turba de ineffaveis instinctos sem governo de consciencia, sem armação de personalidade, se occultava sob essa forma devoto-amorosa até que a cynica seducção por Manolo traduziu isso tudo em mundano e em vulgar. E quando este parte para Madrid, já refeito da doença em que Leonarda fôra sollicita enfermeira e já saciado de

amores gratuitos e sem compromisso, Leonarda exige que elle jure não a esquecer e voltar, pela Virgem do Sacratio, a mão sobre as pedras sagradas. O tôrpe cynismo do D. Juan hesita, remexe-se nelle algum escrupulo d'outros tempos, mas refeito da primeira impressão, jura... e não volta.

Alfonso Maseras, catalão como Apeles Mestres, deu á cathedral de Toledo algumas paginas vehementes de impressionismo no seu romance em cartas *Edmon*, de 1908.

Edmon é um joven rico, viajado, doutor em philosophia e letras, que pelas tendencias moraes, pelo seu mal-estar, é da linhagem dos Werther, Adolpho, Pechorin, ou em vernaculo Carlos, de Garrett, e Guilherme do Amaral, de Camillo; é um romantico em pleno seculo xx, que tinha a palavra *inquietação* como a mais bella da linguagem, que considerava por mais feliz o homem que menos raciocinasse, julgava com sceptico pessimismo a civilização moderna e não cria no amôr carnal... até ao momento em que o cego Cupido o feriu com a sua magica setta. Um dia chegou a Barcelona uma familia de ricos chilenos, mãe viuva, um filho e uma filha formosissima, e vae vizinhar com Edmon, que logo se apaixona por Irene — é o nome da chilena vindiça. Servindo de cicerone, acompanha-os a visitar todas as bellezas da natureza e da arte de Barcelona, de Madrid, do Escurial, de Toledo. Mas a formosa chilena, victima dum D. Juan, de Sant'Iago, não se julga digna do amor vehemente de Edmon; regressa á America e Edmon, recomeçando as suas viagens inquietas, torturado pelo desespero, morre em Paris,

Na carta, que narra a visita a Toledo, ha sobre a cathedral umas paginas impressionistas, mas vibrantes, com uma visãõ de nobre sensibilidade esthetica, em que a imaginaçãõ de Edmon abarcando todo o conjuncto da extraordinaria belleza do templo se commove ante a fé dos que delinearãõ e mandãõ erguer a fabrica para satisfaçãõ della, e ante a pericia inegualavel dos que a construíãõ. Mas, já com menor perspicacia, Edmon vendo passar ante a sua evocaçãõ as civilisaçãões, os imperios e as geraçãões, não vê o contraste da persistencia da fé, alli symbolisada.

Na cathedral de Sant'Iago de Compostella situãõ algumas scenas dos seus romances dois auctores modernos, Rafael López de Haro, na *Floracion*, de 1909, e Alejandro Perez Lugin, em *La Casa de la Troya*, de 1915.

López de Haro estabelece um engenhoso contraste entre o pudor e o amor com habil subtileza, unica circumstancia que impede de taxar a sua obra de altamente immoral. O confronto das duas extremas situaçãões fá-lo o auctor exemplificando um caso de luxuriosa sensualidade até á degradaçãõ e de castidade suicida que entre os casados é causa de incomprehensões e desaccõrdos. As duas mulheres, que perfigurãõ as duas situaçãões, vê-as e apetece-as Luiz, a figura central, na cathedral em dia de missa maior, com grande solemnidade. Sob a impressãõ da musica do orgãõ, todo o seu ser vibra de sympathias e ternuras, acodem-lhe á memoria saudades generosas e enternecidas. Depois assiste ao funcçionamento do gigantesco «bota-fumeiro», prodigioso incensario que suspenso da abobada no cruzamento das naves, lança ondas de

fumo aromatisado sobre a multidão extasiada. É um vestigio liturgico do expediente, que outr'ora se usou para purificar a atmospheria do templo, viciada pela turba de peregrinos indigentes e esfarrapados, que de longe vinham acoitar-se ás suas naves.

Na *Casa de la Troya* — que tira o titulo do nome duma pensão de estudantes — Perez Lugin conta com minucia, que não exclue encanto, os amores castos duma provinciana com um escolar trefego e impressionavel, amôres palpitantes de lyrismo, só perturbados por esses obstaculos pequenos, que a realidade da vida e a inevitavel maldade humana oppõem ás almas que querem isolar-se em devaneios. São peripecias muito communs, calculos interesseiros de parentes e falsos amigos, que a imaginação dos namorados avulta, quando não passavam de bagatellas só locais. Mas Pérez Lugin, da Galliza, pôs na obra uma vibração sincera de lyrismo, a poesia intima do amor puro, honesto, tranquillo, que de si se contenta, sem a pompa expressiva e a violencia, tragica por vezes, da tradição e do gosto castelhanos. E o contraste, que esta novella estudantil forma pela sua sensibilidade gallega, que vale dizer portuguesa, com a emoção intensa e irrequieta do amor de sobresaltos, que se não detem ante o crime e o incesto, foi a causa do seu exito immenso. Foi uma vibração nova, de delicada ternura, para o publico hespanhol. Para nós seria uma tentativa de regresso a formas de sensibilidade muito abusadamente repetidas na nossa litteratura. E não deixa de surprehender que o auctor ponha na bocca de estudantes compostellanos, em tertulia

fraterna, palavras do mais admirativo enthusiasmo pelo nosso Eça de Queiroz, tão grande que os seus devotos lhe concedem foros de cidadão da Galliza :

— «Que sabes tu? Gallego e bem gallego ! Gallego pela sua virilidade, gallego por sua leitura, gallegas as suas personagens, gallega sua ironia, gallego seu amor á terra. E' o nosso grande romancista : a terceira pessoa da trindade gallaica : Rosalia, Curros y Eça de Queiroz ! Bebo á sua saude, á sua gloria que é nossa. Brindae comigo, gallegos ! » — E isto passa-se numa novella, cujo mundo de sentimentos é em grande parte do gosto que Eça combatera, pois *La Casa de la Troya*, em meio das formosuras da paisagem gallega, ridente e cantante, só nos falla do « rumor das saias de Elvira », unico rumor do mundo que Gerardo escutava. É pois sob côr de regionalismo uma rehabilitação do « namoro » — de tradições entre nós que não são para accordar.

A cathedral, na magnificencia da sua missa maior, com a typica curiosidade do seu «bota-fumeiro», é um dos lugares visitados por Gerardo, pouco depois da sua chegada a Sant'Iago, onde vae fazer os seus estudos, e é tambem sitio dum fortuito encontro dos dois namorados. E enquanto Carmo se recolhe piedosamente nas suas orações e Gerardo se enleva na contemplação della, outro estudante companheiro deste, divaga pelo vasto templo, uma vez mais admirando a belleza dos seus altares e das suas esculpturas. Nem erudição, nem archeologia.

A cathedral de Barcelona, erguida sobre o sepulchro de Santa Eulalia, padroeira do condado, é ao mesmo

tempo a casa de Deus e da cidade, monumento da sua fé religiosa e do seu civismo immarcessível. No seu claustro situou Angel Guimerá o terceiro acto do seu drama historico *Joan Dalla*, que é em theatro uma narrativa pátriotica no genero dos *Episodios Nacionales*, de Perez Galdós, só com uma restricção no ambito desse sentimento patriotico, que alli se entende, como em Manuel Angelón, por uma defeza perseverante até ao desespero, das immuni-dades e foros locaes. A peça de Guimerá narra, segundo a obra do erudito Mateu Brughera, a ultima phase do cêrco de Barcelona, em 1714, quando concluida a guerra da successão de Hespanha, os catalães sós proseguiram na resistencia contra Filippe V. Entrada a cidade pelas tropas francesas, partidarias de Filippe V, o duque de Berwich vae assistir ao solemne *Te-Deum*, cantado na Sé, em acção de graças pela final rendição da cidade, e um exaltado patriota, um pobre velho Johan Dalla, que já commettera outras audacias, dispõe-se a investir pelo templo e a arrancar a Berwich a cadeira da cidade, em que ignominiosamente se senta. Outros mais prudentes o impedem, e nos seus braços morre a rezar uma oração de piedade e patriotismo.

Outros auctores catalães déram sua contribuição para a carreira litteraria do thema, J. Pin y Soler com *La Familia dels Garrigas* (1) e Prudenci Bertrana com *Josa-*

(1) Não sabemos a data da 1.^a publicação desta obra, cuja redacção é de 1870, segundo declaração do auctor; conhecemo-la na sua edição definitiva sem data,

fat (1), dois romances de indole muito diversa. No primeiro, historia da decadencia duma familia por effeito do procedimento desordenado e delictuoso de dois filhos, ha algumas paginas de caloroso louvor á cathedral de Tarra-gona, que o auctor antepõe pela sua magestade grandiosa ás basilicas de Hespanha e estrangeiras; Toledo, Sara-goça, Barcelona, Burgos, Valencia, Cordova, Colonia, Bruges, Bruxellas, Milão, Palermo e Antuerpia. O capi-tulo, a que pertencem essas paginas, não desempenha nenhum papel no desenvolvimento da acção; figura alli como adorno, expansão do enthusiasmo archeologico do auctor, peça inteiramente autonoma do conjuncto.

Josafat tem por campo de acção a cathedral de Ge-rona, cujo sineiro, gigante rude, fanatico até á cegueira e sensual até ao paroxismo, é o protagonista. Na sua mo-rada sombria, dentro do templo, decorre a sua lucta entre a fé religiosa, feita de medo e de egoismo, e os appetites da sua carne insaciavel. Essa lucta trava-se no cerebro tôrpe dum barbaro inculto, em que dominam instinctos e sentimentos irreflectidos, e soluciona-se pela forma mais brutal, o crime: Josafat resolve supprimir a causa das suas quédas no peccado, matando a meretriz Fineta que ia procurá-lo para o tentar no seu esconderijo bafiento, entre os humidos silhares da cathedral. Mata-a e esconde o corpo, mas o excesso de cautela fá-lo considerar inseguros todos os esconderijos e vagar, tragicamente, com o

(1) Só conhecemos a 2.^a edição, de 1912.

cadaver amontoado num sacco ás costas, pelas naves do templo, no silencio da noite, á busca dum desvão que equivalha a uma sepultura inviolavel. Depois de muito procurar, prefere lançar a sua carga fóra da basilica, numa torrente. Mas não regressa á igreja, desaparece, cahindo talvez nesse deambulismo inquieto dos picados pelo remorso. Tem grandeza este contraste da inerte indiferença da magestade da igreja com a alma rude de Josafat, vibrando de vida interior, de ambito rudimentarmente limitado sim, mas forte e corajosa no seu desfecho. Pessoal na forma de derimir esse duello, a que a reflexão tosca de Josafat dictou o assassinio como solução, a alma do rustico reentra a seguir na media da humanidade: o problema, que o seu simplismo cria assim resolver, aggrava-se e torna-se para sempre insolúvel, porque nada acalma o remorso. Prudenci Bertrana não diz se o seu protagonista se enforcou nalguma figueira . . .

E' ainda á sombra duma basilica, a de Avila — de Urbesacra no novellesco cryptonymo — que se consumam os amores, tórpemente sensuaes, dum acintoso paganismo de contraste com o ambiente, de Elisa Toeger e Tullio Moncada, figurantes centraes do romance de José Francês, *Como los pajaros de bronce*, de 1917.

A mulher dum engenheiro, homem pratico, absorvido por negocios e inacessivel a suspeitas vulgares, vae veranejar para Avila. Visitando a cathedral, sem fé, por mera curiosidade archeologica encontra-se na penumbra temerosa duma capella sepulchral com Tullio Moncada, cathedratico do lyceu da cidade, que por alli distrahia seus ocios

infindaveis. Relacionam-se e são, em breve, amantes, ella por capricho irresistivel da carne exigente, elle com a abnegação e o arrebatamento dum neophyto de coisas de amor. Na Cathedral fôra o seu primeiro e fortuito encontro e na torre della, em casa do sineiro cúmplice ou sob os sinos, «os passaros de bronze», acima das pequenas miserias e malevolências da cidade provinciana, escondem a grande miseria da sua mancebia, ella gozando tranquilla e egoisticamente aquelle capricho dum veraneio ephemero, elle sempre apprehensivo pelo proximo fim e pelo que será de si, devastada a sua alma por aquelle insolito vendaval. Uma vez, no auge da exaltação dos sentidos, ébria de alturas e extensões, e orgulhosa da sua formusura, Elisa mostrou-se do alto da torre, completamente nua, enquanto Tullio Moncada, silencioso a seus pés, a adorava devotamente... O veraneio passou e o capricho passou tambem, embora delle ficasse uma gravidez adiantada, de que provem um filho, incorporado com todas as honras e ternuras na familia, e saudado por «seu pae», o engenheiro Paulo Muntaner, que já deşesperava de possuir esse dom... Tullio continua a sua vida mediocre de professor provinciano, só mais aborrecido e isolado, e o casal recomeça a sua vida de prosperidades mundanas, agora alegradas por novo sol, aquelle inesperado filhinho...

Como se vê a cathedral aqui só desempenha a tôrpe função da casa do sineiro Esguelhas no *Crime do Padre Amaro* ou do Paraizo no *Primo Basilio*, de Eça. Àparte a descripção da capella sepulchral no episodio de inicio, o templo só proporcionou ao romance a embriaguez das

alturas e dos horizontes illimitados do seu campanario, como estimulante e vibração nova para as volupias ardentes de Elisa e Tullio, que profanam todos os desvãos e recantos, todas as lages ao ar livre, tudo impregnando das suas emanações carnaes . . .

C = EM PORTUGAL

O realismo português, avido de actualidades e medianias burguesas, não sentiu a belleza austera das cathedraes. Do *Crime do P.^e Amaro*, de Eça de Queiroz, parte da acção decorre na Sé de Leiria, mas este templo não possui character monumental e personalidade artistica, nem o romancista lhe deu presença propria na obra, em que só acoita dois amantes culposos. O realismo não deu contribuição nenhuma, entre nós, para este longo elencho. Mas o periodo litterario, que se lhe seguiu, norteado pela visão mais profunda do symbolismo, procurando ou attribuindo ás coisas uma alma, um significado e um influxo, naturalmente regressou a este thema, que é, por si só, o mais poderoso compendio de symbologias.

Nas suas *Cartas sem moral nenhuma*, de 1900, deunos o sr. M. Teixeira Gomes (1) algumas paginas de impressionismo colorista e descriptivo, sem outra bussola «além do capricho e do acaso» sobre a cathedral de Sevilha, sua variedade architectonica, mourisca, gothica e renas-

(1) Sobre este auctor veja-se o nosso artigo, inserto na 2.^a serie dos *Estudos de Litteratura*, Lisboa, 1918.

cença, a sua riqueza esculptural plateresca e o seu thesouro de paramentos, alfaias, ourivesarias e pinturas. E' um rapido e certo enunciado das bellezas da famosa basilica. Outra cathedral hespanhola, a de Cordova, deu o fundo para um conto do sr. Aquilino Ribeiro, o primeiro do seu *Jardim das Tormentas*, de 1913. Este templo é uma antiga mesquita, depois da reconquista sagrada ao culto christão, mas o espirito pagão de prazer voluptuoso, que neste mundo realisa a sua plenitude e desdenha das promessas para além d'elle, subsistiu na velha fabrica e mysteriosamente se irradia, penetrando as almas doces aos seus affagos. Sentiu-o e cedeu-lhe o bedel Raphael, que, sob esse influxo venenoso e brandõ, entra na vida orgiaca passivamente vencido como sob o peso duma fatalidade inexoravel. E sentiu-o tambem o bispo, mysteriosamente apaixonado pela imagem formosa de Santa Catharina e uma vez surprehendido em transportes sacrilegos no altar da Santa. Era a vingança dos marmores amorosamente esculpidos e enlaçados para abrigarem o amor terreno, e depois contrafeitos a proteger e estimular o espirito de renuncia e as aspirações do além. Este pequeno conto, *A Cathedral de Cordova*, é uma delicada pagina de arte, com um thema que é um achado galantê, mas é tambem procedente de certa incomprehensão sceptica ou das faceis syntheses que oppunham o islamismo, religião da vida e da belleza, ao christianismo, religião da morte e da fealdade. Era já tarde para se repetir tal presumpção, depois dos arrazoados eloquentes de Chateaubriand e Huysmans. Não viu este na fealdade que rodeava o san-

ctuario da Senhora de Lourdes uma manifestação diabolica ?

O bombardeamento da cathedral de Reims, em setembro de 1914, pelos allemães, de que resultou um incendio destruidor, determinou em todo o mundo um côro de indignados protestos. Algumas paginas litterarias registaram entre nós esse negregado vandalismo. O sr. Julio Dantas segredou *Ao ouvido de Madame X* a allucinação do imperador Guilherme, transido de remorsos, vendo a immensa e gloriosa ruinaría lambida pelas chammas; o sr. Pedro Victorino num vehemente opusculo, *A Cathedral de Reims*, de 1915, commemorou o primeiro anniversario do facto, com erudição segura e sensibilidade delicada; e o sr. Augusto de Castro, no *Campo de ruinas*, 1918, impressões duma viagem aos campos de batalha da grande guerra, contou a sua desolação perante o espectáculo do velho templo carcomido pelos seculos e pela artilharia allemã, sob a melancholica presença dum vetusto relógio, poupado miraculosamente.

Na evolução do thema das cathedraes, o romance do sr. Manuel Ribeiro, *A Cathedral*, 1919, representa a nacionalisação d'elle, porque essa obra versa-o em toda a sua extensão e com innegavel aproveitamento das acquisições de Victor Hugo, Zola, Huysmans e Blasco Ibañez. De Hugo tomou, como de resto todos os seus predecesores, o reconhecimento do poder expressivo da architectura religiosa medieva, de Zola o equilibrio e a boa ordem da composição, de Huysmans a affoiteza de incrustar numa obra de imaginação tantas materias eruditas e de

Blasco Ibañez a evocação poetica e certo proposito social. Com taes importações a obra do sr. Manuel Ribeiro verá a sua originalidade limitada, mas sem prejuizo do real talento com que desses *disjecta membra* fez um romance de archeologia — que o é muito mais quanto ao entrecho, quanto á estructura e á emoção que communica do que as obras suas inspiradoras.

A trama que liga a materia prima do romance — descrições e evocações — é o irreflectido devaneio amoroso do architecto encarregado da restauração da Sé de Lisboa(1), o joven Luciano, vinte e dois annos extremamente sabios, como homem provecto, e ligeiramente impulsivos em materia de coração, como um escolar irresponsavel, e da condessinha de Monforte, Maria Helena, assidua frequentadora do templo, como presidente duma organização de caridade, que alli tinha sua séde. Esta, a principio hostil ao emprehendimento da restauração, principalmente quando lhe derruem a sua capella de Santa Cecilia, pouco a pouco converte-se ao partido contrario e participando do entusiasmo dos restauradores, frequenta o Capitulo, casa de Luciano, na Sé, onde se reuniam os seus amigos, e assiste ás conversas, verdadeiras conferencias sobre historia da arte e sobre o culto christão, entre o architecto e

(1) A reconstrucção da Sé de Lisboa, em tempos confiada a Augusto Fuschini, engenheiro e politico do constitucionalismo, deu motivo á publicação por este auctor de dois estudos: *Ensalos de historia da arte — A architectura religiosa na idade media*, Lisboa, 1904, XXI + 292 pags. ill.; e *Lisboa — Sé*, no vol. 7.º da *Arte e a Natureza em Portugal*, Lisboa, 1908.

o P.^e Anselmo. Para lhe comprazer, Luciano reconstrue com o mais desvelado carinho a capella de sua familia e, sahindo do seu restricto plano de restauração, permite-se additar a um extremo da charola do templo uma nova capella gothica sagrada á Virgem, que assim velaria á cabeceira de seu Filho. A reconstrucção do altar de Santa Cecilia é um novo élo que prende a condessa ao architecto. A sua formosura reproduz-la o artista no capitel dum columnelo com o que trahe o seu amor. E havendo combinado extrahir os assumptos dos vitraes da narrativa da vida e martyrio da santa, como a conta Voragine na *Lenda Dourada*, uma tarde esqueceram-se na sua leitura; foi escurecendo, sahiram as gentes da cathedral, cerraram-se as portas e elles na capellinha a rememorar os tormentos da padroeira dos musicos . . . e mais não leram naquelle dia, e em tudo seguiriam os namorados de Dante, se em pleno arrebatamento amoroso, temendo o dominio da carne, Luciano não tivesse violado o Sacrario para á vista das particulas santas aquietar aquella cavalgada dos sentidos.

Este episodio fez avolumar os murmurios de hostilidade dos que nunca se haviam resignado á desordem poeirrenta da restauração. Houve que tomar providencias. Monsenhor Sant'Anna, tutor de Maria Helena, trata de a casar quanto antes, com par da sua gerarchia, e ella, que chegára a premeditar a fuga com o artista, intimida-se e submete-se; depois o patriarcha exige a sahida de Luciano da Sé, deixando o seu caro emprehendimento em meio. Mas como se annunciasse que Maria Helena casaria com o desconhecido noivo, que lhe haviam imposto, na

sua capellinha da Sé, recém-erguida por Luciano, esté antes de partir, num assomo de indignação de artista e de namorado, derrue-a. E parte pelo braço dum canteiro, nova amizade que o salvára do desespero do suicidio e que parece havê-lo conquistado para o syndicalismo revolucionario, preparador dum mundo novo, onde já não haverá desigualdades de nascimento, capazes de contrariar um enlace d'amor.

Tem, pois, sua conclusão absolutamente inesperada o romance; de um hymno vehemente de glorificação da arte religiosa e da liturgia catholica, composto com solido conhecimento e commovido enthusiasmo, volve-se brusca-mente em demonstração duma these: é necessario abolir as desigualdades sociaes que se oppõem ao verdadeiro amor. A tradição separava Luciano de Maria Helena, fazia do seu amor uma chimera — e chimera passa a chamar tambem ao que enche a obra, a restauração da Sé e que, sob a forma de paixão artistica da archeologia e das bellezas do culto catholico, de certo, por muito tempo encheu o espirito do romancista. O auctor ao extrahir a moralidade inutilisa a sua propria obra, como Luciano derrue a sua capella, porque louvou e engrandeceu tantas bellezas do passado só para num apressado epilogo as ter como oppostas da justiça, do trabalho, da democracia e do utilitarismo. O auctor provindo do radicalismo está a ponto de ser salvo das estereis utopias, que o consomem, pelo seu espirito eminentemente artistico, e estadeia na sua obra um momento de transição, ou constituirá uma illogica coexistência de sentimentos e idéas que se repellem,

O futuro responderá. Já dissémos que a composição do romance — excepção feita de *Le Réve* — é incomparavelmente mais precisa que a dos romances de Huysmans e Ibañez. E como o sr. Manuel Ribeiro desejou obedecer á ordinaria estructura do genero, são licitos alguns reparos á sua execução: o chantre Sampaio e Mello, pae de Luciano, é esquecido pelo romancista, embora viva na Sé com o filho e com os adversarios deste, só reaparecendo na scena final em que o Patriarcha o chama para affastar da Sé o filho; o templo da Sé apparece no romance como uma ilha perdida num mar deserto, não affluem a elle os fieis, não tem vida propria de devoção, isola-se do mundo. Sem que o dialogo do sr. Manuel Ribeiro seja constrangido como o de Huysmans, muitas vezes se affasta da mais elementar naturalidade, passando a ser o artificio de que se soccorre a obra didactica, que a *Cathedral* é tambem porque contem uma rememoração do cyclo das architecturas, abundantes dados sobre a musica no culto, uma descripção da velha Lisboa, um escorço da construcção da Sé, uma historia do bispado de Lisboa, historia dos officios até á moderna reforma da liturgia, uma explicação das siglas dos pedreiros e noções da organização das corporações de mistéres, uma dissertação sobre o romanico — é a mais contrafeita na maneira por que foi enxerida na obra — uma evocação dos prelados de Lisboa e a historia da familia de Maria Helena, uma vez nas suas grandezas, outra nas suas debilidades eroticas.

O auctor não esqueceu os seus antecessores: de Zola tomou talvez os chimericos amores duma phantasia exal-

tada por um artista ; como Angelica, em Zola, Maria Helena, estonteia-se com a leitura da *Lenda Dourada* de Voragine, das mesmas agiographias até, Santa Ignês e Santa Cecilia ; como em Zola ha a mesma confusão do sentimento religioso e das appetencias amorosas, especie de inconsciencia mystico-sexual, que se ludibria da vontade. E como em *Le Rêve* Feliciano desenha o rosto de Angelica na mitra, que ella ha-de bordar, assim Luciano esculpe a formosa cabeça de Maria Helena num capitel da capella de Santa Cecilia. De Huysmans provem a confiança com que o sr. Manuel Ribeiro embutiu na sua obra de ficção tantas materias eruditas — mas agora mais habilmente exercida. Provem de Blasco Ibañez o typo de P.^e Anselmo, capellão cantor, alma de artista, intimo de Luciano, como D. Luiz, companheiro de casa de Gabriel de Luna, mas distanciam-se porque o amor da musica quasi paganisára a personagem de Ibañez, ao passo que a do sr. M. Ribeiro encontra na musica novos alentos para a sua fé, nunca esmorecida.

No final da obra, um velho conego Fulgencio, affastado do culto pela velhice, antigo orador que conhecera o triumpho e a gloria, e agora divagava pelo velho templo como um genio das ruinas, proclama a inanidade de todo o trabalho de Luciano na restauração do templo. Elle só apagará a historia com demolir os accrescentamentos e alterações das gerações ao seu templo, sem lograr avivar o espirito que a animou, a fé, porque o catholicismo morria. Este moralizador dá-nos a philosophia da obra e prepara a transição para aquelle desfecho insolito, que já vi-

mos: chimera a restauração da Sé, chimera o amor que della nascera. E assim introduz mais incerteza, mais fluctuação ideologica na obra, abalando o que ella tem de solido e superiormente bello: o sentimento da belleza archeologica, a evocação do passado.

Autonomia moral de caracteres não a têm as personagens, porque a propria indole da obra a contrariava. Autonoma e viva só a Sé. Das personagens só Maria Helena apresenta alguma verdade no momento em que do seu encontro nasce o amor com a mesma fatalidade com que a chispa salta da bigorna. Esse episodio lisongeia uma inferioridade do temperamento e da educação nacional, a facil erupção das labaredas do amor, sempre que a estopa se acerca do lume.

A' *Cathedral* seguiu-se o *Deserto*.

P.^o Anselmo, a delicada alma de mystico e de artista que fôra companheiro e amigo de Luciano durante o sonho de restauração da patriarchal lisbonense, foi como dissémos, affastado pela auctoridade ecclesiastica porque, no pensar desta, não estava isento de responsabilidade na phantasia amorosa que a devota condessinha inspirara ao architecto. Para comprazer ás suas vehementes inclinações espirituaes fixa-se-lhe o convento da Cartuxa de Miraflores, proximo de Burgos. P.^o Anselmo não se esquece do seu amigo, nem das inquietações d'alma, que lhe surprehendera e que revelavam uma grande vocação para a crença e uma imperiosa necessidade della, mas ainda sem a graça.

Do seu mosteiro, durante a longa preparação para os

votos profissionaes, entretém correspondencia com o transviado architecto e, quando se aproxima o momento de cortar a communicacão com o mundo, exhorta-o a ir a Miraflores receber-lhe o derradeiro abraço e experimentar a acção benefica do «deserto» moral, que é o convento. E Luciano parte a passar uma semana na Cartuxa de Miraflores. São as conversas de Luciano com o prior da Cartuxa e com P.^e Anselmo, agora Frei Bruno, as suas meditações enquanto deambulava pelo convento, o seu exame das bellezas da architectura, da esculptura e da natureza, e até certa participacão nos exercicios rigorosos da regra que formam a tecetura da obra.

Como a *Cathedral* e quantas obras já mencionadas, que enlaçaram a litteratura na architectura gothica, o *Deserto* não deixa de ter basta materia didactica, dissertações de historia religiosa e artistica, explicações ao leitor, que constangem o dialogo e quasi reduzem a obra a longos soliloquios ou a conversas sem naturalidade.

Mas tal obra não deve ser apreciada por esse prisma de chão realismo; antes como compendio de altas aspirações ideaes e crueis inquietações d'alma requer um criterio moral e psychologico. O papel da architectura, o louvor do gothico são mais comedidos que no panegyrico da cathedral romano-gothica de Lisboa; pelo contrario amplia-se na economia da obra o quinhão das expansões e confissões de Luciano.

Ao fim duma semana — periodo que por certo se terá por demasiado curto para uma experiencia moral de tal transcendencia — Luciano despede-se do seu bom amigo,

Frei Bruno, possuido da mais alta admiração pelas virtudes excelsas que presenciou no claustro, mas nada mais trazendo na alma do que a recordação bem viva desses momentos :

«E' certo, veneravel padre. Parto com funda saudade deste claustro e levo no coração o maior reconhecimento por todas as vossas caras sollicitudes. Fica-me aqui um pouco da minha vida — o melhor que vivi e que viverei talvez. Jamais poderei esquecer Santa Maria de Miraflores e os seus monges, modelos de virtude, de santidade e de heroismo. Não, não mais esquecerei isto».

Mas nada mais recolhe ; e na marcha para a crença, almejada e para a quietação da sua mente, tão sensível e tão preocupada das injustiças do mundo, Luciano não avança muito. Na primeira noite, a sós, no seu quarto, fatigado de tão inéditas emoções, suggestionado pelo ambiente, Luciano lança-se sobre um velho genuflexorio e ora . . . mas essa semente não fructifica.

E' innegavel o character autobiographico da obra. E é a exigente probidade de quem nota os movimentos intimos da sua consciencia que faz que o auctor deixe suspensas quaesquer conclusões, porque tambem a alma vibratil e violentamente sacudida pelo tufão da duvida do sr. Manuel Ribeiro continua fora do reducto sagrado, por mais que ronde nas cercanias. O auctor, dirigindo-se para a Russia para estudar de perto o bolcheviquismo, como catastrophica medicina social, encontrou inesperadas difficuldades, que o obrigaram a desistir. E, regressando, parou oito dias em Miraflores, onde viu, sentiu e meditou coisas

que contou a um jornal de Lisboa (1) e que, glosadas com arte superior, deram o seu romance *O Deserto*. E' portanto em respeito da verdade que Luciano se demora só oito dias na Cartuxa e não uma larga temporada como Durtal em Chartres, segundo Huysmans.

O *Deserto* oppõe-se á *Cathedral* pela sobriedade; o primeiro romance do sr. Manuel Ribeiro contem muita materia: a propria intriga e a abundante erudição historica e artistica, proxima e longinqua, que ostentam nas suas doudas conversas as personagens; pelo contrario o *Deserto* pouco mais encerra que a vida moral, a intensa vida moral de Luciano, sob as suggestões do ambiente claustral, e a commovida admiração perante as magnificencias do gothico e afortalezado monumento.

Mas o *Deserto* não tem só um significado especial por se filiar na longa corrente de elaborações litterarias, em que o gothico é ou thema principal ou importante accessorio. Têmo-lo por uina meritória demonstração de que ha na vida mental moderna situações e problemas duma universalidade tal que, por si só, constituem sufficiente materia d'arte, sendo portanto possivel o limitar um pouco o lugar que o amor tyrannicamente tem usurpado desde o romantismo.

Dentro da moderna litteratura portuguesa elle significa a execução artistica dum pensamento gracioso sobre a oportunidade e efficacia duma restauração da vida ce-

(1) V. *A Epoque*, n.º 812, 13 de Outubro de 1921.

nobitica para que na contemplação pura, longe dos contagios do seculo, se mundificasse a alma tão doente, dos homens de hoje. Expressiu-o primeiramente Anthero de Quental quando aos seus amigos expunha a sua idéa querida da Ordem dos Matteiros, que teria por missão reconstituir a primitiva vida rural e por ella attingir uma alta renovação religiosa. Guardou-lhe esse pensamento e transmittiu-o Eça de Queiroz no *In Memoriam* sagrado ao poeta do *Hymno da Manhã*. Depois Silva Gaio no seu romance *Os Torturados* — certamente a obra prima deste escriptor — pôs na bocca duma personagem, Simão da Nobrega, o desenvolvimento duma idéa similhante, «O mosteiro novo de Caride», em que as intenções divergem, mas o methodo preconizado para as servir é analogo. E agora o sr. Manuel Ribeiro deu-lhe realidade experimentando elle mesmo, espirito inquieto como Anthero e torturado como as personagens de Silva Gaio, a acção salutar do retiro monastico. (1)

(1) Com a *Resurreição*, recém-apparecida, conclue o sr. Manuel Ribeiro a sua trilogia social e fecha o cyclo da evolução espiritual de Luciano. O escriptor descreve-nos as surpresas e o deslumbramento do architecto, um gothico impenitente, ante os esplendores do Renascimento em Roma, e a curiosidade com que participa dum pequeno movimento local, nos arredores de Roma, de tonificação da fé evangelica. Guia-o uma «condessa» como na *Cathedral*, a quem reconhece que amava espiritualmente, quando ella é victima dum desastre numa catacumba. A conclusão de Luciano — e do auctor? — é a de que a verdade reside na perfeição individual, guiada pelo christianismo na primitiva pureza. A *Resurreição* está fóra do designio do nosso estudo, mas deviamos mencioná-la aqui porque ella completa o pensamento moral e artistico do auctor, um curioso e suggestivo «caso litterario» das gerações modernas de Portugal.

Mixto de impressionismo e de dissertação erudita é o capítulo de Anthero de Figueiredo, *A luz gothica da cathedral de León*, no livro de viagens *Hespanha*, de 1923. Lembrando a antiga e já corrente idéa de ser uma transplantação nordica aquelle typo de gothico, representado na cathedral que o bispo D. Manrique de Lara fez succeder á de Ordonho II, Anthero de Figueiredo a um tempo descreve a architectura, concretamente, e faz imprssionismo de côres e de formas, interpenetrando o mundo real e o subjectivo, as categorias logicas, no esforço de bem reproduzir os incoerciveis sentimentos e as aspirações que suscita o magnifico templo.

Essa pagina luxuriante affasta-se da simplicidade, que o auctor outr'ora praticou e sempre propugnou, mas é um signal rico do seu impressionismo colorista, intenso e vibrante, a invadir e dominar a personalidade, na receptividade sensorial e na interpretação evocadora.

No Brasil, o sr. Montenegro Cordeiro num poemeto, *As Cathedraes*, de 1920, celebrou a gloria das altivas basilicas medievas. O poemeto nem sempre alcança a fluencia da verdadeira poesia, prejudicado pelos artificios didacticos, em que o auctor incorre, não em obediencia á erudição archeologica, mas á philosophia social do positivismo, cujo adepto é.

D) — EM ITALIA

Dois grandes auctores da moderna litteratura italiana abeiraram incidentalmente o thema das cathedraes: Edmundo

de Amicis no seu livro de viagens *Spagna*, de 1873, e Antonio Foggazzaro no romance *Piccolo mondo moderno*, de 1901.

Amicis já se celebrisára com os escriptos do seu primeiro cyclo, o militar e patriotico, em que, como official do exercito unificador de Victor Manuel, exaltava a coragem e a dedicação civica até ao heroismo dos seus companheiros de pugna. Concluida a lucta, o escriptor viajou largamente inaugurando uma phase rica de impressões de viagem, não profundas nem reveladoras, mas pittorescas pela linguagem, pelo anedotico e pelo descriptivo não didactico, totalmente arbitrario, ao sabor do mais desprevenido gosto. Percorreu a Hespanha—que então attrahia dum modo especial as atenções italianas, porque um principe de Italia, Amadeu, alli reinava— a Hollanda, a Inglaterra, França, Marrocos, a Turquia e tambem a peninsula italica. E' no primeiro volume sobre o vizinho reino que se contêm paginas abundantes sobre a maior riqueza de Hespanha, as suas cathedraes, descriptas com pormenorisação varia, mais ou menos associadamente com as impressões artisticas ou religiosas suscitadas no auctor. As basilicas de Barcelona, Saragoça, Burgos, Valladolid, Toledo, Cordova, Sevilha, Cádiz, Malaga e Granada avultam na obra com diverso relevo, ou pela belleza, arrojo e magnificencia da architectura ou pelas manifestações ingenuas e até grosseiras de piedade que motivam.

No formoso triptico, em que reanimou um quadro archaico de santidade, dos tempos em que a crença ingenua recebia o premio excelso de ver Deus, *Piccolo mondo antico*, *Piccolo mondo moderno* e *Il santo*, Antonio Foggaz-

zaro situou algumas scenas na abbadia de Praglia. Porém alli não ha opulencia monumental a exercer suggestão, tão accessorio e mitigado é o papel do templo perante o drama intenso e profundo, que se agita na alma de Franco Maironi até ao momento augusto, em que attinge a tranquillidade e a perfeição christãs.

E)—NA ALLEMAMHA

Depois da rehabilitação do gothico, emprehendida por Herder e Goethe, não encontramos mais essa arte como motivo de ficções litterarias. O ambiente de mysterio e de indefinidas aspirações ao incognoscivel, que as igrejas catholicas medievas reproduzem, foi referido com relevo e elequencia varia pelos poetas romanticos, nomeadamente Schiller e Uhland, mas intervenção desse influxo da architectura religiosa na narrativa da vida moral de alguma personagem de novella ou poema só a encontramos no fim do seculo xix em Hermann Bahr, um dos ultimos representantes do theatro austriaco.

Effectivamente o seu romance *Himmelfaht* (*Caminho do Céu*) conta individudamente o regresso á igreja, do protagonista, o Conde Flayn, que nas suas longas viagens perdêra a fé e cahira na indifferença. Na pequena cidade austriaca, para onde vae residir — o auctor não a nomeia, apenas diz ser não muito longe de Kremsmünster, com o seu castello de Arnsburg e sua cathedral — Flayn, vae

meditando e conversando sobre os mysterios da religião e pouco a pouco lhe acorda na alma a sua antiga fé. Nessa reconducção do seu espirito ao catholicismo collabora a emoção profunda que lhe despertava o vasto e impressivo scenario da cathedral, sobre tudo, á noite, na penumbra mysteriosa, no recolhimento que lhe inspirava a fé ardente de alguns fieis, orando numa quietude que todo o seu ser invejava, de noite, porque ás horas do sol, a claridade entrava indiscretamente no templo e perturbava a meditação tranquilla e confiada, o isolamento interior. Este pormenor, á falta de concretos informes, ministrados pelo auctor, faz-nos crer que se trata de alguma basilica de estylo renascença; mesmo na Austria não ha cathedral gothica, além da de Santo Estevão, em Vienna.

*

*

*

Foggazzaro é dos numerosos auctores que allegámos neste percurso laborioso o melhor dotado para abrir ao thema, tão versado, das cathedraes os horizontes amplos que pôde attingir, quando se alliar ao respeito puramente pagão das formas e das côres, ao devaneio poetico e archeologico que faz amar aquellas reliquias, a crença intima e inabalavel nas verdades que ellas representam, o talento introspectivo das almas modernas, das suas revoltas inquietações e a curiosidade sabia das acquisições da sciencia contemporanea e das presumpções do racionalismo. Então o

thema surgirá em toda a sua magestade imponente e crystallizará nalguma forma classica, monumento representativo da renascença da religiosidade. Strabão conheceu cidades sem cintura de fortalezas, sem magistrados, sem outras instituições, mas não encontrou cidade ou povo sem Deus. E desse consenso universal fez a theologia novo argumento apologetico. Ha, nos tempos modernos, tambem que extrahir nova adducção demonstrativa: das miserias a que leva o atheismo, do aniquilamento de todo o esforço volitivo que contem e semeia, da esterilisação da vida moral que elle produz concluir *ab absurdo* a positividade da idéa de Deus — releve-se-nos o hybridismo do dizer.

Felix Le Dantec, atheu doutrinario e militante, levado pela corrente da logica, da deducção e da coherencia, produziu o mais violento dos libellos contra o atheismo e tambem o mais edificante por sahir do campo inimigo. Escreveu esse naturalista: «Numa sociedade em que todos os membros fossem puros atheus, indo até ao fim das conclusões logicas do seu atheismo, a consciencia moral de cada um perderia todo o valor como sentimento social; cada atheu submeter-se-hia ás ordens da consciencia pelo unico prazer da satisfação pessoal, mas as crenças dos vizinhos não lhe imporiam deveres; tal sociedade, formada exclusivamente de atheus, acabaria naturalmente por uma epidemia de suicidio anesthesico». A litteratura tem que servir a rechristianisação da sociedade, alando com nova inspiração o seu genero mais proteico e vivaz, o romance, que o realismo levou a uma decadencia sem gloria, pelo epicurio sybaritismo psychologico que nelle introduziu,

pelas preocupações didacticas, pela transigencia fraca perante o supersticioso amor da sciencia e pelo amoralismo em que se compraz. Os problemas moraes são mais imperiosos que as emoções d'arte, e a repercussão e fecundidade destas mede-se pela maneira como servem aquelles. Ainda que perante as modernas exigencias intellectuaes o romance capitule, deixando-se desfigurar para não voltar a ser pura diversão como outr'ora, tudo indica um renascimento da narrativa, da acção como objectivo principal do genero. Alguns auctores modernos, desdenhosos do enredo, faziam pura litteratura de ourives, sem movimento e sem interesse, dourando banalidades. O romance seria assim cada vez menos romance, como em Anatole France, Baroja, Perez de Ayala, Gomez de la Serna, pontificando scepticismo da propria arte litteraria que exercitam.

Ora o caracteristico essencial do genero é a intriga, o desenvolvimento duma acção. Deste regresso á sua verdadeira physionomia, crê Marcel Prévost, homem do officio, que ha-de brotar uma reviviscencia do romance historico, um reganho de estima por Balzac, mestre do genero, o qual já favorecera o apparecimento de Maurice Maindrón, romancista, e de Rostand, dramaturgo. Mas o romance historico moderno, que Prévost futura, fará pequeno lugar á imaginação inventora, só transportará para o passado os methodos, as acquisições technicas e o complexo instrumental do romance contemporaneo :

«Par contre, tout, dans la formation des générations actuelles, les prépare à un roman historique documenté, respectueux de l'histoire: aussi bien le renouvellement des mé-

thodes de nos modernes historiens que les habitudes quasi scientifiques introduites dans le roman par les naturalistes et les psychologues du XIX siècle. Il fallait donc s'attendre à voir se dessiner une formule neuve du roman historique. Les caractéristiques en sont les suivantes: une documentation aussi exacte et, s'il est possible, aussi nouvelle que pour un ouvrage d'histoire proprement dite;—toutes les facultés imaginables de l'auteur concourant à ressusciter le milieu, les faits, les moeurs, les personnages qu'il raconte; exclusion de tout procédé théâtral. En somme, raconter ce que raconterait un témoin qui aurait su voir. L'imagination, cette fois, s'interdit d'inventer: elle a assez affaire d'évoquer, de reconstituer, de donner au passé la vie du présent.» (*Revue de Paris*, 1.º anno, n.º 6, pag. 454).

Prévost não diz mais coisa nenhuma de fundamental para a sua these, a que não faltam apparencias favoraveis a emprestar-lhe plausibilidade. Poderia ter accrescentado que o romance tem que reclamar as suas proporções legítimas, a sua harmonia entre o fundo e os primeiros planos, refugindo a mediocridade vulgar, em que o mergulhou o naturalismo. Succedaneo da epopêa e distincto da novella, o romance tem uma nobre genealogia a respeitar e restabelecer. O contraste entre o tom e a grandeza do fundo e a mediocridade dos planos de frente, em Zola principalmente, vem do decahimento da antiga prosapia e da confusão de romance e novella.

Ora é desse renovar-se do romance que nós esperamos que o thema do gothico e das cathedraes encuentre a forma litteraria digna da sua magnificencia. A selva de romances

e de poemas, que percorremos, accusa muita repetição de processos e pouca novidade. A fé intellectualisada ha-de instillar nova vida a esse motivo riquissimo, e em torno delle algum artista, com os dons poderosos dum Foggazzaro, que saiba moderar o diletantismo archeologico, poderá debater o que Unamuno chamou o sentimento tragico da vida, fonte dos mais celsos bens e dos mais acerbos males da existencia.

PARA A HISTORIA DA PHILOSOPHIA EM PORTUGAL (1)

(SUBSIDIO BIBLIOGRAPHICO)

I — PREFACIO

O pensador dinamarquês, Harald Höffding, ao expôr o criterio com que ia historiar as varias soluções pela philosophia moderna propostas para os problemas philosophicos — do conhecimento ou logico, da existencia ou cosmologico, da estimação dos valores ou ethico-religioso e da consciencia ou psychologico —, julgou azado lembrar as causas que faziam variar essas mesmas soluções. Eram essas causas, segundo elle, duma maneira geral as seguintes: a personalidade do philosopho, o estado das sciencias da natureza e as circumstancias historicas. Não se deteve porêm a perscrutar quaes os factores que determinavam o apparecimento do pensamento philosophico, que faziam que em certas epochas e em certos paizes surgissem pleiades

(1) Publicado antes na *Revista de Historia*, vol. 11.º, Lisboa, 1922, com o retrato de Francisco Sanches, em Portugal ainda inédito, obtido por deferente intermedio do sr. Prof. Georges Le Gentil.

de pensadores originaes, numa como potenciação intellectual, e que outros tempos e outros paizes quasi desconhecessem o exercicio da alta especulação. Nem em qualquer outro passo de H. Höffding nem em obras de outrem conhecemos discussão acurada desta materia. Sobre as condições favoraveis ao desenvolvimento scientifico é que dissertou o botanico suiso, Alphonse de Candolle, no curioso livro *Histoire des sciences et des savants depuis deux siècles précédée et suivie d'autres études sur des sujets scientifiques, en particulier sur l'hérédité et la sélection dans l'espèce humaine*, Genève-Bâle, 1873, reimpresso em 1885. Teve esta obra a bôa fortuna de encontrar um ardoroso arauto entre nós, que foi o Prof. Adolpho Coelho, o qual divulgou algumas das conclusões de A. de Candolle, que mais lhe pareceram adequaveis ao ambiente e condicionalismo portugûes. Fê-lo no artigo *Sobre as condições do desenvolvimento scientifico nacional*, inserto no vol. 5.º da *Revista de Educação e Ensino*, Lisboa, 1890. Segundo o quadro de Coelho, as condições propicias á alta cultura scientifica seriam as seguintes: 1.ª— proporção consideravel de gente rica relativamente á que do trabalho quotidiano extrahe a sua manutença; 2.ª— que desta camada grande parte se contente com as suas fontes de receita de modo a desinteressar-se da aventura mercantil e da exploração capitalista, e em termos de libertar a sua attenção em proveito dos trabalhos scientificos; 3.ª — presença duma tradição intellectual, antiga e rica, que imponha responsabilidades e deveres de sequencia de geração em geração, guiadas por influencia da hereditariedade para in-

teresses ideaes ; 4.^a — immigração de familias estrangeiras instruidas e portadoras do gosto das investigações scientificas; 5.^a — tradição familiar de cultura e mecenatismo; 6.^a — boa organização do ensino publico, principalmente nos seus graus superiores, inteiramente independente de sectarismos politicos ou fanatismos religiosos e capaz de incutir o amor da sciencia e de iniciar na investigação original os estudantes e os professores ; 7.^a — bôa organização de instrumentos de trabalho, taes como bibliothecas, archivos, museus, laboratorios e collecções ; 8.^a — existencia dum publico mais sollicito dos valores reaes e verdadeiros que de futeis e ficticios entretenimentos ; 9.^a — liberdade plena de exprimir publicamente a opinião em materia scientifica, de a ensaiar e propagandear; 10.^a — conceito geral honroso para as sciencias e seus cultores; 11.^a — direito de não exercer nenhuma profissão, de não prestar nenhum serviço pessoal e de empregar livremente a vida, viajando, estudando e meditando; 12.^a — religião pouco auctoritaria ; 13.^a — clero francamente amigo da cultura espirital e não obrigado ao ministerio ; 14.^a — uso habitual e facil do francês, do inglês ou do allemão, e diffusão dos três idiomas nas classes instruidas; 15.^a — pequeno paiz independente ou confederação de pequenos paizes independentes; 16.^a — bôa posição geographica, em clima temperado ou septentrional e na vizinhança de paizes adiantados; 17.^a — incremento de academias e associações scientificas; 18.^a — habito de viajar e mais ainda de residir temporariamente nos paizes estrangeiros mais adiantados. Alphonse de Candolle apontou condições de grande e

pequena influencia e de permanente e ephemera acção, mas no seu elencho, em que as rubricas são de tão varia graduacção, notou circumstancias e observações, que fôram a base da renovação scientifica de alguns paizes modernos. Se a sua confiança na pequenez do territorio foi grandemente contradictada pelos doutrinarios do imperialismo allemão, que não deixaram de tambem apontar os progressos da alta cultura intellectual como uma das virtudes implicitas no seu systema, se a historia oppõe a algumas das suas conclusões desmentidos formaes, as linhas geraes do quadro do botanico suisso permanecem ainda com sua actualidade. E como a especulação philosophica começa onde acaba a exacta investigacção natural, poderemos dizer que a essencia daquellas condições, não sendo sufficiente, será necessaria tambem ao surto do pensamento philosophico. Talvez porque ella se não verificou ainda em Portugal, não exista uma philosopha portuguesa, e pela mesma causa seja a nossa tradiçào litteraria tão pouco palpitante de pruridos e ansiedades philosophicas. A idéa de Deus a certeza da vida terrena finita, a crença no além da alma immortal, a recompensa do bem e o castigo do mal enchem a nossa litteratura de lingua portuguesa, de lingua castelhana, de lingua latina e de lingua hebraica. Mas como a orthodoxia fixára fronteiras ao pensamento, não é uma duvida nem um anseio o que faz vibrar essa litteratura, é uma certeza que a aquieta e em que o espirito tranquillo longamente glosa os eternos motivos da religiào, se catechisa e adormece na «na mão de Deus, na sua mão direita». A litteratura mystica, principalmente na sua abundante biblio-

graphia esquecida, não tem philosophia, tem, quando logrou attingir valores, alguma psychologia moral, sólido conhecimento da humanidade.

Mas esta affirmação pôde parecer um pouco ligeira emquanto se não fundamentar em analyses minuciosas dos monumentos philosophicos portuguezes, escassos ou quantiosos que elles sejam. E como o negativismo facilmente condemnatorio é uma disposição de espirito filha da superstição da hegemonia intellectual de dois ou três paizes, tambem o descrédito o vae attingindo desde que a investigação revelou valores ignorados na cultura peninsular. Com o negativismo anti-nacionalista investiu Menéndez y Pelayo em 1876, na famosa polemica da sciencia hespanhola. Affirmou que havia uma tradição philosophica hespanhola e chegou a reconstituir varios momentos da sua historia: Ramon Lull, Santo Izidoro, o platonismo hispanico, a historia geral da esthetica, Fernando de Cordova e a logica no seculo xv, e as origens do criticismo e scepticismo na peninsula. Herdando os seus ensinamentos e continuando os seus esforços, o sr. D Miguel Asin (1) encontrou uma sequente philosophia na Hespanha musulmana e o sr. Bonilla y San Martin metteu hombros á tarefa duma *Historia de la filosofia española*, que por emquanto apenas attinge o seculo xii, e versou ainda alguns outros pontos em trabalhos dispersos (2).

(1) V. Alberto Gómez Izquierdo, *Estudios de Asin Palacios sobre la filosofia musulmana*, Madrid, 1914, 31 pags., separata de *La Ciencia Tomista*.

(2) V. J. A. Galvarriato, *La obra de Adolfo Bonilla y San Martín*, Madrid, 1918, XIII + 18 pags.

Em Portugal, apesar de o consenso geral sobre este assumpto afinar pelo juizo que antes expuzémos, houve um erudito que não se dedignou de emprehender uma chronica do pensamento philosophico lusitano, em tempo em que o espirito nacional, sahindo do romantismo nacionalista e patriotico, enveredava pela senda desdenhosa do cosmopolitismo hypercritico, bem longe da aproveitada economia com que modernamente se recolhem todos os esforços das velhas gerações. Sim, é bom não esquecer que em nome do espirito critico e dum mal entendido cosmopolitismo se desdenharam muitos valores da cultura portuguesa, que urge recolher e revigorar. Esse chronista, que em pleno realismo ousou affirmar a existencia de alguma especulação entre nós, foi o Doutor J. J. Lopes Praça então ainda estudante da Universidade de Coimbra, com sua obra *Historia da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia*, de 1868, que deveria ser seguida de fasciculos documentares comprovativos, dos quaes só sahiu o primeiro, no mesmo anno. Lopes Praça deu uma comprehensão muito vasta á philosophia, que por vezes se torna synonymo de instrucção publica, não aprofundou a analyse dos monumentos e não levou o seu estudo além de Silvestre Pinheiro Ferreira. Mas nem por isso deixa de ser um pioneiro muito para encomiar. Só trinta annos depois Ferreira Deusdado, nobre espirito injustamente esquecido, deu um escorço da historia do thomismo em Portugal e da philosophia no seculo XIX.

Modernamente deu-se a estudos desta materia o sr. Prof. Joaquim de Carvalho, que affirma que o pensamento

director das suas doudas investigações é a convicção de que «o genio nacional, como unidade viva e livre, se deveria reflectir na philosophia». E' uma formula moderada e mais verosimil.

Se possuir um paiz uma historia da philosophia é possuir uma tradição propria, tecida de materiaes elaborados a dentro de fronteiras, embora sem deixar de assimilar influencias estranhas, é ostentar alguns pensadores poderosos e originaes que exercessem alguma acção na marcha geral das idéas, quasi poderemos dizer do simples exame apressado do conjuncto da nossa historia intellectual que Portugal não tem uma philosophia portuguesa. Com effeito, tal existencia presuppõe duas circumstancias indispensaveis: a individualidade caracteristica dessa philosophia e a profundidade maior ou menor da sua influencia. Sem se distinguir das outras tradições philosophicas e sem influir, sem physionomia e sem fecundidade não ha tradição. Lembremo-nos da nossa individualidade litteraria e historica que nos distingue no conjuncto dos povos ibericos. Lembremo-nos, por exemplo, que a philosophia francesa se aparta das formas de especulação doutros povos por characteristics bem nittidas que H. Bergson apontou: a simplicidade e a belleza da forma; sua estreita ligação á sciencia positiva; sua inclinação para a psychologia; e certa antipathia'dos systemas. Poder-se-ha apontar uma physionomia propria no conjuncto da bibliographia philosophica portuguesa?

Reduzir a tradição philosophica a uma chronologica juxtaposição de reflexos e imitações do movimento geral das idéas fora de fronteiras, não póde ser um conceito acci-

tavel. Mas se puzermos a questão num ponto de vista peninsular, talvez a these já adquira verosimilhança: ao movimento philosophico produzido após a obliteração da cultura helleno-romana, levou o genio peninsular algumas achegas de originalidade, fosse em phases modestas de precursos, fosse no apogeu da novidade? E para ellas contribuiu de algum modo o pensamento portuguez? Com esta formula não é difficil harmonizar a idéa central que norteia o sr. Prof. J. de Carvalho. E a resposta cabal só lhe poderá ser dada depois de inventariada e estudada a productividade bibliographica.

Assim pensando, démo-nos ao trabalho inglorio de reunir o presente ensaio bibliographico. Não é elle completo, porque não o são nunca trabalhos desta especie e porque as nossas diligencias foram grandemente contrariadas por obstaculos de ordem material. Alguns dos verbetes são redigidos por indirecta informação, porque não lográmos examinar a obra para com segurança a descrever; e de algumas revistas não conseguimos encontrar collecções completas para registrar todos os artigos attinentes á materia, nellas insertos. E' uma primeira tentativa, que os estudiosos indulgentes não desestimarão.

No presente inventario incluimos os seguintes dominios: especulações de psychologia, logica, moral e metaphysica; investigações experimentaes de psychologia; relações da physiologia com a psychologia; relações das sciencias com os varios capitulos da philosophia; relações da theologia com a philosophia; biographias de philosophos estrangeiros e portuguezes; historia e critica da philosophia

em Portugal e fóra de Portugal; ensino philosophico, sua methodologia e historia; manuaes; catalogos de manuscriptos de philosophia; cabala; sociologia e esthetica. Os estudos de philosophia da historia estão excluidos, porque delles nos occupámos já no appendice bibliographico do nosso *Espirito Historico*, pags. 69-87 da 3.^a ed., de 1920.

Todas estas especies são de auctores portuguezes, superfluo é dizer, mas julgámos util indicar em secção independente alguns trabalhos estrangeiros sobre pensadores portuguezes, visto que era um instrumento de trabalho que preparavamos. Naturalmente excluimos quanto dizia respeito a occultismo, illuminismo, espiritismo e theosophia, aberrações do pensamento que mais duma vez se volvem em puro galimatias.

Tambem não incorporámos os textos manuscriptos, de que tivemos noticia principalmente por Barbosa Machado. Da maior parte delles ignora-se o actual paradeiro e dos que realmente se conservam não ha catalogo especial publicado, excepção feita do da Bibliotheca Publica do Porto, que registamos. Na Bibliotheca da Ajuda existe uma extensa collecção de postillas, muitas das quaes provindas da livraria do Convento de Nossa Senhora das Necessidades, dos padres de S. Filippe Nery, próveniencia que lhes dá valor especial para a historia do nosso ensino philosophico. Dellas fez um cuidadoso catalogo o sr. Carlos Alberto Ferreira, que generosamente acolheu a nossa suggestão.

Mas não devemos deixar de salientar que os manuscriptos apontados por Barbosa Machado não eram pouco numerosos e nem sempre de auctores secundarios. Eram

de D. Pedro de Figueiró, Fr. Manuel de São Thomaz, Fr. Sergio Goes, Marianna de Abreu, Fr. Manuel da Natividade, Fr. Manuel do Desterro, Manuel de Faria e Sousa, D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora, Antonio Corrêa de Sousa, Fr. Antonio da Purificação, Antonio Velloso de Lira, Fr. Bento de Machado, P.^e Bento Pereira, Fr. Boaventura das Chagas, D. Fr. Christovam da Silveira, P.^e Cosme de Magalhães, Fr. Estacio da Trindade, Fr. Faustino de Santa Rosa, P.^e Francisco de Sande, P.^e Francisco de Mont'Alvernie, P.^e Francisco Freire, Fr. Francisco da Anunciação, D. Fernando de Menezes, Fr. Fernando de Castro, Fr. Francisco de Christo, Fr. Izidoro Castanheira, Fr. Joseph de San Gualter Lamatilde, Fr. Joseph da Conceição, Fr. João de Vasconcellos, Fr. João da Silveira, João Serrão, que com sua *Philosophia Mosayca* destaca em meio desta legião de aristotelicos expositores, Fr. João Ramires, Fr. João da Natividade, João Martins, P.^e João Baptista, D. João de Santa Helena, Fr. Jeronymo de S. Boaventura, Ambrosio Leão, Fr. Izidoro de Ourem, que estudou as idéas de Raymundo Lull, Gaspar de Mello da Silva e Vasconcellos, Antonio Martins Portocarrero, D. Celestino Segueineau, Fr. Diogo Baptista, P.^e Francisco Furtado, D. Francisco Xavier de Menezes — Conde da Ericeira, P.^e Gaspar Vaz, Henrique Jorge Henriques, D. Manuel Caetano de Sousa, Fr. Pedro da Cruz, Lourenço Fernandes, Fr. José Caetano, P.^e Francisco de São Thomaz, P.^e Marcello Leitão, cujo manuscripto se guarda no Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, e Antonio Luiz, de quem ha um codice no Archivo da Torre do Tombo.

Esta fastidiosa ementa de nomes não é de todo inutil, porque mostra que parcella importante da productividade philosophica se perdeu ou se desconhece ainda por inédita. A grande contribuição, que para a lista nominal acima dão os professores de seminarios e conventos, não pode bastar como motivo para o historiador da philosophia em Portugal desdenhar tais manuscritos.

Como respeitamos no nosso ensaio bibliographico a seriação chronologica, o estudioso rapidamente surprehenderá as variantes de maior vulto que entre nós percorreu a especulação, sem deixar de notar que alguns monumentos apparecem deslocados porque attendemos á data da sua primeira impressão e não á da sua redacção—pratica que teria difficuldades de execução.

Se deixarmos de lado os sermões de Santo Antonio de Lisboa (1195-1231), que são mais do dominio da apologetica que do da philosophia, tomaremos o papa João XXI, o famoso medico bracharense, Pedro Hispano ou Pedro Julião, (?-1277) como o nosso primeiro pensador, sob a forma de vulgarizador do *Organon* de Aristoteles, com as suas *Summulae Logicales*, que largamente circularam e que Dante lembrou no seu conhecido terceto do canto XII do seu *Paraizo*:

Ugo de San Vittore, é qui com elli
E Pietro Mangiator, e Pietro Hispano
Le qual già luce in dodeci libelli.

E delle partiu a corrente fiel e orthodoxa do stagyrisimo, com representantes de valor como Antonio de Gouvêa,

campeão de Aristoteles em Paris, Diogo de Contreiras, Luiz de Lemos, Albuquerque, Belliago, Margalho, Fr. Gaspar do Casal, P.^e Balthazar Alvares, Egidio Romano, Fr. Vicente da Ponte, Soares Vilhegas, Fr. João de Santo Thomaz, Fr. Jeronymo de Paiva e outros que constituem um exercito denodado de commentadores, exegétas e compendiadores, que no fim do seculo xvi cobra alentos novos com a pleiade brilhante de dissertadores de certa originalidade e serodios defensores da escolastica, como D. Jeronymo Osorio, Pedro da Fonseca, talvez o mais poderoso dos nossos pensadores, Manuel de Goes, Sebastião do Couto e Silvestre Aranha, e com a influencia escolar e pessoal do insigne P.^e Francisco Suárez (1548-1617), que em Coimbra regeu de 1597 a 1616. Ainda no seculo xvi vemos Leão Hebreu divulgar em elegante forma artistica o platonismo, tornado na sua delicada Philographia, e Francisco Sanches erguer bem alto os fóros do scepticismo critico. Os hebreus imprimiram tambem nesse tempo o influxo do seu sangue sobre a especulação com Samuel da Silva e Manassés beni Israel. E combinadamente a elle o neoplatonismo degenera na cabala e no occultismo, e e chega a curvar-se ás exigencias ignaras do prophetismo sebastianista. D. Francisco Manuel de Mello e o P.^e Valle de Moura escrevem de cabala. De Savonarola houve um traductor, que seria Leonel da Costa, segundo Barbosa Machado, mas mais noticias não ha dessa tentativa de importação de heterodoxia. De Francis Bacon houve o projecto de traducção por Jacob de Castro Sarmento, sob a égide de D. João V, que foi anunciado publicamente

em 1731. Alguns annos depois uma corrente de neophilia e de experimentalismo invade o espirito nacional com Luiz Antonio Verney e a polemica suscitada pelo seu *Verdadeiro Methodo de Estudar*. Este vigoroso pamphleto critico não deixa de tambem acompanhar o movimento de discussão das idéas arrojadas e progressivas de Fr. Benito Jeronymo Feijóo y Montenegro (1676-1764), expostas em seu *Theatro Critico Universal*, (1726-1739) e nas suas *Cartas eruditas y curiosas*. Os outros impugnadôres portuguezes de Feijóo foram Ernesto Frayer (pseudonymo de Martinho de Pina e de Proença, em 1727), e Fr. Bernardino de Santa Rosa em 1743. Na phase derradeira da escolastica immobilizada na tradição medieva, Verney é uma figura bem representativa. Elle, Antonio José da Silva e o Cavalheiro de Oliveira constituem uma trindade de racionalistas, bem interessantes pelo contraste com a côrte de D. João v em que surgem, contraste fatal ao segundo e bem nocivo ao ultimo. No fim do seculo xviii a philosophia tomou formas rudimentares de vulgarização em romances, dialogos, cathecismos e compendios, que eram exigencias do ensino e tambem symptomas de decadencia.

O Marquez de Pombal protege a Congregação de S. Filippe Nery, então mais curiosa do movimento naturalista, e faz entrar a philosophia no quadro do ensino médio. Um dos mestres dèssa disciplina foi Bento José de Sousa Farinha, que não se poupou a esforços para introduzir as idéas de Genovesi, os quaes em pleno seculo xix são continuados com igual empenho por Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo. No principio do seculo surge a figura rele-

vante de Silvestre Pinheiro Ferreira, escasso creador, mas fiel reflector, e verdadeiramente o homem que pela primeira vez entre nós com vigor debateu os problemas estheticos, antes talvez só indicados por Antonio Leite Ribeiro.

A reforma do ensino em 1851 determina alguma critica dos methodos escolares das disciplinas philosophicas e o apparecimento de novos compendios didacticos. São os de Ferreira Tavares, Pereira Jardim, Corrêa Moraes, Sousa Doria, Barreiros, e Almeida e Albuquerque. Em 1858, por iniciativa do grande Rei D. Pedro v, cria-se o Curso Superior de Letras e nelle o alto ensino da philosophia. Pondo-se a concurso a respectiva cathedra, apparecem trabalhos com merito e para o tempo e para o ambiente com novidade: Silva Ferraz e Almeida Lacerda estudam as relações do eclectismo de Victor Cousin—aquella philosophia que Taine desdenhosamente chamou de *litteraria*—com o pensamento allemão e as bases fundamentaes da construcção de Descartes. Já antes Sousa Lobo escrevêra sobre este mesmo elevado thema e um anonymo, em 1855, revelava certo conhecimento da philosophia allemã, (*Instituto*, vol. 3.º). Silva Negrão traduziu a synthese que da philosophia de Kant fez Charles Villiers (V. Castilho, *Fastos de Ovidio*, vol. 1.º pags. LXXXV, 1862). Ia começar um movimento de curiosidade pela especulação philosophica, que formaria apreciavel contraste com o desinteresse da primeira geração romantica. Garrett era a personificação da carencia do espirito philosophico e Herculano, poeta de musa austera e historiador grave, não hesitou

em escrever desoladoramente as linhas seguintes no prologo do seu *Parocho da Aldeia*, de 1843: « Como a philosophia é triste e arida ! » E após uma imagem vehemente da desolação dos campos açoutados pela invernia brava: « Como a flor do campo, a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de opiniões, de argumentos, pendê desanimada e tristonha; e na claridade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmospherã da intelligencia, não pôde aquecer-se aos raios esplendidos do sol de uma crença viva.

« Com Kant, o universo é uma dúvida: com Locke, é dúvida o nosso espirito: e num destes abysmos veem precipitar-se todas as ontologias.

« Como a philosophia é triste e arida !

« A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe consigo a dôr, a condemnação e a morte: mas a sua peiôr peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo ».

Tão fundo tédio não impediu que o grande historiadôr revisse os *Estudos de Philosophia Racional*, de Joaquim Maria da Silva, de 1863, que com a *Loxodromia da vida humana*, de Soares de Barros, de 1798, e as conferencia de Ponte Horta, de 1884 e 1886, sobre os infinitamente pequenos e a circulação da materia, constituem toda a bagagem philosophica da Academia Real das Sciencias em cêrca de seculo e meio de existencia.

A geração realista ergueu a um brilho, desconhecido entre nós desde o fim do seculo xvi, dos conimbricenses, o gosto pelos estudos philosophicos. Amorim Vianna que-

brou lanças pelo racionalismo anti-religioso, quando Camillo Castello Branco atravessava uma crise espiritual de pendôr opposto, de que nasceram as suas poesias religiosas *Hossana* e os artigos sobre a *Divindade de Jesus e a tradição apostolica*, 1852-1864, e a polemica com aquelle professor. Anthero de Quental, excepcional tendencia para a alta especulação, percorreu uma longa carreira espiritual do hegelianismo ao quietismo budhico e deixou após si um rasto luminoso pelo dom inegualado de impregnar os problemas e as coisas de espirito philosophico e de as vivificar com os seus pontos de vista, sempre penetrantes. Elle foi, já noutro lugar o lembrámos, o pensador como Bergson concebe: «le philosophe, à n'importe quel moment de sa carrière, doit être prêt à se refaire étudiant». Ninguém entre nós teve maior flexibilidade de pensamento, ninguém teve mais penetrantes lampejos até ao amago das coisas. Por isso foi estranho a caixilhos de systemas e «philosophias definitivas», como essa do positivismo seu coetaneo, evitou a esteril immobilização do pensamento e em adejos de largo vôo comprouve-se mais em pôr de modo pessoal e novo velhas questões do que em propôr petulantes soluções. Critico arguto, teve o dote raro de bem assimilar e comprehender a essencia do pensamento de outrem, como mostrou nas paginas inolvidavejs da *Philosophia da natureza dos naturalistas* e nas *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX*. Numa historia da philosophia systematica e objectivamente posta como disciplina autonoma, não terá Anthero de Quental o primeiro lugar, mas quem bosquejar o desenvol-

vimento do espirito philosophico entre nós, não poderá deixar de lhe fazer lugar relevante, porque elle foi, na litteratura e na vida, o pensamento philosophico em acção. Tambem o historiador da linguagem fará justiça aos seus esforços por adaptar a lingua portugueza, trabalhada por uma multiseccular tradição lyrica e pela pleiade dos grandes prosadores mysticos, ás exigentes necessidades de abstracção e expressão do pensamento theorico. Na sua riquissima e desigual bibliographia dispersa se prova este nosso conceito.

Os contemporaneos de Anthero Quental seguem veredas muito diversas. Anselmo de Andrade e Manuel de Arriaga versam a philosophia da historia, que o amor das syntheses ousadas pôs em moda. J. Frederico Laranjo estuda a philosophia hellenica nos seus representantes principaes, Socrates, Platão e Aristoteles, sobre os textos gregos directamente, e não deixa de defender a criação duma cathedra de philosophia em Coimbra, aspiração que, formulada em 1871, só se realizou em 1911. Lopes Praça inicia os estudos de historia da philosophia em Portugal. E o sr. Theophilo Braga torna-se chefe dum grupo pertinaz que porfiará em propugnar o positivismo, não só como philosophia, mas como politica e como culto civico. A revista de Coimbra, *O Instituto*, é o repositorio preferido para os escriptos de philosophia, mas os comtistas reunindo-se fundam o seu orgão proprio, *O Positivismo*, que durou de 1878 a 1882. Ahi collaboram Theophilo Braga, Teixeira Bastos, seu discipulo dilecto, Julio de Mattos, Consiglieri Pedroso, Augusto Rocha, Bettencourt

Raposo e Candido de Pinho. Comteana foi tambem a orientação de outras revistas, como a *Era Nova* e a *Revista de Estudos Livres*. O physiologismo entra em moda como doutrina psychologica e surgem os primeiros estudos de sociologia, sob o estimulo do systema de Comte. Albino Geraldès apresenta uma condensação do darwinismo; e o materialismo, não prudentemente como methodo, mas unilateral e intolerantemente como philosophia, invade os espiritos e domina o ensino secundario reformado em 1882 e 1895; não o ensino superior porque a escola de D. Pedro v, com Sousa Lobo e depois com Jayme Moniz, contituiu um reducto do espiritualismo. E de lá sahiu a reacção, depois chefiada pelo Prof. Manuel Ferreira Deusdado. O bom criterio de Moniz Barreto reconheceu essa filiação mental. (1) Deusdado nos seus *Ensaio de Philosophia Actual* declarava-se neo-kantista; era a influencia proxima da escola. Mas mais tarde, fundando e dirigindo a excellent *Revista de Educação e Ensino*, foi um indefêso apologista da escolastica, cujo renascimento e cujas novas incorporações conhecia. O Doutor José Maria Rodrigues trouxe tambem a sua contribuição ao movimento com a sua critica do materialismo e bem assim o sr. Abel de Andrade reclamando novamente alguma attenção para a especulação cartesiana. A polemica de 1898 entre Miguel Bombarda, materialista até ao prejuizo

(1) V. o artigo *Philosophia Portuguesa*, publicado no *Reporter*, de 1 de Agosto de 1888 e reproduzido na *Revista de Historia*, 8.º vol., 1919 pags. 255-258.

sectario, e o P.^e Sant'Anna, é um episodio ruidoso do caminho para a desillusão dessas esterilizantes supers tições.

Com o desaparecimento da geração critica de Anthero e seus antagonistas voltou a decadencia dos estudos philosophicos. Logo ao abrir o seculo xx, num artigo publicado em 1900, o Prof. Adolpho Coelho fazia um esboço do nosso ensino philosophico até 1858 e limitava-se depois dessa data a historiar a vida interna do Curso Superior de Letras. Nessa decadencia jaz ainda hoje. Só abrem excepção os trabalhos do sr. Prof. Joaquim de Carvalho, que está sendo um restaurador da historiographia philosophica entre nós, alguns estudos breves de psychologia experimental e os escriptos do sr. Leonardo Coimbra, rara organização de metaphysico, hoje numa phase de concentrada disciplina mental, a cujo lado surgiu um moço professor que crêmos excellentemente dotado para esse ramo de investigação, o sr. Newton de Macedô.

Historia geral da philosophia não temos ainda nenhuma, não considerando como sufficientemente cabal o esboço de Costa e Almeida, de 1873, nem o resuminho popular de José Augusto Saraiva, de 1887, nem a traducção do francês feita pelo infatigavel e encyclopedico João Felix Pereira. O Brasil tem, pelo contrario, desde 1918 um prestante manual, bem informado e bem orientado nas *Noções de Historia da Philosophia*, do P.^e Leonel Franca, que se não esqueceu de apontar em sua obra alguns nomes portuguezes e que na 2.^a edição lhe additou um excellente capitulo sobre a philôsofia no Brasil.

Deste paiz não incluímos no nosso inventario a pro-

ductividade bibliographica nas materias do ambito delle, porque, sendo muito diversas as trajectorias espirituaes dos dois povos, depois que se separaram ha um seculo, tal inclusão só quebraria alguma unidade e algum sentido logico ao nosso elencho, que, convem não esquecer, procura restituir um pouco a marcha real do pensamento. Das nossas notas sobre o Brasil resalta a obstinada perduração que alli tem tido o positivismo até sob a forma extrema de religião com sua liturgia, de que Miguel Lemos e Teixeira Mendes foram os principaes paladinos. Tobias Barreto fez uteis importações de germanismo; Silvio Romero foi um discipulo confessado de Spencer; Farias Brito (1864-1917), a figura primacial do pensamento philosophico naquelle paiz, reagiu em nome do espiritualismo contra os ultimos abencerragens do systema comteano e os seus esforços, menos criticos e mais creadores, estão produzindo ainda hoje uma proficua repercussão. Um grupo de escriptores ardentes e confiados, glosa os conceitos do mestre, extrahindo-lhes as suas conclusões mais intimas. São elles espiritos como o illustre Clovis Bevilacqua, Jackson de Figueiredo, Nestor Victor, Almeida Magalhães, Albino Monteiro e Veiga Lima.

Durante os seculos coloniaes o Brasil, que deu sua contribuição litteraria á metropole, não enviou qualquer achega de materia philosophica; mas na segunda metade do seculo xix houve dois momentos em que se estabeleceu algum contacto entre a especulação dos dois paizes. Foi o primeiro em 1886 quando Anthero de Quental publicou os seus magistraes artigos, *A Philosophia da natureza dos*

naturalistas, a proposito do livro de Vianna de Lima, editado em Paris, sobre a exposição summaria das theorias transformistas. Ahi ergueu bem alto o pensador português os direitos da metaphysica, como actividade racional do espirito, autonoma da sciencia e a ella superior e, como methodo, a propria alma da philosophia. E do mesmo passo fez um cerrado ataque do monismo de Hæckel, cujo adepto fervoroso era Vianna de Lima.

O segundo desses contactos, a que alludimos, foi o severo varejo que do comtismo fez o P.^e Senna Freitas com a sua penna combativa em *O positivismo sob o aspecto philosophico, moral, sociologico e religioso*, Rio de Janeiro, 1893.

E ao fechar estas linhas de prefacio queremos apontar uma circumstancia curiosa: a escassa influencia, limitada ao ensino da philosophia do direito, de Krause (1781-1832) em Portugal, que com seu panentheismo tantos estragos fez em Hespanha desde que Sanz del Rio traduziu algumas obras suas, e que no Brasil tambem não passou despercebido, pois teve em Galvão Bueno um vulgarizador com as suas *Noções de Philosophia accomodadas ao systema Krause*, S. Paulo, 1877.

E' obvio que o critico, que se propuzer dar um balanço á nossa cultura philosophica, não deverá contentar-se com manusear as especies ennumeradas no nosso inventario; terá de apreciar tambem as traducções portuguezas de obras philosophicas estrangeiras (1) e de medir

(1) Algumas se incluem no nosso trabalho *Traductores portuguezes do grego e do latim*, comprehendido no presente volume.

a influencia das doutrinas sobre obras que, posto sejam bem diversas do exercicio da especulação pura, desta se imprêgnaram, como o lyrismo camoneano, a mystica, a litteratura prophetica e certas formas da historiographia. Mas com estes materiais já é licito perguntar: que conclusão se extrahе da inspecção dellés? Quaes os momentos mais poderosos do pensamento portuguezs? Cremos que o genio portuguezs reflectiu com brilho vario e fidelidade mudavel as principaes correntes de idéas, mas que só influiu ou reagiu com intensidade consideravel quando, no seculo XIII, proporcionou um dos mais proficuos vulgarizadores medievos do aristotelismo, Pedro Julião, na phase anterior á adopção da doutrina do Stagyrita pela Igreja, antes que Boecio revelasse o conjuncto das obras deste philosopho, nas vespers portanto da constituição do thomismo; quando, no seculo XVI, produziu uma das mais affoitas e cerradas declarações na reviviscencia do pyrrhonismo, que foi o pamphleto de Francisco Sanches, introducção a um projectado tratado do methodo, que faz delle um digno companheiro de Montaigne e Pierre Charron, e um precursor original de Campanella e Descartes; quando a voz eloquente de Antonio de Gouvêa defendeu Aristoteles das arremettidas de Ramée; quando Leão Hebreu volveu em doutrina esthetica do amor o velho platonismo; e quando uma legião de commentadores briosamente quebrou lanças por Aristoteles, ao reboar já a repercussão forte da reforma de Bacon. Sanches e Leão Hebreu são os pensadores que trazem contribuição nova, mas Gouvêa e os conimbricenses são os que representam verdadeiramente a tra-

dição orthodoxa da mente nacional, a qual foi tão infensa á novidade como a religião romana á heresia.

E são estes — Sanches, Gouvêa, Leão Hebreu e Pedro Fonseca com sua escola — os pensadores a que a critica estrangeira tem dado attenções preferentes.

II — BIBLIOGRAPHIA PORTUGUESA DE PHILOSOPHIA

Paes, D. Fr. Alvaro. — De Planctu Ecclesiae, Ulmae, 1474. (Reed. em 1617, Ludguni, e 1560, Venetiis). (1)

Albuquerque, Affonso de. — Commentarii in Parva naturalia Aristotelis, 1498. (Apontado por Barbosa Machado). (2)

Pedro Julião. — Textus septem tractatum Petri Hispani per tractatus et capitula distinctus in quibus succinte breviterque inquiruntur ea quae in libris logicalibus Aristotelis diffusius tractantur. Venduntur Lipsi per Melchiam Loterum regione foeni.

Impressum Liptzk per Melchior Lotter anno dñi millesimo quingentesimoduodecimo.

(Barbosa Machado falla de uma edição de Paris (?), 1487, mas vagamente; novas ed. em Coloniae, 1503; Venetiis, 1572, 1573, 1593 e 1672; Coloniae, 1610. Nem todas estas edições são completas). (3)

Margalho, Pedro. — Physices Compendium. Salmanticae, 1520. (4)

Santo Antonio. — Quadragesimales sermones s. Antonij de Padua cum duplici tabella: opera Jod. Badij repositi. Parisiis, MDXXI. (5)

Hieronymi Osorii Lusitani. — De Gloria libri quinque, de nobilitate civili et christiana libri totidem. Basilea, CI^oIO^oXXVII.

(Os *De Gloria libri quinque* reimprimiram-se em Conimbricae, 1549 e Florentiae, 1552; os *De nobilitate christiana libri III* também em Florentiae, 1552). (6)

Santo Antonio. — Divi Antonij Patavini, vulgo dicti de Padua, sermones dominicales sive de tempore, MDXXVIII. (7)

Leão Hebreu. — Dialogi d'Amore di maestro Leone medico Hebreo. Roma, MDXXXV.

(Reed. em 1541, 1545, 1549, 1552, 1558, 1562, 1565, 1572, 1573, 1586, 1587 e 1607). (8)

Gouvêa, Antonio de. — Antonii Goveani pro Aristotele responsio, adversus Petri Rami calumnias et alia opuscula. Parisiis, 1543. (9)

Belliago, Belchior. — De Dialectica liber. Conimbricae, 1549. (10)

Contreiras, Dlogo de. — Annotationes quaedam perbreves in Dialecticam Georgii Trapezontii. Conimbricae, 1551. (11)

Lemos, Luiz de. — In librum Aristote-

- lis de Interpretatione. Salmanticae, 1558. (12)
- Casal, D. Fr. Gaspar do.—In Praedicatorum & Topica Aristotelis. Venetiis, 1563. (13)
- Fonseca, P.^o Pedro da.—Institutionum Dialecticarum Libri VIII. Olyssipone, 1564.
(Novas ed. em Coloniae, 1567; Venetiis, 1575 e 1582; Turnoni, 1588; Conimbricae, 1590; Wizemburgi, 1596; Ludguni, 1598; Leodii, 1608; Coloniae, 1610; Ludguni, 1612; Venetiis, 1615; Ludguni, 1622). (14)
- Sena, P.^o Antonio de.—In Theologiae Summam D. Thomae Aquinatis marginalibus notis, et indicationibus omnium cujuscumque generis authorum. Antwerpiae, 1569.
(Nova ed. em 1575). (15)
- In Quaestiones D. Thomae disputatas et quae his conjungi solent notae. Antwerpiae, 1571. 15-A
- Commentarius D. Thomae, in Genesim. M. S. Antwerpiae, 1573.
(Nova ed. em Ludguni, 1573 e Antwerpiae, 1575; Sena é apenas editor desta obra por elle encontrada no Convento dos P.^{es} Franciscanos, de Flessingue). (16)
- Catena aurea D. Thomae super Quatuor Evangelia ad exemplaria antiquissima M. S. collata, et repurgata, et indicationibus marginalibus illustrata. Antwerpiae, 1575.
(Novas ed. em Parisiis, 1611 e 1637). (17)
- Commentarium Petri Fonsecae Lusitani doctoris theologi societatis Jesu in libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae. Tomus Primus. Romae, MDLXXVII, 724 pags.
(Novas ed. em Romae, 1589; Coloniae, 1604; Ludguni, 1602-4; e toda a obra em Argentorati, 1594). (18)
- Osorius, Hieronymus.—De vera Sapientia libri quinque. Olyssipone, 1578.
(Nova ed. em Coloniae Agrippinae, 1582, 302 pags.) (19)
- Sanches, Francisco.—Quod nihil scitur. Ludguni, MDLXXXI, 100 pags.
(Esta obra apparece quasi sempre citada com o seguinte titulo: *De multum nobili et prima universalis scientia—Quod nihil scitur*; na 1.^a edição, de que possuímos um exemplar, só figura o titulo que indicamos; supponho ser isso devido a ter-se divulgado mais a edição de Francofurti, 1618. Outras ed. em Retterdam, 1644, em parte que desconhecemos no anno de 1665, e em Lisboa, 1913 e segg.). (20)
- Pinto, Heitor.—Fratris Hectoris Pinto Lusitani Hieronymiani sacrae Theologiae doctoris. . . Opera omnia latina. . . Ludguni, MDLXXXIII, (21)
- Commentariorum Petri Fonsecae Lusitani, doctoris theologi societatis Jesu, in libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae tomus primus. Continet hic tomus quatuor primorum librorum explanationem. Ludguni, MDLXXXV, 724 pags.

- (Nova ed. em Ludguni, 1591). (22)
- Lemos, Luiz de.*—Paradoxorum, seu de Erratis Dialecticorum libri duo. Salmanticae. 1585. (23)
- Commentariorum Petri Fonsecae Lusitani, doctoris theologi societatis Jesu in libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae. Tomus secundus. Continet hic tomus quinti libri explicationem. Romae, MDLXXXIX, 980 pags. (24)
- (Nova ed. em Ludguni, 1590, 778 pags.; id. Ludguni, 1593; id. Francofurti, 1599). (24)
- Pinto, Fr. Heitor.*—Operum Omnium Tomus secundus. Ludguni, MDLXXXIX, 396 pags. (25)
- Dialogi Morales. Ludguni, MDXC, 261 pags. (4.^o vol. das obras). (26)
- Operum omnium latinorum. . . tomi primi et secundi pars prima. Ludguni, CIJ. IJXC, 346 pags. (No mesmo anno o tomo 2.^o e o 3.^o). (27)
- Fonseca, Petrus.*—Isagoge philosophica. Olyssipone, 1591. (28)
- Osorio Jeronymo.*—Hieronymi Osorii Lusitani Opera Omnia, Hieronymi Osorii Nepotis diligentia in unum collecta, et in quattuor. Romae, 1592, 4 vols. (29)
- Goes, P.^o Manuel de.*—Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu, in quattuor Libros *De Coelo* Aristotelis Stagiritae. Olyssipone, 1593. (30)
- Commentarii Collegii Conimbricensis societatis Jesu, in octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae: qui nunc primum graeco Aristotelis contextu, latino e regione respondentis aucti, duas in partes ob studiosorum commoditatem sunt divisi. Ludguni, MDXCIII, 402 pags. (Nova ed. em Coloniae, 1602). (31)
- Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu, in octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae: secunda pars in qua ea explicantur, quae in quinque posterioribus libris ejusdem Philosophi de Physico audito tractantur. . . Ludguni, MDXCIII, 374 pags. (Nova ed., Coloniae, 1602). (32)
- Commentarii in libros *De Generatione et Corruptione*. Conimbricae, 1597. (33)
- Commentarii Collegii Conimbricensis societatis Jesu in quatuor libros de Coelo Aristotelis Stagiritae. Ludguni, CIJ. IJ. XCVII 501 pags. (34)
- In libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum, aliquot Conimbricensis cursus disputationes, in quibus praecipua quaedam ethicae disciplinae capita continentur. Ludguni, CIJ. IJ. XCVIII. 93 pags. (Nova ed., com indicação de 4.^a, em Coloniae, 1603). (35)
- Commentarii collegii Conimbricensis societatis Jesu in libros Aristotelis, qui parva naturalia appellantur. Ludguni, CIJ. IJ. XCVIII, 98 pags. (36)
- Commentarii in tres Libros

- De Anima*, Aristotelis Stagiritae. Conimbricæ, 1598. (37)
- Anonymo* (P.^o Balthazar Alvares).—Tractatus de anima separata. Ulisipone, 1598.
- (Novas ed. em Coloniae, 1603; Venetiis, 1606; e Ludguni, 1627). (38)
- Commentarii Collegii Conimbricensis societatis Jesu in duos libros de generatione et corruptione, Aristotelis Stagiritae. Ludguni, M.DC. 537 pags. (39)
- Commentarii Collegii Conimbricensis societatis Jesu in tres libros de Anima, Aristotelis Stagiritae. Ludguni, M.DC. 619 pags. (40)
- Problemata quae in conimbricensis collegii commentariis physicis enodantur. Moguntiae, 1601. (41)
- Commentarii collegii Conimbricensis societatis Jesu in libros Meteorum Aristotelis Stagiritae. Coloniae, CIJ. IJCIH, 142 col.
- (Nova ed. em Coloniae, 1604). (42)
- Romano*, Egidio (pseud. de Egidio Lusitano).—Commentationes Physicae et Metaphysicae. Ursellis, 1604. (43)
- Couto*, Sebastião do. — Commentaria Collegii Conimbricensis in universam dialecticam Aristotelis Stagiritae. Conimbricæ, 1606. (44)
- Commentarii Collegii Conimbricensis et societatis Jesu: in universam Dialecticam Aristotelis Stagiritae. Coloniae Agrippinae M.DC.XI. (45)
- Fonseca*, Pedro. — Commentariorum Petri Fonsecae Lusitani, doctoris theologi, societatis Jesu: in Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae decimum, undecimum et duodecimum: cum sequentium duorum interpretatione: tomus IV. Coloniae, M.DC.XIII, 235 pags. (46)
- Ponte*, Fr. Vicente da. — Quaestiones Philosophicae. I. Utrum ens rationis sit subjectum Logicae! 2. Sint ne quattuor causarum genera! Quid materia, quid forma, quid efficiens, quid finis, quanam causandi modi secundum doctrinam Aristotelis, & D. Thomae doctoris angelici, & aliorum gravissimorum philosophorum. 3. Materia prima est ne pura potentia, &c. 4. Utrum materia coeli, & horum inferiorum specie distingantur inter se. Aquis Sextiis, 1615 (47)
- Ferreira*, Abrahão. — Epitome y compendio de la logica o Dialectica, en q se expone y declara breve y facilmente su essencia, partes y propiedades, preceptos, reglas y usos, distribuido en 7 libros. Sl., sd. (48)
- Mendes*, P.^o Luiz. — Conclusiones ex universa Dialectica. Ulyssipone, 1617. (49)
- Amaral*, P.^o Balthazar do. — Doctrina Philosophica. 1. de rebus naturalibus in communi. 2. de coelo, et mundo. 3. de rerum naturalium ortu & interitu. 4. de Meteoris. 5. de Anima. 6. de Parvis naturalibus. 7. de anima separata. 8. de Ethica. Ulyssipone, 1618.
- (Pseud. de Luiz Dias Franco?) (50)

- Valle de Moura, Manuel do.*— De Incantationibus seu ensalmis. Opusculum primum. Eborae, 1620. (51)
- Vilhegas, D. Fr. Francisco Soares.*— Epilogus Universae Dialecticae quas Sumulas vulgo dicunt. Burdigale, 1622. (52)
- Costa, Uriel da.*— Exame das tradições pharisaicas conferidas com a lei escripta, contra a immortalidade da alma. Amsterdam, 1623. (53)
- (Esta obra foi confiscada em manuscrito e entregue a Samuel da Silva para que a refutasse, o que elle fez no *Tratado* descripto a seguir. A data de 1623 é a da redacção; a obra foi rescripta e impressa por Ravesteyn em Amsterdam, 1624). (54)
- Silva, Samuel da.*— Tratado da immortalidade da alma, composto pelo Doutor Samuel da Silva, em que tambem se mostra a ignorancia de certo contrariador de nosso tempo que entre outros muytos erros den neste delirio de ter para si e publicar que a alma do homem acaba juntamente com o corpo. Amsterdam, Anno da criação do mundo, 5883 (1623), 178 pags. (55)
- Costa, Uriel da.*— Exame das Tradições pharisaicas conferidas com a Ley, escripto por Uriel Jurista Hebreo, em resposta a hum Samuel da Silva, seu falso calumniador. Amsterdam, 1624. (56)
- Varjão, Fr. Antonio.*— Prima Pars Dialecticae. Sex libris absolvitur: I: De Terminis. II: De Propositione. III: De Proprietatibus quae consequuntur terminos et componunt propositionem. IV: De oppositionibus aequipollentia et conversionibus propositionum. V: De exponibilibus propositionibus. VI: De syllogismis. Eborae, 1627. (57)
- Santo Thomaz, Fr. João de.*— Artis Logicae prima Pars de Dialecticis institutionibus, quas Summulas vocant. Compluti, 1631. (58)
- Artis Logicae secunda Pars in Isagogen Porphirii, Aristotelis Categorias, & Periherminias ac Posteriorum libros. Compluti, 1632. (59)
- Ben-Israel, Manassés.*— Conciliador sive De covenientia Sanctae Scripturae quae pugnare inter se videntur—Opus ex vetustis et recentioribus omnibus Rabbinis magna industria ac fide congestum. Francoforti, MDCXXXII. (60)
- (A 2.^a parte da obra foi publicada em Amsterdam, 1641. (60)
- Halevi, (Rabi Jacob Ben Israel H.*— Preguntas e respostas. Segunda parte. Veneza, 1632-1634. (61)
- Santo Thomaz, Fr. João de.*— Naturalis Philosophiae prima pars quae de natura in communi, ejusque affectionibus disserit. Matriti, 1633. (62)
- Naturalis Philosophiae Secunda Pars in VIII libros Physicorum. Matriti, 1633. (63)
- Naturalis Philosophiae Tertia Pars quae de Ente mobili corruptibili agit ad libros Aristotelis de ortu & interitu cum decem tractatibus de Meteoris. Compluti, 1634. (64)
- Naturalis Philosophiae Quarta-

- Pars, quae de Ente mobili animato ad libros Aristotelis de Anima. Compluti, 1635. (65)
- Paiva, Jeronymo de.* — Compendium Commentariorum Collegii Conimbricensis in Logicam Aristotelis. Amstelodami, 1634. (66)
- Ben Israel, Manassés.* — De Creatione Problemata. Amsterdam, 1365. (67)
- Ben Israel, Manassés.* — De la resurreccion de los muertos. Libros tres, en los quales contra los zaduceos se prueba la immortalidad del alma y Resurreccion de los muertos. En casa y a costa del Autor, Año 5396 de la criacion del mundo. (68)
- Ben Israel, Manassés.* — De Resurrectione Mortuorum. Amsterdam, 1636. (69)
- P.^o Frei Alcixo de Santo Antonio.* — Philosophia moral tirada de algus Prouerbios ou Adagios, amplificados com autoridades da Sagrada Escripura, & Douctores que sobre ella escreueram. Coimbra, 1640, 293 pags. (70)
- Ben Israel, Manassés.* — Segunda Parte del Conciliador. Amsterdam, 1641. (71)
- Telles, P.^o Balthazar.* — Summa universae Philosophiae. Antwerpiae, 1642. (2.^a ed. que desconhecemos; 3.^a em Parisiis, 1644; 4.^a em Olysiptone, 1652. (72)
- Morteira, Saul.* — Livro da Immortalidade da alma, 1644. (Obra em hebraico, perdida). (73)
- Frei João de S. Thomaz.* — Artis logicae prima pars, de dialecticis institutionibus, quas summulas vocant. Authore... Fr. Joanne de S. Thoma, Lisbonensi, Editio quinta. Matrili, 1648. (74)
- Soares, P. Francisco.* — Cursus Philosophicus in quattuor Tomos distributus, quorum primus comprehendit Logicam, Secundus Physicam, de Coelo, Meteora, & Libros de parvis naturalibus. Tertius de Generatione, & de anima. Quartus Metaphysicam. Conimbricae, 1651, 2 vols. (75)
- Santo Thomaz, Fr. João de.* — Cursus Philosophicus Thomisticus secundum exactam, veram, et genuinam Aristotelis, et Doctoris Angelici mentem et in diversas partes distributus. Ludguni, 1663. (76)
- Cardoso, Fernando.* — Philosophia libera in septem libros distributa in quibus omnia, quae ad Philosophiam spectant methodice colliguntur, & accurate disputantur. Venetiis, 1673. (77)
- Anonymo.* — Compendium logicae conimbricensis e Societate Jesu. S. I. (Eborae), 1677. (2.^a ed. em 1679; 3.^a em 1683). (78)
- Costa, Uriel da.* — Exemplar vitae humanae. Goudae, 1687. (79)
- Lourenço, P.^o Agostinho.* — Cursus Philosophicus de triplici Ente. 1— De Ente logico. 2— De Ente Physico. 3— De Ente Metaphysico. Leodij, 1687-1688. (80)
- Syntagmata theologica. Leodii, 1680-1682. (81)
- Nunes, P.^o Domingos.* — Regula ho-

- neste vivendi, sive brevis instructio ad recte operandum tradita. Eborae, 1696. (82)
- Barreto, P.^o Gregorio.* — Nova Logica Conimbricensis in sex tractatus tribuitur. Primus disserit de Proaemialibus Dialecticae. Secundus de Praedicabilibus, & Proaedicamentis. Tertius de Interpretatione. Quartus de Priori Resolutione. Sextus de Topicis & Elenchis. Ulyssipone, 1711. (83)
- Cordeiro, P.^o Antonio.* — Cursus Philosophicus Conimbricensis. Ulyssipone, 1714. (84)
- Macedo, Benedicto.* — Pharus dialectica, sive logicae universae brevis elucidatio in tres partes distributa. . . Authore P. Benedicto de Macedo Societatis Jesu. Eborae, 1720. (85)
- Cantanhede, Gregorio Barreto de.* — Nova Logica, 1721. (86)
- Ribeiro, P.^o Francisco.* Lucubrationes Philosophicae ad libros Aristotelis de ortu, & interitu, sive Tractatus de generatione & corruptione. Eborae, 1723. (87)
- Mello, D. Francisco Manuel de.* — Tratado da sciencia cabala ou noticia da arte cabalistica. Lisbôa, 1724 (obra posthuma). (88)
- Frayer, Ernesto* (pseud. de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença). — Discurso philosophico-critico sobre el Corolario del Discurso XI del Theatro Critico Universal. . . Madrid, 1727, 15 pags. (89)
- Oliveira Pinto, Manuel de* (pseud. de Antonio da Annuniação). — Summae summularum de Filosofia no idioma portuguez resumido com mui breve clareza para que toda a pessoa possa facilmente aprender o que por dilatados volumes se acha tratado. Lisbôa, 1730. (90)
- Victoria, Bento da.* (pseud. de Victorino José da Costa). — Filosofia mathematica, que comprehende em seis compendios a Logica, Metaphysica, Ethica, Politica e Economica. Lisbôa, 1731. (91)
- Castro Sarmiento, Jacob de.* — Londres, Junho, 19 — 30, 1731, — Proposições para imprimir as obras philosophicas de Francisco Baconio, barão de Verulam, visconde de Sancto Albano, e lord chancellor da Inglaterra, digestas e reduzidas todas á lingua ingleja de seus originaes. Com notas occasionaes para explicação do que é obscuro, etc. Em 3 volumes, 4.^o, por Pedro Shaw, M. D. E traduzidas na lingua portugueza, ao mesmo tempo que vão para a estampa, por Jacob de Castro Sarmiento, M. D. etc., 3 pag. (92)
- Camacho d'Aboim, Diogo Guerreiro.* — Eschola moral, politica, christã e juridica, dividida em quatro partes, nas quaes lêem de prima as quatro Virtudes Cardeas. Lisbôa, 1733. (93)
- Barreto, Gregoriti.* — Nova logica conimbricensis labore, & opera p. Gregorii Barreto, e Societatis Jesu. . . in sex tractatus tribuitur. Ulyssipone Occidentali, 1734. (94)
- Coutinho, Fr. Manuel Ignacio.* — Com

pendium Philosophico-Theologicum pro diverso, & eodem ad Tyrones Baconisfas utilissimum juxta scripta Doctoris Resoluti Joannis Baconii Philosophorum & Theologorum sui temporis Principis. Ulyssipone, 1734. (95)

Ars Syllogistica, sive Commentaria in libros Aristotelis de Interpretatione Priori & Posteriori Resolutioni, Topicis & Elenchis. Ulyssipone, 1735. (96)

Aranha, P.º Silvestre.—Disputationes Logicae in tres partes distributae. Prima de Universalibus generatim. Secunda de Universalibus speciatim. Tertia denique de signis. Conimbricae, 1736.

(Nova ed. em 1745). (97)

Disputationes de intellectu, ejusque triplici operatione in duas partes distributae. Prima de intellectus, ejusque operationibus generatim. Secunda de speciebus intellectiois. Ulyssipone, 1738. (98)

Coutinho, Fr. Emmanuel Ignatius.—

Ars syllogistica sive commentaria in libros Aristotelis «De interpretatione, priori et posteriori resolutione, topicis et elenchis.» Ulyssipone, 1739. (99)

Araujo, Joseph Boreas de.—Discursos da ignorancia, em que se duvida do fogo elemental, e se define o material, e em consequencia se diffulta a mayor parte da Filosofia Peripatetica, que offerece com varios problemas, e copiosos indices á censura dos clientes, e ao juizo

dos curiosos... Lisboa Occidental, 1740, 2 vols. (100)

Aranha, P.º Silvestre.—Disputationes Metaphysicae in duas partes distributae. Prima de Antipraedicamentis. Conimbricae, 1740. (101)

D. Duarte, Infante.—Oração em louvor da Philosophia, recitada no Collegio da Costa, dia de S. Jeronymo. V. *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, 2.º vol. Lisboa, 1741. (102)

Santa Rosa, Fr. Bernardino de.—Theatro do mundo visivel, filosofico, mathematico... ou colloquios em todo o genero de materias com as que se representa a fermosura do universo e se impugnam muitos discursos do Sapiientissimo Fr. Benito Jeronimo Feijóo. Coimbra, 1743. (103)

Azevedo Fortes, Manuel de.—Logica Racional, Geometrica e Analytica. Obra utilissima e absolutamente necessaria para entrar em qualquer sciencia e ainda para todos os homens, que em qualquer particular quizerem fazer uso do seu entendimento e explicar as suas idéas por termos claros, proprios e intelligiveis. Lisboa, 1744. (104)

Verney, Luiz Antonio.—Verdadeiro Methodo de estudar, para ser util á Republica, e á Igreja: Proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias cartas, escriptas pelo R. P. *** Barbadiño da Congregasam de Italia, ao R. P. *** Doutor da Universidade de Coimbra. Valensa, MDCCXLVI,

- 2 vols. 12 in. + 327 pags. e 302 pags.
- (Nas cartas VIII, IX e XI Verney, que é o verdadeiro auctor desta obra, occupa-se da philosophia e seu ensino). (105)
- De conjungenda Philosophia cum Theologia. Oratio. Romae, 1747. (106)
- Melgaço, Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos.* — Scotus Aristotelicus, Lisbonae, 1747. (107)
- Cenaculo Villas Boas, Fr. Manuel do.* — Conclusiones philosophicas de utriusque proemialibus, Philosophiae, scilicet in communi, et Logicae, nec non de entibus rationis, et universalibus in communi, ad mentem Scoti, Doctoris Mariani ac subtilis. Praeside Fr. Emmanuele a Cenaculo. Conimbricae, 1747, 5 pags. (108)
- Conclusiones logico-metaphysicas de Antepredicamentis, et Praedicamentis, juxta venerabilis Mariani, subtilisque Doctoris inconcussa dogmata. Conimbricae, 1748, 5 pags. (109)
- Baptista, Joanne.* — Philosophia aristotelica restituta & illustrata qua experimentis, qua ratiotiniis nuper inventis a. . . Ulyssipone, 1748, 2 vols. (110)
- (Logica e Physica).
- Carneiro de Figueirôa, Thomaz Manuel Pamplona Rangel.* — Refutatio Philosophica sive conferencia inter Philosophiam innovotam, & Peripateticam contra modernos Atomistas. Conimbricae, 1748. (111)
- Caetano, José.* — Escola thomistica, defendida das calumniosas injurias com que os anti-sigillistas a pretendiam affirmar patrocinadora dos seus erros. . . Lisboa, 1749. (112)
- Monteiro, P.º Manuel.* — Vita Antonii de Gouvea Ireconsulti Pace Julia nati. . . V. *Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum*. . . Lisboa, 1748, vol. 8.º, pags. 381-395. (113)
- Coutinho, Fr. Manuel Ignacio.* — *Integer Philosophiae Cursus.* — Systema quaquaversum Aristotelicum de formis materialibus tam substantialibus, quam Accidentalibus. Cum appendice pro Accidentibus Eucharisticis. Lisboa, 1750-1751, 4 vols. (114)
- Pereira, P.º Vicente.* — Triennium Philosophicum digestum per annos, scilicet Logicum, Physicum & Metaphysicum. Annus primus seu Pars prima de Summulis. Conimbricae, 1751. (115)
- Verney, Luiz Antonio.* — De Re Logica ad usum Lusitanorum adolescentium libri quinque. Romae, 1751. (116)
- Apparatus ad Philosophiam & Theologiam ad usum Lusitanorum adolescentium libri sex, Romae, 1751. (117)
- Cenaculo.* — Conclusiones philosophicas critico-rationales de Historia Logicae, ejus Proemialibus, Ente rationis, et Universalibus in communi, ad mentem V. Scoti, D. Mariani ac subtilis. Conimbricae, 1751, 7 pags. (118)
- Almeida, Theodoro de.* — Recreação

- philosophica ou dialogo sobre a Philosophia natural, para instrucção de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas. Lisboa, 1751, 1752 bis, 1757, 1761, 1768 bis, 1792, 1793 e 1799, 10 vols. (Os três primeiros volumes sahiram sob o pseudonymo de Theodosio Eugenio Silvio, um dos interlocutores). (119)
- Phyllarco Pherepono* (pseud. de Francisco Antonio). — Mercurio Philosophico dirigido aos philosophos de Portugal, com a noticia dos artigos que na Dieta imperial de Philosophia na sessão quinta, se consultaram e mandaram propôr á Physica experimental da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, a fim de estabelecer uma perfeita paz entre a Philosophia moderna e antiga. Em Augusta (Lisboa), 1752. (120)
- Ayres Ramos da Silva de Eça, Mathias*. — Reflexões sobre a vridade dos homens, ou discursos moraes sobre os efeitos da vaidade. Lisboa, 1752. (2.^a ed. em 1761; 3.^a em 1778; 4.^a em 1796 e 5.^a em 1921). (121)
- Annunzição, Fr. Antonio da*. — Collegium abbreviatum Philosophiae. Hispali, 1752, 3 vols. (122)
- Verney, Luiz Antonio*. — De Re Metaphysica ad usum Lusitanorum adolescentium libri quattuor. Romae, 1753. (Outra ed. em Olisipone, 1765). (123)
- Carvalho e Sequeira, Antonio de*. — Conclusiones philosophicas, praeside P. Sebastiano de Abreu S. J. publico Philosophiae professore, propugnabit Antonius de Carvalho e Sequeira in regia ac Pontificia Eborensis Academiae Aulae... Ebo-rae, 1754, 126 pags. (124)
- Alvares, Manuel*. — Instituição sobre a logica ou dialogos sobre a philosophia racional. Porto, 1760. (125)
- S. Ignacio, Fr. Josephus a.* — Philosophia eclectica ad mentem celeberrimorum nostrae aetatis philosophorum concinnata, et in tres partes, Logicam nempe, Metaphysicam et Physicam distributa. Olyssipone, 1761. (126)
- Alvarus, Emmanuel*. — Elementa philosophiae conscripta ad usum studiosae juventutis. Tomus primus, elementa logices continens. Portu-cali, 1765. (127)
- Soares Barbosa, Antonio*. — Discurso sobre o bom e o verdadeiro gosto na philosophia. Lisboa, 1766. (128)
- Monteiro, P.^e Ignacio*. Philosophia libera seu Eclectica rationalis et mechanica sensuum... auctore Ignat. Monteiro. Venetiis, 1766, 7 vols. (Nova ed. em Veneza, 1772-1776, 8 vols.). Contém: I. *Elementa Geometriae*; II. III. *Physica generalis*; IV. *Astronomia physica*; V. *Aerometria physica, naturalis atque artificialis Electricitas*, VI. *Geographia*; VII. VIII. *Physica viventium*. (129)
- Monteirius, P. Ignatius*. — Ars critica rationis dirigendae, seu philoso-

- plica humanae mentis institutio, logica communi usu nuncupata. . . Venitiis, 1768.
(2.^a ed. em Veneza, 1777, 2 vols.). (130)
- Verzey, Luiz Antonio.* — Aloysii Antonii Vernei. . . De Re Physica ad usum lusitanorum adolescentium libri decem. Romae, 1769, 4 vols. (131)
- Monteiro, Ignacio.* — Philosophia rationalis eclectica. Metaphysicae in quae generales rerum notiones, principia et leges. Naturalis Theologia atque Psychologia seu de anima disseritur. Venitiis, 1770, 2 tomos. (132)
- Naturalis Theologia atque Psychologia seu de anima humana disseritur. Venetiis, 1770, 2 vols. (133)
- Mouratus, D. Carolus Josephus.* — Instrumentum veritatis sive logica ad usum tyronum accommodata. Olisipone, 1770, 2 vols. (134)
- Leyte Pacheco Malheiro e Mello, Antonio Manuel.* — Discursos politicos ethicos e moraes. . . Lisboa, 1777, 2 vols. (135)
- Natividade, Fr. Francisco da.* — Sciencia dos costumes ou filosofia moral dirigida pela luz da Razão, pela Escritura e tradição da igreja. . . Lisboa, 1778. (136)
- Mayne, Fr. José.* — Dissertação sobre a alma racional, onde se mostram os fundamentos da sua immortalidade e se refutam os erros dos materialistas antigos e modernos, Lisboa, 1778. (137)
- Dias, Josephus.* — Institutiones philosophiae, quas e nobilissimis quibusque philosophis collegit concinnavitque. . . Logica. Olisipone, 1783. (138)
- Dias, José.* — Principios de Philosophia. Lisboa, 1784. (139)
- Almeida, Dorotheo de.* — (pseud. de Theodoro de Almeida). Cartas Fysico-mathematicas de Theodosio a Eugenio para servirem de complemento á Recreação Filosofica. Lisboa, 1784. (140)
- Anonymo* (D. Francisco Gomes de Avellar, bispo do Algarve) — Plano para dar systema regular ao moderno espirito philosophico ou instrucções anedocticas de um livre pensador. Lisboa, 1784. (141)
- Almeida, Theodoro de.* — Institutiones physicae ad usum scholarum. Olisipone, 1785. (142)
- Sousa Farinha, Bento José de.* — Filosofia de principes, acompanhada das obras dos nossos portuguezes. Lisboa, 1786-1790, 3 vols. (143)
- Leal, F. L.* — Historia dos filosofos antigos e modernos para uso dos filosofos principiantes. Lisboa, 1788-1792, 2 vols. (144)
- Sousa Farinha, Bento José de.* — Dissertação sobre o uso da liberdade do homem, feita em 1785. V. *Journal Encyclopedico*, agosto. Lisboa, 1789. (145)
- Dissertação sobre a insufficiencia da lei natural e prelecção sobre o cap. 6.^o da Theologia Natural de Antonio Genuense. V. *Jor-*

- nal Encyclopedico*, setembro. Lisboa. 1789. (146)
- Varios.—Dissertações sobre a Filosofia e a religião que se devem pronunciar no Convento de Santo Antonio da Cidade de Beja. A' Augustissima e Fidelissima Rainha de Portugal a Senhora D. Maria I. DD. e CC. os estudantes de filosofia, Lisboa, 1789.
- (Contem 13 dissertações diferentes). (147)
- Sousa Farinha, Bento José de. — Collecção das orações philosophicas de... Lisboa, 1791. (148)
- A ultima lição de filosofia que deu aos seus discipulos em 30 de Junho de 1789. V. *Jornal Encyclopedico*, julho. Lisboa, 1791. (149)
- Dissertação sobre a immortalidade da alma.
- (Segundo Innocencio, *Dicc.*, vol. 1.º, pag. 348, não se completou a publicação desta obra). (150)
- Anonymo. — Dissertação sobre a combinação das ideas intellectuales e sensiferas, para fazer progresso da noticia de um só Deos, para o conhecimento de uma só religião: dividida em duas partes, com hum tractado em que se destroe o erro dos naturalistas... Coimbra, 1791.
- (Segundo Innocencio, o auctor é Emygdio José David Leitão). (151)
- Soares Barbosa, Antonio. Tratado elementar de philosophia moral. Coimbra, 1792, 3 vols. (152)
- Ribeiro dos Santos, Antonio. — Bento Spinosa .V. *Memorias de Litteratura Portuguesa da Academia Real das Sciencias*. Lisboa, 1792. (153)
- P.º Francisco de S. José. Elementos de filosofia racional. Lisboa, 1795. (154)
- Botelho Torrezão, Fr. Josephus.—Rationalis philosophiae elementa. De logica, Tomus primus. Olisipone, 1797. (155)
- Almeida, Theodoro de.—Opusculo sobre varios assumptos; I A morte alegre do philosopho christão. Lisboa, 1797. (156)
- P.º Francisco de S. José. — Dissertação: O complemento da ordem natural he o seu supremo Artifice, em quanto Author sobrenatural, concorrendo com a sua immediata Providencia. Lisboa, 1797. (157)
- Sousa Farinha, Benedictus Josephus.—Institutiones methaphysicae ad usum Regalis Collegii Patriarchatus Ulisiponensis scriptae. Olisipone, 1797. (158)
- Soares de Barros, José Joaquim. — Loxodromia da vida humana ou Memoria em que se mostra qual seja a carreira da nossa especie pelos espaços da nossa presente existencia. V. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, 1.ª serie, 3.º tomo, pag. 306-332. Lisboa, 1799.
- (Obra incompleta). (159)
- Loureiro, P.º João. — Exame physico e historico. «Se ha ou tem havido no mundo diversas especies de homens.» V. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, 1.ª serie, 2.º tomo. Lisboa, 1798. (160)

- Oliveira Lette, Antonio José de.* — Preparatorio universal ou arte de logica, que contem sómente as regras necessarias, escolhidas dos melho- res authores. Lisboa, 1800. (161
- Santa Anna, Fr. Manuel de.* — O Filosofo discursivo ou sobre a histo- ria da philosophia, e principios fysicos do composto natural. Lis- boa. 1802. (162
- A. C. O. T. (Almeida, dá Congregaçáo do Oratorio—Theodoro de.)* A vida alegre do philosopho christáo, com- posta pelo author da Morte alegre do philosopho christáo. Lisboa, 1803. (163
- Cactano, D. Benevenuto Antonio.* — Ele- mentos de filosofia moral ou dis- sertaçáo filosofica sobre as paixões. Lisboa, 1805. (164
- Alma, P.^o João Silverio de.* — Discurso ácêrca da utilidade dos estudos de philosophia, que se recitou no acto do Exame, a que presidiu o P.^o . . . — Lisboa, 1806. (165
- Pinheiro Frelre da Cunha, João.* — Fi- losofia vulgar ou proverbios da lin- guagem portugueza interpretados. Lisboa, 1808. (166
- Pinheiro Ferreira, Silvestre.* — Prelec- ções philosophicas sobre a Theorica do discurso e da linguagem, a es- thetica, a diceosyna e a cosmologia. Rio de Janeiro, 1813. (167
- Anonymo (Lopes da Matta, Manuel).* — Sciencia dos costumes ou ethica re- sumida por um anonymo portuguez. Lisboa, 1813, 222 pags. (168
- Almeida Dracke, Fr. José de.* — Theses de Psychologia racional e experi- mental, sobre a origem dos conheci- mentos humanos. Lisboa, 1814, 8 pags. (169
- Macedo, José Agostinho de.* — A Ver- dade ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião e ao Estado. Lisboa, 1814. (Nova ed. em Lisboa, 1828, 173 pags. e 3.^a em Pernambuco, 1837). (170
- Cartas filosoficas a Atico. Lisboa, 1815. (171
- O Homem ou os limites da razão — Tentativa philosophica. Lisboa, 1815, 182 pags. (172
- Ferreira da Costa, Rodrigo.* — Theoria das faculdades e operações intelle- ctuaes e moraes. Lisboa, 1816 (173
- F. P. M. (Francisco Paula Murta)* — Thesouro descoberto, luzes elemen- tares de logica, theoria pratica merc- antil, novo estabelecimento em nenhuma praça de negocio jamais até aqui praticado. Offerecido aos nossos compatriotas portuguezes. Lisboa, 1815. (174
- Macedo, José Agostinho de.* — Demons- traçáo da existencia de Deus. Lis- boa, 1816. (2.^a ed. no Rio de Janeiro, 1845). (175
- Sancta Catharina, Fr. Marlannus a.* — Conclusiones philosophicae ex lo- gica, metaphysica et ethica. . . Olissipone, 1817. (176
- Lette Ribeiro, Antonio.* — Elementos de Bellas Letras para uso da mocidade portugueza. Theoria do discurso applicada á lingua portugueza; em

- que se mostra a estreita relação e mutua dependencia das quatro sciencias intellectuaes, a saber: ideologia, grammatica, logica e rhetorica. Lisboa, 1819. (177)
- Pires Vaz, Manuel* (?). — Breve preparação para os compendios de philosophia racional e moral de Genuense e Heineccio... V. *Jornal de Coimbra*, vol. XIV, parte II, n.º 75, pags. 85-88. Coimbra, 1819. (178)
- Campos, L. C. A.* (Luiz Caetano Altino de Campos). — Les rêves des philosophes, dévoilés par l'examen de la science de la nature. Paris, 1820. (179)
- Pires Vaz, Manuel*. — Discurso philosophico e theologico, juridico e politico sobre a liberdade humana... Coimbra, 1823. (180)
- Pinheiro Ferrelra, Silvestre*. — Essai sur la Psychologie, comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. Paris, 1826. (2.ª ed. em 1828). (181)
- F. P. M.* (Francisco Paulo Murta). — Madrugada brilhante. Discursos philosophicos, moraes e rhetoricos. Triunfo pomposo da verdade, para uso dos discipulos do commercio theorico-pratico. Estudo unico inventado por... Lisboa, 1830. (182)
- Pinheiro Ferrelra, Silvestre*. — Noções elementares de ontologia. Paris, 1836, 35 pags. (183)
- Noções Elementares de Philosophia geral e applicada ás sciencias moraes e politicas... Ontologia — Psychologia — Ideologia. Paris, 1839, XI+III pags. 46 fols. (184)
- Herculano, Alexandre*. — Entendimento e affectos ou as duas philosophias. V. *O Panorama*, n.º 102, 13 de abril, Lisboa, 1839. (185)
- Cunha Rivara, J. H.* — Memoria sobre a insufficiencia do ensino da Philosophia Racional pelo methodo ordenado no decreto de 17 de novembro de 1836. V. *Revista Litteraria*, tomo IV, pag. 126, Porto, 1839. (Reproduzida na *Revista de Educação e Ensino*, n.º 3 de 1897). (186)
- Pinheiro Ferreira, Silvestre*. — Précis d'un Cours de Philosophie Elémentaire, Ontologie, Psychologie, Idéologie. Paris, 1841. (187)
- D. Duarte, Rei*. — Leal Conselheiro, seguido da Arte de bem cavalgar; dado pela primeira vez á luz sobre o manuscrito original da Bibliotheca Real de Paris, com notas philologicas e um glossário das palavras antigas, por José Ignacio Roquete. Paris, 1842. (188)
- Macedo, P.º Ignacio José de*. — Elementos de Philosophia moral e racional. Faro, 1843. (189)
- Anonymo*. — Noções preliminares de philosophia racional e moral, accommodadas ás «Instituições» de Antonio Genuense. Coimbra, 1843. (190)
- M. P. d'A. e A.* (Pinheiro de Almeida e Azevedo, Manuel). — Noções elementares de psychologia e ideologia, com um breve tratado dos

- temperamentos, dos sentidos e dos sophismas, servindo de correcção e ampliação ao Compendio de Logica de A. Genuense. Braga, 1843.
(Vimos uma 3.^a ed. de 1851). (191)
- Almeida e Azevedo, Manuel Pinheiro.* — Discurso de abertura, servindo de introdução ao curso de Philosophia racional e moral, pronunciado a 17 de Outubro de 1842. Braga, 1843. (192)
- Novo discurso de abertura servindo de introdução ao curso de Philosophia racional e moral, pronunciado a 16 de Outubro de 1843 no seminario de S. Pedro. Porto, 1843. (193)
- Neto Palva, Vicente Ferrer.* — Curso de direito natural segundo o estado actual desta sciencia, principalmente em Allemanha. Coimbra, 1843 (2.^a ed. em 1856). (194)
- Pinheiro Ferreira, Silvestre.* — Reflexões sobre o methodo de escrever a historia das sciencias, e particularmente a da philosophia. V. *Pantologo*. 1844, n.º 1, pags. 3. (195)
- Saldanha, Marechal.* — Concordancia das sciencias naturaes e principalmente da geologia com o Genesis fundada sobre as opinioens dos S. S. Padres e dos mais distinctos theologos. — Extrahida de um trabalho do marechal marquez de Saldanha sobre a philosophia de Schelling. Vienna de Austria, 1845. (196)
- Almeida e Azevedo, Manuel Pinheiro de.* — Noções elementares de Ontologia, Psychologia racional e Theodicea ou Metaphysica de Genuense reformada. Porto, 1845. (197)
- Pinheiro Ferreira, Silvestre.* — Juizo critico sobre as «Noções elementares de Ontologia e Psychologia racional» por Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo. V. *Questões de direito publico e administrativo, philosophia e litteratura*, vol. 3.º, pag. 106. Lisboa, 1845. (198)
- Corrêa da Silva e Mello (José) e Manuel Joaquim Affonso Cirne.* — Elementos de Logica de Genuense (Subsidio). Coimbra, 1845. (199)
- Ferreira Tavares, Manuel Antonio.* — Lições de Philosophia. Coimbra, 1846-1848, 2 vols. VIII + 288 pags. e 400 pags. (200)
- Lisboa, José Antonio.* — Elogio historico do Conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira. V. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, vol. 11.º, pags. 195-198. Rio de Janeiro, 1848. (201)
- Pinto Ribeiro, Domingos.* — Elementos de Philosophia racional e moral. Porto, 1848-1850, 2 vols. (A obra reeditou-se em 1855-1856, 3 vols. (202)
- Anonymo, (José Maria Pacheco de Agular).* — Elementos de metaphysica, segundo Genuense. Porto, 1849. (203)
- Araujo e Castro, Filippe Ferreira de.* — Novo catalogo das obras do publicista portuguez Silvestre Pinheiro Ferreira. Lisboa, 1849. (204)
- Ferreira Tavares, Manuel Antonio.* — Compendio de moral, seguido dum appendice dos principios de direito

- natural. Contendo em resumo todos os ramos da philosophia practica. Lisboa, 1850. (205)
- Pereira Jardim, Dr. Manuel dos Santos.* —Relatorio e Programma para a reforma da philosophia racional e moral. Coimbra, 1851. (206)
- Ferreira Tavares, Manuel Antonio.* — Compendio de Philosophia racional e moral. Lisboa, 1851. (2.^a ed. em 1852). (207)
- Correia de Moraes, Joaquim Manuel de Araujo.* — Elementos de philosophia racional, precedidos de uma breve noticia da historia da philosophia, para uso dos principiantes e d'aquelles que sem frequentar as aulas desejem saber dirigir sua razão. Lisboa, 1851. (208)
- Sousa Doria, J. A. de.* — Elementos de philosophia racional para uso das escolas. Coimbra, 1851, 150 pags. (Teve muitas edições). (209)
- Barreiros, Carlos José.* — Elementos de moral para uso das escolas. Lisboa, 1851. (2.^a ed. em Lisboa, mesmo anno). (210)
- Anonymo.* — Florilegio de maximas e sentenças mais notaveis tanto mo-
raes como religiosas de todos os povos, ou moral universal. Seguido de uma collecção de pensamentos, proverbios e annexins franceses com as suas competentes versões, etc. . . Lisboa, 1852. (211)
- Ferreira Tavares, Manuel Antonio.* — Elencho da Philosophia practica de Job. Lisboa, 1852. (212)
- Jordão, Levy Maria.* — A philosophia do direito em Portugal. V. *O Instituto*, vol. 1.^o Coimbra, 1852. (213)
- Almeida e Albuquerque, M. C. de.* — Rudimentos de Philosophia racional e moral ou ensaios philosophicos de um joven estudante. Lisboa, 1852, 112 pags. (Publicação posthuma). (214)
- Pacheco, J. Praxedes P.* — L'histoire expliquée par la philosophie. Paris, 1852. (215)
- Anonymo.* — J. Balmes, V. *O Instituto*, vol. 1.^o Coimbra, 1853. (216)
- Moreira, José Julio de Oliveira Pinto.* — Elementos de Philosophia Racional approximados ao estado actual da sciencia. V. *O Instituto*, vol. 1.^o Coimbra, 1853. (217)
- Perreira, João Felte.* — Logica ou analyse do pensamento. Lisboa, 1853. (218)
- Amorim Vianna, Pedro de.* — A reacção religiosa e o racionalismo. V. *A Peninsula*, 2.^o vol. Porto, 1853. (219)
- Sousa Lobo, A. M. da Costa e.* — Memoria sobre as bases fundamentaes do systema de Descartes. Lisboa, 1853. (220)
- Gil, Antonio.* — Considerações sobre alguns pontos mais importantes da moral religiosa e systema de jurisprudencia dos pretos do continente da Africa Occidental Portuguesa além do Equador, tendentes a dar alguma idéa do character peculiar das suas instituições primitivas. Numa serie de notas por. . . Lisboa, 1854.

- (Sahiu tambem nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. 1.^o, parte 2.^a, nova serie; 2.^a ed. em 1903). (221)
- Centelhas, Fr. Firmino.* — Oração que por occasião da abertura da aula de Philosophia racional estabelecida no Palacio do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Diocesano D. Antonio Joaquim de Mello, recitou aos 13 de outubro do corrente anno o Reverendo Padre Mestre Frei Firmino de Centelhas—São Paulo, 1854, 20 pags. (222)
- Conceição Barros, P.^e Manuel.* — Elementos de logica e metaphysica. Braga, 1854, 119 pags. (223)
- Anonymo.* — A geração na sua subjectividade. V. *O Instituto*, vol. 2.^o Coimbra, 1854. (224)
- Alves, F. A.* — Gerações espontaneas. V. *O Instituto*, vol. 2.^o Coimbra, 1854. (225)
- M.* — Crise da philosophia allemã. V. *O Instituto*, vol. 3.^o Coimbra, 1855. (226)
- J. F. M. S.* — (P.^e José Ferreira Mar-noco e Sousa) — Algumas reflexões sobre certos absurdos ontologicos que se encontram nas «Noções Elementares de Ontologia, Psychologia racional e Theodicéa ou Metaphysica de Genuense reformada por M. Pinheiro de A. e A.» Escriptas em pro da religião e para desgano da mocidade. Braga, 1856, VII+60 pags. (227)
- Neto Palva, Vicente Ferrer.* — Principios geraes de philosophia do direito. Coimbra, 1856. (228)
- Almeida Azevedo, Manuel Pinheiro de.* — A hypocrisia desmascarada ou historia da famosa emboscada, a que se deu por titulo; «Algumas reflexões sobre certos absurdos ontologicos, etc., e a respectiva refutação.» Porto, 1857. (229)
- (Resposta a varias censuras dos livros do auctor). (229)
- Leça da Veiga, D. Theodolinda Amella Christina.* — Elementos de instrução moral para uso da mocidade portuguesa. Lisboa, 1857, 117 pags. (230)
- Almeida Azevedo, Manuel Pinheiro de.* — Noções elementares de Logica, servindo de correcção e ampliação ao Compendio de Logica de A. Genuense. Porto, 1858. (231)
- Noções elementares de Philosophia moral ou Ethologia coordenadas para uso da sua aula. Porto, 1859. (232)
- Jardim, M. dos S. P.* — Psychologia. V. *O Instituto*, vol. 7.^o Coimbra, 1859. (233)
- Andrade Ferreira, José Maria de.* — Os philosophos da epocha e a poesia do chistianismo. V. *Revista Contemporanea*, Lisboa, 1859, vol. 1.^o, pag. 102. (234)
- Anonymo (Francisco Palha?)* — Breves reflexões sobre a organização do curso de letras em Portugal. Lisboa, 1859. (235)
- (Acêrca do Curso Superior de Letras, creado nessa data). (235)
- Silva Ferraz, Joaquim Simões da.* — Que relação ha entre o eclectismo de Cousin e a philosophia allemã?

- These apresentada e discutida no concurso á Cadeira de Philosophia do Curso Superior de Letras em Lisboa, Lisboa, 1860, 46 pags. (Reproduzido no *Archivo Unversal*, tomo 3.º, pag. 84, 101 e 115. (236
- Almada e Lencastre, D. José de.* — Curso Superior de Letras, Que relação ha entre o eclectismo de Mr. Cousin e a philosophia allemã?— These de concurso para a 4.ª, cadeira sustentada no dia 6 de Fevereiro. Lisboa, 1860, 24 pags. (237
- Almeida e Azevedo, M. P. de.* — Compendio de Philosophia racional, contendo a Psychologia empirica, a Ideologia, a Grammatica Geral e a Logica. Braga, 1860, 225 pags. (238
- Castro Pilar.* — Legitima distincção da psychologia e da physiologia. V. *O Instituto*, vol. 10.º Coimbra 1862. (239
- Silva, Joaquim Maria da.* — Estudos de Philosophia Racional. V. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias, Classe de Sciencias Moraes, politicas e bellas-letas*, Nova Serie, tomo 3.º, parte 1.ª Lisboa, 1863, 260 pags. (240
- Anonymo.* — Algumas lembranças do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. V. *O Instituto*, vol. 11.º Coimbra, 1863. (241
- Manteval, Fausto de.* (pseud. de Antonio Lopes dos Santos Valente). Theoria do Infinito. V. *O Instituto*, vol. 11.º Coimbra, 1863. (242
- Silva Ferraz, Joaquim Simões da.* — Ba- ses fundamentaes da philosophia de Descartes, sua influencia no desenvolvimento da philosophia. These para o concurso da cadeira de philosophia do Curso Superior de Letras. Lisboa, 1863. (243
- Dias Ferrelra, José.* — Noções fundamentaes de philosophia do direito. Coimbra, 1864. (244
- Latino Coelho, J. M.* — O chanceller Bacon. V. *Archivo Pittresco*, vol. 7.º, Lisboa, 1864. (245
- Latino Coelho, J. M.* — A sciencia na Idade Média e as encyclopedias desse tempo. V. *Archivo Pittresco*, vol. 7.º Lisboa, 1864. (246
- Centelhas, P.º Firmino.* — Compendio de Philosophia Catholico-Racional, São Paulo, 1864, 222 pags. (O auctor é um padre capuchinho catalão, que regen philosophia e theologia no Seminario Episcopal de São Paulo (Brasil). Não o cita o sr. P.º Leonel França nas suas *Noções de Historia da Philosophia*, Rio de Janeiro, 2.ª ed., 1921, cap. sobre a phil. no Brasil). (247
- Pinheiro de Almeida e Azevedo, M.* — Compendio de philosophia racional. Braga, 1864, 2.ª edição. (248
- Quental, Anthero de.* — Arte e Verdade. Caracter positivo da Arte. V. *Revista do Seculo*, Lisboa, 1865. (Reproduzido em folheto pelo bibliophilo Rodrigo Velloso, Barcellos, 1895). (249
- Castelo Branco, Camilo.* — A immortalidade, a morte e a vida, de B. Puchesse, 1865. (V. o prefacio do traductor). (250

- Anonymo*. — As gerações espontaneas. V. *O Instituto*, vol. 12.^o e 13.^o Coimbra, 1865-1866. (251)
- Ribeiro da Costa, A.* — Curso elementar de Philosophia, redigido segundo o programma official para o ensino dos lyceus do reino. Porto, 1866, IV + 531 pags., 2.^a ed. (252)
- Quental, Anthero de.* — Espontaneidade. V. *O Instituto*, vol. 13.^o Coimbra, 1866. (Reproduzido por Rodrigo Velloso em folheto, Barcellos, 1895). (253)
- O sentimento da Immortalidade. (Carta ao Sr. Anselmo de Andrade). V. *O Instituto*, vol. 13.^o Coimbra, 1866. (Tambem se publicou em folheto, edição do bibliophilo Rodrigo Velloso, tiragem de 100 exemplares. Barcellos, 1895). (254)
- Amorim Vianna, Pedro de.* — Defesa do racionalismo ou analyse da fé christã. Porto, 1866, 364 pags. (Vimos uma 3.^a ed. de 1886). (255)
- Centelhas, Fr. Firmino.* — Appendice á Philosophia Catholico-Racional, São Paulo, 1867, 20 pags. (256)
- Viale, Antonio José.* — Manual historico da litteratura grega. V. *Miscellanea hellenico-litteraria*. Lisboa, 1868, pags. 177-314. (Contem um esboço historico da philosophia grega). (257)
- Ennes, Antonio José.* — Philosophia religiosa do Egypto. Lisboa, 1868. (258)
- Gerson da Cunha, José.* — Introducção ao estudo da Sciencia da Vida. Bombaim, 1868, VI + 148 pags. (259)
- Saldanha, Marechal Duque de.* — A Verdade, Lisboa, 1868. (260)
- Lopes Praça, J. J.* — Historia da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia. Coimbra, 1868, VIII + 254 pags. (261)
- Anonymo (J. J. Lopes Praça).* — A Historia da Philosophia em Portugal — Documentos comprovativos — Fasciculo I. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1868, 88 pags. (Esta publicação não teve seguimento. Constitue um supplemento ao n.^o anterior. O unico fasciculo publicado contem noticias e textos dos estatutos da Universidade de Coimbra, em tempo de D. Diniz, D. João I, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, Filipe I (II de Hespanha) e D. João IV, e noticias e textos da Universidade de Evora). (262)
- Neto Paiva, V. F.* — Breves reflexões sobre a philosophia do Direito do sr. J. M. Rodrigues de Brito, Lisboa, 1869. (263)
- Rondina, F. X.* — Compendio de Philosophia Theorica e Practica para uso da mocidade portuguesa na China. Macau, 1869-1870, 2 vols., V + 539 pags. e 371 + VI pags. (264)
- França, (F. M.) e G. A. Pery.* — Vida e alma. Breve exposição de algumas verdades scientificas. Lisboa, 1870, 45 pags. (265)

- Cunha Setxas, J. M. da.*—A Phoenix ou a immortalidade da alma humana. Lisboa, 1870. (266)
- Mello, Antonio Jullo de.*—Elementos d'Ethica. Ponta Delgada, 1870. (267)
- Laranjo, J. Frederico.*—Conveniencia duma escola de Philosophia annexa á Universidade. V. *O Instituto*, vol. 14.º Coimbra, 1871. (268)
- Lopes Praça, J. J.*—Francisco Sanchez. V. *O Instituto*, vol. 14.º Coimbra, 1871. (269)
- Vasconcellos Abreu, J. de.*—Sentimento indiano. V. *O Instituto*, vol. 14.º Coimbra, 1871. (270)
- Aves de Sousa, Joaquim.*—Curso de Philosophia elementar... para uso das escolas e habilitação para exame de madureza. Coimbra, 1871, IX—554 pags. (271)
- Laranjo, José Frederico.*—Sophistas e reacção de Socrates. V. *O Instituto*, vol. 16.º, pags. 272-274. Coimbra, 1873. (272)
- Platão. V. *O Instituto*, vol. 16.º, pags. 241. Coimbra, 1873. (273)
- Costa e Almeida, A. R. da.*—Resumo da Historia da Philosophia, seguido dos principios elementares do Direito Publico e dos elementos do Direito Internacional. Porto, 1873. (274)
- Canto e Castro, André Meyrelles de Tavora de.*—Silvestre Pinheiro Ferreira. V. *Revolução de Setembro*, 14 de março, Lisboa, 1874. (275)
- Bruno* (pseud. de José Pereira de Sampaio).—Analyse da crença christã. Estudos criticos sobre o christianismo. Porto, 1874, XV—334 pags. (276)
- Dr. Tollens.*—Bosquejo ou exposição summaria da organização das faculdades de philosophia nas Universidades da Allemanha. V. *O Instituto*, vol. 20.º, pags. 49-56, 100-105, 145-151 e 193-198. Coimbra, 1874. (277)
- (O seguinte passo do estudo esclarece sufficientemente do alcance da palavra philosophia: «O plano geral das faculdades ainda hoje é o mesmo: a Faculdade de Philosophia comprehende tudo o (*sic*) que não entra no quadro das Faculdades de Theologia, Direito e Medicina; e todavia ella é a mais variada, e a que encerra maior numero de sciencias e reúne elementos muito heterogeneos».) (277)
- Mesnier, Pedro Gastão.*—Ensaio de Philosophia anthropologica (1.º fasciculo). Agentes de transformação e classificação das raças humanas. Coimbra, 1875, 95 pags. (278)
- Woodhouse, Roberto Guilherme.*—O naturalista ou o dogmatismo applicado á sciencia. Porto, 1875, 80 pags. (279)
- Corrêa Barata, F. A.*—O homem primitivo e a sua linguagem. V. *O Instituto*, vol. 22.º Coimbra, 1876, pags. 265-277. (280)
- Nasica, Bento.*—O Transformismo e a philosophia positiva. Breves considerações a proposito do artigo publicado no *Instituto* de Coimbra, intitulado: «O Homem primitivo e

- a sua linguagem» pelo Dr. F. A. Corrêa Barata. Critica sem pretensões. Coimbra, 1876, 27 pags. (281)
- Nunes, Augusto Eduardo.*—A theologia e a sciencia da natureza—Brevs reflexões sobre o artigo: «O Homem primitivo e a sua linguagem do Dr. F. A. Corrêa Barata». V. *O Instituto*, vols. 23.º e 24.º Coimbra, 1876-1877. (282)
- Abdiel o Algarvio* (pseud. de José Gonçalves da Cruz Viva).—Considerações geraes sobre as manifestações do pensamento por meio da palavra e da escripta, ou devaneio psychologico e grammatical. Lisboa, 1876. (283)
- Pinheiro Ferreira, Silvestre.*—Memorias e cartas biographicas. V. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 2.º Rio de Janeiro, 1876-1877. (284)
- Braga, Theophilo.*—Traços geraes de philosophia positiva comprovados pelas descobertas scientificas modernas. Lisboa, 1877, 239 pags. (285)
- Disciplina mental. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (286)
- A Idade média segundo a philosophia positiva. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (287)
- Constituição da Esthetica Positiva. V. *O Positivismo*, Vol. 1.º Porto, 1878-79. (288)
- Rocha, Augusto.*—Philosophismo e Positivismo. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (289)
- Bettencourt Raposo.*—O Espirito (Pri-meiros traços). V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (290)
- Pinho, Candido de.*—O principio da evolução e a lei de Baer. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (291)
- Cabrira, Ernesto.*—Mais uma prova em favor do transformismo. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (292)
- Mattos, Julio de.*—O determinismo na psychologia. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (293)
- A religião do futuro. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (294)
- Ensaio sobre a evolução em biologia. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (295)
- Teixeira Bastos.*—Do methodo positivo. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (296)
- Origens da familia. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (297)
- Mattos, Julio de.*—Opinião da imprensa franceza sobre o Positivismo. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-1879. (298)
- A philosophia no Brasil. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-1879. (299)
- Ferrari, Horacio Este.*—A selecção natural em sociologia. V. *O Positivismo*, vol. 1.º Porto, 1878-79. (300)
- Latino, Coelho J. M.*—Demosthenes—A Oração da Corôa—versão do original grego precedida de um estudo sobre a civilisação da Grecia. Lisboa, 1879. (301)

- (Nesta introdução o traductor occupa-se largamente da philosophia grega; 3.^a ed. em 1914). (301)
- Athayde, João Bernardo Heitor de.* — Demonstração e desenvolvimento do principio da religiosidade e da sociabilidade. V. *O Instituto*, vol. 26.^o. Coimbra, 1879. (302)
- Bettencourt Raposo, Pedro Antonio.* — Os estudos philosophicos e physiologicos sobre a vida. Lisboa, 1870. (303)
- Alves da Hora, Joaquim.* — Critica hodierna positivismi analysis. Coimbra, 1879. (304)
- Geraldes Albino Augusto.* — Questões de philosophia natural: II—O Darwinismo ou a origem das especies. Coimbra, 1879, 82 pags. (305)
- Cunha Selxas, J. M. da.* — Galeria de Sciencias contemporaneas. Lisboa, 1879, XV + 365 pags. (306)
- Ferreira Girão, Antonio Lutz.* — A theoria dos atomos e os limites da sciencia, Porto, 1879. (307)
- Mattos, Julio de.* — Popularização da Philosophia Positiva no Brasil. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o, Porto, 1879-1880. (308)
- Braga, Theophilo.* — Systematização da moral. V. *O Positivismo*, 2.^o vol. Porto, 1879-1880. (309)
- Moral na sciencia e na industria. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (310)
- Sociologia, esboço deductivo. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o, Porto, 1879-1880. (311)
- Teixeira Bastos.* — Conservação e evolução. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (312)
- Ensaios sobre a origem das religiões. V. *O Positivismo*, 2.^o vol. Porto, 1879-1880. (313)
- O pessimismo e a philosophia positiva. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o, Porto, 1879-1880. (314)
- O principio universal do movimento e das acções da materia de Trémeaux. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (315)
- Mattos, Julio de.* — A noção do objectivo. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (316)
- Estudos de psychologia morbida. I Causas sociaes da loucura. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (317)
- Encore l'origine et la sanction de la morale (lettre à M. de Pompery). V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (318)
- O problema da felicidade individual. (Notas de moral positiva). V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (319)
- A Philosophia positiva e os progressos da psychologia moderna. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (320)
- Consiglieri Pedroso, Z.* — As causas primarias e finaes. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-1880. (321)
- Rocha, Augusto.* — Psychologia biologica. V. *O Positivismo*, vol. 2.^o Porto, 1879-80. (322)
- Pinho, Candido de.* — A theoria dos reflexos e o automatismo nas func-

- ções da vida nervosa. V. *O Positivismo*, vol. 2.º Porto, 1879-1880. (323)
- Cunhas Seixas, J. M. da.*—A philosophia e a associação. V. *Boletim da Associação dos Jornalistas e Escriptores portuguezes*, n.º 1. Lisboa, 1880. (324)
- Teixeira Bastos.*—Ensaio sobre a evolução da humanidade. Porto, 1881, 241 pags. (325)
- Vasconcellos Abreu, G. de.*—Notas para a historia das relações entre o Oriente e o Occidente na antiguidade. Conjecturas sobre analogias entre o budhismo e a philosophia grega. Lisboa, 1881. (326)
- Teixeira Bastos.*—Comte e o Positivismo. Ensaio sobre a fundação e as bases da philosophia positiva. Lisboa, 1881. (327)
- Lousada de Magalhães, J. J.*—Silvestre Pinheiro Ferreira. Sein Leben und seine Philosophie. Mit einer Einleitung über die wichtigsten portugiesischen Philosophen vor ihm. Bonn, 1881. (328)
- Tarroso, Domingos.*—Philosophia da existencia — Esboço synthetico duma philosophia nova. S. I., 1881, XXXII + 151 pags. (329)
- Braga, Theophilo.*—O português Sanches, precursor do positivismo. V. *Questões de litteratura e arte portuguesa*. Lisboa, 1881, pags. 274-281. (330)
- Braga, Theophilo.*—Politica Positiva. V. *O Positivismo*, vol. 3.º Porto, 1880-1881. (331)
- Mattos, Julio de.*—Estudos de psychophysiology. V. *O Positivismo*, vol. 3.º Porto, 1880-1881. (332)
- Oliveira Martins.*—Da natureza e do lugar das sciencias sociaes. Ensaio da classificação de uma das series dos conhecimentos humanos. V. *O Instituto*, vol. 28.º Coimbra, 1881. (333)
- Monteiro, Pedro.*—Compendio de philosophia moral. Lisboa, 1881. (A 3.ª ed. é de 1894, com 484 pags., unica que vimos). (334)
- Silva Cordeiro, Antonio Joaquim da.*—Ensaio de philosophia da historia (Exame critico dos systemas). Coimbra, 1882, XV + 241 pags. (335)
- Jorge, Ricardo.*—Introdução da philosophia scientifica em Portugal: Luiz Verney e a reforma pombalina. V. *Revista Scientifica*, Porto, 1882, pag. 221. (336)
- Arruda Furtado.*—Embryologia. — Uma idea popular do que ella vale na theoria de Darwin e do que é a philosophia de nossos avós perante ella. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (337)
- Lemos, Maximiano.*—A reforma pombalina e os estudos medicos. (Verney, Ribeiro Sanches e Pombal). V. *Revista Scientifica*, Porto, 1882, pag. 239. (338)
- Teixeira Bastos.*—A philosophia positiva como methodo e como doutrina. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (339)
- A sociedade portuguesa e a philosophia positiva. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (340)

- Considerações geraes sobre sociologia. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (341)
- Hierarchia das sciencias segundo Augusto Comte. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (342)
- Materialismo e positivismo. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (343)
- Mattos, Jullo de. — Methodos: metaphysica e positivismo—hypotheses —inducção e deducção. V. *O Positivismo*, vol. 4.º Porto, 1882. (344)
- Paçô-Vieira, A. — Divisão interna da sociologia. V. *O Instituto*, vol. 30.º Coimbra, 1883. (345)
- Anonymo. — Catalogo de philosophia da Bibliotheca Publica Municipal do Porto; Porto, 1883. (346)
- Carvalho, Agostinho de. — Reforma do ensino da philosophia nos lycens. (Conferencia). Lisboa, 1884, 41 pags. (347)
- Teixeira Bastos. — Principios de Philosophia positiva, extrahidos do Curso de Philosophia de Augusto Comte. Porto, 2 vols., s. d. (1883), XXXIX + 264 pags. e 295 pags. (348)
- Estudos de sociologia A familia. Porto, 1884. (349)
- Braga, Theophilo. — Systema de Sociologia, Lisboa, 1884, 528 pags. (350)
- Cunha Seixas, J. M. da. — Ensaios de Critica Philosophica. Lisboa, 1884, 367 pags. (351)
- Estudos de Litteratura e de Philosophia segundo o systema pantheista. Lisboa, 1884, XXIV + 216 pags. (352)
- Theoria pantheista dos fins humanos. V. *Boletim da Associação dos Jornalistas e Escriptores portugueses*. Lisboa, 1884. (353)
- Ponte Horta, José Maria. — Conferencia acerca dos infinitamente pequenos feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa, 1884, 38 pags. (354)
- Lecour e Meneses, J. — Psychologia, Lisboa, 1884. (355)
- Teixeira Bastos. — A philosophia dos lyceus. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 1.º, pags. 501-510. Lisboa, 1884. (356)
- Atheismo inconsciente. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 1.º, pags. 156-164 e 213-217. Lisboa, 1884. (357)
- Uma conferencia sobre philosophia. — O que a philosophia deve ser no nosso tempo. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 1.º, pags. 326-332. Lisboa, 1884. (acerca do n.º 347) (358)
- Gomes, J. Eduardo. — Philosophia Technologica. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 1.º, pags. 125-131. Lisboa, 1884. (359)
- Silva Telles. — Pathologia da vontade. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 1.º, pags. 395-399 e 497-500. Lisboa, 1884. (Incompleto). (360)
- Braga, Theophilo. — Diderot (1.º centenario—1784—30 de Julho—1884). V. *Revista de Estudos Livres*, 1.º vol., pags. 528-535. Lisboa, 1884. (361)
- Teixeira Bastos. — Diderot e a philosophia do seculo XVIII. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 2.º, pags. 261-270. Lisboa, 1884-1885. (362)

- *Systema de Sociologia*. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 2.^o, pags. 358-364. Lisboa, 1884-1885. (Sobre o livro de Th. Braga). (363)
- Athayde, João Bernardo Heitor de*. — Animismo e Vitalismo. Defesa da doutrina de S. Thomaz. Coimbra, 1885. (Foi reproduzido um capitulo no vol. 36.^o do *Instituto*, Coimbra, 1889). (364)
- Cunha Seixas, J. M. da*. — Esboços criticos acêrca dos expositores de historia da philosophia. V. *Lucubrações historicas*. Lisboa, 1885, pags. 42-75. (Acêrca de Fouillée). (365)
- *A philosophia no ensino*. V. *Lucubrações historicas*. Lisboa, 1885, pags. 165-173. (Refere-se ao tempo do Marquez de Pombal). (366)
- Madureira, Bernardo Augusto de*. — Institutiones Theologiae Dogmatico-Polemicae, quas in scholarum usum disposuit Bernardus Augustus de Madureira. Conimbricae, 1885, 2 vols. (2.^a ed. em 1890-1893, 3 vols). (367)
- Rodrigues, Dr. José Maria*. — O Positivismo e a Moral. V. *O Instituto*, vol. 32.^o-33.^o Coimbra, 1885-1886. (368)
- Bruno* (pseud. de *José Pereira de Sampaio*). — A Idéa de Deus. Porto, 1885. (369)
- Teixeira Bastos*. — Giordano Bruno. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 3.^o, pags. 217-230. Lisboa, 1885-1886. (370)
- Sousa, Junlo de*. — As conferencias na Academia. V. *Revista de Estudos Livres*, vol. 3.^o, pags. 471-485 e 555-579. Lisboa, 1885-1886. (371)
- Arriaga, José de*. — Historia da Revolução de 1820, Porto, 1886. (Nô 1.^o vol., pags. 331-376, ha muitas noticias sobre a cultura philosophica em Portugal). (372)
- Ponte Horta, José Maria da*. — Conferencia acêrca da circulação da materia feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa, 1886, 33 pags. (373)
- Martins Pereira, Rodrigo de Boaventura*. — A Unidade na Natureza. Lisboa, 1886. (374)
- Magalhães Lima, Jayme de*. — Associação e Concorrença. V. *Estudos sobre a litteratura contemporanea*, pag. 25-38. Porto, 1886. (375)
- *Erros do individualismo*. V. *Estudos sobre a litteratura contemporanea*, pag. 3-22. Porto, 1886. (376)
- Jorge, Ricardo*. — O bioplasma e a biodynamica. V. *Ensaio Scientificos e Criticos*. Porto, 1886, pag. 1-32. (377)
- *O reino dos protistas*. V. *Ensaio Scientificos e Criticos*. Porto, 1886, pag. 35-63. (378)
- *A vontade*. V. *Ensaio Scientificos e Criticos*. Porto, 1886, pag. 135-141. (379)
- Rodrigues, Dr. José Maria*. — A Faculdade de Theologia e as doutrinas que ella ensina. Coimbra, 1886. (380)
- Quental, Anthero de*. — A Philosophia da natureza dos naturalistas. V. *A Provincia*, Porto, 1886, 1, 2, 3, 4 e 5 de Março. (381)

- (Reprodução em Ponta Delgada, 1894, XIII + 43 pags., com um prefacio de Eugenio Pacheco do Canto e Castro). (381)
- Canto e Castro, Eugenio Vaz Pacheco de.*—Do lugar do homem da natureza. V. *O Instituto*, vols. 33.º e 34.º Coimbra, 1886-87. (382)
- Santos Martins, A. B. dos.*—Moral. Lisboa, 1887. (E' a 3.ª ed.) (383)
- Saraiva, José Augusto.*—Historia da Philosophia. Lisboa, 1887. (Nova ed. em 1905, é o n.º 144 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*). (384)
- Silva Bourbon, Francisco de Paula Peixoto da.*—O creador, o homem e a natureza. Dissertação apresentada na aula de philosophia do Seminario de Coimbra, contendo breves considerações sobre a existencia de Deus, belleza que a natureza ostenta, união da alma com o corpo, culto prestado á divindade e immortalidade da alma. Coimbra, 1887, 52 pags. (385)
- Lecour e Menezes, Julio.*—Logica. Lisboa, 1887. (386)
- Moniz Barreto.*—Angelo ou o emprego da vida (dialogo philosophico). V. *Jornal do Commercio*, 7 de Maio. Lisboa, 1887. (Reproduzido na *Revista de Historia*, 7.º vol., 1918, pags. 245-251). (387)
- Cunha Seixas, J. M. da.*—Tratado de Philosophia Elementar. Vol. 1.º Psychologia. Lisboa, 1887, 672 pags. (388)
- Ferreira Deusdado, Manuel.*—Ensaios de philosophia actual. Lisboa, 1888, 286 pags. (389)
- Moniz Barreto.*—Philosophia Portuguesa. V. *O Reporter*, 1 de agosto. Lisboa, 1888. (Reproduzido na *Revista de Historia*, 7.º vol., pags. 255-258. Lisboa, 1918). (390)
- Ferreira, Manuel.*—Philosophia da religiosidade. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.º, pags. 13-20, 26-34. Lisboa, 1888. (391)
- Estudos de psychologia. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.º, pags. 37-42. Lisboa, 1888. (392)
- Estudos de Philosophia. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.º, pags. 55-60. 73-83. Lisboa, 1888. (393)
- Carneiro, A. S.*—A biologia e a sciencia social.—Possibilidade da psychologia. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.º, pags. 131-2. Lisboa, 1888. (394)
- Ferreira Deusdado.*—Da representação psychica do mundo exterior. V. *Revista de Neurologia e Psychiatria*, n.º 2. Lisboa, 1888. (Reproduzido no vol. 3.º da *Revista de Educação e Ensino*, pags. 208-220. Lisboa, 1888). (395)
- Geraldes, Albino Augusto.*—O Darwinismo (trechos duma conferencia). V. *O Instituto*, vol. 35.º Coimbra, 1888. (396)
- Gomes de Abreu, Antonio Joaquim Ribeiro.*—Da religião christã e a phi-

- osophia. V. *O Instituto*, vol. 35.º
Coimbra, 1888. (397)
- Vasconcellos Abreu, G. de.*—O animismo em geral e a sua representação entre chineses. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.º Lisboa, 1888. (398)
- Lopes Cardoso, J. A.*—Hypnotismo e suggestão. Lisboa, 1888. (399)
- Sousa, Junio de.* (pseud. de Antonio José Teixeira).—As conferencias na Academia. V. *O Instituto*, vol. 36.º Coimbra, 1889. (400)
- (Occupa-se dos trabalhos de José da Ponte Horta). (400)
- Ferreira Deusdado, Manuel.*—Estudos sobre criminalidade e educação (Philosophia. Anthropologia). Lisboa, 1889, 212 pags. (401)
- Lopes Cardoso, J. A.*—O somno e os sonhos. Lisboa, 1889. (402)
- Quental, Anthero de.*—O Socialismo e a Moral. V. *O Trabalhador*, n.º 1, 6 de Janeiro. Porto, 1889. (403)
- F. A.*—A Humanidade e o Individuo. V. *O Instituto*, vol. 36.º Coimbra, 1889. (404)
- Campos, Alfredo.*—Dever do homem. Lisboa, 1889. (405)
- Bettencourt Rodrigues.*—Psychologia morbida: Delirio emotivo.—Persistencias de certas imagens sensoriaes.—Illusões da memoria. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 4.º, pags. 34-37. Lisboa, 1889. (406)
- Ferreira, J. B.*—Genio e Loucura. V. *Revista de Educação e Ensino*, 4.º vol., pags. 80-86. Lisboa, 1889. — (Sobre Lombroso). (407)
- Ferreira Deusdado.*—Psychologia criminal: a liberdade moral e o determinismo.—A ethica. V. *Revista de Educação e Ensino*, 4.º vol., pags. 289-307. Lisboa, 1889. (408)
- Telles, Basillo.*—Ensaio de Philosophia Actual, M. A. Ferreira Deusdado. V. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, 1.º vol., n.º 3, pags. 130-138. Porto, 1889. (409)
- Quental, Anthero de.*—Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX. V. *Revista de Portugal*, vol. II. Porto, 1890. (410)
- Teixeira Bastos.*—Sciencia e Philosophia (Ensaio de critica positiva). Porto, 1890, 266 pags. (411)
- Magalhães Lima, Jayme de.*—A philosophia de Tolstoi. V. *Revista de Portugal*, vol. 2.º Porto, 1890. (412)
- Gonzaga Cabral, P.º Luiz de.*—Conclusiones logicae, metaphysicae et morales, quas in publicum de universa philosophia certamen propugnandas conscripsit et Eminentiissimo ac Reverendissimo Domino Americo Cardinali Ferreira dos Santos Silva humiliter dedicavit Aloisius Gonzaga Cabral. Urceii, 1890. (413)
- Lopes Cardoso, J. A.*—A loucura e o génio. Lisboa, 1890. (414)
- Ferreira Deusdado, Manuel.*—Essais de Psychologie criminelle. Rapport présenté au Congrès pénitenciaire international de Saint Pétersbourg. Lisbonne, 1890, 41 pags. (415)
- Teixeira Bastos.*—O positivismo e a philosophia positiva. V. *Revista de Portugal*, vol. 3.º Porto, 1891. (416)
- Seabra, A. L. de.*—Noções de Philo-

- sophia Elementar. Anadia, 1891, 32 pags. (417)
- Bettencourt Ferreira, J.*—O estudo da psychiatria. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 6.º Lisboa, 1891. (418)
- Sinibaldi P.º Thiago.*—Elementos de Philosophia—Volume I: Logica—Ontologia—Cosmologia Geral—Volume II: Cosmologia especial—Psychologia—Theodicea. Coimbra, 1891, XII+301 pags. e 1892, 404 pags. (419)
- Ferreira Deusdado.*—Psychologia applicada á educação. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 7.º Lisboa, 1892. (420)
- Teixeira Bastos.*—Actividade philosophica de Th. Braga. V. *Theophilo Braga e a sua Obra*, cap. IV. Porto, 1892. (421)
- Braga, Theophilo.*—Hegel e a comprehensão das creações estheticas. V. *As Modernas Idéas na Litteratura Portuguesa*, 1.º vol., pags. 383-416. Porto, 1892. (422)
- Comte, sua disciplina mental, e a systematisação do regimen revolucionario. V. *As Modernas Idéas na Litteratura Portuguesa*, 1.º vol., pags. 417-443. Porto, 1892. (423)
- Renovação philosophica e politica. V. *As Modernas Idéas na Litteratura Portuguesa*, 2.º vol., pags. 391-512. Porto, 1892. (424)
- Rodrigues, José Maria.*—Pensamento e movimento — estudo historico-critico sobre o materialismo contemporaneo. Coimbra, 1892. (425)
- Andrade, Abel de.*—Institutiones Theologicae Dogmatico-Polemicae, quas in scholarum usum disposuit Bernardus Augustus de Madureira: editio secunda aucta et emendata. —Conimbricae—Typis Academicis, MDCCCXC. V. *O Instituto*, vol. 39.º Coimbra, 1892. (Apreciação do n.º 367). (426)
- Influencia do Cartesianismo sobre o racionalismo. V. *O Instituto*, vol. 39.º Coimbra, 1892. (427)
- Braga, Theophilo.*—Exposição popular do Positivismo. V. Prologo. Lisboa, 1892. (428)
- Andrade, Abel de.*—A Synthese Cartesiana. Influencia do Cartesianismo sobre o racionalismo. Estudo critico-historico da Evolução da Synthese Cartesiana, precedido dum prefacio de Theophilo Braga. Coimbra, 1892, 18 + 101 pags. (429)
- Martins de Carvalho, Fernando.*—A Synthese Cartesiana. Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo, por Abel de Andrade. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892. V. *O Instituto*, vol. 39.º Coimbra, 1892. (Artigo bibliographico sobre o n.º 429). (430)
- Silva, Joaquim Maria da.*—Elementos de Philosophia racional e moral. 1892. (431)
- Martins Capella, P.º Manuel José.*—Discurso sobre a opportunidade da philosophia thomista. Braga, 1892. (Só conhecemos esta obra da referencia de F. Deusdado). (432)
- Mendes dos Remedios, Joaquim.*—Giordano Bruno. V. *O Instituto*, vols.

- 39.º e 40.º Coimbra, 1892 e 1893. (433)
- Braga, Theophilo.*—Sobre a Synthese cartesiana. V. *O Instituto*, vol. 40.º Coimbra, 1893. (434)
- Senna Freitas, J. J.*—O positivismo sob o aspecto philosophico, moral, sociologico e religioso. Rio de Janeiro, 1893. (435)
- Quental, Anthero de.*—Ensaio sobre as bases philosophicas da Moral ou Philosophia da Liberdade. V. *Arquivo dos Açores*, n.ºs 68 e 69 do vol. 12.º, pags. 187-192 e 193-195. Ponta Delgada, 1893. (436)
- Silva Gato, Manuel da.*—Os novos—I — Moniz Barreto. Coimbra, 1894, 101 pags. (V. Cap. II—*As Idéas*). (437)
- Martins, Francisco.*—Religião e Sciencia. V. *O Instituto*, vol. 41.º Coimbra, 1894. (438)
- Gomes de Carvalho, Clemente Pereira.*—Elementós de Philosophia. Coimbra, 1894. (439)
- Ferreira Deusdado, M.*—A moral no espirito contemporaneo. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 9.º Lisboa, 1894, pag. 177. (440)
- Almeida, Fortunato de.*—A antiga escola de philosophia conimbricense. V. *Revista Contemporanea*, vol. 1.º, pags. 161-169, 251-255. Coimbra, 1894-1895. (Incompleto). (441)
- Silva Ramos.*—Problemas da philosophia natural. V. *Revista Contemporanea*, vol. 1.º, pags. 96-103, 182-189. Coimbra, 1894-1895. (442)
- Oliveira Martins, J. P. de.*—Systema dos Mythos religiosos. Lisboa, 1895. (443)
- Braga, Theophilo.*—O Collegio das Artes e a philosophia conimbricense. V. *Historia da Universidade de Coimbra*, 2.º vol., pags. 257-436. Lisboa, 1895. (444)
- A crise philosophica e as Academias scientificas do seculo XVII. V. *Historia da Universidade de Coimbra*, 2.º vol., pags. 437-472. Lisboa, 1895. (445)
- Faria, F. X. de.*—Propriedades da materia. V. *Arquivo Medico da India*, n.º 220. Mapuçá, 1895. (Este escripto motivou uma polemica com Philoteio Pereira de Andrade, que decorreu no jornal *A India Portuguesa*, n.ºs de Julho a Setembro de 1895). (446)
- Bettencourt Ferreira, J.*—O Congresso catholico e a philosophia. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 10.º Lisboa, 1895. (447)
- Ferreira, Antonio Maria.*—Polemica scientifica sobre a origem da vida. Angra, 1895, XX+408 pags. (O outro polemista foi o Dr. José Augusto Nogueira Sampaio, reitor do Lyceu de Angra). (448)
- Bernardes Branco, Manuel.*—Benedicti de Spinoza. V. *Portugal e os estrangeiros*. Lisboa, 1895, 3.º vol., pags. 294-298. (449)
- Teixeira de Queiroz, F.*—As sciencias naturaes e a religião. V. *As Minhas Opiniões*, pags. 251-261. Lisboa, 1896. (450)
- Transformismo e darwinismo.

- V. *As Minhas Opiniões*, pags. 261-271. Lisboa, 1896. (451)
- *Bancarrota scientifica*. V. *As Minhas Opiniões*, pags. 271-281. Lisboa, 1896. (452)
- Madureira, Bernardo Augusto*. — Compendio de philosophia elementar conforme ao programma official de 1895. Coimbra, 1896, 300 pags. (453)
- Vasconcellos Abreu, G.* — A phenomenallidade, a alma e o eu no Budhisme. V. *O Instituto*, vol. 42.^o e 43.^o Coimbra, 1896. (454)
- Ferreira Deusdado*. — O Ensino da philosophia Thomista. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 11.^o Lisboa, 1896. (455)
- A reforma da aggregação de de philosophia em França. — A morte de dois professores illustres (Henri Marion e Jules Simon). V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 11.^o Lisboa, 1896. (456)
- Osorio, Balthazar*. — Origem dos elementos. V. *Revista de Educação e Ensino*, vol. 11.^o Lisboa, 1896. (457)
- Sargedas, Eduardo*. — O methodo e a attenção. V. *Revista Educação e Ensino*, vol. 11.^o Lisboa, 1896. (458)
- Catalogo da Bibliotheca Publica Municipal do Porto*. — Indice preparatorio do Catalogo dos manuscritos. 3.^o fasciculo. — Philosophia. Porto, 1896, 16 pags. (459)
- Pacheco, Eugenio*. — Esboço de uma analyse psychologica. S. Miguel, 1898. (460)
- *Estudos geraes — Dos impos-* siveis em philosophia natural. S. Miguel, 1899. (461)
- Bruno* (pseud. de José Pereira de Sampaio). — O positivismo. V. *O Brasil Mental — esboço critico*. Porto, 1898, pags. 101-297. (462)
- O monismo V. *O Brasil Mental — esboço critico*. Porto, 1898, pags. 299-338. (463)
- Ferreira Deusdado, Manuel*. — Esboço historico da philosophia em Portugal no seculo XIX. V. *Principios Geraes de Philosophia*, de J. M. da Cunha Seixas (Prefacio). Lisboa, 1898, XLVII pags. (464)
- Cunha Seixas, J. M. da*. — Principios Geraes de Philosophia. Lisboa, 1898, XLVII+186 pags. (465)
- Ferreira Deusdado, Manuel*. — La Philosophie Thomiste en Portugal — Notes pour servir à l'histoire de la philosophie en Portugal — *Extrait de la Revue Néo-Scholastique*, Louvain, 1898, 49 pags. (466)
- Bombarda, Miguel*. — Estudos biologicos. — A consciencia e o livre arbitrio. Lisboa, 1898, XI+352 pags. (2.^a edição em Lisboa, 1902, correcta e augmentada, XXIII+363 pags.) (467)
- Caldas Cordeiro*. — Summario da philosophia evolucionista de Herbert Spencer. Lisboa, 1898, 285 pags. (468)
- Pereira de Andrade, Philoteio*. — A Inèrcia da Materia — Ensaio philosophico. Bastorá, 1898, 24 pags. (469)
- Laranjo, J. Frederico*. — A Politica de

- Aristoteles, V. *O Instituto*, vol. 45.º e 46.º Coimbra, 1898-1999. (470)
- Faria, F. X. de. — *A Physica no vigesimo seculo*. S. I. (Nova Gôa?), 1899, 42 pags. (471)
- Dias, Ignacio "Salvador Leonardo. — Contribuições para a bibliographia indo-portuguesa. Fasciculo I. Obras de Philoteio Pereira de Andrade. Bastorá, 1899, 55 pags. (De pags. 34 a 43 occupa-se da polemica travada sobre a inercia da materia, entre os srs. F. X. de Faria e Ph. Pereira de Andrade, a que já se fez referencia). (472)
- Laranjo, José Frederico. — *A Politica de Aristoteles* — Resumo, Coimbra, 1899, 114 pags. (473)
- M. F. (Manuel Ferreira Deusdado). — *A biologia moderna e as idéas do sr. Prof. Bombarda*. V. *Revista de Educação e Ensino*. Lisboa, 1898, n.ºs de maio a outubro. (São seis artigos de 95 paginas). (474)
- Fernandes Sant'Anna, P.º Manuel. — *Questões de Biologia*. — O materialismo em face da sciencia, a proposito da «Consciencia e o livre arbitrio», do sr. Prof. Miguel Bombarda. Lisboa, 1899-1900, 2 vols., 492 pags. e 572 pags. (O primeiro volume é formado pelos artigos do mesmo auctor no *Correio Nacional*. Entre o 1.º e o 2.º vols. sahio a réplica de Bombarda, *A Sciencia e o Jesuitismo*, a que o P.º Sant'Anna responde com o *Post Scriptum* — *Ignorante desabafo de vaidade irritada*, a pags. 501-567 do 2.º vol.) (475)
- Inso, Cesar do. — *Ceo, espirito e luz*. Digressão do pensamento em busca da verdade. Lisboa, 1900, 253 pags. (476)
- Bombarda, Miguel. — *A Sciencia e o jesuitismo*. Replica a um padre sabio. Lisboa, 1900, IV+191 pags. (477)
- Coelho, F. Adolpho. — *O ensino historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858*. V. *O Instituto*, vol. 47.º, pags. 449-468. Coimbra, 1900. (578)
- Le Cours Supérieur de Lettres Lisboa, 1900, 96 pags. (O primeiro capitulo é a traducção do artigo anterior. Nos seis capitulos seguintes contem muitas noticias sobre o ensino superior da philosophia em Portugal, que se reduziu a este instituto). (479)
- Mendes dos Remedios, J. — *Philosophia Elementar*. Coimbra, 1900. (2.ª ed. em 1916). 480
- Lacerda, José de. — *Estudos de Biologia*. — Esboços de Pathologia social e idéas sobre Pedagogia geral. Lisboa, 1901, 191 pags. (Tem um capitulo de psychologia collectiva). (481)
- Bettencourt Ferreira, J. — *Um philosofo português no Seculo XIX*. Lisboa, 1902. (Acêrca de Manuel Ferreira Deusdado). (482)
- Marques Braga. — *Ensaio sobre a psychologia do povo português*. Coimbra, 1903, 150 pags. (Separata do *Instituto*). (483)

- Sousa Monteiro, José de.*—*Sousa Martins*—As suas philosophias, V. *Sousa Martins*—*In Memoriam*. Lisboa, 1904, pags. 195-205. (484)
- Tamagnini, Eusebio.*—*Psychologia feminina*. 1904. (485)
- Silva Dias, Augusto Epiphaneo da.*—Uriel da Costa, Espelho da vida humana. Versão do «Exemplar vitae humanae», com uma introdução por Th. Braga. Lisboa, 1904. (486)
- Lima Duque, A. A. de.*—Ensaio de Philosophia Natural ou Elementos para a reforma da philosophia das escolas. V. *O Diario*. Lisboa, Março de 1905. (Serie de 10 artigos). (487)
- Fernandes Laranjeira, Manuel.*—O Nirvana—Interpretação psychopathologica do dogma. V. *O Porto Medico*. Porto, 1905. (488)
- Braga, Theophilo.*—Spinosa (conferencia). Lisboa, 1906, 23 pags. (489)
- Villa Moura, Visconde de.*—A moral na Religião e na Arte.—Em carta aberta ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Conego Senna Freitas, 1906. (490)
- Fernandes Laranjeira, Manuel.*—A doença da santidade: ensaio psychopathologico sobre o mysticismo de forma religiosa, 1907. (491)
- Bentes, J. A.*—Os grandes problemas sociaes.—Sociologia fundamental.—Constituição da sociologia. Lisboa, 1907, 938 pags. (492)
- Coelho, F. Adolpho.*—O Curso Superior de Letras e os cursos de habilitação para o magisterio secundario. V. *Notas sobre Portugal*, vol. 1.^o Lisboa, 1908, pags. 537-547. (E' o complemento da memoria em francês sobre a mesma escola). (493)
- Bettencourt Ferreira, J.*—Estudos de psychologia artistica.—A loucura no theatro.—Considerações sobre o estado morbido representado nesta personagem. V. *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal*, 1.^a serie, tomo 1.^o, pags. 157-165. Lisboa, 1908. (494)
- Bruno* (pseud. de José Pereira de Sampaio).—De Spinosa portuense e da Synagoga portuguesa de Amsterdam. V. *Portuenses Illustres*, vol. 3.^o, Porto, 1908. (495)
- Sergio, António.*—Notas sobre os Sonetos e as Tendencias Geraes da Philosophia de Anthero de Quental. Lisboa, 1909, 189 pags. (496)
- D. Pedro, Infante.*—Tractado da Virtuosa Benefeytura, Porto, 1910. (497)
- Magalhães e Silva, A. A.*—Philosophia. (6.^a classe dos lyceus.—Apontamentos para o seu estudo, segundo o programma actual). Porto, 1910, 114 pags. (498)
- Ferreira Deusdado, Manuel.*—Educadores Portugueses. Coimbra, 1910, XXIV + 539 pags. (Contem muita materia philosophica). (499)
- Almeida, Eduardo de.*—A familia e a evolução social. Guimarães, 1911, 343 pags. (500)
- Ayres, Bernardo.*—Principios de Biologia. Coimbra, 1911. (501)

- Mendes dos Remedios*. — Os judeus em Amsterdam. Coimbra, 1911. (Muitas noticias sobre Uriel da Costa). (502)
- Antunes, João*. — A Psychologia experimental. (Notas de propedeutica philosophica). Lisboa, 1912, 122 pags. (503)
- Coimbra, Leonardo*. — O Creacionismo. Porto, 1912. (504)
- Moraes, Silvestre de*. — Evolução e determinismo. — Caracteres philosophicos. Coimbra, 1912. (505)
- Telles, Basilio*. — La notion de temps. V. *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, vol. 7.º, pags. 99-111, Porto, 1912. (506)
- Teixeira de Paschoaes*. — O Espirito lusitano ou o Saudosismo. — Conferencia. Porto, 1912. (507)
- Coimbra, Leonardo*. — A Morte. Porto, 1913. (508)
- Sergio, Antonio*. — Ensaios de psychologia e pedagogia. Da natureza da affecção. V. *Revista Americana*, n.º 9, vol. IV. Rio de Janeiro, 1913. (509)
- Coimbra, Leonardo*. — A Lucta pela Immortalidade. V. *A Aguia*, 3.º vol., pags. 62-71. Porto, 1913. (510)
- Sobre a distincção entre o pensamento platónico e o pensamento moderno. V. *A Aguia*, vol. 3.º, pags., 141-144. Porto, 1913. (511)
- Alves dos Santos, Dr. A. J.* — Psychologia e Pedologia. — Uma missão de estudo no estrangeiro. Relatorio apresentado á Faculdade de Letras de Coimbra. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 2.º, pags. 41-66. Coimbra, 1913. (512)
- Merêa, Manuel Paulo*. — O novo idealismo. V. *Idealismo e Direito*. Coimbra, 1913, 88 pags. (513)
- Mendes Corrêa, A. A.* — Valor objectivo do conhecimento humano. V. *Dionysos*, 1.º vol. Coimbra, 1913. (Separata de 30 pags). (514)
- Teixeira de Paschoaes*. — Saudosismo e symbolismo. V. *A Aguia*, vol. 3.º, pags. 113-114. Porto, 1913. (Trecho do n.º 516). (515)
- O Genio portuguez na sua expressão philosophica, poetica e religiosa. Porto, 1913. (516)
- Sergio, Antonio*. — Epistolas aos saudosistas. V. *A Aguia*, vol. 4.º, pags. 97-103. Porto, 1913. (517)
- Teixeira de Paschoaes*. — Os meus comentarios ás duas cartas de Antonio Sergio. V. *A Aguia*, vol. 4.º, pags. 104-109. Porto, 1913. (518)
- Sanches, Francisco*. — Que nada se sabe (Traducção portuguesa do *Quod nihil scitur*, por Basilio de Vasconcellos. V. *Revista de Historia*, vols. 2.º, 3.º, 4.º e 5.º Lisboa, 1913-1916. (Com o texto latino). (519)
- Antunes, João*. — As origens historicas do christianismo e o racionalismo contemporaneo. (Esboço de critica positiva. Notas e comentarios). Porto, s. d. (520)
- Coimbra, Leonardo*. — O imperialismo e o creacionismo. V. *A Aguia*, vol. 4.º, pags. 60-62. Porto, 1914. (521)

- A Transnatureza. V. A. *Agua*, vol. 4.º, pags. 77-83. Porto, 1914. (522)
- O problema do milagre. V. A. *Agua*, vol. 4.º, pags. 121-123. Porto, 1914. (523)
- A categoria da qualidade. V. A. *Agua*, vol. 4.º, pags. 184-186. Porto, 1914. (524)
- Figueiredo, Fidelino de.* — Acêrca do Sr. Benedetto Croce. Prefacio á trad. port. da obra de B. C., *Breviario de Esthetica*. Lisboa, 1914. (Reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 1.ª serie, Lisboa, 1916) (525)
- Ferreira da Silva, A. J.* — Sciencia e crenças. Porto, 1914. (526)
- Sergio, Antonio.* — Regeneração e tradição, moral e economia. V. A. *Agua*, vol. 5.º, pags. 1-9. Porto, 1914. (527)
- Teixeira de Paschoaes.* — Resposta a Antonio Sergio. A *Agua*, vol. 5.º, pags. 33-38. Porto, 1914. (528)
- Ultima carta. V. A. *Agua*, vol. 5.º, pags. 129-137. Porto, 1914. (529)
- Sergio, Antonio.* — Explicações necessarias do homem da espada de pau ao archanjo da espada dum relampago. V. A. *Agua*, vol. 5.º, pags. 170-175, Porto, 1914. (530)
- Teixeira de Paschoaes.* — Mais palavras ao homem da espada de pau. V. A. *Agua*, vol. 6.º, pags. 1-5. Porto, 1914. (531)
- Quental, Anthero de.* — Cartas de Anthero de Quental, Coimbra, 1915, LXVII+320 pags. (2.ª ed. ampliada em 1921, com XXV+327 pags. (532)
- Coimbra, Leonardo.* — O Pensamento Creacionista. — Lições effectuadas na Universidade Popular do Porto em abril e maio de 1914. Porto, 1915, 220 pags. (533)
- Bruno philosopho. V. A. *Agua*, Porto, 1915. (534)
- Os grandes problemas. V. A. *Agua*, vol. 7.º. Porto, 1915. (Extracto do *Pensamento Creacionista*). (535)
- A unidade de pensamento em Sampaio (Bruno). V. A. *Agua*, vol. 8.º Porto, 1915. (536)
- Teixeira Rego, José.* — O Dominio prágmatista. V. A. *Agua*, vol. 7.º, Porto, 1915. (537)
- Freire de Mattos, J.* — Medida da attenção, por meio dos tempos de reacção. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 4.º, pag. 443-450. Coimbra, 1915. (538)
- Lima Salazar, Abel de.* — Ensaio de psychologia philosophica, 1915. (539)
- Carvalho, Joaquim de.* — Estudos de Historia da Philosophia Portuguesa. — Antonio de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença — Volume I: Antonio de Gouveia e Pedro Ramo. Coimbra, 1916, XVII+192 pags. (540)
- Costa Ferreira, A. A.* — A visão das côres. V. *Boletim Official do Mi-*

- nisterio da Instrução Publica, vol. 1.º, pags. 539-556. Coimbra, 1916. (541)
- Coimbra, Leonardo. — A Alegria, a Dor e a Graça. Porto, 1916. 325 pags. (542)
- Corrêa, José Augusto. — Evolução philosophica do espirito humano. Lisboa, 1916, 476 pags. (543)
- Castro, Eugenio de. — O P.º Francisco Suárez em Coimbra. — Notas sobre alguns dos seus contemporaneos e amigos. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6.º, pags. 5-41. Coimbra, 1917. (544)
- Carvalho, Joaquim de. — A theoria da verdade e do erro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suarez. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6.º, pags. 42-79. Coimbra, 1917. (545)
- Merêa, Manuel Paulo. — Suárez jurista, O problema da origem do poder civil. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6.º, pags. 70-140. Coimbra, 1917. (546)
- Carvalho, Joaquim de. — O tricentenario de Francisco Suárez e o Congresso Internacional de Granada. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6.º, pags. 490-497. Coimbra, 1917. (547)
- Rodrigues, P.º Francisco. — A Formação intellectual do Jesuita. Leis e factos. Porto, 1917, 607 pags. (V. pags. 55-60 e o § 8 do Cap. II, pags. 274-280, *Na Philosophia*). (548)
- Ribeiro Barbosa, Alvaro Affonso. — A Philosophia no ensino secundario. V. *Revista de Educação Geral e Technica*, vol. 6.º Lisboa, 1917. (E em separata de 115 pags.) (549)
- Proença, Raul. — A infinidade dos mundos e o Eterno retorno em Demócrito. V. *A Aguia*, vol. 11.º, Porto, 1917. (550)
- O eterno retorno nos antigos e nos modernos. V. *A Aguia*, vol. 11.º, Porto, 1917. (551)
- Anonymo. — Prefacio para uma traducção dos «Ensaio Políticos de Spencer». V. *A Aguia*, vol. 13.º. Porto, 1917. (552)
- Coimbra, Leonardo. — A poesia e a philosophia moderna em Portugal. V. *Atlantida*, n.º 25. Lisboa, 1917, pags. 224-226. (No mesmo n.º segue-se uma traducção francesa deste escripto, pags. 227-229). (553)
- P. M. (Paulo Merêa). — Sobre Antonio Gouvêa. V. *Revista de Historia*, vol. 6.º, pag. 84, Lisboa, 1917. (Acêrca do n.º 623). (554)
- Moraes, Silvestre, de. — Escolas philosophicas. V. *Questões de Actualidade*. Coimbra, 1917, pags. 5-22. (555)
- Classificação das sciencias. V. *Questões de Actualidade*. Coimbra, 1917, pags. 25-40. (556)
- O Problema religioso. V. *Questões de Actualidade*. Coimbra, 1917, pags. 43-179. (557)

- Ordem e Progresso. V. *Questões de Actualidade*. Coimbra, 1917, pags. 183-224. (558)
- Methodos, Systemas e Processos. V. *Questões de Actualidade*. Coimbra, 1917, pags. 353-374. (559)
- Costa Cabral, José Emygdio Soares da. — Na Nova Crença—Ideorealismo. Coimbra, 1917-1918, 158 pags. (560)
- Alves dos Santos. — Elementos de Philosophia Scientifica. Lisboa, 1918, 2.^a ed., 293 pags. (561)
- Carvalho, Joaquim de. — Leão Hebreu, Philosopho. (Para a Historia do Platonismo no Renascimento). Coimbra, 1918, 157 pags. (562)
- Cordelro, P.^e Valerio A. — O Padre Francisco Suárez (Doutor Eximio). Esboço da sua vida e obras. Porto, 1918, 62 pags. (Artigos publicados na *Liberdade* por ocasião do tricentenario da morte do Doutor Eximio). (563)
- Ribeiro, Angelo. — O pensamento de Leonardo Coimbra. V. *Atlantida*. Lisboa, 1918, vol. 8.^o, n.^{os} 33-34. (564)
- Croce, Benedetto. — A perfeição e a imperfeição. V. *Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. 12.^o, Coimbra, 1918. (Prefacio e traducção por Fidelino de Figueiredo da nota de esthetica do mesmo titulo, de Benedetto Croce). (565)
- Newton de Macedo, Francisco. — Aspectos do problema psychologico. I — Criteriologia. Lisboa, 1919, 89 pags. (566)
- Carvalho, Joaquim de. — A minha resposta — ao ultimo considerando do decreto que desannexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1919, 18 pags. (Occupase do ensino philosophico, na Univ. de Coimbra). (567)
- Анонимо. — A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao Paiz. Coimbra, 1919, 128 pags. (A pags. 45-49 expõe-se a orientação do ensino seguida na secção de sciencias philosophicas). (569)
- Ribeiro, Angelo. — Curso de Iniciação Philosophica. I — Significado e valor da Philosophia. Lisboa, 1919, 130 pags. (570)
- Alves, P.^e Francisco Manuel. — O Dr. Manuel Antonio Ferreira Deusdado. V. *O Instituto*, vol. 66.^o. Coimbra, 1918. (571)
- Coimbra, Leonardo. — O Problema da Inducção. V. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.^{os} 1-2, pags. 1-48. Porto, 1920. (572)
- Sergio, Antonio. — Educação e Philosophia (Principios de uma pedagogia qualitativa de acção social e racional). V. *Ensaio*, vol. 1.^o. Rio de Janeiro, 1920, pags. 116-162. (573)
- Mendes Corrêa, A. A. — As novas

- idéas sobre a evolução. V. *A Aguda*, n.ºs 99-100, vol. 17.º. Porto, 1920. (574)
- Santos Pereira*. — Da possibilidade do methodo scientifico e psychologia. Coimbra, 1920. (575)
- Moraes Carvalho, A. A. de*—Le Problème de l'Univers. Lisbonne, 1920. VIII + 548 pags. (576)
- Newton de Macedo, F. R.* — O conceito de experiencia moral. V. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.ºs 3-4, pags. 280-293. Porto, 1921. (577)
- Coimbra, Leonardo*. — O pensamento philosophico de Anthero de Quental (Excerpto). V. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.ºs 3-4, pags. 295-310. Porto, 1921. (578)
- Praça, Carlos*. — Finalidade nos phenomenos da vida. (These para exame de admissão no Curso Normal Superior de Lisboa). Lisboa, 1921, 44 pags. (579)
- Figueiredo, Fidelino de*. — Historia da Litteratura Classica. Lisboa, 1921, 2.ª Epocha, pags. 16-28. (Trata da cultura philosophica em Portugal nos seculos XVI e XVII). (580)
- Almeida, Fortunato de*. — Dr. Lopes Praça. V. *Revista de Historia*, vol. 10.º, pags. 67-69. Lisboa, 1921. (581)
- Figueiredo, Fidelino de*.—Para a historia da Universidade de Evora. V. *Revista de Historia*, vol. 10.º, pags. 298-305, Lisboa, 1921. (Contem um documento sobre o ensino da philosophia no seculo XVIII em Evora). (582)
- Machado, José*. — Francisco Sanches. V. *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, vol. 12.º, pags. 80-84. Porto, 1921. (583)
- (Reproduzido do *Boletim da Bibliotheca Publica e Archivo Districtal de Braga*; insere o termo de baptismo do philosopho, em Braga). (584)
- Passos, Carlos*.—Luiz Antonio Verney —secretario régio em Roma. V. *Revista de Historia*, vol. 10.º, pags. 217-224. Lisboa, 1921. (585)
- Coimbra, Leonardo*. — O pensamento philosophico de Anthero de Quental. Porto; s. d. (1921), 226 pags. (586)
- Figueiredo, Fidelino de*. — Noção de sociologia. V. *Estudos de Litteratura* (3.ª serie). Lisboa, 1921. (587)
- Ramos da Costa, A.* — A Theoria da relatividade. Lisboa, 1921, 32 pags. (588)
- Almeida Lima, J. M. de*. — Os criterios da verdade — Racionalismo e dogmatismo. V. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes da Academia das Sciencias*, 3.ª serie, n.º 9. Lisboa, 1922, 36 pags. (589)
- Michælis de Vasconcelos, D. Carolina*. —Uriel da Costa. Notas relativas á sua vida e ás suas obras. V. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 8.º, Coimbra, 1922. (E em separata de 180 pags. ill.) (590)

- Soares, Cyrillo.* — O conceito de matéria na evolução das theorias phisicas. Lisboa, 1922, 77 pags. (591)
- Faria de Vasconcellos.* — Ensaio sobre a psychologia da intuição. V. *Archivos da Universidade de Lisboa*, vol. 8.º, Lisboa, 1922, pags. 1-81. (592)
- Vieira d'Almeida.* — Estudos de philo-phia—I: Uma questão logica — A Impensabilidade da negativa. V. *Archivos da Universidade de Lisboa*, vol. 8.º, pags. 83-132. Lisboa, 1922. (593)
- Coimbra, Leonardo.* — A razão experi-mental (Logica e metaphysica). Porto, 1923, 398 pags. (594)
- Ramos da Costa, A.* — Espaço, mate-ria, tempo ou a trilogia einsteinea-na. Lisboa, 1923, 62 pags. (595)
- Figueiredo, Fidelino de.* — Einstein em Paris. V. *Correio da Manhã*, n.º 677. Lisboa, 12 de Março de 1923. (596)
- Sousa Aroso, J. D. de.* — Importancia da memoria. V. *Broteria*, vol. 21.º, pag. 280-286. Caminha, 1923. (Capitulo do livro inédito *Educação da Memoria*) (587)
- Coimbra, Leonardo.* — Excerpto da confe-rencia «Contribuição das modernas theorias scientificas para uma nova concepção espiritualista do Uni-verso» realisada na Residencia dos Estudantes, de Madrid. — As no-ções de espaço e tempo. V. *Revis-ta da Faculdade de Letras da Uni-versidade do Porto*, vol. 1.º, pags. 351-365. Porto, 1923. (598)

ADDENDUM:

- Ribeiro de Vasconcellos, Antonio Garcia. — *Francisco Suárez (Doctor Exi-mus)*, Coimbra, 1897, CLI+CCXXIII. pag. (459-A)

III — BIBLIOGRAPHIA ESTRANGEIRA
 PARA O ESTUDO
 DA PHILOSOPHIA EM PORTUGAL (1)

- Van Vaassen*.—Dissertatio de vita et scriptis Antonii Goveanii. V. *Antonii Goveanii opera juridica, philologica, philosophica*. Rotterdam, 1766. (599)
- Gaullieur*.—Histoire du Collège de Guyenne, d'après un grand nombre de documents inédits, Paris, 1784. (600)
- Deltzsch*.—Leo der Hebräer, Charakteristik seines Zeitalters, seiner Richtung und seiner Werke. V. *Litteraturblätter des Orientes*, n.º 6, 1840. (601)
- Gerkrath, Ludwig*.—Franz Sanchez, Ein Beitrag für Geschichte der philosophischen Bewegungen in Anfange der neueren Zeit. Wien, 1860. (602)
- Quicherat, J.*—Histoire de Sainte-Barbe—Collège. Communauté. Institution. Paris, 1860. 3 vol., 382 pags., 415 pags. e 425 pags.
- (Trata de Antonio Gouvêa a pags. 131-134 e 271-277 do 1.º vol.) (603)
- Caillemet, Exupère*.—Étude sur Antoine de Govea (1508-1566). Paris-Caen, 1864. (604)
- Menéndez y Pelayo, M.*—Historia de las Ideas Estéticas en España. Madrid, 1884, 2.º vol. (2.ª ed. em 1896; trata de Leão Hebreu). (605)
- Zimmels*.—Leo Hebraeus, ein jüdischer Philosoph der Renaissance; sein Leben, seine Werke und seine Lehren. Breslau, 1886, 120 pags. (606)
- Rosl*.—Saggio sui trattati d'Amore del cinquecento. Contributo alla storia dei costumi italiani nel secolo XVI. Recanati, 1889. (Trata de Leão Hebreu) (607)
- Menéndez y Pelayo, M.*—De las vicisitudes de la filosofia platónica en España.—Discurso leído en la Uni-

(1) Esta secção apresenta lacunas grandes, que não podem ser preenchidas sem os recursos dalguma grande bibliotheca de cultura moderna ou sem a cooperação dum especialista estrangeiro.

- versidad Central en la solemne inauguración del curso académico de 1889 á 1900. Madrid, 1889, 128 pags.
- (Reproduzido nos *Ensayos de Crítica Filosófica*, Madrid, 1892, pags. 7-192; trata de Leão Hebreu). (608)
- Stein.—Leo Hebraeus. V. *Archiv für Geschichte der Philosophie*. Berlim, 1889. (609)
- Menéndez y Pelayo, M.—Discursos leídos ante la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas. — De los orígenes del criticismo y del escepticismo, y especialmente de los precursores españoles de Kant. Madrid, 1891, pags. 1-114. (610)
- (Reproduzido nos *Ensayos de Crítica Filosófica*, Madrid, 1892, pags. 195-366; trata de Francisco Sanches). (611)
- Zimmels.—Leone Ebreo. — Neue Studien. Wien, 1892. (612)
- Giarratano, Cesare.—Il pensiero di Francesco Sanchez.—Nápoli, 1903, 104 pags. (613)
- Solmi, Edmondo.—Benedetto Spinoza e Leone Ebreo. Studio su una fonte italiana dimenticata dello spinozismo. Modena, 1903, VIII + 96 pags. (614)
- Senché, E.—Essai sur la méthode de Francisco Sanches, professeur de philosophie et de médecine à l'Université de Toulouse. Laval, 1904. (615)
- Gentile, Giovanni.—Edmondo Solmi—«Benedetto Spinoza e Leone Ebreo». V. *La Critica*, vol. 2.º, pags. 313-319. Bari, 1904. (2.ª ed. em 1910; recensão da obra do mesmo titulo). (616)
- Cesare Giarratano — «Il pensiero di Francesco Sanchez». V. *La Critica*, vol. 2.º, pags. 323-327. Bari, 1904. (2.ª ed. em 1910). (Recensão do livro de igual titulo). (617)
- Gómez Izquierdo, Alberto. — Apuntes para la historia de la logica en España. V. *Revista de Aragón*, Saragoça, 1904-1905. (Trata de Pedro Julião). (618)
- Appel. — Leone Medigos Lehre von Weltall und ihr Verhältnis zu griechische und zeitgenösse... V. *Archiv für die Geschichte der Philosophie*, vol. XX, 1907. (619)
- Croce, Benedetto.— Un documento su Leone Ebreo. V. *La Critica*, vol. 12.º, fasciculo 3.º, pags. 239-240. Bari, 1914. (620)
- González-Blanco, Andrés.— Teixeira de Paschoaes y el saudosismo. V. *Estudio*, vol. 19.º, pags. 391-414. Barcelona, 1917. (621)
- Turot, Ch. — Sur le traité de la logique de Pierre d'Espagne. V. *Revue Archéologique*, vol. 10.º. Paris, pag. 257. (622)
- Girard, P. F.—La jeunesse de Cujas. V. *Nouvelle Revue Historique de Droit Français et Etranger*, Anno XL, n.º 3, pags. 481 e 493. 1917. (Trata de Antonio de Gouvêa). (623)
- Valentin de Pedro.— El moderno pensamiento lusitano: Leonardo Coimbra, el filósofo creacionista. V.

- Nosotros*, n.º 148, Buenos-Ayres, 1921, pags. 98-105. (624)
- Saldaña, Quintiliano*. — La filosofía española en el último trienio (1919-1921). V. *Revista de Filosofía*, vol. 3.º, n.º 4, pags. 1-58. Buenos Ayres, 1922. (625)
- (Occupa-se do sr. Leonardo Coimbra).
- Masson, Louis*. — De la médecine à la Papauté—Le destin de l'oculiste Pierre d'Espagne. V. *Aesculape*, 14.º Année, Janvier de 1924. (626)
-

O EPISTOLARIO PORTUGUÊS DE MENÉNDEZ Y PELAYO (1)

Quando, no verão de 1919, preparava o artigo *Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses*, tive notícia da existência de numerosas cartas do insigne crítico dirigidas a Domingos Garcia Peres, o erudito auctor do *Catalogo Razonado de los autores portugueses que escribieron en castellano*, em poder do neto do destinatário, o sr. dr. Fernando Garcia, medico-cirurgião em Setúbal. A notícia foi-me dada pelo sr. P.^o António do Presépio Moniz, de Ponta Delgada, e o acesso junto do actual possuidor dessas cartas foi devido a mediação do sr. dr. José Joaquim Ferreira. A êsses amigos devo, pois, o poder aproveitar da longanimidade do sr. dr. Fernando Garcia, que intelligentemente me permittiu cópia e divulgação dessa parte de uma correspondência tão curiosa pela penna illustre que a redigiu e não sem importância por algumas pequenas notícias que proporciona à erudição hispânica.

(1) Prefacio das *Cartas de Menéndez y Pelayo a Garcia Peres*, Coimbra, 1921, edição da Academia das Sciencias de Lisboa, no n.^o do *Boletim da Classe de Letras*, de homenagem ao sr. Cons. H. da Gama Barros.

* * *

Domingos Garcia Peres, o destinatário das 114 cartas que divulgo, foi um devotado biblióphilo e grande amigo das coisas de Hespanha, donde era oriundo e onde fôra educado. Elle o disse nos *Apontamentos da minha vida* (v. *Revista de História*, 9.º vol., pág. 74-75).

Nasceu em Moura, no Alemtejo, em 4 de Agôsto de 1812, de pais hespanhoes, que em Portugal haviam buscado refúgio, quando as tropas francesas destruíram a villa de Almendro, donde eram naturaes. Estudou as primeiras letras em Valencita, povoação fronteiraça, e fez preparatórios no Collegio do Sacro Monte de Granada, onde contrahiu amizade com condiscipulos que vieram a occupar altas situações no functionalismo e nas letras. Como a Universidade de Coimbra estivesse fechada por motivo da guerra de constitucionaes e legitimistas, foi estudar medicina para Cádiz, onde encetou novas e valiosas amizades. Formado em 1837, fez clinica em Alcácer do Sal até 1844, anno em que voltou a Cádiz para tomar o gráu de Doutor. No regresso estabeleceu-se em Setúbal, a desempenhar o cargo de guarda-mór de saúde. Foi deputado em 1852. Morreu em 27 de Janeiro de 1902.

Nesses apontamentos autobiográficos, refere-se à sua paixão dos livros e às suas buscas bibliográficas nos seguintes termos, modestos e breves : « Durante aquelle tempo de ociosidade dirigi os meus rumos a adquirir e colligir velhos livros portuguezes e castelhanos, nos quais depois de muito folheados encontrei uma mina desconhecida e

inexplorada de escriptores luso-hespanhoes, dignos de referencia na historia da litteratura de Hespanha. Cobrei vontade e animo de manifesta-la para que outros mais ricos de dotes e conhecimentos aproveitassem o seu filão.

«Fiz esses apontamentos que me comprou a Bibliotheca Nacional e que hoje, mais augmentados, estão em poder de Menéndez y Pelayo, o qual me convidou a publicá-los, o que fiz com a sua previa emenda, addição e correcção e com a auctorização do governo.»

Justamente a essa obra, *Catalogo Razonado*, repetidas vezes se referem as cartas, revelando agora a parte importante que na impressão dessa obra teve o grande crítico hespanhol, que de ânimo generoso se promptificou a obter a publicação, a appôr informações novas à obra, a prefacia-la e revê-la, dirigindo passo a passo a sua edição.

Garcia Peres apenas legou essa obra de bibliographia, cuja importância Menéndez y Pelayo e D. Juan Valera viram bem e a cada passo reconhecem os que, militando nos estudos hispânicos, a ellá recorrem como instrumento de trabalho, inventário de um aspecto valioso da nossa cultura litterária. Mas pelo theor das cartas parece que outra obra do biblióphilo português esteve também em poder de Menéndez y Pelayo, em manuscripto, quando já corria impresso o *Catalogo Razonado*.

Não sei quando começou esta correspondência, que não está completa nesta collectânea. As cartas que publico alcançam de 1880 a 1900, com grandes lapsos, e nenhuma dellas será a primeira nem a última. A segunda, pela sua redacção cerimoniosa e pelo conjuncto,

poderia tomar-se como resposta a outra inicial de Garcia Peres, mas a data assignalada invalida esta hypóthese. Também seu Ex.^{mo} neto me não pôde elucidar.

As cartas, geralmente affectuosas, tratam de permuta e busca de livros, na sua maior parte. Assim demonstram que Garcia Peres, muito relacionado em Hespanha e muito assiduo em Portugal nos mercados e leilões de livros, foi uma espécie de agente officioso da erudição hespanhola, no tocante a questões bibliográficas. Seu saber e seus serviços foram galardoados com os diplomas de correspondente da Academia Hespanhola e da Academia Real de História. Por estas cartas se vê que útil cooperação prestou Garcia Peres a Menéndez y Pelayo na organização da sua importante bibliotheca, que hoje é propriedade da sua cidade natal, Santander, e sede de um centro de estudos humanísticos, a *Sociedad Menéndez y Pelayo*. Allí se guardam muitos livros portuguezes e alguns manuscritos (1) que o auctor das *Idéas Estéticas* obteve por intermédio do biblióphilo de Setúbal. Muitas das novellas, com que o escriptor pôde elaborar a sua obra poderosa, *Orígenes de la novela*, lhas ministrou Garcia Peres.

Os livros portuguezes destinavam-se algumas vezes às suas curiosidades litterárias, outras a constituir materiaes para obras que projectavá. E êste é outro interêsse

(1) V. D. Miguel Artigas, *Los manuscritos portuguezes de la Biblioteca Menéndez y Pelayo* na *Revista de Historia*, vol. 10.^o

das cartas, revelar que Menéndez y Pelayo, que sempre deu às questões históricas do seu estudo um âmbito peninsular ou hespanhol, no sentido geográfico, que nunca considerou estranhas as coisas de Portugal, teve projectos vastos a respeito dos estudos portugueses. Estes planos, aqui apontados, não tiveram realização, mas devem divulgar-se para mais ainda justificar a sympathia e o reconhecimento de que elle é crédor perante os investigadores de Portugal que só com a obra já gigantesca que elle realizou, vários pontos de vista, algumas interpretações e exemplificações de método lhe devem.

Projectou escrever uma biographia de Luisa Sigea, a amiga e companheira da Infanta D. Maria, que faria acompanhar de cartas inéditas que della possuia. O trabalho tinha larga extensão, como o seu título indica: *Luisa Sigéa y las humanistas españolas de los siglos XVI y XVII*. O sr. Bonilla y San Martin dá notícia das escriptoras que seriam comprehendidas na obra e entre ellas figuram várias portuguesas, como a propria infanta D. Maria, Anna Vaz e Públia Hortênsia de Castro (1). Intentou escrever sôbre D. Francisco Manuel de Mello, mais de uma vez o disse; êsse trabalho veio a ser effectuado por outro estrangeiro, o insigne lusitanisante, Mr. Edgar Prestage (2). O sebastianismo também o attrahia, como atraiu o escriptor illustre que modernamente delle deu a primorosa synthese da *Evolução do Sebastianismo*, sr. J. Lúcio de Azevedo.

(1) V. *Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912)*, Madrid, 1914, pág. 72.

(2) V. D. *Francisco Manuel de Mello (esboço biographico)*, Coimbra, 1914.

Não são de propósito critico, as cartas nem contêm dissertações extensas sôbre materias litterárias. Não creio que Menéndez y Pelayo, pelas suas muitas occupações sociaes e intellectuaes e por sua própria natureza, fôsse dos espiritos que se dispersam e que pulverisam pródigamente a sua actividade em cartas improvisadas. Era uma mente riquíssima, que bem soffreria êsses desperdiços, mas era um carácter aproveitado e methodico. Depois o destinatário destas cartas era um erudito bibliographo, mas não um especialista de qualquer districto afim dos que M. y P. cultivava. Por isso, poucas apreciações ostentam as cartas alêm do objectivo constante dellas: o *Catalogo Razonado*, de Garcia Peres, e a troca e compra de livros. Mas, assim mesmo, na sua simplicidade apressada, não deixam de conter algumas opiniões curiosas, que pelo espirito de que provêm têm especial significado.

Menéndez y Pelayo sempre prestou justiça aos legítimos valores da cultura portuguesa. Nestas cartas o confessa a respeito de D. Francisco Manuel de Mello, também clássico em sua língua. Considerou o mathematico Pedro Nunes como um «de los más insignes que ha producido nuestra Peninsula». Fez justicia ao saber clássico português do princípio do século xix, quando ainda houve valiosos traductores e exegetas do grego e do latim. Repetidamente declarou o seu alto conceito do P.^e José Agostinho de Macedo, que julgava a nossa principal figura litterária do princípio do século passado—juizo em que o não acompanhamos—, e as *Pateadas* como a sua melhor obra.

Alludindo à polémica de Ourique, fê-lo com imparcialidade a respeito de Herculano e do P.^e Recreio, e tratando de contemporâneos fez algumas apreciações um pouco vivas, a respeito de Sanchez Moguel e Rafael de Labra. O seu espírito de proporção e de justiça fê-lo insurgir-se contra os termos do parecer académico e do artigo do sr. Th. Braga acêrca do *Catalogo Razonado*, aos quais o patriotismo penetrara com prejuizo da exacta crítica.

Eis, de um modo geral, caracterizado êste curioso epistolário, que por certo os estudiosos estimarão como pequenina achega para a história de um grande espirito da Península, que muito prezou a cultura portuguesa, e das relações litterárias luso-castelhanas. Êste intercâmbio era então mais estreito e mais sólido do que é hoje, não por falta de valores que permutar, mas por falta de curiosidade e de certa diplomacia intelligente e desinteressada que os negócios das letras e das sciências não excluem e que tão bem encarnou D. Juan Valera, « critico eminente, escritor attico e hespanhol de raça », como lhe chamou Oliveira Martins. Se hoje a nossa producção artística é inferior à de então, quando tínhamos um grupo de poetas e prosadores, como João de Deus, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Anthero de Quental, Gonçalves Crespo, Eça de Queiróz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Latino Coelho e Fialho de Almeida, é mais methódica, mais preocupadamente scientifica a nossa poderosa erudição histórica. E a attestar o valor della basta a obra do sábio eminente, a que todos os collaboradores dêste número do *Boletim* hoje rendem preito de veneração e reconhecimento.

Devo, pessoalmente, muito a Menéndez y Pelayo, mas acima de sugestões e das suas contribuições para os estudos portuguezes, grato me é confessar que devo uma fecunda lição de indulgência para a apreciação crítica dos valores intellectuaes do génio ibérico, de moderação nos juízos. Desde as polémicas sôbre a cultura hespanhola, Menéndez y Pelayo atravessou sereno e todo occupado na sua obra o grave período de crise da sua pátria, os dias seguintes à revolução e à restauração, a guerra, a perda das colónias e as cruéis humilhações dos vencidos. Indifferente ao canto enganoso das sereias e aos dictérios dos zoilos, sem deixar de vibrar com as desgraças da pátria, mas sem que a paixão o tomasse, não se distrahiu da grande fábrica que emprehendera, como nos velhos tempos um obreiro toda a vida trabalhando numa cathedral góthica. Delle tomei o ensinamento bem profícuo de que fóra das fronteiras moraes estabelecidas pela tradição, pela pátria, pelas peculiaridades do génio próprio — neste caso o da península — e sem as perspectivas longinquas que abre à vida a crença na sua illimitação, nada de grande se pode fazer.

Por isso, admiro a vida exemplar, que através de annos tão agitados, logrou erguer a construcção ampla e sólida da *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*.

14 de Janeiro de 1921.

O THEMA DO «QUIXOTE»
NA LITTERATURA PORTUGUESA
DO SECULO XIX (1)

Na *Revista de Filologia Española*, vol. VII, pags. 47-56, démos noticia de duas obras portuguezas do seculo XVIII fundadas sobre o thema do *Quixote*, uma de Antonio José da Silva, outra de Nicolau Tolentino. Devêramos ter lembrado que do primeiro auctor, além dos criticos e biographos mencionados então, se occupára tambem o erudito hespanhol D. José Maria Asensio de Toledo, (1829-1905), no opusculo publicado em Sevilha, em 1885, *Um Cervantista portugués del siglo XVIII quemado por el Santo Officio de la Inquisición. Apuntes biográficos*.

Mais alguns nonadas trazemos hoje á critica cervantina no seu districto especialmente respeitante á fortuna do *Quixote* em Portugal e ás interpretações estheticas desse thema por alguns escriptores de lingua portuguesa. É evidente que outros aspectos pode offerecer a investigação cervantina em Portugal, mas a todos elles respon-

(1) Publicado na *Revista de Filologia Española*, vol. VIII, Madrid, 1921, pags. 161-169.

dem algumas obras, que são compendiosos reportorios de de informações, a saber:

Catalogo da Exposição Cervantina no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1905, 156 pags., ordenado pelo conservador Antonio Jansen do Paço;

Exposição Cervantina na Bibliotheca Nacional de Lisboa, 1908, 132 pags., catalogo organizado por Castro e Almeida e prefaciado pelo director Xavier da Cunha;

A Litteratura Hespanhola em Portugal, Lisboa, 1915, 274 pags., por Sousa Viterbo; e a nossa *Bibliographia Portuguesa de Critica Litteraria*, appendice á *Critica Litteraria como Sciencia*, 3.^a edição em 1920.

A primeira obra descreve só edições e traducções das obras de Cervantes, ente as quaes, como é obvio, figuram algumas portuguesas; a segunda, mais comprehensiva, regista edições, traducções e escriptos referentes ao auctor do *Quixote*, ás suas obras e ao tricentenario que commemorava, e ministra tambem notas iconographicas; a terceira aponta as edições portuguesas de obras de Cervantes; e na ultima, a pags. 115-127, encontrarão os cervantistas a relação dos estudos criticos e biographicos de auctores portugueses sobre o novellista. Alli se registam 177 especies de assumptos hispanicos.

* * *

No seculo xix alguns auctores, poetas e prosadores, voltaram a tomar o thema do *Quixote* para sobre este fundarem novas obras litterarias, auctores de merito muito

diverso e epochas varias, pre-romantico um, do romantismo e do realismo outros. Vária é tambem a belleza das suas composições, não já de todo mediocres, como ás do seculo xviii classificou não sem razão um redactor da *Revue de Littérature Comparée*, n.º 5, pag. 183, pois algumas dellas são de poetas de primeira ordem.

A mais antiga sahiu anonyma em 1813, *D. Quixote na cova de Montesinhos, ficção dramatica de hum escriptor portuguez, representada no Theatro Nacional do Salitre*, 75 pags. Sabe-se que seu auctor foi José Joaquim Leal (1774-1846), official de marinha que deixou um *Diccionario estatistico de Portugal* e outros ensaios theatraes que de todo esqueceram; a reforma dramatica operada pelo romantismo, pela mão de Garrett, fez tabua raza de toda a produção scenica immediatamente anterior.

Nessa pequena peça Leal amplificou e dramatizou o episodio conhecido da cova de Montesinos e da lucta com os encantadores. Volveu-o numa complicada intriga com novas personagens e peripecias, segundo o processo já apontado em Silva a respeito do mesmo Cervantes e em Castilho a respeito de Molière.

A simples enumeração das personagens e um rapido transumpto da intriga bastarão para, em confronto com a versão cervantina, apurar o que Leal lhe additou:

As personagens são as seguintes:

Dom Quixote, Sancho Pança, Altizidora, a castellã; Laurina, sua camareira; Nicolau, velho, seu mordomo; Paschoal, seu feitor; Joanna da Penha, serrana; Simão, seu marido; André, villão; Domingos, villão; e um jardineiro.

A acção é resumidamente a seguinte: Após a morte dum javali, que toma por um cavalleiro encantado, D. Quixote quer retirar-se do palacio de Altizidora, que o hospeda e o deseja reter porque o ama. Mas o cavalleiro, todo enlevado nas recordações da sua Dulcinea, é insensível á ternura da castellã e parte. Desgostada por essa separação, Altizidora acceita o ardil que lhe suggere o seu feitor para captivar o cavalleiro, em troca da mão da sua camareira Laurina, que é tambem pretendida pelo mordomo Nicolau. Esse ardil consiste em attrahir D. Quixote á supposta cova de Montesinos para ahi desencantar a rainha do Japão com o premio do throno e da sua mão. Assim se executa, através de lances burlescos, como o da bilha quebrada a Joanna, que o cavalleiro toma pela sua Dulcinéa, a intervenção de Simão, seu marido, e outros de grande effeito pela complicada machinaria que exigem, incluindo as bruscas mutações de scenario.

Como se vê, este novelo é mais enredado e mais longo que em Cervantes, e pela interpretação dada ao episodio e pelo desfecho com que encerra, desarreiga-se do conjuncto do romance, chegando a contradizê-lo.

No *Panorama*, a celebre revista dirigida por Alexandre Herculano, mão anonyma publicou em 1840, vol. 4.º, pags. 345-349, um breve conto de pura phantasia, *Murillo e Cervantes ou o Pintor e o Poeta*, que aqui registamos, embora de Cervantes trate e não da sua novella. O ignorado contista narra um encontro fortuito de dois jovens na portaria dum Convento de Plasencia. Ahi partilhavam um modesto repasto, quando a portaria se abriu para dar

passagem a um pintor ébrio, expulso por um frade, porque não déra bom recado de varios trabalhos de que fôra incumbido. Os dois jovens são gasalhados pelo frade, que commette a um, que é pintor, o encargo de pintar os escudos de Carlos v, cujas exequias se celebravam no dia seguinte, e a outro, que é poeta, a tarefa de compôr as divisas, que haviam de acompanhar esses escudos.

O moço pintor é Estevam Murillo, que se dirige á côrte, ao encontro de Velásquez; o joven poeta é Miguel Cervantes, que regressa do captivo de Africa; e Frei Arsenio, que os acolhe, é o proprio imperador Carlos.

A narrativa, em sua brevidade e concentração de imprevistos effeitos, não é destituída de certo interesse, mas com sua liberdade imaginosa abusava dalguns processos da novella romantica: encontros de grandes personagens e prophcias de seus altos destinos.

Só em 1875 voltou o thema a ser versado pelo poeta Gomes Leal (1), que lhe deu duas formas: *D. Quixote*, poesia inserta nas *Claridades do Sul*, da data acima apontada, e *S. Francisco de Assis e D. Quixote*, publicada no *Seculo*, de 10 de Novembro de 1902.

(1) Antonio Duarte Gomes Leal nasceu em Lisboa no anno de 1849. A sua vocação litteraria foi a principio muito contrariada por circunstancias familiares. Não seguiu estudos regulares. Em 1888 a sua carta aberta a el-rei D. Luiz, *Traição*, motivou o seu encarceramento por algum tempo. O Estado, sob o regimen republicano, concedeu-lhe uma pensão em reconhecimento dos seus serviços de propagandista. Do atheismo militante evolucionou para o catholicismo mais orthodoxo. As suas principaes obras são: *Claridades do Sul*, 1875; *Fome de*

A mais antiga representa o quadro muito commum, que a todas as artes tem suggerido bellas obras, da peregrinação do cavalleiro heroico, ridiculo e sublime, pelo vasto mundo egoista, com seu fiel e prosaico escudeiro. São nove quartetos de fluentes alexandrinos, em que se exhibem as essenciaes characteristics deste poeta: a exuberancia da adjectivação, a eloquencia vibrante e o realismo chão que se comprazia em deselegantes contrastes.

A segunda composição é um poemeto de trinta e cinco tercetos tambem alexandrinos, em que o poeta descreve a visão dum encontro do heroe de Cervantes com S. Francisco de Assis. D. Quixote seguia poeirento, rôto e abtido dos seus prelios pela justiça e pelo bem, e em torno d'elle:

Chilreavam esquadões de aladas andorinhas,
fazendo-lhe um cortejo inaudito de amor.

Interpellado pelo santo, diz com vehemencia a que altos ideaes sacrifica para merecer e honrar a dama de Toboso, e proclama com arroubado enthusiasmo a força invencivel que recebe desse idolo velado. Mas batendo-se

Camões, 1880; *Historia de Jesus*, 1883; *Anti-Christo*, 1884; *Fim de um mundo (Satyras modernas)*, 1900; *Mulher de Lucto*, 1902; e varios pamphletos de character politico, *Traição*, *Hereje*, *Processo dum jornalista*, *Troça á Inglaterra*, *A Revolução e os fusilamentos de Hespanha*. Sobre este auctor [pode-se ver Teixeira Bastos, *Revista de Estudos Livres*, vol. 3.º, Lisboa, 1884-1885, e o numero especial de homenagem da *Voz da Juventude*, Lisboa, 1913.

pelos que soffriam e semeando a justiça na terra, só nas
debeis avesinhas encontrára a gratidão :

Vês estas aves mil... dando bastos chilridos?...
Por ellas me bati contra um milhafre ingente,
— que o nariz me arrancou, de Pança aos vãos rugidos!...

Mas, olha! os animaes são mais gratos que a gente!...
E' por isso que vês as frageis avesinhas
— como pagens seguindo um rei louco do Oriente.

Batalhei a favor das damas e as rainhas
perseguidas em prol dos justos ultrajados...
— Só gratidão achei n'alma das andorinhas!

Assim gemeu o heroe, de olhos semi-cerrados,
dando um vasto suspiro, intenso e lacrimoso,
emquanto o sol cahia entre os trigaes doirados...

Com a lança bateu no rocim vagaroso,
— secco e magro rocim cheio de vis pelancas —
que deu um passo atraz, e rinchou lastimoso.

Sancho Pança de traz atagantou-lhe as ancas
E assim sumiu o heroe ao acaso, entre as folhagens
— todo cheio de sol, de azas negras e brancas.

Tal alma de immaculada candura e tão cruelmente des-
illudida, segundo a interpretação do poeta, só poderia ser
bem comprehendida da alma daquelle santo que ao lobo
chamára o irmão lobo :

San Francisco de Assis, entre as claras ramagens,
ergueu as mãos ao céu — como palmas em cruz —
e assim gritou ao heroe, trotando entre as paizagens:

Vae-te, ó santo histrião ! cheio de azas e luz,
 deixa a gentalha rir com bocca chocarreira,
 nessa alma — altar do amor — vae a Historia de Jesus !

Este poemeto não se affasta do conjuncto da obra poetica de Gomes Leal, porque na sua relativa tranquillidade narrativa não deixa de repetir o seu predilecto processo oratorio, a successão de imagens, das mais varias proveniencias, com seus effeitos enganosos e tambem suas evocadoras perspectivas para a sensibilidade.

Gonçalves Crespo (1), nos seus *Nocturnos*, de 1882, deu-nos outro poemeto *A Morte de D. Quixote*, descriptivo, de grande suavidade e duma dôce melancholia. E' um quadro derradeiro do peregrinar aventuroso do heroe manchego, que synthetisa toda a novella, certo não o seu fundo episodico, mas o seu tom, seus propositos e suas personagens centraes.

Abatido e triste, D. Quixote sente o avizinhar-se da morte e ainda num arranco ultimo, vibrando ás exhorta-

(1) Antonio Candido Gonçalves Crespo, nasceu no Rio de Janeiro em 1846 e formou-se em direito na Universidade de Coimbra no anno de 1875. Foi deputado pela India nas legislaturas de 1879 e 1881, e teve em 1883 a nomeação de redactor do *Diario da Camara dos Pares*. Morreu em 1883. Publicou dois volumes de versos, *Miniaturas*, 1870, e *Nocturnos*, 1882, reunidos com algumas prosas num só volume de *Obras Completas*, de 1897. Com a collaboração de sua esposa, a escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, publicou tambem um volume de *Contos para os nossos filhos*. A'cerca deste poeta consultem-se os estudos seguintes; Vaz de Carvalho, *Alguns homens do meu tempo*, Lisboa, 1889; Bulhão Pato, *Memorias*, 1.º vol., Lisboa, 1894; Teixeira de Queiroz, em *Obras Completas de G. C.*, Lisboa, 1897.

ções do bacharel e do cura, que lhe resuscitam os sonhos e as chimeras, pede as armas e o rocinante, chama o escudeiro... e cahe morto sobre o leito, «tendo no labio um sorriso de creança».

Gonçalves Crespo, poeta de contidas emoções, mas de formas requintadas, engastou neste poemeto um quadro que não desmerece a companhia das suas obras primas, *Mater Dolorosa*, *A venda dos bois* e *As primeiras lagrimas d'el-rei*:

Rôto o escudo, sem lança, a cota escalavrada,
sósinho, abandonado e á tôa como um cégo,
do crepusculo á luz dolente e immaculada
entra na sua aldeia o altivo heroe manchego.

O tenne fumo sahe do côlmo das herdades,
riem ao pé da fonte as frescas raparigas,
e á clara vibração sonora das trindades
juntam-se brandamente as vozes e as cantigas.

Em 1904, o escriptor brasileiro sr. Thomaz Lopes inseriu no seu *Livro do Espirito*, publicado no Rio de Janeiro, um soneto *D. Quixote*, sem duvida interessante, mas que não traz variante nova ao thema.

A commemoração do tricentenário da publicação da novella suggeriu outras peças poeticas, em Portugal e Brasil, de que enumeramos as que temos por principaes, já por seu mérito intrinseco, já por seus auctores.

Dê Ramos Coelho (1832-1915), o insigne historiador do martyr da Restauração, infante D. Duarte de Bragança, e paciente editor critico do *Hyssope*, figurou uma peça

inédita, *Cervantes*, na exposição cervantina da Bibliotheca Nacional, depois impressa no respectivo catalogo, a que já nos referimos. O seu assumpto é o significado transcendente do *Quixote*, mas a musa de Ramos Coelho sorriu-lhe mais acolhedoramente outras vezes. Posteriormente foi essa poesia incluída nas *Obras Poeticas*, do mesmo auctor, Lisboa, 1910, pag. 401-402.

No Brasil, na sessão do Gabinete Português de Leitura, o sr. Filinto de Almeida leu três composições, *D. Quixote*, onze quadras, e *Sancho Pança*, dois sonetos. A primeira poesia, galhardamente entusiasta e fluente, dá especial relevo ao symbolico significado que á novella attribue o escriptor :

Elle, o Bem militante, elle, a Bondade activa,
desfaz agravos, pune aos rusticos a manha
e a insolencia, e castiga o mal, onde elle viva...
E' bem o teu heroe, nobre terra de Hespanha!

Prompto, altivo e pugnaz, quando a fraqueza o exhorta
contra a opressora Mão da Força que o domina,
bravo e contemplativo, imaginoso e forte,
é elle a encarnação da nobre alma latina.

Os sonetos perfiguravam um dialogo em que Sancho Pança, de regresso, confessou a sua desillusão profunda :

...Depois que vi o mundo e a gente
é que eu amo o meu burro como devo.

As três primeiras foram impressas pela primeira vez na brochura *Discursos pronunciados na sessão commemorativa do tricentenario da publicação do D. Quixote...*,

Rio de Janeiro, 1905, e incluídas nos *Cantos e Cantigas*, de Filinto de Almeida. Porto, 1919, pags: 56-61.

Joaquim de Araujo (1858-1917), que já incluíra em 1888 o soneto *D. Quixote* nas suas *Occidentaes*, contribuiu para o centenario com o poemeto *Visões do Quixote*, só publicado em 1909, em Genova, onde era consul. O conteúdo do poemeto é um novo quadro de contraste do idealismo desinteressado e chimerico de Quixote com o commodismo egoistico de Sancho, que o confessa em longas tiradas de rhetorica, á maneira de Hugo ou de Junqueiro, mas de grata sonoridade metrica. Ao longo dis-correr de Sancho, o cavalleiro só responde, num grande alheamento :

— Olha, além, como esvoaça,
Ondulando gentil, toda banhada em graça,
Uma aguia real. Vem de longe, do Oriente. . .
Jesus! Ah! como é bella, e doirada, e luzente!
Deus a soltou no azul, decerto com a idéa
de conduzir ao céu a minha Dulcinéa,
deitada no seu dorso! . . .

E já que, fallando das peças suggeridas pelo tricentenario da novella immortal, transcendí o limite chronologico desta nota, seja-me permittido registrar ainda um opusculo poetico inteiramente cervantino : *O Livro de Cervantes (no 407.º anniversario da publicação de D. Quixote)*, Valença, 1912, 10 pags., de Abilio Maia, em que só se contêm as três composições *Cervantes, D. Quixote, D. Quixote e os Lusíadas*, em tom de commovida veneração, que

nem sempre logrou expressar-se com azada forma litteraria.

Môstram estas ligeiras noticias que a imaginação portugueza não desacompanhou a erudição do mesmo paiz no culto fervoroso que sempre aqui se tem prestado a Cervantes e á sua novella. Aqui, como em toda a parte. Tem esta constituido thema complexo e simultaneamente tão profundo e obscuro no sentido intimo que innumeras são as suas glosas e inesgotavel a sua exegése, porque sendo maxima a capacidade de suggestão, uma após outra, a ella constantemente voltam as gerações para a interpretar e paraphrasear, e para della extrahir sua lição moral e esthetica.

Merece ser notado que nestas peças poeticas como nos artigos de critica, noutra parte enumerados, se patenteia uma interpretação da novella quasi uniforme. Ella constitue assim uma especie de consenso dos seus modernos leitores portugueses, involuntaria exemplificação d'aquele methodo de julgamento litterario, preconisado pelo sr. Lichtenberger (*Revue Germanique*, janeiro, 1905).

A COMMEMORAÇÃO LITTERARIA DOS CENTENARIOS DE CEUTA E AFFONSO DE ALBUQUERQUE (1)

- I—*Chronica da Tomada de Ceuta por El-Rei D. João I composta por Gomes Eannes de Zurara publicada por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa segundo os manuscritos n.ºs 368 e 355 do Archivo Nacional por Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, 1916, CXV + 341 pags.*
- II—*Annaes de Arzilla — Chronica inédita do seculo XVI, por Bernardo Rodrigues, publicada por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de David Lopes, socio effectivo da mesma Academia, Lisboa, 1915, tomo 1.º (1508-1525), 1920, tomo 2.º (1525-1535), supplemento (1536-1550), LII + 498 pags. e XIX + 563 pags;*
- III—*Livro da guerra de Ceuta escripto por Mestre Matheus Pisano em 1460 publicado por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa e vertido em português por Roberto Corrêa Pinto, Lisboa, 1915, XIX + 50 pags;*
- IV—*Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho á luz de documentos inéditos — A questão da sepultura do governador da India, Antonio Baião, Lisboa, 1915, LIII + 150 pags;*
- V—*Documentos das Chancellarias Reaes anteriores a 1531 re-*

(1) Publicado na *Revista de História*, vol. 11.º, Lisboa, 1922,

lativos a Marrocos publicados por ordem da Academia da Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Pedro de Azevedo, socio correspondente da mesma Academia, Lisboa, 1915, vol. 1.º (1416-1450), XV+682 pags;

VI—*Marrocos e Três Mestres da Ordem de Christo—Memoria publicada por ordem da Academia das Sciencias de Lisboa por Vieira Guimarães, Lisboa, 1916, XI+278 pags;*

VII—*Historia de la Ciudad de Ceuta—Sucesos militares y políticos... escrita em 1648 por D. Jeronymo Mascarenhas, publicada por ordem da Academia das Sciencias e sob a direcção de Affonso de Dornellas, Lisboa, 1918, XXIII+306 pags;*

VIII—*Centenarios de Ceuta e Affonso de Albuquerque — Sessão solemne na Academia das Sciencias de Lisboa em 16 de Dezembro de 1915, Lisboa, 1916, 89 pags;*

IX—*Sociedade de Geographia de Lisboa—Boletim commemorativo do V Centenario de Ceuta, Lisboa, 1915, 142 pags.*

X—*Nos Centenarios de Ceuta e Albuquerque, Discursos, A. Braamcamp Freire, 1916, 42 pags.*

Alguns annos antes do quinto centenario da tomada de Ceuta, inicio da nossa expansão colonial e maritima, e do quarto centenario da morte de Affonso de Albuquerque, acumen desse imperialismo, tomou a Academia das Sciencias a iniciativa de commemorar essas datas gloriosas, que coincidiam no verão de 1915.

Em breve se lhe associou a Sociedade de Geographia de Lisboa; e o proprio Estado, nomeando uma grande commissão e decretando por diploma de 26 de outubro de 1912 um programma de festas, pareceu querer patrocinar a realização do magnifico projecto. Uma crescente crise politica, aggravada por alguns pronunciamentos e por uma

intensa revolução (maio de 1915) tornaram impossível a continuidade administrativa, a confiança e tranquillidade publicas indispensaveis para os certamens projectados. A commemoração foi, por isso, quasi restrictamente scientifica, obra de uma benemerita pleiade de eruditos, sob os auspicios da antiga e prestante Academia Real das Sciencias.

Da magnificencia dos projectos, das individualidades e collectividades nelles empenhadas, das diligencias feitas e das causas do mallogro diz o sr. A. Braamcamp Freire na ultima das publicações acima mencionadas. Uma sessão solemne na Academia, outra sessão e um mostruario industrial na Sociedade de Geographia de Lisboa, as publicações academicas e o numero especial do *Boletim* da mesma Sociedade — foi quanto se realizou. E no aspecto scientifico não foi pouco.

Estas publicações denunciam um verdadeiro accordar de curiosidade pela nossa historia marroquina, ha muito em lethargo, que os acontecimentos da diplomacia internacional e da penetração, ora pacifica ora em som de guerra, das nações europêas no territorio de Marrocos, lograram dissipar. Em Hespanha os arabistas Eduardo Saavedra, Francisco Codera, Julian Ribera, Miguel Asin e seus discipulos mais duma vez extenderam as suas investigações para além do periodo da occupação musulmana da peninsula, versando pontos de historia marroquina, e o Centro de Estudos Historicos mandou ao norte de Africa alguns pensionistas. Em França tem sido principalmente o sr. Conde de Castries o propulsor desses estudos, para os

quaes não tem deixado de aproveitar a nossa documentação. Mas em Portugal, a antiga tradição dos estudos arabes estava ha muito quebrada, desde Soromenho, e quando elles se tinham exercido tinham mais caracter linguistico que historico (1). O sr. Prof. David Lopes, ao restabelecer a antiga cathedra de arabe, e já antes, é que havia feito do idioma islamico instrumento de perquirições historicas. De sorte que a historiographia do dominio portugês em Marrocos se limitava aos velhos chronistas e aos manuscriptos registados pelos bibliographos, dos quaes, perdida hoje grande parte, só possuímos debil noticia. Havia que publicar os manuscriptos que ainda se conservassem, e que constituir collecções documentares, diligencias com que se renovaria esse longo e brilhante capitulo da historia do antigo imperialismo portugês.

Desde a conquista de Ceuta, em 1415, até ao abandono de Mazagão por ordem de D. José I, em 1769, decorrem mais de três seculos e meio de agitada historia, de aspectos variados e ricos, que até propiciam á imaginação artistica temas sugestivos. Dalgumas das de ficção, portuguesas e hespanholas, inspiradas nos feitos dos portugueses em Marrocos deu uma ementa o sr. Victor Ribeiro (2).

(1) V. *Commemoração litteraria das empresas dos portugueses em Marrocos*, nota publ. no *Diario de Noticias*, 11 de Maio de 1915.

(2) O sr. David Lopes ministra algumas noticias sobre a cathedra de arabe em Lisboa no seu estudo, *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a Batalha de Ourique*, no *Boletim da Sociedade de Geographia*, n.º 5 da serie 17.^a, Lisboa, 1900.

A essa materia, mais modernamente, tem ido vezes repetidas buscar motivos o sr. Henrique Lopes de Mendonça para as formosas e energicas narrativas dos livros *Sangue Português*, s. d. (1919), *Gente Namorada*, 1920, e *Lanças n'Africa*, 1921.

Trezentos e cincoenta e quatro annos decorreram, com as repercussões da historia da metropole e do proprio paiz marroquino, com cujas dissensões Portugal aproveitou ou perdeu, nellas se intromettendo com audacia que chegou até ao desastre de Alcacer Kibir ou dos «Três Reis», de 1578. Os factos principaes desse longo e heroico batalhar foram os seguintes: conquista de Ceuta, em 1415; desastre de Tanger, em 1437, martirio e morte do infante D. Fernando; tomada de Alcacer Ceguer por D. Affonso V em 1458; assaltos infructiferos sobre Tanger em 1463 e 1464; tomada de Arzilla em 1471 e rendição voluntaria de Tanger logo a seguir; construcção da fortaleza da Graciosa nas margens do rio Larache, em 1489, por ordem de D. João II, abandonada logo perante os ataques dos mouros; construcção do Castello Real, fronteiro á ilha de Mogador, em 1506, por D. Manuel I; a seguir o forte de Azur, ao sul de Safim; tomada de Safim em 1508; tentativa baldada do mesmo anno sobre Azamor, que cahiu definitivamente em 1513; inicio da construcção duma fortaleza na foz do rio de Fez, em 1515, que não chegou ao seu termo, impedida pelos naturaes; levantamento do forte de Santa Cruz em Agadir, nome actual do cabo Guer; tentativa sobre Targa, em 1517, que se defendeu teñazmente; e estudos para a conquista de Tetuão, em 1520.

Esta é a fase constructiva que vem de D. João I a D. Manuel I, cabendo principalmente a este e a Affonso V os papeis mais activos e de mais evidente unidade na politica dirigente.

O objectivo politico era dominar a passagem de Gibraltar e conter os mouros nas suas aventuras de pirataria; obter portos de apoio para as armadas portuguezas que cruzavam o Atlantico; fazer commercio de generos e escravos; e fundar centros de irradiação da fé. Este ultimo numero do ambicioso programma foi de certo o que menos exito alcançou; as populações barbaras eram renitentes em extremo á catechese christã.

A multiplicação das praças obedecia ao intuito da mutua protecção, rarefazendo as zonas intermedias não occupadas. Como se visava a contornar a Africa, tambem devia ser principalmente littoral e atlantico o nosso dominio; era mais exequivel e era-nos mais proficuo.

D. João III, herdeiro da realidade dum grande imperio e não já dum projecto em execução lenta, ligou secundaria attenção aos negocios de Marrocos, cujas praças occupadas representavam a phase inicial do plano, agora em pleno auge, e que custavam vidas e dinheiro em desproporção das vantagens. As luctas intestinas de Marrocos cessaram e os mouros, unificados religiosa e politicamente, concentraram as suas forças contra o inimigo externo, assediando com pertinacia e methodo as nossas praças. Começou o declinio, marcado pelos seguintes momentos:

Sasta Cruz foi-nos retomada em 1551; deixámos Sa-

fim e Azamor em 1542, Arzilla e Alcacer-Ceguer em 1549; em 1578 D. Sebastião pretendendo a corôa de Fez foi derrotado e morto em Alcacer-Kibir; Ceuta, após 1640, não reconheceu a restauração da independência nacional e permaneceu hespanhola; Tanger fez parte do dote de D. Catharina de Bragança, quando em 1661 casou com Carlos II, de Inglaterra, o qual pouco depois a abandonou aos marroquinos; e Mazagão foi voluntariamente evacuada em 1769.

Cêrcos, sortidas, assaltos, lucta continua eram o theor de vida nessas praças, que com razão se tem dito constituíam escola de guerra para os cavalleiros e capitães portuguezes, que frequentemente alli faziam suas primeiras armas antes de ir para o Oriente.

Que achegas novas sobre esta materia trazem os trabalhos da Academia das Sciencias? Vamos diligenciar aponta-las.

Acêrca da conquista de Ceuta são silenciosos, estranhamente silenciosos os chronistas arabes, circumstancia que augmenta a importancia da chronica de Zurara e do resumo de Pisano, agora reimpressos pela Academia. Sobre a nova edição de texto de Eannes de Zurara e as novas investigações sobre a biographia do chronista, a que procedeu o sr. F. M. de Esteves Pereira, já se pronunciou esta *Revista* pela penna auctorizada de Mr. Edgar Prestage, antigo traductor e biographo do mesmo Zurara. (V. vol. 6.º, pags. 284-5). O sr. Esteves Pereira analysou onze manuscriptos da *Tomada de Ceuta*, mas na sua edição preferiu o n.º 368 da Torre do Tombo para o texto e o

n.º 365 da Bibliotheca Nacional para as lacunas daquelle ; o primeiro é um pergaminho do seculo xv, o segundo é do seculo xvi.

Quanto ao livrinho *De bello septensi* lembraremos que elle é uma condensação da chronica de Zurara, em latim, para que o seu conteúdo se divulgasse fóra de Portugal. Redigiu-o Matheus Pisano, preceptor de D. Affonso V e mais tarde seu secretario, como é nomeado em documentos. O mesmo Pisano recebeu o encargo de traduzir a *Chronica de D. Pedro de Menezes*. A redacção do resumo latino sobre Ceuta foi feita quarenta e cinco annos após a conquista, em 1460 ; perdeu-se o manuscripto original e não existem copias, nem mesmo a que serviu de base á primeira impressão da obra, feita pela Academia em 1790 sob a direcção do P.º José Corrêa da Serra, no tomo 1.º da *Collecção de Inéditos de historia portuguesa*. O sr. Roberto Pinto fez uma cuidadosa traducção do texto latino de Pisano, em que repetidamente aponta erros graves, difficeis de corrigir por falta de manuscriptos anteriores á impressão. O serviço do sr. Roberto Pinto foi proficientemente prestado, mas a versão de texto de Pisano não tem interesse scientifico, porque Pisano só repete e deturpa a Zurara.

Da vida de Matheus Pisano nada de novo se apura, antes o senso critico compelle a impugnar o ensaio biographico delineado por Corrêa da Serra. Notas criteriosas apontam os passos errados do chronista-vulgarizador.

Dos *Annaes de Arzilla* fez o sr. David Lopes uma edição modelar com todas as regras da critica textual e

sem nenhuma das suas apparatusas superfluidades. Bernardo Rodrigues, auctor dos *Annaes*, foi militar, natural de Arzilla, onde nasceu por 1500 e onde residiu até ao abandono da praça, em 1549. Visitou Fez, Alcacer Ceguer, Larache, Azamour e a Graciosa, tomou parte em varias algomogavarias, sendo ferido numa delas. Por suggestão de pessoa de valimento, de quem foi addicto, talvez D. Francisco Coutinho, ultimo capitão de Arzilla, começou a elaborar a sua obra em 1560. Não lhe deu titulo fixo: chamou-lhe umas vezes *tratado memorial*, *lembrança* outras e *chronica* uma unica. O seu sabio editor tomou o nome de *annaes* da forma de composição da obra por annos.

Da obra havia mais manuscriptos, um na Academia das Sciencias, três na Bibliotheca Nacional, um na Misericórdia de Lisboa e outro na Bibliotheca Municipal do Porto, sem fallar numa copia moderna, que em 1843 a Academia das Sciencias projectou mandar para o prélo. O sr. David Lopes adoptou o codice da Academia para a reproducção dos três primeiros livros da chronica, e o mais antigo da Bibliotheca Nacional, para o quarto livro. A escripta foi regularizada, só se respeitando as graphias que representavam a pronuncia da epocha.

Os quatro livros dos *Annaes* tratam da capitania do conde de Borba, D. Vasco Coutinho, de 1508 a 1514; da capitania do conde de Redondo, D. João Coutinho, de 1514 a 1525; da capitania de Antonio da Silveira, de 1525 a 1529, e da segunda capitania do Conde de Redondo de 1529 a 1535.

O seu valor philologico é escasso, mas grande o his-

torico, porque Bernardo Rodrigues presenciou grande parte dos successos que narra, recorreu muito á prova testemunhal e foi confirmado como veridico por aquelles que da sua obra se não utilisaram como fonte. Aproveitaramo como auctoridade Damião de Goes e Frei Luiz de Sousa, e della tomou motivos artisticos o sr. H. Lopes de Mendonça. A obra ficou incompleta, mas o sr. David Lopes juntou-lhe em supplemento uma importante collecção de documentos para a historia de Arzilla até ao seu despejo. Com esses e outros materiaes reconstituiu a historia do dominio portugûes naquella praça, que será publicada em volume áparte. Um mappa, gravuras e um excellente indice enriquecem esta edição, onde o rigoroso methodo scientifico e o bom senso pratico se harmonisam plenamente.

Na memoria, excellentemente documentada, que o sr. Antonio Baião dedicou a Albuquerque e sua familia, apontam-se factos novos referentes a seu trisavô Gil Esteves Fariseu, cooperador de D. João I na defeza contra castelhanos; a seu bisavô Gonçalo Lourenço, funcionario da côrte do mesmo soberano; seu avô João Gonçalves, escriptão da puridade de D. Duarte, o qual morreu na fôrca pelo crime de assassinio de sua mulher, D. Leonor; a seu pae Gonçalo de Albuquerque, pessoa bem aceita de D. Affonso V; e ao filho do governador da India, Braz, depois, Affonso de Albuquerque, o auctor dos *Commentarios* e presidente do municipio de Lisboa. Os documentos são das seguintes especies: cartas de couto, escripturas de arrendamento, doações, privilegios, quitações, testamentos, confirmações e outros puramente particulares.

Todos se guardam no archivo da Torre de Tombo. Propriamente sobre o guerreiro da Índia, o auctor demonstra a origem alemtejana do seu appellido familiar Gomide — circumstancia que levou o sr. Laranjo Coelho a apparentar a familia Albuquerque da de Mousinho da Silveira (1) — e aclara a razão de parentesco pela qual os restos mortaes do conquistador de Gôa jazem na capella dos Anjos, do Convento da Graça.

Os documentos publicados pelo sr. Pedro de Azevedo são 524, na sua grande maioria extrahidos da chancellaria de D. Affonso V, a qual foi methodicamente ordenada pelo sr. Braamcamp Freire (2). De D. João I há apenas três e de D. Duarte quatro. Segundo a classificação do proprio collector os documentos tratam das seguintes materias: arrhas, cartas de braço, capitulos de côrtes, aposentações, commutações de pena, doações, emprazamentos, legitimações, nomeações, perdões, privilegios, quitações, seguros e tenças. A consulta deste abundante repositório de materiaes é facilitada por bem elaborados indices de nomes de pessoas; de dignidades, empregos e officios; dos assumptos respeitantes a Ceuta e a Tanger; de coizas; de terras; e de vocabulos archaicos.

A memória do sr. Vieira Guimarães consta duma introdução de generalidades sobre a geographia, a historia e a ethnographia de Marrocos, e de três capitulos sobre

(1) *V. Mousinho da Silveira*, Lisboa, 1918, cap. I.

(2) *Archivo Historico Português*, vols. 2.^o e 3.^o

D. Lopo Dias de Sousa (1360 a 1418), septimo Mestre da Ordem de Christo desde 1372, em plena infancia, e mais tarde companheiro de D. João I na conquista de Ceuta ; sobre o Infante D. Henrique, oitavo Mestre da Ordem, por cujo conducto o mestrado de Christo entrou na casa real, e de cujos serviços á gloriosa instituição o auctor trata desenvolvidamente ; e sobre D. Fernando, martyr de Tanger. Muitas gravuras antigas e modernas, estas recolhidas por occasião duma viagem do auctor a Marrocos, illustram a memoria, em que poderá notar-se alguma prolixidade com prejuizo das uteis noticias novas que traz.

— A *Historia de la ciudad de Ceuta* foi escripta depois de 1648 por D. Jeronymo de Mascarenhas (morto em 1671), fidalgo portugêz que não reconheceu o governo de D. João IV. Tendo frequentado as praças de Africa e privado com a casa dos Marqueses de Villa Real, que possuíam no seu archivo boa documentação sobre Ceuta, cuja capitania andava nessa familia, D. Jeronymo de Mascarenhas dispôs de bons materiaes e fez directa observação dos locaes para a sua obra, a qual com seus 77 capitulos alcança até 1553. O manuscrito guardava-se em Madrid, na Bibliotheca Nacional, e o sr. Affonso de Dornellas diz ter chegado ao seu conhecimento pela leitura das actas da Academia Real de Historia, que se guardam na secção de manuscritos da Bibliotheca Publica de Lisboa. Devemos lembrar que as actas estão publicadas na *Collecção de Documentos e Memorias* da mesma Academia. Notas ineditas aclaram, rectificam ou ampliam o texto de Mascarenhas. Entre ellas figuram tabellas dos 75 governadores

que regeram Ceuta sob o domínio português, de 1415 a 1668. Foi um bom serviço a publicação deste manuscrito.

— O numero especial do *Boletim da Sociedade de Geographia* contém collaboração variada, em que a occupação de Marrocos é o thema predilecto. Sobre Albuquerque no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, deu algumas notas o sr. Braamcamp Freire.

No prélo encontram-se varias publicações academicas, ainda motivadas nos centenários de 1915, como são: *Livros Parochiaes da Sé de Tanger*, a cargo do Dr. José Maria Rodrigues (1); *Consolações dirigidas a Catharina de Neuville, senhora de Fresne*, por Antoine de la Salle, em que ha uma narrativa da tomada de Ceuta, preparadas pelo fallecido general Roma du Bocage, nosso collaborador; uma collecção de documentos do Corpo Chronologico do Archivo Nacional e um livro de reconstituição da historia total de Ceuta, este do sr. Balthazar Osorio.

O sr. Affonso de Dornellas, como membro que foi da commissão promotora destas commemorações academicas, apresentou varias communicações de valor, que depois colligiu na sua serie *Historia e Genealogia*, e o sr. H. Lopes de Mendonça, que a Bulhão Pato succedeu na direcção da publicação de *Cartas de Affonso de Albuquerque*, publicou no anno de 1915 os tomos 5.º e 6.º

Como se vê, estas obras honram a cultura portuguesa.

(1) Já publicado no 1.º tomo. V, a resenha dessa obra no vol. 12.º da *Revista de Historia*, pag. 160.

The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the English language. The author discusses the various influences that have shaped the English language over time, including the contributions of Old English, Middle English, and Modern English. He also touches upon the role of dialects and the influence of other languages, particularly Latin and French.

The second part of the book is a detailed study of the English language from the Middle Ages to the present. It covers the development of the language's grammar, vocabulary, and pronunciation. The author provides a comprehensive overview of the changes that have taken place over the centuries, from the use of Old English in the 11th century to the modern English of the 20th century.

The third part of the book is a study of the English language in the context of the British Empire. It examines the role of English as a lingua franca and the influence of the Empire on the language's development. The author discusses the spread of English to other parts of the world and the resulting changes in the language's usage and meaning.

The fourth part of the book is a study of the English language in the context of the United States. It examines the role of English as a lingua franca and the influence of the United States on the language's development. The author discusses the spread of English to other parts of the world and the resulting changes in the language's usage and meaning.

The fifth part of the book is a study of the English language in the context of the Commonwealth of Nations. It examines the role of English as a lingua franca and the influence of the Commonwealth on the language's development. The author discusses the spread of English to other parts of the world and the resulting changes in the language's usage and meaning.

The sixth part of the book is a study of the English language in the context of the world. It examines the role of English as a lingua franca and the influence of the world on the language's development. The author discusses the spread of English to other parts of the world and the resulting changes in the language's usage and meaning.

The seventh part of the book is a study of the English language in the context of the future. It examines the role of English as a lingua franca and the influence of the future on the language's development. The author discusses the spread of English to other parts of the world and the resulting changes in the language's usage and meaning.

SOBRE A «HISTORIA DA COLONISAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL»

Ex.^{mo} Sr. Director do *Correio da Manhã*, meu prezado amigo :

Devo á amabilidade do nosso insigne confrade, sr. Carlos Malheiro Dias, a offerta dos fasciculos publicados da *Historia da Colonisação Portuguesa no Brasil*, obra monumental, que por iniciativa intelligente e generosa da Camara Portuguesa de Commercio do Pará os nossos compatriotas offerecem á nobre nação brasileira em commemoração do primeiro centenario da sua independencia.

E para manifestar o meu reconhecimento por tão opulento brinde não encontro forma mais idonea que a publica confissão do enthusiastico apreço que esta obra me suscita. E' justamente com esse objectivo que venho pedir a V. Ex.^a me conceda algum espaço no seu jornal.

Sempre julguei, sr. director, que a cultura intellectual do nosso paiz era superior ao que podia concluir-se da agitação politica e das miserias economicas tão inimigas do tranquillo lazer de meditação e estudo, e viajando, observando e conversando com gente de bom criterio tenho

tido o gosto de reconhecer que o meu laudo não era filho de qualquer exaggero nacionalista, molestia a que não me creio propenso. Ha doze annos uma politica anti-tradicional vem determinando uma reacção dos estudos historicos, que hoje se podem dizer em plena reviviscencia. Este factó foi reconhecido já em 1915 pelo sr. Oliveira Lima, que o proclamou em termos affectuosos perante a Royal Society of Literature, de Londres; e o interesse sempre crescente que a critica estrangeira vae mostrando pela erudição portuguesa é uma prova eloquente. Neste momento acabo de ler artigos varios do *Bulletin Hispanique* sobre o movimento scientifico de Portugal, e tenho informações de que a *Hispanic Society of America* vae occupar-se de historia e litteratura de Portugal. E se nos lembrarmos de que a corrente fervorosa da hispanophilia, quasi moda, é em grande parte devida a esta pecuniosa corporação e por ella chefiada e até mantida, poderemos confiadamente esperar uma complementar lusitanophilia.

Desse despertar na attenção do mundo inglês pelas cousas portugesas é hoje um obreiro férundo e indefesso Mr. Aubrey Bell, o insigne vicentista, que acaba de publicar uma excellenté historia da nossa litteratura, *Portuguese literature*, Oxford, 1922, obra de boa critica, serena, indulgente por vezes e sempre feita á luz duma superior objectividade. Folgo de prestar esta homenagem ao illustre lusitanisante, que muitos desconhecem entre nós, porque as suas publicações são quasi todas dirigidas ao publico de lingua inglesa.

Um amigo da Universidade de Paris transmittia-me ha

pouco as impressões de M.L. Gallois, professor da Faculdade de Letras d'aquella, que recentemente nos visitou, e fazia-o em termos que merecem transcrever-se: «M. Gallois est revenu enthousiasmé de son voyage au Portugal. Il conserve un souvenir ému de l'accueil qu'on lui a réservé, Je suis très heureux que vous ayez pu vous entretenir ensemble. Il rendra compte désormais des travaux qu'on lui signalera et il a déjà pu constater l'importance du mouvement intellectuel portugais qu'il juge bien supérieur à l'activité espagnole. Cette conviction sincère d'un homme qui fait autorité dans le domaine scientifique servira puissamment la cause que je défends.» Este juízo, que começa a ganhar terreno em França, deve-se em grande quinhão á propaganda sollicita e sabia do sr. Prof. G. Le Gentil, de Paris, onde rege uma cathedra de estudos portuguezes, ao sr. Prof. G. Cirot, de Bordeus, grande amigo nosso, e ao sr. Prof. R. Ricard, que a Lisboa tem attrahido homens de sciencia e professores dos mais auctorisados no seu paiz. Felizmente esta diplomacia surda, por via intellectual, vae-se contrapondo ao descredito ruidoso por via politica e ganha terreno dia e dia. Na Hespanha, Italia, Allemanha e Suecia os estudos portuguezes têm adeptos de alta categoria.

E' justamente sob este aspecto que considero a obra admiravel, que motiva estas linhas e que está destinada a ser uma demonstração poderosa da nossa actividade scientifica, em alguns dos seus districtos.

Dirige-a o sr. Malheiro Dias e d'elle é a magnifica introducção geographica, materia dos quatro primeiros

fasciculos. Publicados numa altura feliz, quando os trabalhos dos srs. HARRISSE, VIGNAUD, BENSAUDE e PEREIRA DA SILVA, continuando os do immortal visconde de Santarem, parecem haver desvendado boa parte da politica de mysterio dos nossos reis, essa introducção é a applicação ao problema das navegações portuguezas para occidente dos dados ultimos da sciencia nautica e da cartographia historica. E a erudição é tão exhaustiva e a critica tão arguta que attestam da parte do romancista da *Paixão de Maria do Ceu* uma flexibilidade e um poder de adaptação espiritual surprehendentes.

O fundo principal dessa proficiente introducção é o combate da velha explicação do descobrimento do Brasil por acaso e das proporções de descobridor da America a que se ergue a figura de Colombo. O sr. Malheiro Dias, perfilhando a analyse technica do homem de sciencia e official da armada Baldaque da Silva, rememora que nem ventos tempestuosos, nem correntes maritimas poderiam impellir para oeste a armada de Cabral, e de harmonia com a orientação scientifica, solidamente estudada e sempre norteada por intuitos de previsão, que hoje se attribue ás navegações portuguezas, nega terminantemente que o mesmo Cabral se affastasse por simples espirito de curiosidade individual, como suppoz Oliveira Martins. Os portuguezes nuca confundiram terras do occidente e do oriente, e possuiam antes da primeira viagem de Colombo conhecimentos seguros da existencia dum continente austral e de terras na latitude das Antilhas, como o provam certo passo duma carta dos Reis Catholicos, o texto do

Tratado das Tordesillas, o *Esmeraldo*, uma carta de Mestre João a D. Manuel I e a viagem de Duarte Pacheco em 1498.

A viagem de Cabral foi intencional e scientificamente concebida, porque no plano geral das navegações portuguesas entrava a procura de terras, para o occidente, pela via de oeste e ainda pela India, proseguindo a rota do Vasco da Gama. As viagens quasi simultaneas de Duarte Pacheco, Alvares Cabral e Corte Real obedeciam a esse proposito, de sorte que mesmo sem o apparecimento de Colombo, com seus erros e sua audaciosa fé, os portuguezes chegariam ao conhecimento integral do grande continente americano.

E' de Lisboa o primeiro mappa, em que se descreve o Novo Mundo, desenhado por encommenda de Alberto Cantino, Embaixador do Duque de Ferrara.

Seguidamente o sr. Malheiro Dias, com cerrada argumentação de analyse e de factos, reduz Colombo a mero descobridor das Antilhas, cuja existencia já era registada pela cartographia e que o infante D. Henrique projectava mandar procurar, segundo o testemunho de Diogo Gomes de Cintra.

A correspondencia de Toscanelli, sabio florentino, com Colombo, que tem sido objecto de accesa discussão aceita-a o sr. Malheiro Dias por authentica, segundo parece, em opposição ao sabio americano HARRISSE, que se decidiu pela apocryphia, depois do achado em Sevilha duma copia latina do punho de Colombo ou de seu irmão. E essa authenticidade serve para confirmar a prioridade dos portuguezes

no conhecimento de terras ao occidente, pois já em 1474 um desconhecido padre Fernão Martins teria consultado o sabio de Florença sobre essa materia, e sem que houvesse nunca confundido essas terras com a almejada India. Será decerto este ponto das relações de Colombo e de Toscanelli o que maior discussão ha-de provocar entre os especialistas e, quanto a nós, o unico em que se deverão guardar prudentes reservas, de todo o conjuncto da magnifica introdução.

A influencia portuguesa em Colombo, que casou e viveu longamente em Portugal, é versada com igual proficiencia. Finalmente um quadro chronologico e synoptico condensa-se a poderosa argumentação.

Mas a obra tem outro aspecto relevante por igual: é a illustração artistica, por «fac-similes» de cartas, globos, documentos; quadros e retratos authenticos, e reconstituições duma belleza inesquecivel pelo artista eminente que é Roque Gameiro. Conheço os desenhos e as aguarellas originaes de as examinar numa exposição do Rio de Janeiro e posso testemunhar o commovido apreço suscitado pelo nosso glorioso aguarellista.

Quanto ás hypotheses remotas e vagas sobre um antiquissimo conhecimento da America, o sr. Malheiro Dias apenas dá algumas linhas, por exemplo a proposito dos Escandinavos, e bem faz porque esse conhecimento incerto de todo se obliterara. Se doutro modo houvesse procedido, devêra tambem consignar a velha tradição de que a America e a India haviam communicado em tempos nebulosos, depois da guerra do Mahabharata, por emigrantes

que teriam atravessado o estreito de Behring, circumstancia esta que explicaria a impressionante semelhança dos usos, costumes, linguas, religiões e monumentos dos indigenas da America e da India. Foram essas coincidencias que mais avigoraram o erro de Colombo, convencido de haver chegado á India. Esta hypothese foi ainda recentemente lembrada por um erudito portuguez da India, o Professor P. Pissurlencar.

Eis, senhor director, as considerações suggeridas por uma opulenta obra, ainda em começo que espero venha a ser uma exposição da alta cultura historica de Portugal, do elevado nivel da nossa arte e, por isso e pelas reivindicações que affoitamente proclama sobre bases objectivas, um esforço proficuo em prol do bom nome do paiz perante os meios scientificos estrangeiros.

De modo menos generico me occuparei della numa revista especial.

De V. Ex.^a, muito att.^o e m.^{to} obg.^{do} pela hospitalidade.

PARA A HISTORIA DO HUMANISMO EM PORTUGAL

(BIBLIOGRAPHIA DE TRADUCÇÕES)

I — PREFACIO

Na historia da cultura dum povo todas as contribuições devem ser arrecadadas com economia aproveitada e methodica. São egualmente nocivas a sufficiencia chauvinista, que avulta e desfigura as proporções creando errados criterios de valor, e o desbarato do desdenhoso hypercriticismo, que se deixa dominar pela superstição da hegemonia de certos povos em determinados districtos da actividade. Um povo de longa existencia historica affirmou-se sempre de forma muito complexa, e aos muitos aspectos desta cumpre inventariar para integralmente constituir a sua personalidade. E esta norma, que não exclue uma critica sã, é tão fecunda para a erudição pura, como para a acção pratica.

Nos estudos humanisticos ostenta a cultura lusitana um aspecto relevante, que é do mesmo passo signal do elevado nivel que attingiu em certos momentos e documento constante daquelle pendor cosmopolita, que é carac-

teristico vivo do genio portuguez. Essa historia do humanismo em Portugal está longe de se poder considerar dilucidada de modo cabal, tantos os matizes ainda occultos ou esquecidos e tantas as facetas por que tem de ser apreciada.

Ella constitue, só por si, campo vasto de indagação e de critica para numerosos investigadores e ministra simultaneamente materia de bibliographia, de critica textual e externa, de alta critica esthetica e comparativa.

O gosto das linguas e das letras antigas—dêmos ao termo *humanismo* a sua mais restricta significação—nunca se obliterou de todo em Portugal. Já noutro lugar lembramos que numerosos auctores classicos são citados pelos chronistas e moralistas medievos, incluindo um dos mais antigos destes, o Conde D. Pedro de Barcellos; e que os catalogos conhecidos de algumas livrarias manuscriptas comprehendem obras gregas e romanas. Mas só depois da viagem do reformador Sá de Miranda é que se conheceu em Portugal o novo gosto litterario, sua esthetica e seus canones, inspirados pela imitação dessas letras antigas. Logo os nossos estudiosos cooperaram no aspecto erudito de Renascimento, editando e commentando textos, e ensinando nas Universidades a amar e comprehender os auctores antigos, com o fervor que caracterizou esse momento. E até hoje, com intensidade varia, reflexo das correntes moraes e estheticas coetaneas, não se apagou de todo essa sympathia no animo dum povo, que propende mais para a vida de sensibilidade e emoção artistica que para o sereno exercicio da razão.

O estudo historico dessa actividade, para ser integral, deverá comprehender os seguintes principaes aspectos:

1.º Inventario das edições portuguezas — portuguezas pela localidade e pelo recenseador — de obras gregas e latinas;

2.º Balanço dos commentarios criticos e textuaes, quer na phase inicial, quando se buscava fixar os textos recém-descobertos ou recém-authenticados, quer posteriormente quando se procedeu á simples exegése de aclairação;

3.º Traducções declaradas;

4.º Imitações voluntarias ou inconscientes de auctores gregos e latinos;

5.º Historia critica e systematica das litteraturas classicas;

6.º Ensino elementar e universitario das linguas e litteraturas classicas por portuguezes, no seu paiz e fóra delle, e por estrangeiros em Portugal;

7.º Redacções originaes de portuguezes em latim e grego.

Pertinentes a cada um destes capitulos já existem varios materiaes, embora nem todos tenham sido compostos com a especial intenção de os servir. Não é, porem, impossivel applicar esses instrumentos de trabalho á elaboração dum quadro bibliographico, que possa servir de seguro alicerce á historia do humanismo em Portugal.

Assim para o capitulo primeiro, em que talvez culmine a figura insigne de Achilles Estaço, possuimos os trabalhos fundamentaes de Haebler e Burger sobre a bibliographia

e typographia ibericas nos seculos xv e xvi, e de M. Hugues Vaganay sobre a bibliographia hispanica extra-pe-ninsular nos seculos xvi e xvii, a que em breve se junta-rão o precioso catalogo do Dr. Henry Thomas dos livros portuguezes do quinhentismo existentes no Museu Brita-nico, e de Sousa Viterbo, dos livros publicados em Coim-bra durante o mesmo seculo.

Quanto aos commentadores, criticos e historiadores portuguezes das letras classicas ja nós organisámos uma bibliographia, para a qual temos novas especies, que na proxima reedição incluiremos.

Possuimos um grupo de commentadores d'alto merito no seculo xvi, cujos trabalhos são continuados na epocha immediata por Gaspar Pinto Corrêa, Viegas da Silva e Costa e Sá. Mas quanto aos estudos de historia e critica das litteraturas da Grecia e de Roma não é grato ter de confessar que elles são manifestamente secundarios. Antes do seculo xix, os melhores espiritos confinaram-se na ana-lyse textual e exegetica, e nas polemicas motivadas pelas traducções, por cuja fidelidade propugnavam com criterios diferentes. Ainda em 1818 Sebastião José Guedes de Al-buquerque achava opportuno debater o problema na sua *Arte de traduzir do latim para portugês*; e que ainda depois se não achavam bem assentes as ideas sobre tal materia mostra-o o ousado conceito de Castilho, que tra-duziu auctores gregos, sem conhecer o grego—e disso se vangloriou. Porém, quando os estudos humanisticos se transformaram com a renovação dos methodos e das ideas geraes orientadoras, os espiritos dotados de senso critico

e gosto elevado preferiram as letras modernas para exercer esses dons e desertaram da erudição classica. Os trabalhos de Filinto Elyσιο e José Agostinho de Macedo acerca da vida e obras de Horacio, de Moutinho Segurado e Sampaio Bruno sobre as epopêas homericas, varios artigos dispersos de Pinheiro Chagas, Luiz Garrido, Coelho de Moraes e Theophilo Braga sobre poetas e historiadores gregos estão longe de satisfazer as modernas exigencias, porque ha muito caducaram perante o progresso dos estudos classicos e mais não eram em seu tempo que vulgarização ou impressionismo. Menos ainda satisfazem os compendios historicos das litteraturas, do P.^e Jeronymo Emiliano de Andrade, de 1677, de Antonio José Viale, este apesar de fundado sobre conhecimento directo e seguro dos auctores, de J. Gonçalves Lage, F. A. Martins Bastos, Borges de Figueiredo e J. Pinto de Araujo. Eram adaptações dos trabalhos dos especialistas estrangeiros ás necessidades do ensino, raramente contendo fructo de pessoal desquisição.

Das traducções damos hoje um ensaio de catálogo. Para a sua compendiação utilizámos-nos de alguns elementos muito apreciaveis, que antes de nós se prepararam. Barbosa Machado, no ultimo volume da sua *Bibliotheca Lusitana*, incluiu um indice de traducções do grego e do latim a que veio accrescer a pequena lista dada por Innocencio no vol. 7.^o do seu *Diccionario Bibliographico*, pags. 376-382. No seu livro introductório ao estudo da litteratura portuguesa o sr. Mendes dos Remedios ministra alguns subsidios e Menéndez y Pelayo no seu *Horacio em*

España e nos artigos, que acompanham as traducções das obras de Virgilio por D. Miguel Caro, reconstituiu o filão principal do humanismo litterario portuguez, que é uma sequente tradição horaciana e virgiliana. Nos estudos ácêrca de Horacio, Menéndez y Pelayo transcendeu o simples apparatus bibliographico, porque nos apresenta ainda juizos e conceitos bem fundados a respeito da imitação do poeta venusino por auctores portuguezes. Posteriormente o sr. Th. Braga recapitulou a lista dos traductores da *Arte Poetica*.

Ácêrca do ensino, a penultima alinea da ementa que acima propuzêmos, não são quantiosos e jazem em grande dispersão os elementos subsidiarios. O sr. Th. Braga delineou um elencho de professores portuguezes em universidades estrangeiras, mas dados concretos e juizos sobre os seus methodos ou a sua influencia nos estabelecimentos em que regeram só se pôdem formular após investigações acuradas, sem deixar de ter em conta a contribuição que se pode extrahir dos historiadores dessas universidades estrangeiras. Quicherat e Caillemer esgottaram a materia, quanto á influencia de Gouvêa em França. A respeito da cooperação portuguesa em universidades hespanholas algumas noticias se poderão respigar nas obras de Lafuente, que tratam de todas as universidades; de M. Velasco, de Santos, de Ortí y Figuerola e de Castañeda sobre a de Valencia; de Moutells y Nadal sobre a de Granada; de J. Borao e Innocencio Camón sobre a de Saragoça; de Martin Villa sobre a de Sevilha; de Figuerôa y Alcocer sobre a de Valladolid; de R. del Arco sobre a de

Huesca ; de Canellas Secades sobre a de Oviedo ; de Dávila, Madrazo y Ruiz, A. Vidal y Dias, Teodoro Peña, E. Esperabé e Vergara ácerca de Salamanca ; e de Heredia sobre Alcalá. Da obra de Esperabé Arteaga já o sr. Prof. Manuel Meréa extractou alguns documentos referentes aos professores portuguezes Nuno da Costa Caldeira e João Altamirano, o que é uma bôa exemplificação do proveito certo dessa colheita.

O sr. Th. Braga na sua *Historia da Universidade de Coimbra* não deixa de se occupar da actividade dos humanistas estrangeiros, depois da reforma de D. João III, três dos quaes, Fabio Arcos, Buchanan e Nicolau Clenardo fôram objecto de investigações especiaes de Ramos Coelho e dos srs. Pedro de Azevedo e Gonçalves Cerejeira.

Para a historia do ensino das linguas classicas em Portugal legou bons informes o Prof. F. Adolpho Coelho, que delle se occupou nos seus trabalhos *O ensino historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858* e *Le Cours Supérieur de Lettres*. (1) A data de 1858 com que Coelho delimita as suas monographias é a da criação do Curso Superior de Letras, por iniciativa e a expensas de

(1) O proprio rei D. Pedro V é um bom exemplo da solidez da cultura classica no meado do século XIX, que testemunhou com a criação do Centro Superior de Letras, como acima se lembra, e tambem com escriptos sobre matérias classicas e redacções em latim. V. *Memorias para a historia de el-rey fidelissimo o senhor D. Pedro V*, de F. A. Martins Bastos, Lisboa, 1863, pag. 219, e *D. Pedro V e o seu reinado*, sr. Cons. Julio de Vilhena, Coimbra, 1921-1922, 3.º vol., pag. 138.

D. Pedro V, com que se produziu uma restauração dos estudos superiores de humanidades em Portugal. Seu cathedratico, Antonio José Viale, alli pugnou pelo hellenismo com competencia, com gosto e com ardor. Mas a juventude das escolas e a curiosidade dos eruditos parecem ser crescentemente infensas aos estudos da lingua grega, no momento actual, após a morte de Epiphaneo Dias e Gonçalves Guimarães, numa crise aguda, que contrasta singularmente com o esplendor dos velhos tempos e renega sem brio antigos pergaminhos, dos quaes o mais lidimo será a iniciação de Ayres Barbosa na peninsula. Foi em balde que, durante o seculo xix, alguns paladinos ergueram a voz convicta em prol do hellenismo, como Rodrigues de Gusmão, Viale, Gonçalves Guimarães e Epiphaneo; igualmente esteril foi quanto a suggestões e influencias o exemplo de Latino Coelho, alto espirito critico, temperamento raro de historiador e mestre da lingua, que foi a par um indefesso cultor do hellenismo, do qual nos deu uma synthese primorosa no prologo á sua versão da *Oração da Corôa*, de Demosthenes.

O ensino do latim, que os padres jesuitas ergueram a grande brilho, para o qual não pouco contribuiu a famosa *Arte de Grammatica* do P.^e Manuel Alvares (1), foi durante os seculos xvi e xvii tão proficiente que Portugal possuiu até meado do seculo xviii oradores, prosadores e

(1) O P.^e Sommervogel deu uma tabella de numerosissimas edições e traducções desta obra, que foi reproduzida na *Revista de Educação e Ensino*, vol. 3.^o, e nos *Educadores Portugueses*, de Ferreira Deusdado.

poetas latinisantes de primeira agua, sem fallar no uso do latim como meio de communicacão entre os homens de sciencia. Dos poetas latinisantes ainda colleccionou obras numerosas o P.^e Antonio dos Reis no seu importante *Corpus illustrium poetarum lusitanorum qui latine scripserunt*, de 1745.

No seculo corrente, os estudos humanisticos jazem em lamentavel decadencia, com prejuizo não só da erudição pura, mas tambem da educação politica e social, á qual elles fornecem o mais proficuo material. Uma voz se elevou em defeza delles, justamente nesse aspecto de instrumento da educação classica, a do sr. M. da Silva Gaio, homem de sentimento que nò cultivo dos generos de ficção nunca deixára attenuar o seu agudo senso critico. Este escriptor concebeu um vasto plano de historia e apologia dos estudos humanisticos e da educação classica, mas, desistindo de o levar a cabo, deixou-nos a magnifica monographia *Da Poesia na educação dos gregos*, 1919, e o solido compendio da expansão imperialista de Roma no livro *De Roma e as suas conquistas*, s. d. (1919.)

Finalmente, a respeito do pequeno inventario que a seguir apresentamos, diremos que elle não pode ser completo. Mais traducções impressas haverá para incluir, quando fôr possivel examinar as collecções completas das revistas e jornaes litterarios. Todos os manuscriptos deverão ser tambem inventariados á vista dos catalogos das bibliothecas publicas e particulares, nacionaes e estrangeiras; não poucos regista Barbosa Machado. Alguns destes

figuram já na lista quantiosa das perdas da litteratura nacional.

Que a búsca nas bibliothecas estrangeiras não é inutil mostra-o o achado, na Bibliotheca Real de Paris, da traducção incompleta do tratado *De Re Rustica* de Columela, feita por Fernão de Oliveira no seculo xvi, o famoso grammatico e tratadista theorico da construcção naval, e a noticia dada pelo 2.º Visconde de Santarem no seu *Quadro Elementar das relações diplomaticas de Portugal*, vol. 3.º, pags. 73-75, de haver Vasco de Lucena, portuguez ao serviço de Carlos o Temerario, de Borgonha, traduzido Quinto Curcio.

CORRECÇÃO IMPORTANTE:

A pag. 227, o título do capítulo é:

TRADUCTORES DO GREGO.

II — HISTORIA DO HUMANISMO

- Nunes, Pedro.* — Tratado da Sphera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da geographia de Claudio Ptolomeu Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em Lingoagem pello Doutor Pero Nunes Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrescêtidos de muitas annotações e figuras per que mays facilmente se podem entender. Lisboa, 1537, 90 fols. s. n. (1)
- Cabedo e Vasconcellos, Miguel.* — Plutus Aristophanis Comoedia in latinum conversa sermonem... Parisiis, 1547. (2)
- Sousa, Bispo de Vizeu — D. Fr. Antonio de.* — Manual de Epicteto filosofo traduzido do grego em linguagem Portugueza por... Coimbra, 1594. (2.^a ed. correcta e augmentada com Escolios e Annotações criticas por Luiz Antonio de Azevedo em Lisboa, 1785, XLVI+184 pags. (3)
- Ferreira, Antonio.* — Poemas Lusitanos, Lisboa, 1598, 2 vols. (Contem algumas trad. de Anacreonte e Moscho). (4)
- Mendes da Vidigueira, Manuel.* — Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo, de novo juntas e traduzidas com breves applicaçens moraes a cada fabula por... Lisboa, 1643. (2.^a ed. em 1684, 3.^a em 1791 e 4.^a em 1859). (5)
- Pinheiro, Thomaz.* — Stephanus De Urbibus. Amstelodami, 1678. (Traducção do grego). (6)
- Fr. Jacintho de S. Miguel e Fr. Manue de Sancto Antonio.* — Arte historica de Luciano Samossateno, traduzida do grego em duas versões portuguezas pelos reverendos padres... Lisboa, 1733, XXXVIII + 113 pags. (7)
- Fr. Jacintho de S. Miguel.* — Discursos de Luciano Samossateno, traduzidos da lingua grega na portuguesa. Lisboa, 1739, VI+325 pags. (8)
- Plua e Mello, Francisco de.* — «Oedipo», de Sophocles. Lisboa, 1765. (9)
- Oliveira, P.^o Custodio José de.* — Luciano, sobre o modo de escrever a Historia. Traduzido na lingua portuguesa. Lisboa, 1771, XXIV + 131 pags. (2.^a ed. em 1804). (10)
- Oliveira, P.^o Custodio José de.* — Dionysio Longino, tractado do Sublime, traduzido da lingua grega na portu-

dução incompleta do tratado *De Re Militari*.

feita por Fernão de Oliveira no século xvi, o famoso gramático e tratadista theorico da construcção naval, e a noticia dada pelo 2.º Visconde de Santarem no seu *Quadro Elementar das relações diplomaticas de Portugal*, vol. 3.º, pags. 73-75, de haver Vasco de Lucena, portuguez ao serviço de Carlos o Temerario, de Borgonha, traduzido Quinto Curcio.

II — HISTORIA DO HUMANISMO

- Nunes, Pedro.* — Tratado da Sphera com a Theorica do Sol e da Lua. E ho primeiro liuro da geographia de Claudio Ptolomeu Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em Lingoagem pello Doutor Pero Nunes Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrescêtidos de muitas annotações e figuras per que mays facilmente se podem entender. Lisboa, 1537, 90 fols. s. n. (1)
- Cabedo e Vasconcellos, Miguel.* — Plutus Aristophanis Comoedia in latinum conversa sermonem... Parisiis, 1547. (2)
- Sousa, Bispo de Vizeu — D. Fr. Antonio de.* — Manual de Epicteto filosofo traduzido do grego em linguaagem Portugueza por... Coimbra, 1594. (2.^a ed. correcta e augmentada com Escolios e Annotações criticas por Luiz Antonio de Azevedo em Lisboa, 1785, XLVI + 184 pags. (3)
- Ferreira, Antonio.* — Poemas Lusitanos, Lisboa, 1598, 2 vols. (Contem algumas trad. de Anacreonte e Moscho). (4)
- Mendes da Vidigueira, Manuel.* — Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo, de novo juntas e traduzidas com breves applicaçoes moraes a cada fabula por... Lisboa, 1643. (2.^a ed. em 1684, 3.^a em 1791 e 4.^a em 1859). (5)
- Pinheiro, Thomaz.* — Stephanus De Urbibus. Amstelodami, 1678. (Traducção do grego). (6)
- Fr. Jacintho de S. Miguel e Fr. Manue de Sancto Antonio.* — Arte historica de Luciano Samossateno, traduzida do grego em duas versões portuguezas pelos reverendos padres... Lisboa, 1733, XXXVIII + 113 pags. (7)
- Fr. Jacintho de S. Miguel.* — Discursos de Luciano Samossateno, traduzidos da lingua grega na portuguesa. Lisboa, 1739, VI + 325 pags. (8)
- Pina e Mello, Francisco de.* — «Oedipo», de Sophocles. Lisboa, 1765. (9)
- Oliveira, P.^e Custodio José de.* — Luciano, sobre o modo de escrever a Historia. Traduzido na lingua portuguesa. Lisboa, 1771, XXIV + 131 pags. (2.^a ed. em 1804). (10)
- Oliveira, P.^e Custodio José de.* — Dionysio Longino, tractado do Sublime, traduzido da lingua grega na portu-

- guesa. Lisboa, 1771, XXXVI + 259 pags.
(2.^a ed. em 1804). (11)
- Anonymo* (Ricardo Raymundo Nogueira). — A «Poetica» de Aristoteles traduzida do grego em portuguez. Lisboa, 1779. (12)
- Ribeiro dos Santos, Antonio*. — «Poetica» de Aristoteles. Lisboa, 1779. (13)
- Teixeira de Magalhaens, Antonio*. — Cebes Thebano — Quadro da vida humana ou Taboa. Traduzido da lingua grega por... Porto, 1787. (14)
- Couto Guerreiro, Miguel do*. — Fabulas de Esopo, reduzidas a rima, com applicações accomodadas á moral christã... por... Lisboa, 1788. (15)
- Azevedo, Luiz Antonio*. — Platão-Rivaes ou Dialogo moral sobre a filosofia, traduzido do grego em lingua portugueza com escolios e annotações criticas, por... Lisboa, 1790. (16)
- Coelho e Sousa, José Roberto Monteiro de Campos*. — A historia dos Judeus escripta por Flavio José com o titulo de Antiguidades Judaicas, traducção do grego. Lisboa, 1793, 10 vols. (17)
- Azevedo, Luiz Antonio de*. — Versos de ouro que vulgarmente andão em nome de Pythagoras traduzidos do grego... e illustrados com Escolios e Annotações criticas por... Versos de um antigo poeta escolastico sobre a letra de Pythagoras attribuidos a Virgilio. Idyllio de Ausonio Burdigalense, o qual se costuma intitular Homem de bem. Lisboa, 1795. (18)
- Anonymo* (P.^e Joaquim de Foyos). — «Hippolyto» de Euripides vertido do grego em portuguez pelo director de huma das classes da Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1803. (19)
- Silveira Malhão, Francisco Manuel Gomes da*. — As Odes de Anacreonte de Teos paraphraseadas por... Lisboa, 1804. (20)
- Anonymo*. — Cebes Thebano — Fabula — Luciani Samosatensis colloquia selecta et Timon, E. Menandri Sententiae morales Latine reddita. Olisipone, 1805. (21)
- Costa e Silva, José Maria da*. — Iliada de Homero traduzida do grego em verso portuguez. Livro Primeiro. Lisboa, 1811.
(Tambem apparece junto o *Parecer que deo o P.^e José Agostinho de Macedo sobre o merecimento de Homero, para servir de prefacio...*, com um rosto antigo, datado de 1810). (22)
- Ribeiro dos Santos, Antonio*. — Idyllio de Bion de Smyrna, Odes de Anacreonte, peças de Sappho e Moscho e da Iliada. V. *Poesias de Elpino Durriense*. Lisboa, 1812, 1.^o vol. (23)
- Costa e Silva, José Maria da*. — Traducção de duas Odes de Anacreonte. V. *Jornal Poetico*. Lisboa, 1812. (24)
- Pisheiro Ferreira, Silvestre*. — Aristoteles — Categorias... Traduzidas do grego e ordenadas conforme a hum novo plano por... Para uso das «Prelecções Philosophicas» do mesmo auctor. Rio de Janeiro, 1814. (25)
- Couto, Antonio Maria do*. — Ode de

- Pindaro, a segunda das Olympicas, em louvor de Theron, rei de Agrigento. Traduzida do grego pelo professor regio...; e metrificada em frente pelo professor... M. P. T. P. e Aragão. Lisboa, 1816, 15 pags. (26)
- Nascimento, Francisco Manuel do.* — Tratado do Sublime, de Longino, por intermedio de Boileau. V. *Obras Completas de Filinto Elysio*. Paris, 1817, 11.º vol., pags. 288-389. (27)
- A. T. M.* (Antonio Teixeira de Magalhães)—Odes de Anacreonte. Traduzidas em portuguez por... Lisboa, 1819. (28)
- (Com o texto grego).
- Macedo, José Agostinho de.* — A lyra anacreontica por... Lisboa, 1819. (29)
- (2.ª ed. em Lisboa, 1885 e 3.ª em Pernambuco, 1836).
- Machado, Doutor Manuel Aleixo Duarte.* — Traducção dos Dialogos Socraticos. Lisboa, 1823, 293 pags. (30)
- Couto, Antonio Maria do.* — Batrachomyomachia, ou Guerra dos Ratos e das rãs. Poemeto heroi-comico por Homero, traduzido do grego em verso solto portuguez por... Lisboa, 1835. (31)
- Cunha Portugal, Tristão da.* — (pseud. de João da Cunha Neves e Carvalho Portugal). — Fabulista da Mocidade ou fabulas selectas de Esopo, Lafontaine, Florian, Stassart, Lemonnier, Iriarte, Samaniego, &c; destinadas para a educação e recreio da mocidade. Paris, 1837. (32)
- Couto, Antonio Maria do.* — Dous trechos da «Iliada» de Homero, livros VI e XVIII, traduzidos em verso. V. *Beija-Flor*, 1.º vol. (unico), pags. 134-169. Lisboa, 1839. (33)
- Almeida, D. Leonor de.* — «Iliada», de Homero (fragmento). V. *Obras Poeticas de D. Leonor de Almeida*. Lisboa, 1844, vol. 3.º, pags. 233-274. (34)
- Marqueza de Alorna.* — Canção de Sapho. V. *Obras Poeticas de D. Leonor de Almeida*. Lisboa, 1844, vol. 1.º, pags. 85-87. (35)
- J. J. A. S. M.* (Joaquim José Antunes da Silva Monteiro). — Constituição do Philosopho: obra extrahida da Republica de Platão... Porto, 1849. (36)
- Bosta e Silva, José Maria da.* — «Os Argonautas». Poema de Appolonio Rhodio traduzido por... Lisboa, 1852. (37)
- Barbosa du Bocage, Manuel Maria.* — A Sepultura e Morte de Adonis por Bion de Smyrna. V. *Poesias*. Lisboa, 1833. (38)
- Barbosa du Bocage, Manuel Maria.* — Amor fugido, traduzido de Moscho. V. *Poesias*. Lisboa, 1853. (39)
- Pereira, João Felix.* — «Cyropedia ou Historia de Cyro», escripta em grego por Xenophonte, e traduzida do original por... Lisboa, 1854. (40)
- Viale, Antonio José.* — O sexto canto da «Iliada» e os dous primeiros cantos do «Inferno» de Dante traduzidos das linguas originaes. V. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. 1.º, pags. Lisboa, 1854. (41)

(Reproduzido na *Miscellanea hel-*

- lenico-litteraria*. Lisboa, 1868, pags. 11-49). (41)
- Brito, Francisco de Paula*. — Fabulas de Esopo para uso da mocidade, arranjadas em quadrinhas por... Rio de Janeiro, 1857. (42)
- Mendes Leal Junior, José da Silva*. — Homero — Diomedes e Heitor. Episodio do livro VIII da «Iliada». Vertida do grego por... V. *Annaes das Sciencias e Letras*, Lisboa, 1857, vol. 1.º, pags. 261. (43)
- Pereira, João Felix*. — Primeiro livro da Historia dos Gregos e dos Persas por Herodoto e traduzido do grego por... Lisboa, 1859. (44)
- Castilho, Antonio Feliciano de*. — A Lyrica de Anacreonte traduzida por... Paris, 1866. (45)
- Viale, Antonio José*. — Miscellanea hellenico-litteraria offerecida aos estudantes da 2.ª cadeira do Curso Superior de Letras. Lisboa, 1868, 387 pags.
- (Contem traducções annotadas do canto 6.º da *Iliada* e do 1.º da *Odyssea*, e traducções simples de fragmentos de Hesiodo, Pindaro, Euripides, Sophocles, Simonides, Bacchylides, Sapho, Apollonio Rhodio, Erinna e Proclo). (46)
- Mendes, Manuel Odorico*. — «Iliada» de Homero em verso portuguez. Rio de Janeiro, 1871, 312 pags.
- (Sacramento Blake, no seu *Diccionario Bibliographico*, pag. 173 do vol. 6.º, diz constar-lhe que Odorico Mendes deixára em ms. a trad. da «*Odysséa*»). (47)
- Viale, Antonio José*. — Falla de Priamo prostrado aos pés de Achilles pedindo o resgate do cadaver de Heitor (da «Iliada»). V. *O Instituto*, vol. 20.º, pags. 221-2. Coimbra, 1874. (48)
- Latino Coelho, José Maria*. — Demosthenes — A Oração da Corôa. Versão do original grego precedida de um estudo sobre a civilização da Grecia por... Lisboa, 1877, CCLI + 66 pags. (49)
- Pereira, Gabriel*. — Biographia de Quinto Sertorio por Plutarcho de Cheronéa traduzida em portuguez segundo a versão de E. Talbot e precedida de algumas observações sobre a romanização da Peninsula Iberica por... Evora, 1878, XXIV + 30 pags. (50)
- D. Pedro II, Imperador do Brasil*. — Eschylo. Prometheu acorrentado. Tradladação poetica do texto, que do original, vertido litteralmente para portuguez por D. Pedro II, Imperador do Brasil, fez o Barão de Paranápiacaba. V. *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, vol. 68.º, 2.ª parte, pags. 5, Rio de Janeiro, 1885. (51)
- Pereira, João Felix*. — A «Iliada», traduzida do original. Lisboa, 1891. (52)
- Costa, Patrocínio da*. — «Iliada» — Canto I traduzido em versos portuguezes. V. *Outomnaes*. Lisboa, 1892, pags. 11. (53)
- Patrocínio da Costa, João Ignacio*. — Museu — «Hero e Leandro». Poema de Museu traduzido em metro endecasylabo solto pelo Dr... Lisboa, 1897, 45 pags. (54)

- Moniz Junior, Antonio Francisco*. — A velha e o gallo — Fabula de Esopo traduzida para damanense por... V. *Noticias para a historia de Damaõ*. Bastorá, 1900-1910, vol. 1.º, pag. 268. (55)
- Anonymo*—O Livro de Esopo. Fabulario portuguez medieval publicado conforme a um manuscripto do seculo XV existente na Bibliotheca Palatina de Vienna de Austria (por J. Leite de Vasconcellos). V. *Revista Lusitana*, vols. 8.º e 9.º Lisboa, 1905-1906. (56)
(Traducções livres e imitações que constituem o genero literario medioevo *ysopete*).
- Lopes de Mendonça, Henrique*. — A Poesia pastoril na Antiguidade. Conferencia seguida de dois idyllios de Theocrito. Lisboa, s. d. (1913), 63 pags. (57)
- Calado Nunes, Luiz*. — Odes de Anacreonte traduzidas por... Lisboa, 1917, 82 pags. (57-A)
- Esteves Pereira, Francisco Maria*. — Três odes de Sappho e suas traducções e imitações em lingua portuguesa. — Estudo de critica literaria. V. *Boletim da Classe de Letras (Antigo Boletim da Segunda Classe) da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol. 13.º, pags. 737-764. Coimbra, 1921.
(Recopilação das trad. de Custodio José de Oliveira, Antonio Ribeiro dos Santos, José Manuel Ribeiro Vieira de Castro, José Anastacio da Cunha, Filinto Elysio, João Evangelista Moraes Sarmiento, um anonymo, Joaquim Pinto Ribeiro Junior, José Feliciano de Castilho, Diogo de Macedo, Francisco de Almeida, Antonio Sales, M. Pinheiro Chagas e Antonio José Viale). (58)
-

III — TRADUCÇÕES DO LATIM

- Rodrigues de Lucena, João.* — Reposta d'Ulises a Penelope, tirada do Sabyño de Latim em linguagem por... V. *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. Lisboa, 1516, fols. 139-140. (59)
- Rodrigues de Lucena, João.* — Carta de Oenone a Pares, traladada de Ouidio em copia por... V. *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. Lisboa, 1516, fols. 140-142. (60)
- Rezende, Duarte de.* — Tratados da Amizade, Paradoxos e Sonho de Scipião compostos por M. T. Cicero e traduzidos de latim em linguagem portuguesa por... , 1531. (2.^a ed. em Lisboa, 1790). (61)
- Goes, Damião de.* — Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catão mayor, ou da Velhice. Veneza, 1538. (2.^a ed. em 1845). (62)
- Noronha, D. Leonor de.* — Coronica geral de Marco Antonio Cocio Sabellico des ho começo do mundo até o nosso tempo trasladado do latim em linguagem Portuguesa. Coimbra, 1550 e 1553, 2 vols. (63)
- Velza, Pedro da.* — Horatius Flaccus Venusinus de Arte Poetica vera et genuina et non supposita et adulterina, prout antea habeatur, a Petro Veguio Lusitano in communem studiosorum adolescentium... utilitatem magno cum labore, et temporis dispendio majori, sed usque mentis anxietate, fatigationeque restituta et in verum indubitatumque suae antiquioris editionis statum reposita. Antuerpiae, 1578. (64)
- Corrêa, Thomaz.* — In librum de Arte Poetica explanationes. Venetia, 1587. (65)
- Ferreira, Antonio.* — Poemas Lusitanos. Lisboa, 1598. (Contem trad. de Virgilio e imitações, quasi traducções de Horacio). (66)
- Soeiro, Manuel.* — Obras de Cayo Cornelio Tacito tiradas em hespanhol. Antuerpia, 1613. (2.^a ed. em Madrid, 1614). (67)
- Soeiro, Manuel.* — Obras de Cayo Crispo Salustio tiradas em hespanhol. Antuerpia, 1615. (68)
- Costa, Leonel da.* — As Eclogas e Georgicas de Virgilio. Primeira parte das suas obras, traduzidas do latim em verso solto portuguez. Com a explicação de todos os lugares es-

- curos, historia, fabulas que o poeta tocou e outras curiosidades muito dignas de se saberem. Lisboa, 1626, 16+719 pags.
- (2.^a ed. em Lisboa, 1721). (69
- Soeiro, Manuel*. — Obras de Velleyo Paterculo em hespanhol. Antuerpia, 1630. (70
- Sequeira, Aleixo de*. — Odes de Horacio em portuguez para uso dos estudantes. Evora, 1633. (71
- Gomes de Alamo, Jorge*. — Entendimento literal e construcção portugueza de todas as obras de Horacio, principe dos poetas latinos lyricos, com hum index copioso das Historias e Fabulas conteudas nellas. Lisboa, 1639, VII+250 fols.
- (2.^a ed. em data que não apurámos, com VII+250 fols. e 3.^a ed. em Coimbra, 1718, com o titulo de *Obras de Horacio, principe dos poetas latinos lyricos com entendimento litteral* . . . , IV+476 pags.) (72
- Barreto, João Franco*. — Eneida portugueza, com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum. Lisboa, 1664-1670, 2 vols., XVII+139 pags. e XI+158 pags.
- (2.^a ed. em 1763 bis; 3.^a ed. em 1808). (73
- Couto Felix, Luiz do*. — Tacito Portuguez ou traducção politica dos três primeiros livros dos Annaes de Cornelio Tacito, illustrados com varias ponderaçoens, que servem á comprehensão assim da historia como da politica. Lisboa, 1715. (74
- Viegas da Silva, Mathias*. — Instrucçoens de Justiniano traduzidas em Portuguez com humas breves Notas. Lisboa, 1740. (75
- Fernandes, Domingos*. — Ordo verborum: Commento das obras de P. Ovidio Nasão: Contém os cinco livros dos «Tristes», os quatro de «Ponto», «Ibis» e «Consolatio ad Liviam» com huma breve noticia das fabulas e mais cousas necessarias. Lisboa, 1746. (76
- Candido Lusitano*. (pseud. de Francisco José Freire). — Arte Poetica de Q. Horacio Flacco, traduzida e illustrada em portuguez por. . . Lisboa, 1748, 18+218 pags.
- (3.^a ed. em 1758; 4.^a ed. em 1784 com as *Regras da versificação portuguesa*; e 5.^a em 1833). (77
- Fernandes, Domingos*. — Exposição dos Fastos de Publio Ovidio Nasam e mais obras do mesmo, com huma breve recopilção das Fabulas e outras noticias muito uteis aos que estudam humanidades que expõem Domingos Fernandes. . . Lisboa, 1743. (78
- Paulo Germano*. (pseud. do P.^e Thomaz José de Aquino). — Traducção portugueza da ode IV do livro IV de Quinto Horacio Flacco, principe dos Poetas lyricos latinos por Paulo Germano. Vay juntamente huma analyse da mesma ode, e vão tambem humas notas tumultuarias. Lisboa, 1761, 17 pags. (79
- Paulo Germano*. (pseud. do P.^e Thomaz José de Aquino). — Traducção portuguesa da Ode undecima do livro primeiro, e da quinta do livro terceiro de Q. Horacio Flacco, Princi-

- cipe dos Poetas Lyricos Latinos, por Paulo Germano. Vão juntamente as analyses das mesmas odes e vão tambem umas notas tumultuarias. Lisboa, 1762. (80)
- Rezende, Marçal Joseph. de.* (pseud. de Thomaz José d'Aquino). — O velho Catão ou Dialogo de Marco Tullio Cicero sobre a velhice, traduzido no idioma portuguez... Lisboa, 1765. (81)
- Anonymous.* (Miguel Antonio Ciera). — Os três livros de Cicero sobre as obrigações civis traduzidos em lingua portugueza para uso do Real Collegio dos Nobres. Lisboa, 1766, 3 vols. (2.^a ed. no Rio de Janeiro, 1852. (82)
- Couto Guerreiro, Miguel.* — Arte Poetica de Horacio. Traduzida em rima por... Lisboa, 1772, XVII + 50 pags. (83)
- Silva Rego, José Antonio da.* — Compendio das Metamorphoses de Ovidio com uma succinta e methodica applicação a cada fabula. Lisboa, 1772. (2.^a ed. em Lisboa, 1815). (84)
- Soares Barbosa, Jeronymo.* — Instituições Oratorias de M. Fabio Quintiliano escolhidas dos seus XII livros, traduzidas em linguagem e illustradas com notas criticas, historicas e rhetoricas, para uso dos que aprendem; ajuntão-se no fim as peças originaes da eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituições. Coimbra, 1778. (2.^a ed. em Paris, 1836, 2 vols., XXVIII + 467 pags. e 474 pags). (85)
- Antonio Joaquim, P.^e* — M. T. Cicero — Orações principaes... traduzidas... e addicionadas pelo... Lisboa, 1779-1780, 3 vols. (2.^a ed. em 1807-1809; 3.^a ed. em 1848). (86)
- Costa e Sá, Joaquim José da.* — As Odes de Q. Horacio Flacco, principe dos lyricos romanos traduzidas em portuguez com o texto em frente, enriquecidas de notas e commentarios. Lisboa, 1786, 3 vols. (87)
- Freire de Andrade, Rita Clara.* — Arte Poetica de Q. Horacio Flacco: traduzida em verso rimado. Coimbra, 1781, 47 pags. (Tambem se attribue a Bartholomeu Cordovil Sequeira e Mello, e a Izidoro dos Santos). (88)
- Matta, José Antonio da.* — Odes do poeta latino Q. Horacio Flacco. Traduzidas literalmente na lingua portugueza. Lisboa, 1783-1786, 2 vols., XI + 399 pags. (2.^a ed. em Lisboa, 1851). (89)
- Pinheiro, D. Antonio.* — Carta de Marco Tullio a Quinto Cicero seu Irmam tirada do latim em linguagem. V. *Colleçam das obras portuguezas do sabio bispo de Miranda e Leiria...* Lisboa, 1784-1785, 1.^o vol., pags. 218-243. (90)
- Pinheiro, D. Antonio.* — Trelladaçam do Panigyrico de Plinio o mais moço ditto no Senado em louvor de Trajano: em nossa vulgar lingoagem. V. *Colleçam das obras portuguezas do sabio bispo de Miranda e de Lei-*

- ria... Lisboa, 1784-1785, 2.^o vol.,
174 pags. (91)
- Anonymo.* (Antonio Lourenço Caminha).—Marco Tullio Cicero—Lelio ou Dialogo sobre a amizade, dedicado a Tito Pomponio Atico. Versão portugueza. Lisboa, 1785.
(Com o texto latino). (92)
- Anonymo.* (Manuel de Pina Cabral).—Logares selectos de Tito Lucrecio Caro, traduzidos em portuguez. Lisboa, 1785. (93)
- Mendes da Fonseca, João.*—Interpretação literal de seis satyras de Aulo Persio Flacco, com algumas annotações da mesma para evitar a confusão dos principiantes por... Lisboa, 1785, 154 pags. (94)
- Moraes Soares, Manuel de.*—Fabulas de Phedro, escravo forro de Augusto Cesar, traduzidas em verso dramatico, augmentadas com cinco fabulas que não vêm em outras edições, e illustradas com varias notas... Lisboa, 1785.
(2.^a ed. em 1790 e 3.^a ed. em 1805. (95)
- Azevedo, Luiz Antonio de.*—Satira de Sulpicia, matrona romana, feita por occasião do Edicto, que mandou publicar Domiciano, para haverem de sahir de Roma todos os Filosophos: traduzida de latim... e illustrada com Escolios, e Annotações Criticas por... Lisboa, 1786.
(Com o texto latino). (96)
- Fernandes Gama, José.*—Os dous livros da Arte de amar de Publio Ovidio Nasão Sulmonense, traduzidos em portuguez por... Lisboa, 1787.
(Obra impressa até á pag. 160 sómente, porque a Real Mesa Censoria retirou a permissão concedida para a sua publicação. V. Innocencio, *Diccionario Bibliographico*, vol. 4.^o, pags. 324-325 da 2.^a ed.) (97)
- Costa, Leonel da.*—As Primeiras quatro comedias de Publio Terencio Aphricano, traduzidas do latim em verso solto portuguez por... com o texto latino em frente... Lisboa, 1788-1789, 2 vols. (98)
- Couto Guerreiro, Miguel do.*—Cartas chamadas «Heroides» expurgadas de toda a obscenidade e traduzidas em rima vulgar; com as suas respostas... e um epilogo... e uma analyse. Lisboa, 1789, 2 vols. (99)
- Fonseca, Pedro José da.*—Arte Poetica de Q. Horacio Flacco. Epistola aos Pisões, traduzida em Portuguez, e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com hum commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos lugares difficultosos por... Lisboa, 1790, XIX + 272 pags. (100)
- Ferreira de Novaes, Luiz.*—Eneidas de Virgilio em verso, traduzidas do idioma latino em nosso vulgar por... Lisboa, 1790, 536 pags.
(Tambem se atribue a Pedro Viegas de Novaes, morto em 1782 ou 1785, considerande apocrypha a portada). (101)
- Soares Barbosa, Jeronymo.*—Poetica de

- Horacio, traduzida e explicada methodicamente por... Coimbra, 1791.
(2.^a ed. em Lisboa, 1815, IV + 252 pags.) (102)
- Costa Perestrello, Pedro da.* — Traducções de odes de Horacio. V. *Obras inéditas dos nossos insignes poetas, Pedro da Costa Perestrello.. e Francisco Galvão.* Lisboa, 1791, 1.^o vol.
(E' possível que as trad. sejam apocryphas, e que o editor Antonio Lourenço Caminha seja o seu auctor.) (103)
- Caldas Barbosa, Domingos.* — Traducção da ode I.^a do livro 1.^o de Horacio. V. *Almanach das Musas, offerecido ao genio portuguez.* Lisboa, 1793. (104)
- Anonymous.* (P.^e Thomaz José d'Aquino). — A Poetica de Q. Horacio Flacco restituída á sua ordem: com a interpretação paraphrastica em portuguez, e huma carta do editor a certo amigo sobre este mesmo assumpto. Lisboa, 1793, XXVII + 167 pags. (105)
- Pina Leitão, Antonio José Osorio de.* — Traducção livre ou imitação das «Georgicas» de Virgilio, e outras mais composições. Lisboa, 1794, 256 pags. (106)
- Oliveira, Francisco Manuel de.* — Traducção de odes e apodos de Horacio. V. *Collecção Poetica.* Lisboa, 1794. (107)
- Lima Brandão, Bartholomeu Soares.* — Traducção da ode 13.^a do livro 1.^o e do epodo 2.^o de Horacio. V. *Obras Poeticas.* Porto, 1794. (108)
- Villalobos e Vasconcellos, João Rosado de.* — Os três livros das Instituições rhetoricas de M. Fabio Quintiliano accommodadas aos que se applicam ao estudo da eloquencia por Pedro José da Fonseca e traduzidas da lingua latina para a portugueza por... Coimbra, 1794, 2 vols.
(E' a 2.^a ed.) (109)
- Costa e Sá, Joaquim José da.* — Arte Poetica ou Epistola de Q. Horacio Flacco aos Pisões, vertida e ornada no idioma vulgar com illustrações, notas e regras analyticas. Lisboa, 1794, 46 + 295 pags. (110)
- Aquino, P.^e Thomaz José de.* — A Epistola I do Livro segundo de Q. Horacio Flacco a Augusto, com a interpretação em verso portuguez por... Accresce a Poetica do mesmo Horacio restituída á sua ordem, e traduzida em verso vulgar. Lisboa, 1796, 111 pags. (111)
- Antonio Joaquim, P.^e* — Orações principaes de Cicero traduzidas na lingua vulgar e adicionadas com notas e analyses. Lisboa, 1799. (112)
- Dias Gomes, Francisco.* — Interpretação da ode 4.^a do livro 1.^o de Horacio. V. *Obras Poeticas.* Lisboa, 1799. (113)
- Soares, José Pedro.* — Eclogas de Virgilio traduzidas em verso rimado com notas. Lisboa, 1800. (114)
- Filinto Elysio.* (pseud. de Francisco Manuel do Nascimento). — Segunda guerra punica, de Silio Italico. Paris, 1802, 4.^o vol. dos *Versos de F. E.*
(Reprod. na ed. de 1817-1819). (115)
- Silveira Mashão, Francisco Manuel Go-*

- mes da.*— As quatro primeiras eclogas de Virgílio. V. *Poesias offerecidas aos seus amigos de toda a ordem.* . . Lisboa, 1802, 222 pags. (116)
- Pimentel e Maia, José Rodrigues.*— Trechos da «Eneida» e dos «Georgicos» de Virgílio, traduzidos em verso. V. *Obras Poeticas.* Lisboa, 1805-1806-1807. (117)
- Almeno.* (pseud. de Fr. José do Coração de Jesus). — Poesias. Os quatro primeiros livros da Metamorphose de P. Ovidio Nasão, poeta romano. Traduzido em verso portuguez . . . Lisboa, 1805, 2 vols. XXII + 224 pags. e 229 pags. . (O 2.º vol. contem 80 odes de Horacio, traduzidas). (118)
- Agostinho, José Agostinho de.* — Obras de Horacio traduzidas em verso portuguez por . . . Tomo I. Lisboa, 1806, XXXV + 222 pags. (Contem Os quatro Livros das Odes e Epodos e só se publicou este tomo; o ms. das *Satyras e Epistolas* perdeu-se). (119)
- Cruz e Silva, Antonio Diniz da.* — Tradução da satyra IV de Horacio do Livro I. V. *Poesias de Antonio Diniz,* Lisboa. 1807, vol. 4.º, pags. 65-73. (120)
- Elpino Duriense.* (pseud. de Antonio Ribeiro dos Santos). — A Lyrica de Q. Horacio Flacco, poeta romano, trasladado litteralmente em verso portuguez por . . . Lisboa, 1807, 2 vols. IX + 227 pags. e 299 pags. (121)
- Barreto, João Franco*—Eneida de Virgilio, traduzida em verso por . . . Com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum, e com o Dictionario dos nomes proprios e Fabulas . . . Nova edição. Lisboa, 1808, 2 vols. (122)
- Silvanio Ericinio.* (pseud. de José Dias Pereira). — Traducção da ode 17. do livro 2.º de Horacio. V. *Jornal Poetico.* Lisboa, 1812. (123)
- Anonymo.* — Traducção da ode IV do livro 1.º de Horacio. V. *Jornal Poetico,* Lisboa, 1812. (124)
- Aquino, P.º Thomaz José de.* — Traducção do chôro do Acto II do Edipo de Seneca. V. *Jornal Poetico.* Lisboa, 1812. (125)
- Anonymo.* (Marqueza de Alorna). — «Poetica» de Horacio e «Ensaio sobre a Critica» de Alexandre Pope. Em Portugal . . . Por huma Portugueza. Londres, 1812, 171 pag. (Com o original latino e inglês; reproduzido nas *Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida, Marqueza de Alorna.* . . , Lisboa, 1844) (126)
- Santos, Antonio Ribeiro dos.* — Traducção de Horacio. V. *Poesias de Elpino Duriense.* Lisboa, 1812, 3.º vol. (127)
- Elpino Duriense.* (pseud. de Antonio Ribeiro dos Santos). — Fragmento do 1.º livro da «Eneida» traduzido em verso solto. V. *Poesias de Elpino Duriense.* Lisboa, 1812. (128)
- Macedo, José Agostinho de (?).* — Traducções e paraphrases de odes de Horacio. V. *Semanario de Instrucção e Recreio.* Lisboa, 1812-1813. (129)

- Trigoso, Sebastião Francisco Mendo.* — Hippolyto de Seneca e Fedra de Racine. Com traducção em portuguez, Lisboa, 1813, 2 vols. (130
- Fialho de Mendonça, Manuel Martius Vieira.* — Fragmento do 4.^o livro da «Eneida». V. *O Investigador Portuguez*... Londres, 1814.
(Reproduzido no *Instituto*, Coimbra, 1864, 2.^o vol., pags. 274-275; Fialho de Mendonça traduziu grande parte do poema, mas os mss. extraviaram-se-lhe por ocasião das invasões francesas). (131
- Carvalho, Moreira, Francisco Roque de.* — Traducção da Ode 1.^a do livro 1.^o de Horacio. V. *Poesias Varias*. Lisboa, 1817. (132
- Filinto Elysio.* (pseud. de Francisco Manuel do Nascimento). — Fragmento do livro IX da «Eneida». V. *Obras Completas de Filinto Elysio*. Paris, 1817, 1.^o vol. (133
- Teixeira de Magalhães, Antonio.* — Catão — Disticos sobre os costumes. Traduzidos por... Lisboa, 1818.
(Com o texto latino). (134
- Lima Leitão, Antonio José de.* — Arte Poetica de Horacio, traduzida em verso. Bahia, 1818, V+58 pags. (2.^a ed. em 1827). (135
- Filinto Elysio.* (pseud. de Francisco Manuel do Nascimento). — Traducções de Horacio. V. *Obras Completas de F. E.* Paris, 1817-1819. (136
- Lima Leitão, Antonio José de.* — As Bucolicas de Publio Virgilio Marão. s. d., 111 pags. (137
- Pato Moniz, Nuno Alvares Perelra.* — Traducção de algumas odes de Horacio. V. *Observador Portuguez, obra de erudição e recreio, por huma Sociedade de Litteratos*. Lisboa, 1818.
(Reproduzido no *Instituto*). (138
- Lima Leitão, Antonio José de.* — Monumento á elevação da colonia do Brasil a reino, e ao estabelecimento do triplice imperio luso. As Obras de Publio Virgilio Maro traduzidas em verso portuguez e annotadas por... Rio de Janeiro, 1818-1819. (Nova ed. em Lisboa, 1842). (139
- Oliveira, Fernão de.* — «De re rustica» — Traducção de Columela por... V. *Annaes das Sciencias, das Lettras e das Artes*. Paris, 1819-1821, vols. 4.^o a 12.^o. (140
- Bourdiec, Miguel.* — Historia da Conjução de Catilina e da guerra da Jugurtha, traducção sobre a edição de Gottlieb-Curtins, Lisboa, 1820. (141
- Freire de Carvalho, José Liberato* Os Annaes de Cornelio Tacito, trasladadas em Lingoagem Portugueza, e agora por a primeira vez impressos e publicados... Londres, 1820.
(Só contem os 2 primeiros livros). (142
- Mousinho de Albuquerque, Luiz.* — Georgicas Portuguezas. Paris, 1820. (143
- Anonymo.* — Traducção de varias odes e um epodo de Horacio. V. *Annaes das Sciencias, das Artes e Lettras*. Paris, 1820-1822, vols. 9 a 15.^o. (144
- Garção Stockler, Francisco Borja.* —

- Tradução da Ode 1.^a e da 14.^a do livro 1.^o, de Horacio. V. *Poesias Lyricas*. Londres, 1821. (145)
- Canuto de Forj6, P.^e Jos6 Theotonio.— Todas as obras de Caio Cornelio Tacito, com o texto latino em frente, com os supplementos latinos de Gabriel Brotier, a vida do imperador Trajano pelo mesmo, e outras peças analogas... Tudo posto em linguagem e illustrado com notas historicas, criticas e philosophicas. Lisboa, 1821.
- (Obra incompleta; o ms. dá continuac6o julga-se que teria ficado em poder de Rodrigo da Fonseca). (146)
- Pereira de Andrade, Jos6 Maria Dant6s.—Fragmento das *Georgicas* de Virgilio e *Odes e Epistolas* de Horacio. V. *Vers6es metricas e dramaticas*. Lisboa, 1824. (147)
- Barreto Feio, J. V.—Sallustio em portuguez. Paris, 1825.
- (Com o texto latino). (148)
- Anonymo. (Fr. Jos6 da Encarnac6o Guedes ou Sebast6o Guedes de Albuquerque).—Synopse do Tratado da Elocuc6o de Demetrio Suspendio. s. d. n. d., 26 pags. (149)
- Barreto Feio, J. V.—Historia romana de Tito Livio, traduzida em portuguez com o texto latino ao lado. Livro Primeiro. Hamburgo, 1829. (150)
- Freire de Carvalho, Jos6 Liberato.— Os Annaes de Cornelio Tacito, traduzidos em linguagem portuguesa, offercidos 6 sua patria e aos seus amigos, Paris, 1830, 2 vols., IX +394 pags. e II + 45 pags. (151)
- Soares Lisboa, Manuel Ignacio.—Satyras de Horacio. Traduc6o. Rio de Janeiro, 1834, 112 pags. (152)
- Anonymo.— Traduc6o das satyras 1.^a, 7.^a e 8.^a do livro 1.^o e a 1.^a do livro 2.^o, de Horacio. V. *O Interessante*, vol. 1.^o. Lisboa, 1835. (153)
- Leoni, Francisco Evaristo.—Traduc6o dum fragmento do livro 2.^o da *Enelida*, de Virgilio, e da Ode 9.^a do livro 3.^o de Horacio. V. *Obras Poeticas*. Lisboa, 1836. (154)
- Martins Bastos, Francisco Antonio.— As Satyras de Aulo Persio Flacco, principe dos satyricos romanos, traduzidas e annotadas. Lisboa, 1837. (155)
- J. A. C. de M. e S.—Traduc6o da Ode 1.^a do livro 1.^o e 2.^o do livro 2.^o de Horacio. V. *O Beija-flor*. Lisboa, 1838-1839, 1.^o vol. (unico), pags. 96-111. (156)
- Martins Bastos, Francisco Antonio.— As Satyras de Decio Junio Juvenal, principe dos poetas satyricos. Lisboa, 1839, 2 vols. (157)
- Lima Leit6o, Antonio Jos6 de.—Traduc6o da Ecloga 9.^a de Virgilio. V. *Cosmorama Litterario*. Lisboa, 1840, pags. 68. (158)
- Cabral de Mello, Jos6 Augusto.— Ode III do Livro III, de Horacio. Angra do Heroismo, 1841, 8 pags. (159)
- Castilho, Antonio Feliciano de.— As Metamorphoses de Publio Ovidio Nas6o, Poema em quinze livros,

- vertido em portuguez por... Lisboa, 1841. (160)
- Corrêa de Lacerda, D. José Maria.*— Vida de Cneo Julio Agricola escripta por Caio Cornelio Tacito. Traduzida e annotada com o texto ao lado por... Lisboa, 1842. (161)
- Martins Bastos, Francisco Antonio.*— Eclogas de Virgilio traduzidas em verso. V. *O Ramalhete*. Lisboa, 1843. (162)
- Marquesa de Alorna.*— O Roubo de Proserpina composto em latim por Claudiano e traduzido em verso solto portuguez por Alcippe. V. *Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida*. Lisboa, 1844, 5.^o vol., pags. 148-324. (163)
- Lobo, D. Francisco Alexandre.*— Traducção da Ode 7.^a do livro 1.^o e da 14.^a do livro 2.^o, de Horacio. V. *Obras*. Lisboa, 1444. (164)
- Castilho, Antonio Feliciano de.*— Traducção da Ode 13.^a do livro 3.^o, de Horacio. V. *Escavações Poeticas*. Lisboa, 1844. (165)
- Almeida Garrett.*— Traducção duma Ode de Horacio V. *Flores sem fructo*. Lisboa, 1845. (166)
- Ferreira dos Santos Reis, João Gualberto.*— «Eneida» de P. Virgilio Marão. Traducção dedicada a Sua Magestade o Imperador do Brasil, D. Pedro II. Bahia, 1845, 2 vols. 333 pags. e 356 pags. (167)
- Correia de Lacerda, D. José Maria.* Tratado da situação, costumes e povos da Germaniã, por C. Cornelio Tacito, traduzido e annotado com o texto ao lado por... Lisboa, 1846. (168)
- Seabra, Antonio Luiz.*— Satyras e epistolas de Quinto Horacio Flacco: traduzidas e annotadas... Porto, 1846, 2 vols., XVI+321 pags. e 320 pags. (169)
- Nunes de Andrade, João.*— Traducção das Bucolicas. Dialogo pastoril de Virgilio. Rio de Janeiro, 1846, 95 pags. (170)
- Martins Bastos, Francisco Antonio.*— Interpretação dos cinco primeiros livros da Historia Romana de Tito Livio, accommodada á 3.^a slecta da edição de Coimbra. Lisboa, 1846. (2.^a ed. em 1851 e 3.^a em 1855). (171)
- Barreto Feio, J. V.*— «Eneida» de Virgilio Maro, traduzida por.. Lisboa, 1846-1847, 3 vols., e 289 pags., 319 pags. e 397 pags. (Com o texto latino; desde o meio do livro 9.^o a trad. é de José Maria da Costa e Silva). (172)
- Nunes de Andrade, João.*— Os Amores de Dido com Eneas. Traducção da quarto Eneida de Virgilio... Rio de Janeiro, 1847. (173)
- Campos, Francisco Antonio de.* (Barão de Villa Nova de Foscôa). — O burro de ouro, de Apuleio, traduzido em português. Lisboa, 1847, XXIII+446 pags. (174)
- Freire de Carvalho, Francisco.*— As «Georgicas» novamente vertidas do original latino em verso portuguez, seguindo-se o mais possivel a letra do texto. Lisboa, 1849. (175)

- Nunes de Andrade, João.*—Traducção do terceiro livro da «Eneida» de Virgílio... Rio de Janeiro, 1849, 75 pags. (176)
- Machado Ferraz, José Duarte.*—T. Lucrecio Caro—Da natureza das cousas—Traduzido em verso. Lisboa, 1850. (177)
- Teixeira de Carvalho, José Manuel.*—Traducção das cinco primeiras elegias de Tibullo. V. *O Mestre de Aviz, tragedia em quatro actos, e a traducção das cinco primeiras elegias d'Albo Tibullo.* Paris, 1851. (178)
- Corrêa Martins, Ernesto.*—Traducção das Eclogas do eximio poeta P. Virgílio Marão por... Lisboa, 1851. (179)
- Lima Leitão, Antonio José.*—A Natureza das coisas. Poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino, para verso português por... Lisboa, 1851-1853, 2 vols., LVII+252 pags. e 322 pags, (180)
- Corrêa de Lacerda, D. José Maria.*—Dialogo dos Oradores, ou ácerca das causas da corrupção da eloquencia, attribuido a C. Cornelio Tacito, traduzido e annotado com o texto. Lisboa, 1852. (181)
- Ferreira Tavares, Manuel Antonio.*—Traducção de Cornelio Nepote. Lisboa, 1852. (182)
- Camara Coutinho, D. Gastão Fausto da.* Paraphrase da Epistola aos Pisões, commumente denominada *Arte Poetica de Quinto Horacio Flaccó*, com annotações sobre muitos lugares. Lisboa, 1853, 77 + 179 pags. (183)
- Oliveira, J. A. Hamoultando de.*—Discursos de Marco Tullio Cicero proferidos no Senado Romano contra Catilina trasladados em verso. Rio de Janeiro, 1853, XV + 114 pags. (184)
- Barbosa du Bocage, Manuel Maria.*—Daphnis — Traducção da ecloga V de Virgílio. V. *Poesias*. Lisboa, 1853. (185)
- Das Metamorphoses de Ovidio (trechos). V. *Poesias*. Lisboa, 1853. (186)
- O bosque de Marselha, descripção tirada da «Pharsalia», de Lucano. V. *Poesias*. Lisboa, 1853. (187)
- A morte de Lucrecia, extractada do livro 2.^o dos «Fastos» de Ovidio. V. *Poesias*. Lisboa, 1853. (188)
- Cabral de Mello, Jose Augusto.*—Odes de Q. Horacio Flacco, traduzidas em verso na lingua portugueza por... Angra do Heroismo; 1853, 412 pags. (189)
- Mendes, Manuel Odorico.*—Eneida brasileira ou Traducção Poetica da Epopêa de Publico Virgilio Maro. Paris, 1854, 392 pags. (2.^a ed. em Paris, 1858, 800 pags., correcta e augmentada com a trad. das *Bucolicas* e *Georgicas*, com o texto latino em frente e com notas). (190)
- Norris, Carlos.*—Interpretação da «Eneida» de Virgilio, Principe dos poetas latinos... Lisboa, 1855, VIII+173 pags. (Diz-se que deixou em ms. a

- trad. das *Georgicas e Bucolicas*. (191)
- Pereira, João Felix*.—Vidas dos capitães illustres (os que se achão na selecta 2.^a) por Cornelio Nepote traduzidas do latim por... Lisboa, 1856. (192)
- Castilho, Antonio Feliciano de*.—Os Amores de P.^o Ovidio Nasão — Paraphrase... seguida da Grinalda Ovidiana por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, 1858, 2 vols., 119+102 pags. e 103+784 pags. (193)
- Falcão de Rezende, André*. — Odes de Horacio e a satyra IX do livro I traduzidas por... V. *Poesias de A. F. de Rezende*. Coimbra, 1859. (194)
- Bernardes Branco, Manuel*.—Tito Livio — Historia Romana. Porto, 1861-1880, 2 vols. VI+514 pags. e 371 pags. (195)
- Castilho, Antonio Feliciano de*.—Arte de Amar de Publio Ovidio Nasão. Traducção em numero igual de versos, endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas... Seguida da Grinalda Ovidiana por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, 1862, 3 vols., XXXIX + 142 pags., 317 pags. e 327 pags. (196)
- Os Fastos de Publio Ovidio Nasão com traducção em verso portuguez por... seguidos de copiosas annotações por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos. Lisboa, 1862, 3 tomos a 2 partes, CXLI+612 pags., 666 pags. e 630 pags.
- (As duas partes de cada tomo têm a numeração seguida). (197)
- Anonymo*. — O Pae novo. Commentarios ou interpretação das dez eclogas ou bucolicas de Publio Virgilio Maro, principe dos poetas latinos. Por um pastor rabantino. Lisboa, 1863. (198)
- Santa Clara, Francisco de Paula*.—Valerio Maximo—Primeira traducção portuguesa—(Prefacio). V. *O Instituto*, vol. 11.^o Coimbra, 1863. (199)
- Barradas, Manuel Joaquim*.—Lelio ou Dialogo sobre a amizade, de Cicero. V. *O Instituto*, vol. 11.^o Coimbra, 1863. (200)
- Picot, Francisco Antonio*.—Horacio — Odes, epodos e Poema secular explicados litteralmente, traduzidos em portuguez e annotados. Paris, 1863. (201)
- Sotero dos Reis, Francisco*.—Commentarios de Caio Julio Cesar. S. Luiz, 1863. (202)
- A. A. (Ayres de Gouvêa).—Versão das elegias de Tibullo. V. *O Instituto*, vol. 12.^o Coimbra, 1865. (203)
- Anonymo*.—Traducção litteral das Fabelas de Phedro com o texto accentuado á margem por um professor particular da lingua latina. Porto, 1865. (204)
- Castilho, Antonio Feliciano de*.—As Georgicas de Virgilio trasladadas a portuguez. Paris, 1867, 301 pags. (205)
- Matha, José Antonio da*. — Odes de Horacio Flacco traduzidas litteralmente. Lisboa, 1867, nova ed. (206)

- Azevedo, Visconde de.—Tradução das «Eclogas» de Virgílio. V. *Distrações metricas do...* Porto, 1878, VIII+274 pags.
(Todas as eclogas, menos a 5.^a, de que incluye a trad. de Bocage). (207)
- F. C. A. B.—Tradução das Cartas de Cicero. Lisboa, 1869, 48 pags. (208)
- Pereira, João Felix.—Tradução de todas as fabulas de Phedro, do original latino para portuguez. Lisboa, 1871. (209)
- Magalhães, João Baptista de.—Cornelio Neto—Biographia dos homens celebres. Tradução de... Acompanhada de notas historicas. Rio de Janeiro, 1872. (210)
- Pereira, João Felix.—As Georgicas de Virgílio traduzidas do original em verso endecasyllabo, com anotações exclusivamente agronomicas e zootechnicas. Lisboa, 1875. (211)
- A «Eneida» de Publio Virgilio Maro traduzida do original em verso endecasyllabo. Lisboa, 1876. (212)
- Ramos Coelho, José.—Canto secular, de Horacio. (Versão liberrima). V. *Selecta Nacional*, de Caldas Aulete, Lisboa, 1877.
(Reproduzido no *Instituto*, vol. 35.^o, Coimbra, e nas *Obras Poeticas*, de Ramos Coelho, 1910). (213)
- Costa Lobo, Antonio de Sousa e Silva.—Satyras de Juvenal. Tradadads em verso portuguez e com introduções e notas por... Lisboa, 1878-1881, 2 vols.
(Com o texto latino). (214)
- Falcão, A. de M.—Sobre a natureza das cousas. Tradução do poema de Lucrecio. V. *O Instituto*, vol. 31.^o-34.^o Coimbra, 1884-1887. (215)
- Anonymo.—Fabulas selectas, paraphraseadas do texto latino em singela rima por dois alumnos da Eschola Academica. Leitura para creanças. Lisboa, 1886. (216)
- Anonymo.—Significados e tradução juxtalinear de Phedro por um estudante da lingua latina. Livro 1.^o. Lisboa, 1887. (217)
- C. S.—87 Odes de Q. Horacio Flacco, traduzidas litteralmente das edições expurgadas para auxilio dos estudantes de latim. Lisboa, 1887. (218)
- Anonymo.—O adeus do proscripto. Excerpto da versão em lingua vernacula das «Tristezas» (*Tristium*) de Ovidio Nasão pelo traductor das *Satyras e Epistolas* (Exercicio de latinidade). Coimbra, 1889. (219)
- Mendonça Falcão, Agostinho.—Os seis livros sobre a natureza das cousas, vertidos em verso solto portuguez. Coimbra, 1890. (220)
- Ramos Coelho, José.—Tristezas (Fragmento da Elegia 3.^a do livro 1.^o, de Ovidio). V. *Cambiantes*. Lisboa, 1897.
(Reproduzido nas *Obras Poeticas*, do mesmo auctor, Lisboa, 1910). (221)
- Anonymo.—A Eneida de Virgilio. Tradução Juxtalinear dos três pri

- meiros livros por um estudante da lingua latina. Lisboa, 1900. (222)
- Coelho de Carvalho, Joaquim. — As eclogas de Virgilio. Lisboa, 1901. (223)
- Alneida, Palmyra de. — Traducção litteral das biographias de Cornelio Nepos e das fabulas selectas de Phedro por... Lisboa, 1908. (224)
- Coelho de Carvalho. — A Eneida de Vergilio lida hoje. Lisboa, 1908, 619 pags. (225)
- Callado Nunes, Luiz. — Echos de Horacio. V. O meu moinho. Santarem, 1913. (226)
- (Traducção de oito odes, uma dellas Horacio e Lydia, sob duas formas). (226)
- Ferreira Antonio. — Horacianas (Interpretação de varias odes e epodos de Horacio). Ponte de Lima, 1916. (227)
- Anonymo. — Traducção litteral e obri-gada d'algumas vidas de varões illustres de Cornelio Nepote para auxilio dos alumnos, que frequen-tam a lingua latina. Coimbra, s. d. (228)

CORRIGENDA :

- Pag. 11, linha 7.^a do *Summario* ler *Taine* e não *Péguy* ;
- » » » 10.^a » » » *Lugin* » » *Lujin* ;
- » » » 12.^a » » depois de *Manuel Ribeiro* accrescentar *An-thero de Figue'redo* ;
- » 164, verbete n.º 494 accrescentar *Hamlet*.

INDICE

	Pags.
Prefacio	5-10
Do gothico e das cathedraes na litteratura	11-108
Para a historia da philosophia em Portugal	109-173
O epistolario portuguez de Menéndez y Pelayo	175-182
O thema do «Quixote» na litteratura portuguesa do seculo XIX ...	183-194
A commemoração litteraria dos centenarios de Ceuta e Albuquerque	195-207
Sobre a «Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil»	209-215
Para a historia do humanismo em Portugal (Bibliographia de traducções)	217-245

INDICE

ESTA OBRA FOI COMPOSTA E IMPRESSA
NA OTTOSGRAFICA, LARGO DO CONDE
BARÃO, 50, LISBOA, DE 15 DE JANEIRO
A 15 DE FEVEREIRO DE 1924.

University of Toronto
Library

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**



